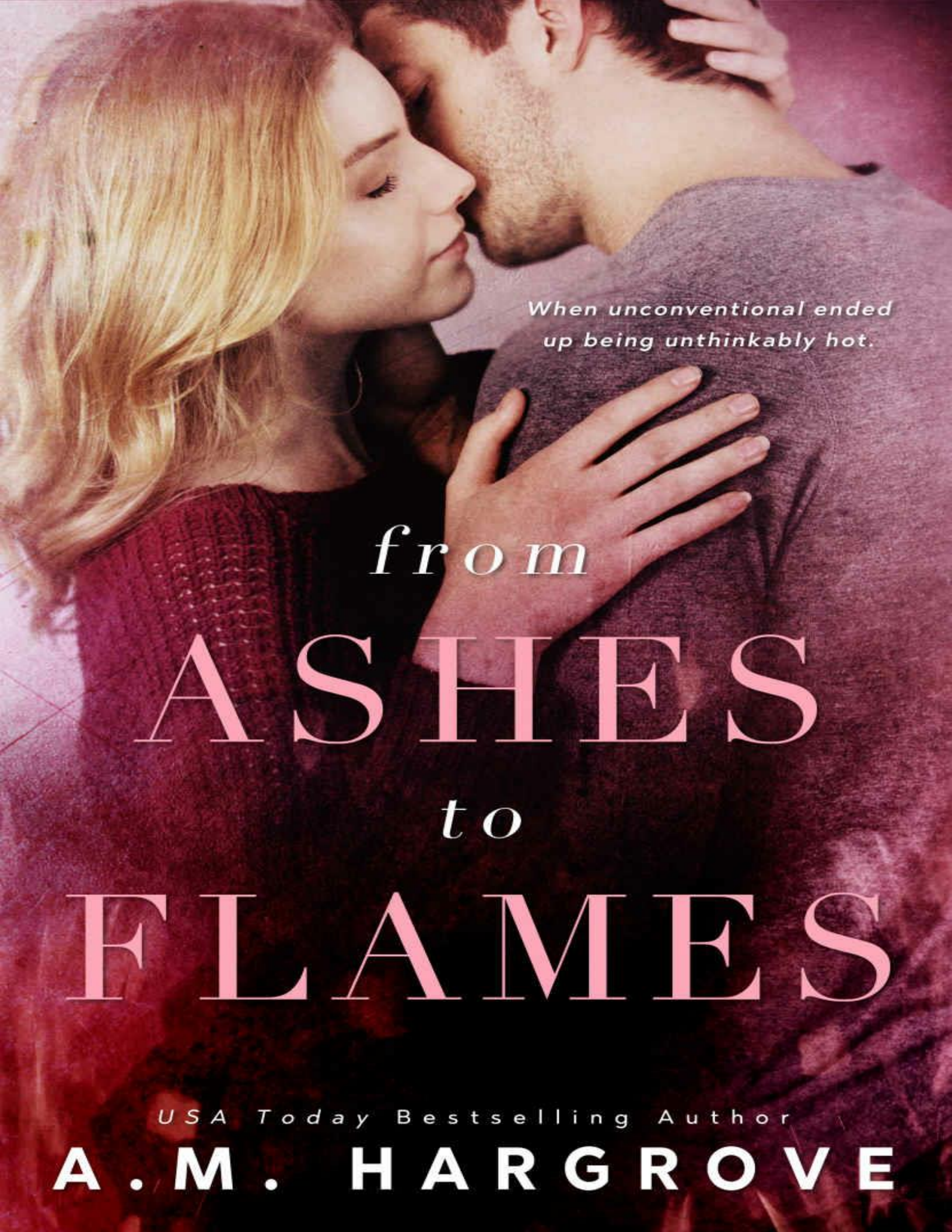
When unconventional ended up being unthinkably hot.
from
ASHES
to
FLAMES
USA Today Bestselling Author
A.M. HARGROVE



TRADUÇÃO: IZABELLY

REVISÃO INICIAL: STÉFANI

REVISÃO FINAL: REJANI

LEITURA FINAL: AMANDA

CONFERENCIA: IZABELLY

FORMATAÇÃO: IZABELLY

Eu tinha tudo – o emprego dos sonhos, um namorado maravilhoso, uma vida fabulosa.

Ou foi o que pensei.

Então minha vida tomou um rumo inesperado e me vi trabalhando como babá para o temperamental Dr. West.

Ele e suas planilhas regimentadas e atitude grosseira eram mais do que qualquer um deveria ter.

Se aquele idiota achou que poderia me dar ordens, é melhor pensar de novo.

Então um dia eu descobri seus segredos, o que explica por que ele agiu do jeito que fez.

Eu nunca esperei que meu coração suavizasse tanto para ele.

Eu nunca esperei ter sonhos tão *sexys* com ele.

Nem esperava que ele fosse do jeito que eu queria.

Mas ele era meu chefe, mais velho que eu, e fora dos limites.

E se eu não fosse cuidadosa, tudo, inclusive meu coração, pegaria fogo.

from
ASHES
to
FLAMES

As pessoas irritadas nem sempre são sábias.

- Jane Austen, Orgulho e Preconceito.

from
ASHES
to
FLAMES

Capítulo um

Greydon

SUSANNAH EMPURROU o bebê chorando em meus braços enquanto nosso filho protestava contra a ausência do abraço de sua mãe. Suavemente embalando-o, beijei sua cabeça e esfreguei minha bochecha contra a penugem fofa no topo. Eu amava a suavidade e não pude deixar de notar o contraste entre nós dois - minha barba desalinhada e as mãos ligeiramente calejadas e sua pele macia e aveludada. Inalando seu perfume, sorri, amando seu cheiro de bebê.

— Tem certeza que quer ir? Quero dizer, esta viagem não será difícil para você?

Uma risada suave veio do armário, onde ela desapareceu.

— Você é o único que vai ter isso difícil.

Ela provavelmente estava certa. Eu estaria aqui com um filho de quatro meses e nossa filha de seis anos. Era uma coisa boa que minha mãe estava vindo para ajudar. Eu estava acostumado a lidar com minha filha, mas acrescentar nosso filho de quatro meses criaria um novo giro nas coisas.

— É verdade, mas viajar em tão pouco tempo após a licença maternidade. Eu quero dizer que é um pouco cedo para assumir.

Ela correu para fora do armário com sua mochila e riu.

— Também pode se acostumar com isso. Eu fiz isso depois de Kinsley. Não há nenhuma razão para pensar que eu não posso fazer isso com Aaron também.

— Não, não foi isso que eu quis dizer.

Ela fez uma pausa e me deu aquele olhar, aquele com apenas uma sobrancelha erguida. Eu sempre me perguntei como ela conseguia isso.

— Bem?

— Eu só estava pensando que você está voltando cedo demais.

— Vamos, Grey. Você me conhece melhor que isso. Eu estive fora por doze semanas e voltei por um mês agora. Esta é a primeira viagem que vou fazer. Eu costumo viajar uma vez por semana.

Ela estava certa.

— Sim, eu sei. Acho que me acostumei a ter você por perto.

Ela andou até mim, pegou meu rosto e plantou um beijo casto na minha bochecha.

— Espero que você não tenha se estragado. Você sabe que ficar em casa nunca fez parte dos meus planos.

— Verdade. — Eu estava longe de ser mimado, mas não mencionei isso. Sua carreira é importante para ela, foi uma das coisas que me atraiu nela em primeiro lugar. Susannah exalava confiança em tudo o que fazia. Ela trabalhava para uma das grandes cadeias hoteleiras e subira na hierarquia. O problema era o aumento de viagens que eu não gostava. Isso a levou para longe das crianças, apesar de eu adorar lidar com a frente doméstica. Mas eu queria vê-la bem-sucedida e não disse nada sobre isso quando começou a acontecer. — Parece que você não pode esperar para sair daqui. Se eu não soubesse melhor, pensaria que você estava correndo para encontrar alguém. — Eu estava brincando, claro. Eu confio nela explicitamente.

Seus olhos me evitaram quando ela soltou uma gargalhada e disse:

— Acho que vou ter que fazer as pazes com você quando eu voltar. — Ela deslizou uma unha bem cuidada pelo meu braço. Susannah era ótima em evitar meus comentários.

— Ei, eu estou te segurando para isso.

Caminhando para a pequena mesa no canto do nosso quarto amplo, ela rapidamente enfiou seu laptop em uma bolsa de mensageiro e pegou o carregador colocando-o na bolsa também.

— Você tem seu carregador e bateria de celular? — Eu perguntei.

— Sim, e eu acho que é tudo. Vou mandar uma mensagem para você quando chegar.

Eu segurei o Aaron em um braço e a abracei com o outro. — Vou sentir sua falta a cada minuto que você se foi.

— O mesmo aqui, Grey. Eu amo vocês. — Ela me deu um rápido beijo na bochecha, o que foi surpreendente, considerando que ela iria embora toda a semana. Eu entreguei Aaron para ela e levei sua bolsa até o carro que a levaria para o aeroporto. O carro acelerou enquanto Aaron e eu olhávamos. O amanhecer ainda não havia surgido, mas eu logo teria que acordar Kinsley para a escola.

A MANHÃ ESTAVA AGITADA, mas consegui chegar a tempo da minha primeira consulta.

Ao entrar pelos fundos do prédio, minha enfermeira perguntou:

— Bom dia, doutor West. Como foi o seu final de semana?

— Grande Nicole. Espero que o seu também tenha sido. — Continuei andando até chegar ao meu consultório particular. Eu vesti meu jaleco engomado e verifiquei meus e-mails. Nada de urgente lá, então eu rapidamente verifiquei meus investimentos quando Nicole me informou sobre minha agenda do dia. Então, examinei o computador do escritório para ver os prontuários dos meus pacientes.

— Sr. Parton foi ao pronto-socorro ontem à noite. Dor no peito. Eles o admitiram. O Dr. Goldsmith o viu desde que ele estava de plantão e eles o chamaram. Ele tem outro bloqueio. Parece que ele vai precisar de revascularização miocárdica. — A cirurgia de revascularização do

miocárdio era uma grande cirurgia para alguém com problemas de saúde do Sr. Parton, o que me preocupava.

— Goldsmith ligou hoje de manhã? — Eu perguntei.

— Sim senhor. Ele quer falar com você o mais rápido possível.

— Ele não está vindo? — John Goldsmith foi um dos parceiros em nossa prática de cardiologia.

— Não até o meio-dia.

— Ok, obrigado, Nicole.

Eu pulei em uma ligação com Goldsmith.

— John. O que aconteceu com Parton?

— Oh cara. Seu LAD está noventa por cento bloqueado. Sem mencionar que ele tem reestenose[1] com o stent[2]. Cinco de suas artérias são maiores que sessenta. Ele é um desastre de trem.

— Certo, mas ele não é um candidato para revascularização miocárdica. Você já olhou para a foto dele? Eu não acho que ele sobreviveria à cirurgia.

John começou:

— Ele é mais velho, mas...

— Rins falhando, pós-acidente vascular cerebral, e isso é apenas o começo. Se eles enxertarem ele, eles nunca irão estabilizá-lo depois. Ele pode sobreviver à cirurgia, mas as arritmias pós-cirúrgicas provavelmente o matariam.

— Porra, Grey, por que isso não foi mapeado?

— Isto foi. Estou olhando para isso no computador agora.

— Eu não vi e passei tudo ontem à noite.

---

[1] Reestenose é a recorrência da estenose, um estreitamento de um vaso sanguíneo, levando à redução do *lúmen*, restringindo assim o fluxo sanguíneo. A reestenose geralmente refere-se a uma artéria ou a outro vaso sanguíneo que se obstruiu, depois de um tratamento para normalizar o fluxo e posteriormente voltou a se obstruir.

[2] Na medicina, um stent ou estente é uma endoprótese expansível, caracterizada como um tubo (geralmente de metal, principalmente nitinol, aço e ligas de cromo e cobalto) perfurado (em forma de malha) que é inserido em um conduto do corpo para prevenir ou impedir a constrição do fluxo no local causada por entupimento das artérias, ou para reconstruir uma artéria acometida por aneurisma.

— Quando você chegar ao escritório, verifique o gráfico dele. Não tenho certeza do que está sendo transferido por meio de registros médicos eletrônicos para o hospital, mas tudo deve estar lá.

— Sim, ok.

— Você ainda está no hospital? — Eu perguntei.

— Não. Estou em casa. Por quê?

— Ele precisa ter stents. Não podemos arriscar que ele tenha um MI. Um infarto do miocárdio resulta em morte certa para o Sr. Parton.

— Você está certo. Como está sua carga de pacientes esta manhã?

— Pesada. Deixe-me ver quem está de plantão para fazer isso. Obrigado, cara.

Registros médicos eletrônicos deveriam resolver todos os problemas de falta de informações médicas. Com certeza errou o alvo no Sr. Parton.

Durante toda a manhã eu fiquei ocupado, mas finalmente me afastei para um almoço de quinze minutos. Eu chequei meus e-mails enquanto abria um sanduíche. Um era de Allie Gordon, mas ignorei porque não tinha tempo. Eu estava de volta à sala até as três, quando George ligou. Ele era o outro parceiro de plantão.

— Atualizando o Parton para você. Nós o estabilizamos depois dos stents. Aquele LAD era perigoso, cara. Ele está estável agora, mas não há garantia com isso. Você sabe o que eu estou dizendo?

— Eu sei. Ele tem sorte embora. Com esse tipo de bloqueio, ele poderia ter tido um grande problema.

John concordou.

— Eles não chamam isso de viúva por nada.

Eu estava finalmente terminando o dia, dispensando meu último paciente, quando Nicole me encontrou no corredor.

Agarrando meu braço, ela me puxou para o lado e disse:

— Uh, tem uma mulher na sala de espera. Ela diz que é urgente e precisa ver você. Ela parece muito chateada. Diz que é um assunto pessoal. Linda tentou afastá-la, mas ela começou a chorar.

Linda é uma recepcionista ótima em lidar com pessoas. Se esta mulher ainda estivesse aqui, Linda deve ter pensado que era importante o suficiente para ela me ver.

— Ela deixou um nome?

— Sim. Allie Gordon.

— OK. Envie-a para o meu escritório. Eu estarei lá em um segundo.

Depois de uma rápida pausa no banheiro, fui para o meu escritório. Uma mulher perto da minha idade estava sentada ali. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, tornando óbvio que ela estava chorando.

— Posso ajudar?

— Oi, eu sou Allie Gordon.

— Grey West.

— Sim, nos conhecemos. Nossos cônjuges trabalham juntos.

Assim que essas palavras deixaram sua boca, ela soluçou. Merda, o que diabos estava acontecendo?

— Sra. Gordon, você está bem? Posso pegar um pouco de água?

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sabia mais o que fazer, mas sabia que você deveria saber a verdade. Aqui. — Ela me entregou um grande e grosso envelope pardo. Eu olhei para ele, sem saber o que era. — Você provavelmente deveria abri-lo. Isso fará mais sentido quando você fizer.

Eu abri para resolver o mistério. A primeira coisa que vi foi uma carta. Era de Allie para mim. Então eu li isso.

CARO DR. WEST:

Durante meses, suspeitei que meu marido estava tendo um caso. Depois de muitas perguntas sem resposta, decidi contratar um investigador

particular. Ele descobriu muito mais do que eu imaginava. Como nossos cônjuges trabalham juntos e depois de saber de tudo, achei que era justo você também tomar conhecimento. Eu o contratei há um ano. Ele descobriu coisas de mais de dois anos atrás. Evidentemente, isso vem acontecendo há algum tempo.

Estou profundamente triste.

Allie Gordon

DENTRO HAVIA FOTOS, muitas delas e um pen drive. Eu não estava preparado para o que estava prestes a ver. As fotos estavam condenando. O marido de Allie e Susannah estavam se abraçando, beijando, fazendo coisas que me socaram direto no esterno, tirando o ar de dentro de mim. Minhas mãos tremiam enquanto eu segurava a pilha delas. Eles teriam me deixado de joelhos se eu não estivesse sentado.

Eu limpei minha garganta, forçando a bile de volta para o meu intestino.

— Você disse mais de dois anos? — Eu mal reconheci minha voz.

— Sim.

Meu tom estava morto, sem vida quando eu perguntei:

— Seu marido viaja?

— Ele saiu esta manhã para passar a semana. Presumo que sua esposa também tenha feito isso. — Ela enxugou os olhos com um lenço de papel.

Eu balancei a cabeça, dormente. Uma lâmina de fogo atravessou meu coração, mas não parou por aí. Estava me abrindo completamente, deixando-me sangrar por todo o maldito lugar.

E então eu parei.

— Nós temos uma criança de quatro meses. — As palavras rasgaram meus lábios como o ar do deserto. Eu abaixei minha cabeça em mortificação. *Ah Merda. Oh foda-se, foda-se. Aaron poderia ser seu filho.*

— Eu sei. — Levantei a cabeça e olhei em olhos lacrimejantes cheios de pena.

Duas mãos seguraram meu cabelo. Sufoquei a vontade de gritar de fúria... e frustração.

A Sra. Gordon perguntou se eu estava bem.

— Foda-se não, eu não estou bem, — eu gemi.

Sua boca brevemente se abriu antes de se fechar. Então ela perguntou:

— Há algo que eu possa fazer? Eu sei exatamente como você se sente.

Ela estava tentando ajudar, ser gentil, mas eu estava perdido em outra dimensão. Eu só balancei a cabeça em resposta. Minhas emoções eram um amálgama de nojo, mágoa, mortificação e fúria. Como poderia Susannah ter feito isso com nossa família... nossos *filhos*? Ela não parou para considerar as ramificações que teria sobre eles? Eu já sabia a resposta para isso.

Reunindo todas as provas em minha mesa, arranquei meu jaleco e, sem outra palavra para a Sra. Gordon, saí correndo e me dirigi para casa. Eu precisava falar com meu advogado e rápido. Planos tinham que ser feitos. Drásticos. Minha esposa traidora ia aprender como se sentir financeiramente arruinada. Quando ela voltasse para casa na sexta-feira, as fechaduras da casa estariam trocadas e nossas contas bancárias seriam esvaziadas. Ela fodeu o cara errado.

Só que isso não aconteceu. Mal sabia eu que esses planos não seriam necessários.

Mais tarde naquela noite recebi um telefonema que mudou tudo. Susannah e seu colega de trabalho, seu amante, nunca chegaram ao destino final. Karma é uma cadela cruel. Seu avião caiu em algum lugar sobre o Pacífico em sua aproximação final em Seattle. Não houve sobreviventes. Eu nunca tive a chance de desabafar minha raiva... para

dizer a ela que o caso que ela estava tendo por mais de dois anos fora exposto. Eu nunca tive a oportunidade de questionar por que ela fez uma coisa tão terrível para nossa família e casamento. E eu nunca teria a chance de ver sua expressão quando questionasse se Aaron era ou não meu filho.

Capitulo dois

Greydon

RESSENTIMENTO... Indignação e total miséria encheram cada poro enquanto eu ouvia em silêncio pedregoso o ministro elogiar minha esposa. Ele a elogiou como se ela fosse uma estrela na comunidade, sempre disposta a ajudar os necessitados. A parte amarga de mim pensou em como ela não emprestava uma, mas as duas, junto com a boca e o resto do corpo, para o colega de trabalho. Esses pensamentos giravam em torno exatamente do que aquelas mãos faziam e eu rangia meus dentes ainda mais. Eu poderia passar por isso quando o objeto da minha raiva não estava mais andando pela terra? Mas então os bons momentos que tivemos, a família que construímos veio à mente, e a dor quase me deixou de joelhos. Eu fui socado de dentro para fora repetidamente. Quando a dor cessaria? Mamãe apertou um braço enquanto minha filha se agarrava à mão oposta. Eu contratei uma babá para cuidar de Aaron. O dia foi bastante cansativo, mas com ele aqui, eu provavelmente teria perdido.

A igreja estava lotada de meus colegas e também os de Susannah. Minha sogra soluçava sem parar, e às vezes eu queria sacudi-la, contar a verdade sobre a filha, mas eu não era tão idiota assim. Ela já passou bastante, perdendo o marido para o câncer há alguns anos. E agora isso. Graças a Deus ela se mudou para a Califórnia para ficar com sua irmã e outra filha.

Foi um milagre que passei pelo serviço, considerando todas as coisas. Kinsley continuou perguntando quando sua mãe estava voltando para casa. Explicar a morte a uma criança de seis anos era quase impossível.

— Lembra como eu te disse que mamãe foi morar com os anjos?

Suas tranças balançaram quando ela balançou a cabeça.

— Bem, querida, temo que isso signifique que ela não voltará aqui para morar conosco.

— Mas quem vai esfregar minha barriga quando dói? — Oh, Deus, isso foi brutal. Foi monumentalmente doloroso ver sua filha olhar para você com lágrimas nos olhos, imaginando por que sua mãe partiu. Porque isso aconteceu? Eu aceitaria Susannah de volta, caso e tudo, só para permitir que minha filhinha tivesse sua mãe de volta.

Agarrando suas mãos, eu disse:

— Eu vou, bolinha. Eu sempre estarei aqui para você. Você é meu pequeno marshmallow - macio, doce e bom o suficiente para comer. — E eu beijei sua bochecha rechonchuda e amaldiçoei minha esposa novamente. Meu coração bateu em minhas costelas, doendo como o inferno pela minha doce garotinha enquanto ela olhava para mim através dos olhos exatamente como os de Susannah. Eles foram as primeiras coisas que eu notei sobre Susannah - avelã dourada - e eu bati nela tentando ser legal. Eu não estava e ela me ligou. Foi durante os meus dias de medicina, então eu joguei algumas merdas de oftalmologia para ela, mas ela era muito perspicaz para comprá-lo.

— Vamos lá, escorregadio, você pode fazer melhor do que isso, — disse ela.

A sério!

— Então como é isso? Eu tenho cobiçado você do outro lado da sala e me levou a noite toda para trabalhar a coragem apenas para falar com você.

O ouro nos olhos dela brilhava quando sua boca se curvou.

— Muito melhor. Vou levar um homem honesto a qualquer dia.

Nós nos casamos um ano e meio depois e achei que seria nós dois para sempre. Acho que percebi errado. E como diabos eu poderia ter sido *errado? Como perdi os sinais? Quando tudo tinha dado errado? Eu era tão*

ingênuo ou estava tão envolvido com o trabalho que acabei de enterrar minha cabeça na areia? Mas, lembrando, eu era a pessoa que estava mais envolvida em casa, e trabalhei para não ser aquele marido viciado em trabalho. Eu lidei com a maioria das coisas para as crianças. Na verdade, foi ela quem passou mais horas trabalhando do que eu. Ela tinha o melhor de tudo - joias, roupas, carros, porque eu era quem comprava tudo para ela. Eu saí do meu caminho para me certificar de que as flores esperavam por ela em seu quarto de hotel quando ela viajava, o que realmente me irritou agora. Ela provavelmente teve um grande chute com isso enquanto ela fodia seu namoradinho enquanto minhas flores ficavam na sala encarando os dois. Merda. Esfreguei meu rosto, ainda tentando calcular a bagunça de nossas vidas. E essa linha de honestidade que ela jogou em mim naquela época. Que besteira absoluta.

O funeral terminou e saímos da igreja. Como Susannah estava sendo cremada, não havia culto no cemitério, graças a Deus. Nós estávamos recebendo convidados na casa dos meus pais depois. Eu não conseguia lidar com isso na minha casa, então mamãe cuidava de tudo. Eu não tinha certeza de uma única coisa que eu disse naquele dia. Tudo o que vi foram aquelas fodidas fotos e vídeos no pen drive que passaram pelo meu cérebro.

Quanto tempo esse caso estava acontecendo? Susannah trabalhou com ele durante anos, mas o investigador só tinha evidências de alguns anos. Isso não significa que eles não estavam juntos antes disso. Kinsley era definitivamente minha filha. Além dos olhos, ela era igual a mim - cabelo, nariz, ela até tinha meus dedos longos. Nós sempre dissemos que ela seria alta como o pai dela. Mas Aaron é uma história diferente. O que ela estava pensando? Ele usava camisinha toda vez? Olhando para Aaron, era difícil dizer. Ele se parecia muito com Susannah - cabelos cacheados macios e aquele nariz dele. E se ele não fosse meu? O que eu faria? *Porra.*

— Grey, eu acho que você precisa tirar um mês de folga. — Era John, um dos meus parceiros, falando.

— Uh, eu não penso assim.

— Você precisa passar algum tempo com seus filhos e processar isso.

Como eu poderia começar a fazer isso?

— Talvez.

— Todos nós na prática conversamos e podemos trazer um temporário para tomar o seu lugar por um tempo. É por isso que tiramos essa apólice de seguro - caso algo assim acontecesse.

— Sim, mas voltar ao trabalho pode me fazer bem também.

Ele agarrou meu ombro.

— Escute, você não quer entrar lá e acabar com um procedimento.

Ele fez um bom argumento.

— Deixe-me pensar sobre isso e aviso vocês.

Mais tarde, depois que todos saíram, mamãe sugeriu que ela viesse me ajudar todos os dias.

— Você vai precisar de uma mão com Aaron e mais ainda quando voltar ao trabalho. — Jesus, me dei conta que eu estarei sozinho em uma base permanente agora.

Ambos os meus irmãos estavam lá. Meu irmão mais novo, Pearson, disse:

— Ela está certa, Grey. Deixe a mamãe ajudar. Não será fácil fazer isso sozinho.

O do meio, Hudson, disse:

— Ouça-os, cara. Aceite a ajuda quando ela for oferecida. Criar filhos sozinho é difícil.

— Você saberia, não é? — Hudson também era pai solteiro. Sua ex saiu com ele, deixando-o para criar seu filho sozinho.

— Sim, eu sei. Tire isso de mim, cara. Além disso, mamãe adora estar perto das crianças, — disse Hudson.

— Deixe-me pensar um pouco, mãe.

— Talvez você devesse contratar uma babá. É o que eu tenho, — disse Hudson.

Gemendo, eu perguntei:

— Droga, vocês todos me dariam um tempinho para pensar nessa merda?

Pearson veio em meu socorro.

— Ele está certo. Isso tudo é tão novo, ele não teve a chance de processar. Dê-lhe algum tempo.

Mamãe apertou o punho nos lábios. Eu imediatamente me arrependi da minha explosão.

— Grey, estou apenas tentando ajudar, — disse ela.

— Eu sei mamãe, mas como Pearson disse, preciso de um tempo. Por favor, eu pensarei. — Eu me senti mal pelo jeito que eu reagi, mas meu cérebro estava nadando com tanta merda agora. A companhia de Susannah tinha me contatado para discutir algumas coisas - algo sobre morte acidental e desmembramento desde que ela morreu em uma viagem de negócios. Eu os encontraria amanhã.

— Eu tenho que conhecer o representante do RH de Susannah para discutir os termos de sua política de morte acidental.

Pearson falou de novo.

— Se você precisar de uma mão, me avise. — Ele era um advogado e estava tentando ser útil, colocando-se à disposição.

— Eu aceito. Obrigado cara!

Depois de agradecer e abraçar todos, Kinsley e eu fomos para casa.

Quando entramos, Aaron estava gritando desesperadamente. A babá estava em seu celular, ignorando-o completamente enquanto ele estava sentado em seu balanço. Isso me irritou com algo feroz.

— Você é surda? — Eu gritei. Sua cabeça se virou para mim. Ela não tinha me ouvido entrar. Como diabos ela poderia com Aaron gritando assim? — Você ia deixá-lo lá a noite toda?

— Não. Ele não queria parar.

Eu o peguei e ele ficou tão abalado que foi difícil para ele recuperar o fôlego.

— Você nunca deve deixar um bebê gritar assim. Algo poderia estar errado com ele. Pelo menos tente acalmá-lo. Ele pode estar com febre ou com dores de estômago! — Eu queria derrubá-la do outro lado da sala. Kinsley sentiu o quanto eu estava chateado e começou a chorar.

Ela puxou minha perna, choramingando.

— Eu quero que mamãe volte para casa. Não quero que ela fique com os anjos.

Ah, pelo amor de Deus! Isso não era o que eu precisava.

Pegando minha carteira do bolso, tirei algumas notas e praticamente as joguei na babá.

— Eu não vou precisar mais de você. Pode ir.

Ela recolheu o dinheiro, perguntando:

— Mas e amanhã?

— Eu não posso confiar em você com meus filhos. Não haverá amanhã.

Ela ficou boquiaberta para mim como se eu fosse louco. Talvez eu estivesse. Mas se ela não pudesse pegar Aaron quando ele estivesse gritando, eu nunca poderia deixar meus filhos com ela novamente.

Em um tom seco, para que não houvesse mal-entendido, reiterei:

— Eu disse que você pode ir. Eu não vou precisar mais de você.

— Mas eu preciso desse emprego.

— Então você deveria ter pensado nisso antes de sua conversa telefônica se tornar mais importante que meu filho. Por favor saia.

Ela finalmente pegou seus pertences e saiu.

Aaron se acomodou, mas Kinsley ainda choramingou. Eu tinha um bebê para alimentar e uma criança pequena para consolar. Com qual eu começo?

Batendo nas costas da minha filha, eu disse:

— Kinsley, querida, eu preciso alimentar Aaron. Você quer ajudar?

Ela assentiu com a cabeça, mas seus olhos tristes me disseram mais do que eu queria saber.

Mesmo sabendo onde tudo estava, perguntei:

— Você sabe onde estão seus babadores?

Ela acenou e, em pouco tempo, um pequeno sorriso apareceu em sua pequena boca enquanto ela me ajudava. Nós dois nos revezamos para alimentar o bebê e depois eu assei uma pizza congelada para o jantar. Eu estava acostumado com as tarefas do papai, mas esta era a primeira vez que eu fiz isso com duas crianças sozinho.

Um longo e prolongado suspiro escapou de mim.

— Você está com sono, papai?

— Eu tenho certeza que estou, bolinha.

— Eu também. Posso ir para a cama?

Eu puxei uma de suas tranças e disse:

— Claro. — Os olhos de Aaron estavam caídos também. Depois daquele choro, estou surpreso que ele ainda estivesse acordado. Ele nunca chorou assim. Isso me fez pensar se ela beliscou ele ou algo assim.

— Bolinha, você gostou daquela babá?

Seus ombros se amontoaram ao redor de suas orelhas quando ela disse:

— Eu não sei.

— Ela é divertida?

— Ela não brinca conosco. Ela fala muito ao telefone.

— OK. Bem, ela não vai mais aparecer.

Subimos os degraus e fui primeiro ao quarto de Aaron. Depois que eu o troquei e o coloquei em um macacão limpo, eu o deitei no berço. Então entramos no quarto de Kinsley. Uma vez que os pijamas estavam trocados, fomos ao banheiro dela para escovar os dentes.

— Papai? — Ela perguntou. — Por que Aaron não escova os dentes?

Pela primeira vez naquele dia eu ri.

— Ele só tem um dente para escovar, bolinha.

Um riso borbulhante saiu dela.

— Oh, sim.

Ela subiu na cama e disse:

— Quem vai ler para mim agora que mamãe foi morar com os anjos?

Eu costumo contar suas histórias em vez de ler um livro.

— Acho que vai ser eu a partir de agora.

Grandes olhos castanhos olhavam para mim maravilhados. Então ela perguntou, encantada:

— Papai, você sabe ler?

Tenho certeza que seu trabalho foi cortado para mim.

Capítulo três

Marin

FALE SOBRE UM MÊS DE MERDA. Não, é melhor fazer disso um ano de merda.

Começou com um estrondo. Fui contratada como uma das escritoras contribuintes da *Newsworthy Magazine,* uma das melhores fontes de notícias do país. Eu não pude acreditar na minha sorte. Mamãe disse que não foi sorte. Eu sempre fui uma escritora desde a época em que eu era uma garotinha rabiscando notas criativas no papel em todos os lugares. Quando me formei com o meu cobiçado diploma em jornalismo, ela e papai não poderiam estar mais orgulhosos. Mesmo que o papai preferisse me ver cursando a faculdade de direito, não estava nas estrelas para mim. Eu não tinha mais interesse em sentar em um tribunal discutindo um caso de divórcio do que eu estava sentada em uma cadeira odontológica recebendo um canal radicular. Não, obrigada. Me dê uma história suculenta para perseguir. Isso era o que me animava.

Tudo estava perfeito até o dia em que meu editor de notícias me mandou em uma missão. Ele queria que eu colocasse meu nariz em uma possível história sobre o que estava acontecendo em uma cadeia de creches populares. Alguém vazou uma história de abuso e negligência em potencial. Quando voltei de mãos vazias, ele ameaçou dar a história para outra pessoa.

— Que história? Não há história, — eu disse, desafiando-o. Foi nesse dia que aprendi como as coisas funcionavam nessa publicação.

— Quando eu digo que há uma história, há uma história.

Uma das coisas que eu me orgulhava era das minhas habilidades de investigação. Então, eu cedi e voltei para a prancheta. Enquanto eu estava sentada no meu pequeno cubículo, coçando a cabeça, tentando descobrir onde ir, um outro colega se aproximou.

— Quem mijou no seu café?

— Pete, estou perplexa.

— O que aconteceu?

Pete não era meu repórter favorito. Ele fez algumas coisas que eu não gostava particularmente, como esticar um pouco a verdade. Mas eu precisava de uma orelha, então eu derramei. Ele riu.

— Bem-vinda ao jornalismo do mundo real. Diga-me o que você tem.

Eu compartilhei minhas anotações com ele. Seus olhos estavam em chamas.

— Você tem o suficiente aqui para escrever a exposição mais contundente de todos os tempos.

— O que você quer dizer?

Ele apontou para uma citação.

— Veja. Isso aqui, por exemplo, em que esse cuidador diz: — Às vezes olhamos uma criança extra, o que significava deixar um ou dois desacompanhados em uma área de jogo, por cerca de um minuto. — Tire isso do contexto dizendo que eles estavam desacompanhados por um período de tempo indeterminado.

Eu insisti:

— Mas isso é mentir.

Ele deu um tapinha no meu braço.

— Isso é jornalismo, querida.

— Mas a área de jogo foi escrita sem nada além de dois brinquedos. Era um cercadinho.

— Quem vai saber a diferença?

Eu fiquei estupefata.

A conversa deixou um gosto amargo na minha boca que permaneceu o dia todo. Minha consciência não poderia... não... aceitaria isso. Em vez disso, voltei para a creche e fui para outra entrevista. Depois de fazer inúmeras perguntas, determinei que não havia negligência ou abuso por lá. Talvez eles não mudaram uma fralda imediatamente depois que a criança sujou, mas quem faz?

Voltando ao escritório, eu disse ao meu editor mais uma vez o que encontrei.

— Ou você escreve uma denúncia, ou então.

— Ou então? — Ele ia me demitir?

— Há uma outra opção. — Ele se levantou de trás de sua mesa e caminhou para onde eu estava. Quando ele chegou na minha frente, seus olhos redondos arranharam meu corpo da cabeça aos pés. Ele estava realmente pedindo favores sexuais em troca do meu trabalho?

— O que exatamente é a outra opção? — Eu queria que ele soletrasse para mim.

— Eu duvido que eu precise explicar isso para você. Você é uma mulher relativamente brilhante.

Mulher relativamente brilhante? Eu queria dar um soco no rosto presunçoso dele.

— Se você está sugerindo o que eu penso que você está, isso seria considerado assédio sexual.

Com uma voz doce e doentia, ele respondeu:

— Bem, Marin, não sugeri nada. Então isso seria difícil de provar, não seria?

Meu queixo caiu aberto. Que bastardo do caralho. Ele estava certo. Seria a palavra dele contra a minha.

— Mas voltando à sua tarefa, acredito que você tem um trabalho a fazer. Se você acha que não está à altura da tarefa, infelizmente, parece que podemos ter que deixar você ir.

— Você sabe o quê? Eu vou te poupar o trabalho. Eu desisto. Você terá minha demissão em sua mesa até o final do dia. — Eu girei no meu calcanhar e dei o fora dali. Minha próxima parada era aquela creche. Eles precisavam ser avisados. Era bom que todas as minhas anotações tenham sido manuscritas e não copiadas para o computador. Aqueles idiotas teriam arruinado aquele lugar.

Meus dedos freneticamente digitaram minha carta de demissão e eu deixei com o RH enquanto saía do prédio, carregando uma caixa de banqueiro[3] com minhas coisas. Eu fiz com que isso fosse feito depois que eu baixei todos os meus arquivos em um pen drive. Então corri até a creche para avisá-los.

Eles estavam dormentes.

— Eu sinto muito. Fui enviada para descobrir abuso ou o que quer que seja, — expliquei. — Quando não havia nenhuma evidência, meu editor basicamente me disse para fabricar algo. A razão pela qual estou aqui é para dizer a você para não conceder entrevista para ninguém.

A mulher com quem falei esfregou os olhos.

— Este é um pesadelo total. Estamos sendo alvo de uma mãe que não aprovou nossos padrões. Quando ela nos contratou, explicamos a maneira como fazemos as coisas e ela até assinou um acordo. Mas então seu filho apareceu com infecção. Acontece. Quando alguém pega, varre como fogo. E foi isso. Ela veio atrás de nós como se tivéssemos infectado o filho com a peste.

— Eu sinto muito. Eu não posso mais te ajudar porque eu parei. Eu não faria o que eles queriam. Então talvez deixe morrer uma morte lenta. Ou peça aos pais que apoiem dando recomendações no seu site. Eu não sei, mas preciso ir. Boa sorte para você.

---

3 

Meu coração estava pesado, sabendo com o que eles estavam lidando. Eu só estava feliz por não ter acrescentado uma história cheia de mentiras. Desde que me demiti, saí do trabalho bem antes do horário. Cheguei em casa muito mais cedo do que o habitual. Meu namorado, Damien, estava em casa. Seu carro estava estacionado em frente ao duplex que compartilhamos. Eu, com certeza estava feliz porque precisava de um ombro para me apoiar e uma boa bebida forte.

Quando entrei no apartamento, esperava vê-lo na sala de estar com a TV ligada, mas ele não estava lá. Enfiei a caixa de banqueiro na mesa da sala de jantar e depois fui para o banheiro. Quando virei a esquina, ouvi um gemido. Então outro, e depois uma série de *Oh sim, Damie, assim mesmo. Continue.*

Que porra é essa? Damie? Ele gosta de ser chamado de Damie? Eu estava com ele há mais de dois anos e nunca soube disso.

Usar o banheiro saiu da minha mente. Vendo com quem meu namorado estava e o que eles estavam fazendo, na *minha* cama, tomou o seu lugar. Eu entrei no quarto e tomei o choque da minha vida. Damien, ou *Damie*, estava fodendo a minha melhor amiga e, aparentemente, fazendo um trabalho fantástico. Sua cabeça estava enterrada entre suas coxas e ela estava miando como um gato faminto.

— Simmm, dê para mim, bem aí. Oh, sim, Damie. Me coma bem, me chupe. Eu adoro quando você faz aquele pequeno redemoinho. Simmm, esse é o meu favorito. Você sabe como fazer isso. Você é o melhor comedor de boceta do mundo.

Ele murmurou algo sobre o quão grande era sua boceta, eu acho, mas era difícil dizer com certeza porque ele disse isso com a boca contra ela. Eu estava super colada no carpete, enraizada ali pelo choque.

A pior coisa sobre isso era que Damien só tinha me chupado uma ou duas vezes durante todo o tempo que estivemos juntos. Ele me disse que não gostava de descer em uma mulher e aqui estava ele, o aparente mestre

disso. Aquele pequeno filho da puta. Eu finalmente encontrei minha voz e decidi usá-la.

— Oh sim, Damie, dê para ela bem. Você é o melhor comedor de boceta do mundo. — Eu fiz o meu melhor para imitar minha amiga. Até adicionei um miau no final.

Damien ficou de pé, nu como no dia em que nasceu. Foi bastante engraçado na época, vendo seu pau balançar para cima e para baixo. Eu quase ri e teria, se não estivesse tão furiosa.

— Marin! O que diabos você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui. É a *nossa* casa. *Nosso* quarto. *Nossa* cama. Lembra? Ou sua boceta de repente lhe deu amnésia?

Eu estava lá com os braços cruzados, agindo corajosamente, mas por dentro eu estava uma bagunça e tudo estava começando a se transformar em pequenos pedaços. Este foi o homem que disse apenas no dia anterior - míseras vinte e quatro horas atrás - que ele me amaria para sempre. Quem ontem à noite me disse que eu era o Yin para o seu Yang, o creme para o seu Oreo. O que diabos aconteceu de ontem para hoje?

— Uh, sim, claro que eu lembro.

— Então por que diabos você está comendo a boceta de outra mulher na minha cama?

— Não é o que você pensa?

— Não é o que eu penso? Você acha que eu sou cega? Você está nu e ela também. E de todas as contas, vocês dois estão tendo uma maldita festa de merda. — Eu olhei em volta dele para ver se conseguia olhá-la nos olhos. — E Dawn! Como você pode? De todas as pessoas, eu teria esperado melhor de você. Você deveria ser minha melhor amiga. Então eu apontei meu olhar de volta para Damien. — Você está fodendo minha melhor amiga. — Eu fechei meu punho e o acertei com um soco rápido em sua mandíbula. Sua cabeça estalou para a esquerda e ele realmente gemeu.

— Pare. — Dawn gritou.

— Cale a boca sua prostituta de dois tempos. Você é a próxima. — Eu pisei para o lado da cama, pronta para acertar ela com o meu punho, só que Damien me agarrou por trás.

— Pare com isso. Você não pode socar Dawn.

— Me solte. — Eu lutei como uma louca possuída por demônios até que ele me soltou. A essa altura, Dawn saiu da cama e eu pulei em cima dela, perseguindo-a. — Sua puta, volte aqui.

Eu fiz um salto voador, atacando-a no chão enquanto ela gritava. Então eu peguei o cabelo loiro riscado e puxei-o o mais forte que pude, praticamente puxando-a para seus pés. Quando eu consegui um tiro claro, eu dei um soco na bochecha dela.

Damien me agarrou pelos ombros e me arrastou para longe dela. Dawn gritou a plenos pulmões:

— Ela está me matando.

— Cala a boca, Dawn, — gritou Damien.

Eu pulei nas costas de Damien e bati na cabeça dele. Ele me sacudiu e eu caí no chão, batendo a minha cabeça.

— Chame a polícia, — gritou Dawn.

— E dizer o quê? — Damien perguntou.

— Ela nos atacou, — disse Dawn.

— Você teria feito o mesmo. Ela nos pegou nus em sua cama, pelo amor de Deus.

Deitei no chão, recuperando o fôlego e olhei para eles. Então sentei-me e, num tom derrotado, disse:

— Vocês eram as duas pessoas em que eu mais confiava no mundo. Damien, na noite passada você me disse o quanto me amava. E você - apontei para Dawn - você me disse outro dia que achou que Damien ia me propor em breve. — Lágrimas rolaram pelo meu rosto, desinibidas. — Vocês dois estavam planejando o casamento juntos e, em seguida, descobriram uma maneira de vocês ainda poderem foder pelas minhas

costas? — De repente, eu estava doente do estômago com a ideia disso. Eu me levantei com as pernas bambas. Eu olhei para eles com olhos frios e vomitei: — Vocês dois merecem um ao outro. Voltarei mais tarde para pegar minhas coisas. — Então eu apontei para a cama e cuspi: — Isto você pode ficar.

Eu me senti fisicamente doente. Deixando o quarto, só parei para pegar a caixa na mesa de jantar. Então ouvi:

— Marin, espere. Não vá.

A sério? Um milhão de dólares não me faria parar. A ideia de suas mãos em mim depois do que eu acabei de testemunhar era tão repugnante quanto as do meu ex-empregador. Mas pelo menos o meu ex-empregador foi um pouco adiantado sobre isso. Damien estava mentindo e correndo pelas minhas costas e quanto tempo isso estava acontecendo?

Eu dirigi até que cheguei na garagem dos meus pais. Mamãe ficou chocada ao me ver. Mas um olhar dizia mais do que ela precisava saber. Quando me quebrei em seus braços, ela me abraçou. Eu não poderia dizer a ela por dias o que aconteceu. E saiu em pedaços quando eu finalmente fiz.

Papai, sendo o advogado que ele era, queria processar a revista.

— Como? Não houve provas ou provas de assédio.

— Eu gostaria que você tivesse ligado.

— Pai, eu não poderia trabalhar lá de qualquer maneira. Eles eram inescrupulosos. Eu não quero trabalhar para uma publicação como essa. — Ele entendeu.

Então eu contei a eles sobre Damien e Dawn. Mamãe também estava magoada porque amava Dawn. Nós nos conhecemos logo após a faculdade e fomos colegas de quarto até que Damien e eu fomos morar juntos. Dawn foi quem me pediu para sair com ele. Eu tentei pensar em minha mente quando eles poderiam ter ficado juntos, mas estava em branco. Eu parei de pensar nisso porque toda vez que eu fazia isso me incomodava demais.

UM MÊS DEPOIS, A frustração DOS MEUS PAIS comigo cresceu. Eu desisti de encontrar um emprego como jornalista. Minha atitude foi para o inferno sobre a profissão depois da minha experiência e, embora meu instinto me dissesse que eu estava errada, minha convicção de que eu estava cansada tinha todas as publicações de notícias *reunidas* com a *Newsworthy Magazine*. Eu não confiava mais em nenhuma fonte de mídia e desisti da ideia de trabalhar no jornalismo.

Eu acabei trabalhando como garçonete de bar, chegando em casa logo antes do sol nascer, e dormindo até que eu tinha que estar no trabalho no dia seguinte. Eu tingi meu cabelo com as cores do arco-íris em uma tentativa de trazer um pouco de alegria para a minha vida. Não funcionou. Mamãe e papai saltaram para fora.

— Como você vai encontrar um emprego respeitável agora? Eu posso ver seu cabelo tingido, mas isso... isso é absolutamente chocante, Marin. — Os olhos de mamãe continham muita decepção. A filha de quem ela tinha estado tão orgulhosa apenas alguns anos antes agora a estava abatendo. Mas eu não tenho energia para mudar. Eu morava no nível mais baixo de sua casa, escondendo-me de amigos, e a única atividade que eu tinha além do trabalho era andar de skate. Era algo que eu gostava em meus anos de faculdade e não tinha feito desde que conheci Damien. Eu abandonei tudo o que fiz com ele, livrando-me da dor que ele infligiu.

— Você parece uma daquelas crianças skatistas que eu vejo no parque nos finais de semana.

— Talvez eu queira parecer assim, — eu disse.

— Mas por quê? — Mamãe perguntou. Papai olhou em choque mudo.

Eu encolhi os ombros e brinquei com um dos meus novos brincos. Eu tinha minhas orelhas perfuradas várias vezes, junto com uma sobrancelha e meu nariz.

— Talvez eu goste desse olhar, — eu disse com desafio.

Até agora, mamãe estava na minha frente, me inspecionando.

— Você nunca usou. Você está nas drogas?

— O quê?

— Drogas? Você está usando elas?

Jogando meus braços no ar, eu gritei:

— Não. Só porque meu cabelo é colorido não significa que eu estou drogada. Vocês são realmente algo.

Papai deu um passo à frente.

— Jovem, não use esse tom com sua mãe. Você tem que concordar conosco em algumas coisas. Houve uma mudança drástica em sua aparência e comportamento. Você não se socializa, não faz nada além de trabalhar naquele bar e andar de skate. Estamos preocupados com você.

— Obrigada, mas estou bem. — Eu não precisava de nenhum lembrete do que estava errado na minha vida. Eu estava totalmente ciente de tudo. Era por isso que eu era uma maldita eremita. Meus intestinos se contorciam de dor toda vez que eu pensava em como acabei neste lugar.

Mamãe bateu no meu braço.

— Querida, você não está bem. Por que você não fala com alguém?

— Com quem?

Mamãe e papai se entreolharam antes de responder.

— Que tal um terapeuta para ajudar você a passar por isso?

Eu estendi minha mão, a palma da mão voltada para eles.

— Oh, não, isso não. Você os mantém longe de mim. Eu vou descobrir isso. Apenas me dê um pouco mais de tempo. OK?

CINCO MESES DEPOIS, e depois que eu perdi meu emprego como garçonete por estar sempre atrasada e não tinha nada para fazer em mais de um mês, mamãe e papai entraram no meu quarto uma manhã e fizeram um anúncio.

Papai começou:

— É isso. Foram realizadas. Você não pode continuar assim.

Mamãe entrou em cena.

— Querida, nós amamos você para as estrelas e de volta, e então um pouco mais, mas você está desperdiçando sua vida. Então, fizemos alguns novos arranjos para você.

— Arranjos?

— Sim, arranjos, — disse a mãe. — Uma amiga minha tem um filho. Sua esposa morreu tragicamente em um acidente de avião e ele está precisando de uma babá. Você está contratada. Você sai hoje. Você vai morar com ele e cuidar de seus dois filhos.

— O quê? Não, não posso. Não. Crianças e eu somos como óleo e água.

— Você não tem escolha, Marin. É isso ou as ruas, — disse papai. Ele estava falando muito sério.

— Papai, por favor. — Eu usei minha melhor voz implorando.

— Não. Eu não posso ver você viver assim mais um dia.

Meu estômago caiu no chão. O que diabos eu vou fazer? Eu era filha única. Eu nem sequer fui babá. Eu expressei essas preocupações.

— Você vai descobrir, — disse mamãe, parecendo animada. — Você é muito engenhosa e brilhante, não sou só eu que penso assim.

Papai abriu as persianas e acrescentou:

— Tome um banho e comece a arrumar as malas. Você precisa estar lá por um tempo.

— Quantos anos?

— O quê? — Mamãe perguntou.

from
ASHES
to
FLAMES

— Quantos anos? As crianças. Eu imaginei que deveria saber disso.

— Ah, sim. — Ela riu. — Eu acho que isso seria útil. A filha, Kinsley, tem seis anos, ou talvez tenha apenas sete anos e o filho, Aaron, dez meses.

Eu estava tão fodidamente fodida. Eu nunca tinha mudado uma fralda e aqui estava eu, me preparando para ser uma babá para uma criança de dez meses. O que diabos eu ia fazer?

Capítulo quatro

Greydon

SEIS MESES DEPOIS

KINSLEY COMPLETOU sete anos hoje e foi um desastre. Quando a mãe tirou o bolo, ela fez uma birra. Ela queria saber quando sua mãe estava vindo para comer um pedaço.

— Kinsley, lembre-se, ela vive com os anjos agora, — expliquei.

— Eu quero que ela venha comer bolo comigo. Por que ela não pode deixar os anjos só para comer um pedaço? — Ela bateu o pé enquanto falava.

Meu coração estava com defeito. Embora eu fosse cardiologista, especificamente um eletrofisiologista[4], que reparava corações com ritmos defeituosos, eu estava desamparado. Se alguém precisasse de um marca-passo, não havia problema. Se eles tivessem uma arritmia, eu poderia fazer uma ablação ou levá-los de volta ao ritmo por qualquer meio que fosse necessário. Eu era o cara que lidava com os problemas elétricos do coração. Mas eu não consegui consertar meu próprio coração partido. Todo o circuito falhou. A fiação estava com defeito e nada que eu fiz ajudou. Não foi tanto por perder minha esposa. Era por causa das crianças, especificamente minha filha. O que era ainda pior, eu ver minha filhinha, minha adorável e doce bolinha, e eu estava impotente para aliviar sua dor e decepção que sua mãe não estaria compartilhando seu bolo de aniversário este ano.

[4] Estudo das propriedades elétricas das células vivas.

— Ei, bolinha. Venha aqui um segundo. — Ela andou até onde eu estava. Eu me agachei para ela e disse: — Olha, mamãe não pode vir. Não é porque ela não quer, mas porque ela simplesmente não pode.

Kinsley se afastou de mim e marchou para a mesa onde seu bolo estava.

— Eu não quero esse bolo. — Então ela o empurrou para o chão.

— Kinsley. Limpe isso agora.

Ela não prestou atenção em mim, mas, em vez disso, subiu correndo os degraus até o quarto dela. O filho de quatro anos de Hudson, Wiley, correu atrás dela enquanto Hudson o perseguia.

Mamãe agarrou meu braço.

— Grey, é hora de se levantar e deixar de ser tão egocêntrico.

— Hã? — Minha filha tinha acabado de exibir um ato horrível de comportamento rude e minha mãe estava me dizendo que eu era egocêntrico?

— Você me ouviu. Seus filhos precisam de você e você não está gastando tempo suficiente com eles. Isto é o que acontece. Você não pode culpá-la por agir assim. Meu palpite é que você nem explicou que Susannah nunca mais vai voltar para casa.

Eu fiquei chocado.

— Eu disse a Kinsley que ela estava com os anjos.

Mamãe pôs a mão no quadril. Oh garoto, ela estava falando sério agora.

— Por quanto tempo?

— O que você quer dizer?

— Quanto tempo você disse que Susannah teria ido embora?

Um suspiro exasperado explodiu de dentro de mim. Minha cabeça bateu.

— Eu não fiz.

— As crianças precisam de um carimbo de tempo em tudo. Você não pode simplesmente dizer que ela foi lá. Você tem que dizer que é para sempre. E pelo amor de Deus, pare de sentir pena de si mesmo.

Agora eu estava chateado.

— Eu não estou, caramba. Se você quer saber a verdade, estou louco para caramba com Susannah. Ela estava transando com seu colega de trabalho e depois fugiu em uma viagem de negócios e foi morta, deixando-me segurando tudo.

A boca de mamãe se abriu por um segundo. Mas foi isso.

— Ah, e o acidente de avião foi culpa dela, suponho.

— O quê?

— O acidente de avião? Foi culpa dela, — mamãe repetiu.

— Não, não foi.

— Como eu disse, garoto. Você precisa colocar seus sentimentos para trás e pensar em seus filhos.

— Eu estou.

— Como diabos você está. Sinto muito que sua esposa não tenha sido fiel. Eu realmente sinto filho. Mas se ela tivesse voltado para casa, você teria lutado e se divorciado. Você estaria continuando assim? Você costumava ser o melhor pai que existe. Eu estava tão orgulhosa do jeito que você estava com Kinsley. Eu lembro como ela ficava quando você voltava do trabalho. Eu vi esse homem, Grey. Eu testemunhei isso com meus próprios olhos. Eu costumava estar aqui quando Susannah viajava. Esse homem se foi. Você age como se não desse a mínima para seus filhos. A ternura está ausente. Você é um homem completamente diferente e não pode continuar assim.

Ela estava certa. Minha mente voltou para aqueles dias antes de Aaron nascer, e eu estaria em casa cuidando de Kinsley quando Susannah estivesse fora.

— Paiii! — Ela correu até mim com os braços estendidos.

from
ASHES
to
FLAMES

— Ei, bolinha. O que você tem feito? — Eu perguntei, quando a levantei no ar e a girei ao redor. Seus gritos de prazer eram como um bálsamo para mim depois de um longo dia de trabalho.

— Jogando com Gammie. Nós estávamos fazendo fotos. Veja. — Ela apontou para a mesa onde o papel e lápis de cera estavam espalhados.

— Vamos dar uma olhada. — Eu a carreguei para lá, relutante em largá-la. Ela tinha uma maneira de colocar um brilho quente no meu coração. Era um tipo de sentimento que não veio de qualquer outra coisa e não poderia ser descrito a menos que você experimentasse você mesmo através de seus próprios filhos. Nós nos sentamos à mesa, ela no meu colo, e ela me mostrou todos os seus desenhos de arte, que não eram muito mais que bonecos. Ainda assim, eu soltei oooh e aaah para minha doce, adorável criança tinha criado para mim.

— Vamos colocá-los na geladeira porque eles são perfeitos. Eu amo todos eles. — Então, nós fomos e os colocamos lá para que eu pudesse vê-los todos os dias.

— Grey, você está me ouvindo, — disse a mãe, trazendo-me de volta ao presente.

— Sim mãe. Eu estou. — Culpa me picou como mil vespas. Meu comportamento desde que Susannah morreu foi horrível. Mas eu não conseguia sair dessa... depressão em que eu estava. Eu estava inventando desculpas? Talvez. Mas não importa o que eu fiz, incluindo minhas visitas ao psiquiatra, nada funcionou. Eu me odiava por isso também. Mamãe estava certa. Eu precisava fazer algumas mudanças sérias.

Papai e Pearson entraram no quarto. Papai disse:

— Eu peguei o Aaron no balanço. Como vai o corte do bolo? — Eles limparam a bagunça no chão. Então a cabeça do papai balançou para a frente e para trás entre nós dois e ele perguntou: — Oh, garoto, o que eu perdi? Ela disse para você parar de sentir pena de si mesmo?

Pearson desapareceu. Eu não o culpei.

Eu bufei

— Sim, ela disse.

— Ela está completamente certa, filho.

— Você também, hein?

— Sim.

Mesmo sabendo que ela estava certa, eu ainda sentia uma profunda traição pelo que minha esposa tinha feito, eu queria a absolvição do papai.

— Mãe, conte a ele sobre Susannah.

— Ela estava tendo um caso. Ele já sabe.

— Você não pode fazer muito sobre isso agora, pode, filho? — Papai perguntou.

Se eu achava que teria simpatia dos meus pais, estava completamente errado.

— Se eu pudesse transmitir um pouco de sabedoria aqui, que aprendi com a minha idade avançada.

Minhas sobrancelhas se ergueram porque meu pai tinha sessenta e poucos anos, mas não parecia perto disso.

— Quando vocês crianças nasceram e estávamos no meio das coisas, não pensamos no fator tempo. Mas então um dia nós acordamos e em um instante, você estava indo para a faculdade. O tempo passa em um piscar de olhos, Grey. Eu não estou brincando. Estou te implorando, não deixe que Susannah arruíne o que você tem com seus filhos. Amá-los. Isso é tudo que você precisa fazer. Além de ouvir sua mãe.

— E nessa nota, — disse a mamãe. — Eu queria que você soubesse que não vou mais para ajudar porque contratei uma babá para você.

Minha mãe acabou de dar o golpe final. O total bateu fora.

— Você fez o quê?

— Ela é filha da minha melhor amiga. Você se lembra de Trish? Bem, eu percebi que precisava me afastar dessa maldita catástrofe que você está passando aqui. Marin McLain, sua nova babá, estará aparecendo

hoje. Ela estará em tempo integral, ao vivo. Trate-a gentilmente, filho. Tomei a liberdade de preparar um dos seus muitos quartos no andar de cima para ela. É o único no final, mais próximo dos quartos das crianças. Dessa forma, ela pode chegar até eles mais rápido do que você, já que você está tão preocupado. — Ela franziu o cenho.

— Mãe. Isso não é justo.

— Filho não tem nada a ver com isso. O egoísmo, sentir pena de si mesmo, aquela velha desgraça é sua atitude, tem tudo a ver com isso. De qualquer forma, boa sorte. — Então ela se virou para o meu pai e disse: — Vamos dizer adeus às crianças.

Pearson entrou na ponta dos pés.

— Ei cara, eu acho que vou fazer faixas agora também.

— Você sabia sobre isso?

Sua expressão envergonhada era toda a resposta que eu precisava.

— Você realmente acha que eu estou sendo egoísta aqui? — Eu perguntei.

— A coisa é, Grey, você não está mais presente. Eu entendo o que mamãe está dizendo e também fico com raiva por você. Mas você não pode fazer nada sobre isso, então você tem que seguir em frente.

Hudson entrou enquanto Pearson falava.

— Pearson está certo. Eu estava tão chateado com a minha ex que eu deixei passar muito. E no final, foi muito estúpido. Eu perdi muito da vida de Wiley. Não deixe que isso aconteça com você.

Depois que eles foram embora, analisei mentalmente meu comportamento. Embora eu possa não ser o mesmo homem que eu era há seis meses, eu amava meus filhos. Eu tentei ser um bom pai para eles. Recolhendo Aaron do balanço, subi para o quarto de Kinsley, onde a encontrei desenhando uma foto.

— O que estamos fazendo, bolinha?

— Fazendo uma foto para a mamãe.

— Podemos conversar um minuto?

Ela virou os olhos castanhos para mim e eu ofereci um pequeno sorriso. Porque, mesmo depois de tudo, todos os sentimentos horríveis e odiosos, ainda me lembrava da primeira noite em que conheci Susannah. Olhando nos olhos da minha filha trouxe tudo de volta.

— Querida, você sabe quando eu disse que mamãe foi morar com os anjos?

— Uh huh

— Venha aqui um segundo. — Eu estava sentado em sua cama e dei um tapinha no lugar ao meu lado. Ela veio e eu a peguei, colocando-a no meu colo. — Quando eu te disse isso, eu quis dizer que ela está lá para sempre e não vai voltar. Você se lembra quando Gammie e Bebop tinham Tricks?

— Uh huh

— E Tricks morreu?

— Uh huh

— Tricks foi viver com os anjos também.

Sua minúscula boca rosada enrugou quando pequenas linhas se formaram quando suas sobrancelhas se juntaram.

— Então ela está com Tricks?

— Sim.

— Então, como Tricks. Não vou mais vê-la.

— Receio que não. Eu gostaria que pudesse ser diferente.

— Por que os anjos não me deixam emprestá-la um pouquinho de vez em quando, porque eu quero vê-la, como agora?

Escovando o cabelo para trás, eu disse:

— Essa é uma boa pergunta. Mas o céu precisa muito da sua mãe. Eu acho que os anjos também precisam dela.

— Mas eu preciso dela mais, papai. Eu sinto falta dela. Veja, é a minha foto que eu desenhei para dizer o quanto. — Ela apontou para o

que ela havia feito. Era um desenho de uma menina pequena e uma pessoa maior com um grande coração entre eles. Ou pelo menos é o que eu *pensava* que era. Enquanto Kinsley não era ruim em arte, eu não tinha nenhuma dúvida de que ela não era um Picasso ou qualquer outra coisa. Meu coração doeu por minha filha. Oh, como eu gostaria de poder contar uma história diferente. Mas eu não pude.

— Entendo. E isso é maravilhoso. Tenho certeza que mamãe adora porque acredito que ela pode ver do céu.

— Você acha?

— Eu acho.

— Como é que ela não disse adeus?

— Porque ela não queria partir. Foi um acidente, bolinha. — Porra, isso é tão difícil de explicar. Meu peito dói só de dizer isso a ela. — Ela nunca teria deixado você de propósito.

Ela fechou os punhos e esfregou os olhos. Eu a puxei para perto e a abracei.

— Sinto muito, querida. Mas vamos fazer o melhor que pudermos juntos. OK? Eu te amo muito e sei que você sente falta dela. Mas somos uma equipe, você, Aaron e eu. — Eu queria apertar ela porque odiava que ela estivesse passando por isso. Já era ruim o suficiente para um adulto. Mas como isso afetaria ela mais tarde?

— Eu tenho outra surpresa para você.

— O quê? — Ela cheirou.

— Temos uma nova babá chegando hoje.

— Ela é divertida?

É melhor que seja.

— Sim, ela é. Você vai amá-la. Apenas espere até que você a veja.

— Ela pode cantar e desenhar fotos?

— Bem, se ela não puder, você pode ensiná-la. Como isso soa?

— Bom, eu acho.

Voltamos para o andar de baixo e eu comi sorvete em vez do bolo que não comeríamos. Quando terminamos, acomodei Aaron no balanço e ligamos a TV. Cerca de uma hora depois, a campainha tocou.

— Ela está aqui, — Kinsley gritou, arrancando da sala e correndo para atender a porta.

— Kinsley, espere. — Mas antes que eu pudesse impedi-la, ela conseguiu abrir uma das grandes portas duplas com as duas mãos e então nós dois ficamos ali boquiabertos. De repente, Kinsley gritou:

— Olha, papai, é um arco-íris! — E isso foi um eufemismo.

Capítulo Cinco

Marin

O DR. WEST e seus dois anjinhos viviam apenas quinze minutos de mamãe e papai. Por causa disso, esperei até o último minuto possível para sair - tradução, até que mamãe e papai me empurrarem porta afora, jogando minhas duas malas no porta-malas do meu Toyota Corolla.

Antes de entrar, minha mãe agarrou meu braço e disse:

— Seja gentil com essas crianças. Eles são adoráveis e precisam de uma figura materna agora.

— Você está brincando certo? — Eu era a última pessoa que poderia se qualificar como uma figura materna no livro de qualquer um.

— Não. Você pode fazer isso, Marin, eu sei que você pode. — Ela me abraçou e me deu um beijo na bochecha. Papai apenas olhou para mim - o maior fracasso em seus olhos. Suas grandes esperanças para mim foram há muito tempo levadas pelo ralo. A filha que ele queria que fosse para a faculdade de direito estava agora a caminho de ser uma babá. Não que houvesse algo de errado com isso, mas era algo que eu estava sendo forçada a fazer. Quão fodido era isso?

Quando cheguei ao endereço que mamãe mandou no meu telefone, dei uma segunda olhada. Então eu verifiquei se estava correto. Estava. Este lugar é muito grande. Eu sempre achei que a casa dos meus pais era grande, mas isso era o dobro do tamanho da deles. Por alguma razão, eu tinha em mente que eu estaria vindo para uma casa aconchegante que seria fofa e confortável. Esta casa parecia imponente. A entrada de carros circulou na frente, mas também deu a volta, só havia um portão que me

impedia de ir nessa direção. Então, parei na frente da casa e fiquei lá por alguns instantes. É melhor eu acabar com isso.

Um conjunto de formidáveis portas de madeira me desafiou a tocar a campainha. Eu não estava tão intimidada desde a minha primeira entrevista de emprego. Pressionando o botão, eu podia ouvir a campainha tocando. Eu esperei, pacientemente, porque imaginei que com uma casa tão grande, levaria dias para alguém encontrar o caminho até a porta.

Quando aquele evento abençoado ocorreu, eu me encontrei diante de dois pares de olhos. Um par de íris cor de avelã que cresceram de forma incremental, quanto mais tempo ela olhava para mim, e outro conjunto de cinza, emoldurado por um dos rostos mais impressionantes que eu já vi. Uma mandíbula quadrada coberta de uma barba sexy salpicada com um tom de cinza, complementado por um nariz reto e cabelos que pareciam ter sido habilmente penteados, feitos para um pacote perfeito.

A menina era positivamente linda. Suas feições pareciam com as do pai, e então ela deixou escapar como eu a lembrei de um arco-íris, apenas a expressão de seu pai indicava que eu estava mais na linha de uma aberração da natureza.

Decidindo pular direto nessa situação embaraçosa, eu disse:

— Está certo. Meu nome é Marin McLain e por acaso eu amo arco-íris e cores brilhantes. E quem é você?

— Eu sou Kinsley. Eu amo cores brilhantes também. — Ela pegou minha mão e me puxou pelo pai. — Você gosta de colorir e desenhar, porque eu tenho muitos gizes de cera e outras coisas.

— Sim. Nós podemos colorir se você quiser. Mas que tal falar com seu pai por um minuto primeiro?

— OK.

Quando voltei para cumprimentar o Dr. West, ele estava no mesmo lugar, de pé na porta.

— Você é filha de Trish? — Era óbvio que eu não era bem o que ele esperava.

— Eu sou. — Eu estendi minha mão para ele. Finalmente ele me cumprimentou, embora parecesse mais do que um pouco relutante. Eu quase disse a ele que não iria morder ou dar-lhe piolhos.

— O que é essa coisa no seu nariz? — Kinsley perguntou.

— É um aro de nariz, — eu disse, explicando o meu piercing.

— E porque você tem isso?

— Porque eu gosto.

— Oh. É um aro de nariz no seu ouvido? — Ela apontou um pequeno dedo para mim.

Ela estava perguntando sobre o meu piercing em hélice.

— Não, isso é um brinco.

— Oh. Por que você tem aquelas flores no seu braço?

Nada passou por esta garotinha quando ela perguntou sobre minhas tatuagens. Eu tinha uma série de rosas vermelhas e rosas entrelaçadas que começavam na parte de baixo do meu braço e envolviam meu pulso.

— Bem, acontece que eu amo flores. Você gosta de flores?

— Sim. Eu costumava dar flores a minha mãe, mas ela foi morar com os anjos e papai disse que ela nunca voltará para casa.

Eu engoli. O que eu digo sobre isso?

— Sinto muito, Kinsley. Aposto que ela gostaria de poder voltar para casa, mas também sei que está cuidando de você todos os dias.

Ela franziu o nariz e perguntou:

— Como você sabe disso?

— Porque se ela está com os anjos, é o que ela faria. Isso é o que os anjos fazem. Todo mundo tem um anjo da guarda para vigiá-los. Então, a maneira que eu vejo é que sua mãe também estaria fazendo isso.

— Oh. Papai, você já falou com ela o suficiente?

Olhando para o Dr. West, notei ele olhando para mim. Ele era meio que um cara de aparência rígida, como se suas nádegas estivessem presas juntas com força.

— Kinsley, você deveria ir brincar. Ou talvez vá verificar Aaron por um minuto, para que Marin e eu possamos conversar um segundo ou dois.

— Oookkaaayy. — Ela pulou para fora do vestíbulo, deixando nós dois sozinhos.

— Eu espero que você queira me mostrar por aí e tudo.

Tomando seu polegar e indicador, ele massageou seu queixo.

— Sim, claro. Siga-me por favor. — Ele me deu um tour pela casa, que era expansiva. Eu quero dizer enorme. Havia uma sala de estar formal, que parecia não ter sido usada há algum tempo, um quarto de família, que era uma bagunça total, um cômodo menor, uma cozinha gigantesca, uma sala de jantar formal e sem uso, seu escritório - que estava fora dos limites, - uma grande lavanderia, uma sala de mídia - também uma bagunça, e depois havia o andar de cima. Passamos apressadamente por seu quarto que ficava no final do corredor e tinha portas duplas. O corredor continuou até cinco outros quartos. As crianças ocupavam dois e eu deveria ter um ao lado do delas. Cada um dos quartos tinha seu próprio banheiro. Esta casa era palaciana. Quem precisava de todos esses quartos?

Ele limpou a garganta.

— Eu acho que você deveria saber que esta casa está à venda.

— Oh. Eu não vi uma placa na frente.

— Não, não há uma. As exibições são apenas com hora marcada.

Seu tom gelado e cortante indicava que eu deveria saber disso. O último lugar que eu morava, além dos meus pais, era um minúsculo apartamento de um quarto. Como eu ia saber isso?

— Entendo. Você vai ficar nas proximidades?

— Não muito longe. Quero ficar perto da Escola Dia do Carvalho, para Kinsley e depois para Aaron.

Ahh, ela foi para a escola privada de elite nas proximidades.

— Claro. Eu suponho que você queira algo menor.

— Por que você supôs isso? — Ele perdeu a cabeça.

Sua atitude arrogante me fez dar um passo para trás.

— Eu, bem, quer dizer, este é um lugar realmente grande.

— O tamanho da minha casa não é da sua conta, srta. McLain.

Uau. O cara era rude.

— Está bem então. Eu apenas pensei...

— Sobre seus pensamentos. Pode ser melhor se você os guardar para si mesma, — ele gritou. — Estou tentando tornar isso o mais fácil possível para Kinsley e ela não precisará de nenhum estresse adicional à mudança.

— Sim senhor.

Um corte de sua cabeça perfeita foi tudo que consegui como resposta. Eita, ele com certeza era um idiota divertido. A maioria dos pais gostaria da entrada de suas babás. Isso foi estúpido. Como diabos eu saberia? Eu nunca tinha feito antes. Talvez eu precisasse fazer um curso de babás antes de começar a pensar como uma babá.

— Para a cozinha então.

Ele me levou pela escada dos fundos e me perguntei como as crianças estavam se saindo, então me forcei a perguntar.

— Há monitores e câmeras por toda parte. Veja? — Ele apontou para a parede onde eu podia ver uma pequena tela de vídeo. Nele estavam Kinsley e seu irmãozinho. Ele estava alegremente se balançando no berço. O Dr. Mau humor segurou seu telefone e disse: — Eu tenho um aplicativo. Você deve baixá-lo também. Vou preparar para você. Você pode verificar as câmeras por ele também.

— Uh, a memória do meu telefone é pouca.

Um enorme suspiro de exasperação saiu dele. Então ele estalou os dedos.

— Me dê isto.

— O quê?

— Seu telefone.

Eu cavei no meu bolso e puxei meu telefone.

— Aqui.

— Jesus, quantos anos tem isso? — A nitidez subiu seu tom.

— Eu não sei. Alguns anos talvez.

Ele balançou sua cabeça.

— Isso não vai adiantar. — Então ele checou o relógio. — Depois que eu te mostrar onde estão todos os itens de comida e cozinha, eu tenho que correr para o hospital. Antes de ir, vou parar na loja de telefones e comprar um novo para você.

— Você não pode me comprar um novo telefone.

— Por que não?

— Porque eu não vou deixar você fazer.

— Você irá. Este aplicativo é uma necessidade se você for trabalhar aqui e este dinossauro nunca permitiria que ele fosse baixado.

Eu me movi para frente e para trás nos meus pés. Isso era super embaraçoso.

— O quê? — Ele perguntou.

— Eu não posso pagar por um novo telefone.

— Você é surda ou tem algum problema no processamento de informações?

Ele sempre era tão ofensivo? Quero dizer, ele era um médico e eles às vezes tinham essa reputação imbecil, mas ainda assim. Eu estava aqui para cuidar de seus filhos. Você pensaria que ele seria legal comigo. Se eu contratasse alguém para alimentar meu peixinho de estimação, eu seria

super legal com ela porque você nunca sabe. Essa pessoa poderia deixar meu peixinho morrer de fome e como eu saberia?

— Não! Tenho excelente audição e processo informações muito bem, muito obrigada. — Eu *parei* o *babaca* no final porque eu estava me sentindo um pouco legal.

— Eu disse que compraria. Me siga.

Porra ele estava sempre exigindo. Ele me mostrou onde tudo estava e depois me deixou para lidar com as crianças. Okei dokie. Isso deve ser interessante.

Entrei no enorme quarto da família e vi Kinsley fazendo cócegas em Aaron. Ele estava gargalhando, o que me fez rir. Ele era absolutamente precioso e eu me encontrei derretendo em meus Chucks.

— Hey, pessoal.

Kinsley se virou e disse:

— Cuidado, Marnie.

— Er, Kinsley, meu nome é Marin.

— Eu sei, mas vou te chamar de Marnie. É mais divertido. — Hmm. Eu imaginei que era melhor que Barnie. Eu tive uma visão daquele grande dinossauro roxo que eu amava quando criança. *Eu te amo, você me ama...*

Ela enfiou os dedos nos ouvidos de Aaron e ele riu como um louco. Isso me fez rir junto com ele.

— Ele realmente gosta disso. — Ela fez isso de novo. Fiquei de olho neles e perguntei o que eles queriam para o almoço.

— Aaron geralmente come um monte de coisas moles e eu quero batatas fritas.

— Por que não vamos todos para a cozinha e damos uma olhada?

Kinsley agiu como se eu tivesse lhe dado uma uva azeda.

— Eu não acho que nós gostamos disso.

— O quê?

— Olhada

Segurei minha risada.

— Oh, isso é apenas um ditado. Em vez de olhar e ver o que comer, eu disse vamos dar uma olhada em vez disso.

— Oh. — Ela se iluminou e sorriu. — Vamos. Eu vou te mostrar nossas coisas.

Ela pegou minha mão livre porque a outra estava carregando Aaron e fomos para a cozinha em busca de comida.

Então ela colocou uma mão no quadril e com a outra, ela apontou para dois armários.

— Este tem as coisas boas e esse tem as coisas nojentas.

— Coisas nojentas

— Uh huh. O mingau de Aaron está lá. O material amarelo, laranja e verde e outras coisas nojentas. — Ela fez uma careta.

Abri as portas e vi aveia, comida para bebês, comida enlatada e coisas assim. O outro tem lanche.

— Sim, essa é a coisa boa, — ela gritou e bateu palmas.

Não realmente, mas vamos deixar passar. Talvez eu pudesse levá-los a comer algumas frutas e legumes.

— O que tem na geladeira? — Eu perguntei.

— Lá. — Seu braço disparou como uma flecha. Acho que ela queria que eu desse uma olhada. Ela continha frango, peru, salada, cenoura, aipo, tomate, iogurte, queijo cottage, todos os tipos de frutas, queijo, leite, sucos e muitas outras coisas.

— Parece que temos todos os tipos de guloseimas para escolher. Você gosta de sanduíches? — Eu perguntei.

— Sim. Manteiga de amendoim e geleia.

— E peru?

— Não.

— Hmm. Você gosta de cenoura e aipo?

— Sim.

— Que tal iogurte? — Ela fez uma cara horrível, então eu assumi que ela não gostava. — Onde está o pão?

Ela correu para uma gaveta e abriu-a. Dentro revelou todos os tipos de pão, variando desde o pão para sanduíche para muffins ingleses e bagels. Era uma padaria ali. Quem come tanto pão?

— Eu vou começar a trabalhar. Quer ajudar?

Ela nunca respondeu, mas disse:

— Você vai fazer um sanduíche para Aaron também, porque você vai ter que fazer o seu mole?

— Não, eu vou fazer sua comida.

— OK.

Ela sentou-se à mesa e me olhou enquanto eu fazia seu sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Eu descasquei e cortei uma cenoura para ela e, em seguida, servi-lhe um copo de leite gelado.

— Aqui está, princesa.

Ela riu.

— Eu não sou uma princesa. Eu sou uma bolinha.

— Uma bolinha? Como você chegou a ser uma bolinha?

Ela ergueu seus ombros.

— Eu não sei, mas é o que papai me chama. Sua grande *bolinha* e Aaron é seu *cachos*. — Ah, eu não achei que aquele cara indigesto tivesse isso nele.

Ela comeu enquanto eu dava a Aaron suas comidas pastosas. Eu ri quando ele sorriu com a boca cheia, mas eu não estava rindo tanto quando ele cuspiu da boca para mim e me cobriu com cenouras.

— Eca, nojento. Aaron pegou e cuspiu sua coisa mole em você. — Kinsley gritou como se eu não tivesse percebido.

Minha camisa branca estava salpicada com comida e eu esperava que saísse.

— Você deveria se abaixar como Gammie faz.

— Eu saberei melhor da próxima vez.

Mais tarde naquela noite, quando as crianças estavam banhadas, de pijama e colocadas na cama, o Dr. Mau humor chegou em casa. Ele deu uma olhada para mim e disse:

— Sua camisa está manchada. — Eu acho que ele achou que eu não tivesse olhos ou algo assim. Então ele me entregou o novo telefone. — O aplicativo já foi baixado e configurado. Não deve ser difícil de mexer. Eu também inseri meu número de telefone e a linha da casa.

É isso aí. Não: *Como foi o dia? As crianças estão bem?*

Ele caminhou em direção ao seu escritório. Não subiu para verificar as crianças também. Eu cocei a cabeça. Que tipo de pai ele era? Ele não se importava de deixar seus filhos com um estranho o dia todo? Ele estava mesmo preocupado? Eu estaria frenética, e nem gosto de crianças. Mas eu tinha que admitir, essas crianças eram super fofas e divertidas. E eles estavam crescendo em mim... rápido. Era desconcertante como eu não me importava de passar tempo com eles, nem um pouco. Mesmo trocar as fraldas de Aaron não me incomodava e eu nunca tinha trocado uma fralda antes. A maneira como o pai agiu me fez querer passar ainda mais tempo com eles. Não é de admirar que Kinsley tenha implorado tanto por uma história na hora de dormir. Eu ia fazer o meu melhor para ser uma boa babá para eles. Eu posso não ter muita experiência, mas poderia tentar. Eu costumava ser divertida. Em algum lugar, lá no fundo, havia um propósito para minha vida. Eu não tinha percebido ainda, mas talvez isso estivesse me levando nessa direção.

Capítulo Seis

Greydon

DEPOIS QUE SAÍ DE CASA, fui até a loja de celular e fiz Marin alinhar, já que era uma prioridade. Então eu fui para o centro do coração no hospital. O laboratório de eletrofisiologia estava me esperando.

— Desculpe estou atrasado.

Não tem problema, doutor West. Estamos prontos quando você estiver.

Eu tive que induzir uma arritmia em um paciente para descobrir por que ele continuava tendo eles. A pior parte desse procedimento foi manter o paciente calmo.

— Sr. Fisher, como vai você? — Eu perguntei.

— Eu quero acabar com isso.

— Claro que você faz. E nós vamos fazer isso acontecer. Nós queremos que você relaxe, então vamos lhe dar algo para isso. Como isso soa?

— Bom.

— Dr. West, qual ponto de inserção? — A enfermeira perguntou.

— Pulso.

Ela preparou o paciente enquanto eu perguntava:

— Sr. Fisher, você se lembra de como discutimos o que eu faria?

— Sim.

Ele já estava mais calmo. Bom.

— Vamos, — eu disse para a enfermeira.

A enfermeira encontrou a veia e eu fui trabalhar inserindo a bainha. Em seguida, passei o fio dos cateteres pela veia até o coração guiado por raios-X.

— Como você está, Sr. Fisher? — A enfermeira perguntou.

— Tudo bem, — disse ele, em tom grogue.

Uma vez que os cateteres estavam na posição adequada, enviei impulsos elétricos através deles para induzir arritmias, mapeando de onde elas vinham. O Sr. Fisher não demorou muito.

Uma das enfermeiras chamou:

— Dr. West, paciente é...

— Eu tenho isso. V-fib[5]. Sr. Fisher precisa de um CDI. — Um CDI era um desfibrilador cardioversor[6] implantável. Era um pequeno aparelho que plantávamos debaixo da clavícula, que automaticamente levava o coração de volta ao ritmo normal. — Vamos fazer isso. — Eu tinha assumido que esse era o problema, mas tínhamos que ter certeza.

— Dr. West, estamos prontos.

Tudo o que foi preciso foi uma pequena incisão usando imagens de raios-X e inserindo os fios nas câmaras do coração onde o problema estava ocorrendo.

— Vamos começar.

Enquanto eu ainda estava no interior com os caths[7], nós testamos apenas para ser positivo que estava operacional e o levaria de volta ao ritmo. Tudo funcionou como um encanto.

— Sr. Fisher, você ainda está acordado? — Eu perguntei.

---

[5] Também chamada de: Fibrilhação ventricular. A fibrilação ventricular (FV) é um ritmo cardíaco acelerado, com risco de vida, que se inicia nas câmaras inferiores do coração. Pode ser desencadeada por um ataque cardíaco.

[6] Desfibrilador, **cardioversor**: de fato, ambos são direcionados para a liberação de estímulos elétricos no coração

[7] Port-a-cath sistemas são pequenos dispositivos que são cirurgicamente colocados logo abaixo da pele (geralmente na frente do peito), que estão ligados a um tubo que é colocado nas principais veias do pescoço. Um cateter conecta a porta à veia; esta porta também tem um septo (abaixo da pele) que permite a fácil administração de drogas e a tomada de sangue.

— Uh huh, — ele respondeu.

— Eu acredito que você pode ir.

— OK.

Tudo o que ele queria fazer era dormir.

— Bom trabalho para todos. Sr. Fisher vou te ver daqui a pouco.

Deixei o laboratório do EP, conversei com a família do Sr. Fisher para que eles soubessem que tudo correu bem e fui para a sala de descanso. Eu teria que ditar seu caso e, em seguida, traçá-lo no computador. Eu decidi verificar meu telefone para ver o que estava acontecendo em casa.

Todo mundo estava na cozinha e Kinsley estava dizendo a Marin, que ela estava chamando Marnie por algum motivo, que ela só gostava de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia. Rapaz, ela enganou Marin rápido. Aquela espertinha. Eu assisti Marin para ver como ela lidava com as crianças por alguns minutos e estava satisfeito que eles estavam bem. Então voltei a trabalhar.

Fui chamado ao departamento de emergência para checar um paciente que veio com o V-tach[8] porque eu era o único cardiologista no hospital. Depois de rever todos os testes que tinham sido realizados junto com a terapia que havia sido iniciada, consultei o médico assistente.

— Ele precisa de um cateter. Tenho certeza que ele está bloqueado em algum lugar. Vou ligar para um dos meus parceiros.

— Obrigado.

Eu fui a sala do médico para chamar o serviço, verificando quem estava de plantão. Então eu liguei para Josh e expliquei a situação. Seu palavrão me disse que ele concordou que não era uma boa notícia.

— Eu estou a caminho. ETA em vinte, — disse Josh.

— Eu vou retransmitir isso. Obrigado.

[8] Condição em que as câmaras inferiores do coração (ventrículos) batem muito rapidamente.

Quando Josh chegou, juntei-me a ele no laboratório de cateterismo, mas quando entramos nas artérias coronárias do paciente, o que descobrimos foi pior do que esperávamos. Nós fizemos todo o possível, mas ele não respondeu. Nós lhe demos choques três vezes, mas nunca conseguimos trazê-lo de volta ao ritmo normal e ele morreu.

Josh amaldiçoou e eu tirei minhas luvas enquanto checava a hora. Depois de pronunciar a hora da morte, fui para a sala de espera. Essa era a parte do meu trabalho que eu mais odiava. Sua esposa olhou para cima quando me aproximei e ela soube. Eles sempre sabiam.

— Eu sinto muito. Fizemos tudo o que pudemos.

Ela agarrou quem quer que fosse que esperou com ela e quebrou chorando. Eu pensei brevemente que era o que eu deveria ter feito quando ouvi as notícias de Susannah. Em vez disso, fiquei com mais raiva por nunca ter tido a chance de contar a ela como me sentia.

— Você gostaria de vê-lo? — Eu perguntei.

— Posso?

— Sim. Venha comigo. — Eu peguei a mão dela e disse à pessoa que a acompanhava que ela também poderia ir junto. Quando cheguei à porta do laboratório, eu disse a eles: — Ele parece bem, como se estivesse dormindo, se você está se perguntando.

Eles me seguiram para dentro, onde ela começou a soluçar ainda mais. Eu já tinha visto muitas vezes. Era difícil deixar um ente querido ir, especialmente quando apenas momentos antes você tinha falado com eles, talvez até compartilhando uma risada ou duas.

— Leve todo o tempo que você precisar, — eu disse a eles.

Deixando, informei as enfermeiras para permitir que ficassem o quanto quisessem.

— Me escreva se você precisar de mim.

— Claro Dr. West.

Eu encontrei Josh de volta na sala e ele balançou a cabeça quando me viu entrar.

— Você sabe, nunca fica mais fácil, não é? — Ele perguntou.

— Não, nunca. De certa forma, fica pior. No início, culpei a falta de experiência. Eu não posso mais fazer isso. Meu nível de habilidade não vai ficar melhor do que é agora.

— Você está certo. Eu não tinha pensado nisso. Eu odeio ir para casa depois de perder um paciente.

Não havia nada a dizer sobre isso. Ir para casa nos dias de hoje era difícil, ponto final. Mas adicionando uma perda tornou ainda mais pungente. Estava ficando tarde. Fiz uma checagem rápida na câmera e vi que Marin estava colocando as crianças na cama. Era hora de terminar minha documentação e sair daqui. Quando terminei, percebi que Josh ainda estava lá, olhando para a tela do computador.

— Você está bem? — Eu perguntei.

— Eu estava prestes a te perguntar o mesmo. Tudo bem em casa?

Eu sabia o que ele estava se referindo, mas agora não era a hora de discutir isso.

— Está bem.

— Eu pensei que depois de hoje, você poderia... — ele deu de ombros.

— Minha mãe se despediu e encontrou uma nova babá para mim.

— Sério?

— Ela estava doente e cansada da minha disposição podre.

Recostando-se na cadeira, ele disse:

— Você não é tão ruim.

— Vamos, Josh. Você pode ser honesto comigo.

— Ok, você é um maldito caranguejo o tempo todo, eu admito. Mas, porra, você tem um bom motivo para estar assim.

— Talvez, mas eu preciso seguir em frente. É só isso... eu não sei. Eu ainda estou tão fodidamente chateado.

— Você já pensou em se juntar a um desses grupos de apoio?

— Eles não têm um para cônjuges que morreram de repente logo depois que você descobriu que eles estavam traindo você.

— Ouch. Deve ser horrível manter essa raiva dentro de você, mas Grey, você tem que deixar passar.

— Agora você soa exatamente como minha mãe.

— Mães são espertas assim.

Eu belisquei a ponte do meu nariz para aliviar a dor que se formava ali. Ele estava certo, mamãe estava certa e o resto do mundo também.

— Eu sei, mas o problema é que não sei como fazer isso.

— Tem de haver alguém com quem você possa conversar sobre isso.

— Eu tenho. Três terapeutas para ser exato e todos disseram o mesmo. Deixe ir. Só não consigo fazer isso. — Eu apertei minhas omoplatas porque elas estavam doendo agora também. Eu não mencionei o problema adicional que tive. Havia a questão de saber se Aaron era ou não meu filho, o que só acrescentou gasolina ao fogo já flamejante no meu intestino.

— E hoje não ajudou, não é?

— Não exatamente. Eu tenho que ir. As crianças já estão na cama e meu status de pai do ano fica cada vez pior a cada dia.

— Ei, Grey, se é algum consolo, você é um dos melhores médicos com quem tive o privilégio de trabalhar.

— Obrigado, Josh. Vou manter isso em mente quando meus filhos não souberem quem eu sou em outro ano.

Quando entrei na cozinha, Marin estava lá. Ela me cumprimentou com um sorriso que rapidamente morreu quando viu a expressão no meu rosto. Notei sua camisa manchada e vi na minha cabeça Aaron cuspindo um bocado de comida nela. Eu quase ri, mas não tenho isso em mim no

momento. Ele amava fazer isso. Mencionei a mancha e entreguei-lhe o novo telefone antes de me dirigir ao meu escritório. Eu precisei de alguns momentos para descomprimir. Perder um paciente realmente me sugou. Eu pensei sobre sua pobre família e como eles estavam lidando com isso. Na minha cabeça, eu corri através dos passos que tomamos apenas para me satisfazer, fizemos tudo que poderíamos ter feito. Eu sentei no escuro, deixando a calma tomar conta de mim. Ajudou um pouco, mas a presença de Susannah nessa casa sempre permaneceria. Eu ficaria feliz em fugir daqui.

Meus pensamentos fizeram um retorno para Aaron. Uma grande parte de mim queria um sinal ou alguma maneira de dizer que ele era meu. Mas o garoto estava parecendo mais e mais com sua mãe todos os dias. Exceto por seus olhos, que eram cinza como os meus, ele era Susannah em todos os sentidos. E os olhos eram problemáticos. Eu abri a gaveta da mesa e olhei para a foto do cara que minha esposa estava transando. Cabelos escuros como os dela e olhos cinzentos como os meus. Quais eram as chances? Eu me atreveria a fazer um teste de DNA? Valeria a pena? Se eu descobrisse que ele não era meu, o que então? Eu ainda poderia amá-lo?

Essa pergunta me atormentava constantemente. O garoto puxou meu coração por tantas malditas razões. Eu não era um bastardo sem coração. Ele nunca conheceria sua mãe. E mesmo com todas as coisas de merda que ela fez, ela sempre foi boa para seus filhos. Ainda me pergunto como ela poderia ter levado uma vida tão duvidosa. Ela com certeza tirou tudo bem.

Rolando meus ombros para aliviar a tensão acumulada, decidi verificar as crianças. Subi as escadas e fui primeiro para o quarto de Aaron. Ele estava aconchegado com seu brinquedo de pelúcia favorito - um elefante cinza - e dormia profundamente. Minha pequena bolinha estava dormindo também. Ela estava deitada de costas, com um braço sobre a

cabeça e chutou as cobertas. Eu a coloquei de volta e olhei para a pequena beleza. Meu coração apertou enquanto eu olhava para ela. Ela estava crescendo tão rápido e eu estava sentindo falta desse tempo com ela. Mamãe me pregou sobre isso e disse que eu me arrependeria de estar longe dela. Eu precisava fazer o meu melhor para estar perto das crianças o máximo possível. Antes de eu sair do quarto dela, peguei alguns de seus brinquedos espalhados e os coloquei de volta nos recipientes onde eles pertenciam. Então saí na ponta dos pés, fechando a porta suavemente atrás de mim.

Meu estômago soltou um grunhido alto, me lembrando que eu não tinha comido desde o café da manhã, então eu fui para a geladeira em busca do jantar. Quando cheguei lá, Marin estava na cozinha, sentada no balcão, tomando um pouco de chá.

Sem falar muito, fui preparar um sanduíche e salada e me sentei no lado oposto do balcão onde meu laptop estava. Eu pretendia pôr em dia algumas anotações em que eu estava atrasado. Mas assim que abri a coisa, Marin disse:

— Isso é um pouco rude, não acha?

Eu imediatamente parei de mastigar e olhei para ela por um segundo. Do que diabos ela estava falando? Foi rude comer na frente dela ou ler?

Depois que eu engoli minha mordida, eu disse:

— Não estou entendendo.

— Você saiu e foi embora por um bom tempo. Então, quando você chegou em casa, você nunca perguntou sobre as crianças. Você não se importa nem um pouco?

— Desculpe?

— Você é surdo?

Quem ela achava que era?

— Não, eu posso ouvir muito bem. Estou tendo problemas em processar seu interrogatório sobre mim.

— Por quê? Não está claro?

— Por quê? Eu vou te dizer por que. Não é da sua conta. É por isso, eu estalei. — Eu não pude acreditar no nervo que ela tinha.

— Eu sou a babá dos seus filhos, então isso é da minha conta. Eles queriam ver o pai deles, mas você chega em casa tarde demais e não dá a mínima para eles, nem sequer perguntou como foi o dia deles.

Isso se tornou perto de uma partida de gritos. Antes de dizer mais alguma coisa, que eu me arrependeria, fechei o laptop, peguei meu jantar e entrei no meu escritório. Eu tinha certeza que a fumaça soprava das minhas narinas até então e meu apetite havia desaparecido. Aquela garota era uma merda no trabalho.

Uma vez no meu escritório, eu joguei meu sanduíche e me sentei na cadeira. Agora eu precisava encontrar uma nova babá. Eu não poderia tê-la aqui com a minha existência já estragada. Antes que eu pudesse ligar para minha mãe para reclamar, a porta do escritório se abriu e ela ficou na frente da minha mesa parecendo o próprio diabo. Exceto que esse demônio tinha cabelos da cor de um caleidoscópio e parecia que estava carregada de eletricidade.

— Para onde diabos você pensa que está fugindo? Eu não terminei. São sobre seus filhos que estamos discutindo.

— Exatamente. *Meus* filhos. Não *seus*. Você deve ter isso em mente.

— Você é o único que deve ter em mente que tem filhos para começar.

Eu me levantei tão rápido que a cadeira voou para trás e bateu na parede.

— Você presume demais. Você não sabe nada sobre mim. Como é que você formou essa opinião sobre mim em menos de dez minutos que passamos juntos? É assim que você trata todos que conhece?

Ela rosnou para mim.

— Não. Apenas aqueles que merecem isso.

— Eu acho que é melhor você sair.

— Eu também acho. Ah, e aquelas crianças, são as crianças mais adoráveis que já conheci. Eles precisam de um pai. Você deve prestar atenção a eles. Talvez abraçar e beijá-los de vez em quando.

Que diabos!

— E o que você sabe sobre a criação dos filhos?

— O suficiente para perceber quando as crianças precisam de amor.

— Ah, e a minhas nunca ganham? Você tem certeza? — Sua boca se abriu e fechou. Ela não respondeu. — Então?

— Eu nunca disse isso.

— Não, porque você seria uma mentirosa se tivesse. Eu amo meus filhos, mas não tenho que justificar isso para você ou qualquer outra pessoa.

— Então por que você não subiu quando chegou em casa?

Uma enorme onda de ar deixou meus pulmões. Eu estava cansado. Tão cansado. Tudo o que eu queria fazer quando chegava em casa era relaxar, ver meus filhos, jantar e ir para a cama. Mas aqui estava eu, discutindo com a babá de cabelo de arco-íris. O que diabos aconteceu com a minha vida?

Eu esfreguei meus olhos e disse:

— O trabalho é um destruidor de bolas. Eu perdi um paciente hoje. Eu vim aqui para limpar a minha cabeça. E, para sua informação, subi as escadas e verifiquei Aaron, depois minha bolinha. Depois fui até a cozinha para fazer um sanduíche. Eu não tinha comido desde o café da manhã. Então você me encheu o saco. Satisfeita?

Ela estava do outro lado da mesa, naquela camisa ridiculamente manchada e quando terminei com a minha explicação, sua cabeça balançou para cima e para baixo uma vez, e ela disse:

— Sim. — Então ela correu porta afora.

Acho que minha mãe mandou uma babá psicopata aqui para me testar e eu ia matá-la.

Capitulo Sete

Marin

JESUS ME SALVE. Eu apenas cai matando em cima dele e um de seus pacientes morreu hoje. Oh meu Deus. Um soluço explodiu de dentro de mim enquanto eu corria para a lavanderia para me esconder. Quando acontecia algo assim, eu era a pessoa mais fraca do mundo. *Marin não lidava com tristeza. Marin era horrível com isso.* Como ele fazia isso... contar às famílias esse tipo de notícia? Bom Deus. Tinha que ser a pior coisa explicar que alguém morreu. Outro soluço saiu de dentro de mim. Eu sentei no chão com uma toalha pressionada contra o meu rosto.

Foi assim que ele me encontrou.

— O que você tem? — Ele ficou na minha frente como um soldado pronto para a batalha.

— Nada.

— Não minta para mim. Nunca. Mentir é uma quebra de acordo. Eu espero que esteja sendo claro. Eu posso aceitar muitas coisas, mas mentir não é uma delas.

Sua voz severa me fez vacilar.

Eu balancei a cabeça.

— Você teve que dizer a essa família que alguém que eles amavam morreu. — E eu solucei mais um pouco. Você *já parou, seu grande bebê chorão.*

Ele esfregou a mandíbula onde a barba sexy cresce. Barba sexy? Que diabos. O homem tinha idade suficiente para ser meu pai. Ok, ele não era *tão* Velho. Nossas mães eram amigas, então ele não podia ser muito velho. Mas eu precisava descobrir. Eu não podia estar pensando que

alguém era quente e eles eram da idade do meu pai. Isso era assustador e grosseiro.

— Quantos anos você tem?

Ele piscou duas vezes.

— Quarenta e um. Por quê?

— Jesus, você é velho. — Eu funguei o resto do meu choro.

Ele bufou e olhou para mim.

— Não sou velho. Você tem vinte e poucos anos e pensa que todos com mais de trinta e cinco anos são velhos. Apenas espere. Vai ser a sua vez um dia.

— Sim, mas quando eu chegar a ser tão velha, vou ser legal. Não indigesta e mal-humorada.

Ele grunhiu, mas não disse nada.

— É difícil?

— O que é difícil?

Ele era tão chato. Ele não prestou atenção?

— Você não consegue acompanhar uma conversa? É difícil dizer a uma família?

— Você sabe algo? Você está agravando como o inferno. Eu posso seguir uma conversa muito bem, mas você pula em todo o lugar como um coelho maldito. E sim, é extremamente difícil. Eu desprezo isso. Fica pior a cada momento.

Eu cruzei meus braços e me abracei, joelhos puxados para o meu peito. Meu coração bateu no pensamento de alguém ter que fazer isso.

— Eu não posso imaginar.

Sua voz era baixa quando ele disse:

— Nem tente.

Nós dois estávamos em silêncio, ele em pé e eu sentada. Eu tive dificuldade em envolver minha cabeça em torno do que ele tinha que fazer hoje. Finalmente, decidi que era hora de seguirmos em frente.

— Você vai ficar aqui a noite toda? — Eu olhei para ele como se ele fosse o lunático.

— Você veio aqui primeiro. — Ele olhou de volta para mim

Esse foi um pequeno detalhe que eu tinha esquecido. Eu me levantei e entrei na cozinha.

— Você deve saber que eu verifiquei você e as crianças durante todo o dia.

— O quê? — O que ele estava falando?

— As câmeras. Lembra? É por isso que eu queria que você tivesse o celular? No qual você deve prestar mais atenção enquanto trabalha. Eu não os coloquei aqui para nada. E outra coisa... você não deve julgar as pessoas. E antes de tentar negar, nem se incomode.

Ele estava certo. Eu julguei ele.

— Certo. — Agora eu me sentia positivamente estúpida. E horrível. E uma idiota total.

Seus lábios sensuais eram pressionados em uma linha dura e fina. Então ele acrescentou:

— Eu sabia que você e as crianças estavam bem. Bolinha gosta de você. Você também deve saber que ela gosta de sanduíches de peru e jogou na manteiga de amendoim e geleia. Ela é complicada assim.

Eu estalei meus dedos.

— Aquele pequena pestinha. Eu vou pegá-la.

— Cuidado. Quer alguns conselhos?

Inclinei a cabeça e pensei por um segundo.

— Certo.

— Não dê a ela uma escolha. Apenas faça algo e ela vai comer. E fique longe de Aaron quando você o alimentar. Ele manchou a frente minha camisa com o dedo.

— Sim, eu peguei isso imediatamente. Eu estava pensando que sou eu quem precisa do babador.

Ele riu. Uma boa gargalhada. E soou melhor do que nós discutindo.

— Ei, podemos ter uma trégua? — Eu estendi minha mão e ele pegou. A dele era morna e firme quando ele agitou isto. Parecia... legal. Eu relutantemente puxei para longe e senti minhas bochechas coradas pelo calor.

— Você é boa com as crianças. Muito melhor do que eu esperava.

Isso me picou do jeito errado. Não é como se eu fosse incapaz de fazer qualquer coisa.

— Bem, eles não são os monstros que eu imaginei que fossem, tampouco.

Ele fez uma careta por um segundo e disse:

— Eu não vou mentir. Eu tenho expectativas rígidas.

Minha testa franziu.

— O que você quer dizer?

— Não tente mandar em mim, — ele retrucou.

— Certo, mas falo o que penso e, se vejo algo que não está certo, não vou me sentar em silêncio.

— Tudo bem, mas da próxima vez, eu preferiria que você perguntasse antes de jogar uma granada e me explodir em pedacinhos.

Eu não tinha palavras porque ele estava certo, então eu apenas assenti. Eu nunca perguntei ou dei a ele uma chance de explicar, o que não era justo. Assumindo que ele estava errado. Eu precisava trabalhar nisso. Na verdade, eu precisava trabalhar em muitas coisas, mas não estávamos indo para lá.

— Eu também tenho algumas orientações sobre seus horários, mas você as teve na cama cedo, então é bom. Se eles ficam acordados até tarde, estraga o dia seguinte para eles. E Aaron precisa de seus cochilos no horário. — Ele bateu no balcão para dar ênfase. — Eu tenho tudo escrito para você em algumas planilhas. Claro, quando Kinsley está na escola, você está sozinha com Aaron. Não o deixe no balanço o dia todo. Eu exijo

um cuidado melhor para ele do que isso. Ele requer estímulo, mas também precisa aprender a se divertir. Então, pegá-lo constantemente, estragando-o, também não é bom.

Minha cabeça girou com tudo isso.

— Eu serei honesta. Você está totalmente me confundindo. Pegue ele, não o pegue.

— Está tudo na agenda. Um bom equilíbrio é o que é. Apenas verifique se você tem uma pergunta.

Caramba, o cara é um cronista nazista.

— Kinsley disse que não eram permitidos muitos lanches.

Ele assentiu.

— Está correto. Eu não quero que eles fiquem cheios de porcaria açucarada. Frutas e legumes estão bem, mas não muito perto das refeições.

— Percebi. Eu vi todas as frutas e legumes na geladeira.

— Sim. Apenas esteja ciente de que Aaron não pode mastigar tudo ainda. Portanto, tenha cuidado com o que você o alimenta.

— Certo. Eu verifiquei com minha mãe sobre alguns dos que lhe dei hoje.

Então ele me mostrou onde o cartão de crédito da casa estava para mantimentos e outras coisas que as crianças podem precisar.

— Se uma emergência surgir, como uma delas se machucar e precisar ir ao médico, envie uma mensagem de texto imediatamente junto com o 911 no texto. Se eu não ligar de volta imediatamente, significa que estou fazendo um procedimento e não tenho meu telefone comigo. Ligue para minha mãe. O número dela também está no seu celular. Ela saberá o que fazer.

— E se for apenas uma febre ou algo que não é uma emergência?

— Me mande uma mensagem e me avise. Se eu não responder, ligue para minha mãe.

— OK.

— Alguma outra pergunta?

Não havia nenhuma naquele momento e eu disse isso a ele.

— Eu provavelmente vou ter algumas mais tarde, então eu vou deixar você saber.

— As crianças acordam cedo devido ao meu horário. Normalmente saio às sete.

— OK.

— Aaron será o primeiro com uma fralda suja, então esteja pronta para isso. Eu treino todas as manhãs, então não vou estar por perto.

— Exercita-se?

— Sim. Há um ginásio no andar de baixo.

Poxa. É uma maravilha que seus filhos o vejam.

— Entendo.

Ele me olhou por um segundo.

— Há uma esteira lá embaixo, se você estiver interessada.

— Caramba, valeu. — Ele estava me dizendo que eu precisava malhar? Eu fiz um rápido olhar para as minhas coxas e esmaguei minhas nádegas, então elas fizeram um pouco de trabalho enquanto eu estava lá.

— Kinsley precisa estar na escola às oito. Você terá uma manhã movimentada. Vou para a cama.

— Certo então. — Eu olhei enquanto ele se afastava. De trás ele parecia muito bom com aquela bunda sexy dele. Pena que ele era um velhote. E porra, o cara tinha um temperamento. Concedido, eu fui em cima dele como um canhão. Mas merda, como eu ia saber que um de seus pacientes tinha morrido? Ugh, eu não posso nem... Como os médicos fazem isso? Eu estremeci com o pensamento. Quem em sã consciência gostaria desse trabalho?

Subi as escadas e passei pelos quartos das crianças. A tentação de espiar era grande, mas me contive. E então me lembrei que tinha as

câmeras. Eu fui e me preparei para a cama. Depois de escovar os dentes e lavar o rosto, desfiz minhas malas e depois fui para a cama e liguei o telefone. Demorou um pouco para descobrir como usar o aplicativo. Então foi super fácil. Eu escolhi cada sala onde uma câmera estava localizada e selecionei para ver. Era incrível que essa tecnologia existisse. Quando cheguei ao quarto de Kinsley, vi-a dormindo como um tronco, toda espalhada na cama. Então cliquei na câmera do quarto de Aaron e fiquei surpresa ao ver o Dr. West parado ao lado de seu berço. Ele apenas olhou para o bebê por minutos a fio. De repente ele caiu agachado com a cabeça entre as mãos. Ele parecia estar tremendo. Ele estava chorando? Eu devia estar enganada. Talvez ele tivesse uma enxaqueca ou algo assim, a maneira como suas mãos se franziam em seu cabelo. Devo ir dar uma olhada nele? Eu senti como se estivesse espiando. Depois de um momento, ele se levantou e saiu. Notei seu rosto quando ele passou pela câmera e, embora a imagem fosse preta e branca, reconheci total desespero quando a vi. Eu tinha estado lá depois de pegar meu namorado fodendo minha melhor amiga. Mas por que ele ficaria assim depois de olhar Aaron? Havia algo errado com o bebê?

Desligando o aplicativo, fiz um telefonema.

— Olá?

— Mãe, o que diabos está acontecendo?

— Marin? O que você quer dizer?

— Você sabe muito bem o que eu quero dizer. Dr. West. O que há de errado com ele? Ou o bebê? Acabei de vê-lo na câmera.

— Câmera? Do que você está falando?

— Ele tem câmeras em toda parte nesta casa. Para olhar as crianças. De qualquer forma, ele me comprou um telefone para que eu também pudesse ver, mas eu verifiquei as crianças e ele estava no quarto do bebê e eu o vi chorando.

— Eu não sei. Paige nunca mencionou nada sobre isso.

— Bem, alguma coisa está acontecendo.

— Hmm. Eu posso perguntar.

— Não! Então ele saberá que eu estava espiando.

— Você não estava espionando. Você estava?

— Não! Eu estava checando as crianças como eu deveria.

— Então pergunte a ele.

— Não! Eu não posso fazer isso. Ele vai gritar comigo. Ele é tão rabugento

— Grey? Ele não é um rabugento. Ele só está tentando superar tudo.

— Mãe, ele é um resmungão. Dr. Mau humor. Ele é um velho rabugento.

Mamãe riu de mim.

— Marin, o homem não é velho.

— Ele é. Ele está em seus quarenta anos. Isso é velho.

— Oh, querida, apenas espere. Você estará lá antes que você perceba.

O que ela estava dizendo?

— A sério? Eu tenho apenas 26 anos, mãe. Ou você esqueceu?

— Não, eu não esqueci. Seu pai me lembra todos os dias.

— Tenho certeza que ele faz. Bem, tenho de ir. Eu vou acordar de madrugada.

Ela riu novamente.

— Bem-vinda de volta ao mundo real. Seu pai ficará emocionado.

— Noite, mãe. Eu te amo.

— Também te amo querida. Eu vou falar com Paige.

— Não se atreva a mencionar uma coisa sobre isso.

— Eu não vou.

Terminamos a ligação, mas o Dr. Mau humor ficou na minha mente por muito tempo naquela noite. O dia seguinte seria muito longo para mim. Eu não tinha trabalhado tanto desde os meus dias na revista.

from
ASHES
to
FLAMES

Dr. Mau humor provavelmente encontraria todos os tipos de problemas comigo sendo sua babá.

Capitulo Oito

Greydon

ENQUANTO DESCIA AS escadas para o treino matinal, ouvi Aaron chorando. Marin ainda estava dormindo. Lidei com a troca de fralda. Contratei ela para fazer isso. Eu tive que bater em sua porta várias vezes para acordá-la. Me incomodou que ela não tivesse ouvido ele.

— Marin. Acorde. — Jesus, ela deveria cuidar das crianças e agora eu tinha que acordar sua bunda preguiçosa.

— Uh, eu estou de pé agora, — eu a ouvi resmungar.

— Você deveria ter definido um alarme. Aaron precisava da sua atenção. Você não poderia ouvi-lo no monitor? Estou ocupado demais para isso, e foi por isso que contratei você.

— Chegando.

Eu coloquei Aaron de volta em seu berço desde que ele parou de chorar e continuei. Eu checaria com ela em alguns minutos para ter certeza de que ela realmente saiu da cama. Quando cheguei na esteira, o aplicativo mostrou-lhe trocando a fralda de Aaron. Eu balancei a cabeça porque tinha que ser óbvio que não precisava mudar. Ele já estava trocado. Eu tive que deixar isso para lá. Satisfeito, com tudo em ordem, eu liguei a esteira, definindo o ritmo em sete minutos e meio a cada um quilometro de meio. Eu precisava fazer cerca de quarenta minutos e depois acertar os pesos. Não me exercitar ontem tinha fodido com minhas emoções e eu não poderia ter outro dia como esse. Para não mencionar, que o paciente que eu perdi cobrava seu preço, então esse exercício era uma necessidade.

Quando meus quarenta minutos terminaram, eu estava pingando. Depois de beber água, fiz meus exercícios habituais de banco e ombro, e exercícios abdominais. Eu adicionei o leg press hoje, embora minhas pernas tenham sido exercitadas da corrida. Meus músculos eram como geleia quando subi para a cozinha para fazer um shake de proteína de recuperação.

Marin estava lá com as crianças. Bolinha estava vestida e pronta para a escola.

— Papai, parece que você brincou na chuva.

— Parece?

— Sim.

— Bom porque eu vou te dar um grande abraço.

— Ewww não. Você está fedorento. — Ela beliscou o nariz.

Eu fingi agarrá-la e ela soltou um guincho gigantesco. Ela pulou da cadeira e correu ao redor da mesa enquanto eu a perseguia. Uma vez que eu a peguei, joguei-a no ar, segurando-a para longe de mim.

— Eu deveria, ou não deveria? — Eu perguntei.

— Não! — Ela gritou novamente.

Eu ri e a abaixei.

Aaron bateu as mãos em sua cadeira alta e eu acariciei sua cabeça antes de ir fazer meu shake.

— Bom dia, — eu disse a Marin.

— Bom Dia. Parece que você treinou muito forte.

— Sim. Eu geralmente começo as segundas-feiras assim.

Ela levou uma tigela de aveia para Kinsley e voltou para pegar uma para Aaron. Então ela se sentou para alimentá-lo. Observei-a por um minuto antes de preparar meu próprio café da manhã.

Aaron estava batendo os punhos e sorrindo e Kinsley tentou explicar a Marin que ela gostava de Fruity O[9], que é o melhor.

[9] Cereal

— Você sabe, Marnie, o Fruity O's é melhor para você.

Seu uso do nome, Marnie, me fez esconder uma risada.

— Não, eles não são. Eles estão cheios de açúcar. Oatmeal é o melhor.

— Mas a TV diz que eles são bons.

— Claro que sim. Você sabe por quê?

— Sim. Porque eles são bons.

Marin sacudiu a cabeça.

— Não, porque é um comercial e eles estão tentando vender mais.

A testa de Kinsley se enrugou.

— Eles estão mentindo? Porque mentir é ruim.

— Eles não estão exatamente mentindo. Eles simplesmente não estão dizendo tudo sobre o produto.

— Qual é o produto?

— O produto é Fruity O's. Tem valor nutricional, mas também tem muito açúcar, o que não é bom para você.

— Mas Marnie, isso é bom.

— O mingau de aveia não é bom?

— Sim, quando você coloca muito açúcar nele.

Eu engoli de volta uma risada. Bolinha era persistente. Marin estava com as mãos cheias. Aaron bateu os punhos novamente e ela empurrou outra colherada da coisa pegajosa em sua boca. Ele sorriu.

— Veja, Aaron gosta disso.

— Ele não conta. Ele também gosta de mingau e é nojento.

— Ok, coisas curtas, eu desisto.

— O que é uma parada curta?

— Eu chamei você de coisa curta, não uma parada curta, mas... uma pequena parada é uma posição no beisebol. Você sabe o que é baseball?

— Sim. Papai assiste na TV. É um jogo idiota.

Marin sentou-se na cadeira e deu um tapinha no braço de Kinsley.

— Bem, e eu pensando que você era uma garota inteligente.

— Eu sou uma garota inteligente. Papai diz isso. — Isso me rendeu um ar de reprovação.

— Uma garota esperta não teria chamado o beisebol de um jogo idiota.

— Por quê?

— Porque o beisebol envolve muita estratégia.

— O que é estranho?

Marin riu da maneira como Kinsley pronunciou a palavra e corrigiu-a. Então ela verificou a hora e disse:

— Nós temos que nos apressar, coisas curtas. Termine de comer e pare de me fazer tantas perguntas. Vou explicar o que é estratégia a caminho da escola. Sua aveia está esfriando.

— Okaaaay

Eu tinha que admitir, aquela mulher de aparência engraçada tinha um jeito com a minha filha. Kinsley parecia ter se aproximado dela e Marin estava confortável com as duas crianças. Mas assim que terminei esse pensamento, Aaron atirou nela, cobrindo a camisa com uma dose saudável de aveia. Kinsley explodiu em gargalhadas.

— Você se esqueceu disso, — disse Kinsley.

Eu me aproximei e entreguei a Marin uma toalha para a qual ela sorriu, e disse obrigada.

— Sim, tenho certeza que sim. — Marin enxugou a blusa, limpando a gosma.

— Você precisa se posicionar atrás dele, — sugeri. — Eu acho que ele está no início do treinamento para se tornar um atirador.

— Obrigada pelo conselho, — disse ela.

Tomei meu shake de proteína e subi as escadas para tomar banho. Quando voltei, a casa estava vazia. Eu estava mais do que um pouco

desapontado por não ter tido a chance de dizer adeus à minha filha. Fiz uma nota mental para deixar Marin saber que essa era uma das minhas exigências.

Meu dia consistia em nada além da minha consulta com o psiquiatra Mike Schellburg, que eu estava vendo no final do dia.

Quando cheguei lá, começamos com o usual como está indo.

E então eu contei a ele sobre o meu colapso no quarto de Aaron na noite passada.

— Quão ruim foi isso? — ele perguntou.

— Ruim o suficiente para me deixar de joelhos. Eu chorei como um maldito bebê ao lado de seu berço. Eu não conseguia parar de olhar para ele. Ele é um bebê tão lindo, Mike. E eu amo esse garoto. Meu coração está tão confuso. Ele é o melhor bebê. Melhor que Kinsley já foi nessa idade. Feliz o tempo todo. Você deveria vê-lo. — Eu limpei uma lágrima errante. Pelo menos este era um lugar que eu não me sentia envergonhado quando uma lágrima ou duas vazavam dos meus olhos.

— O que você vai fazer sobre isso, Grey?

— Eu não faço ideia.

— O que você quer fazer sobre isso?

Inclinando-me para a frente, descansei meus cotovelos sobre meus joelhos.

— Eu não sei. Se eu descobrir a verdade, então o que eu faço se Aaron não for meu?

— Eu acho que você sabe a resposta para isso.

— Está me despedaçando. Eu ainda poderia amá-lo?

— Só você pode responder isso. O que o seu instinto lhe diz?

— A mesma coisa que vem me dizendo desde o começo. Para esquecer isso. Mas isso continua me incomodando e está me enlouquecendo. Eu não consigo desistir. Acho que vai continuar até eu descobrir a verdade.

— Você está preparado para lidar com as consequências? Porque se você seguir esse caminho, você pode criar um filho que não é biologicamente seu. Você vai amá-lo exatamente da mesma maneira que ama sua filha?

— Essa é a pergunta de milhões de dólares, não é? — Levantando-me, eu andei pela sala, querendo jogar alguma coisa. — Por que diabos ela teve que foder comigo assim?

Mike rabiscou algumas anotações em um bloco e depois disse:

— Ninguém pode responder isso, a não ser a única pessoa que não está mais aqui. Vamos voltar aos seus sentimentos em relação a Susannah. Você ainda ama ela?

— Não! — E essa foi uma resposta enfática.

— Você tem certeza sobre isso?

— Positivo. Meus sentimentos por ela morreram no dia em que a esposa de seu amante apareceu no meu escritório.

— Me responda algo. E se Susannah não tivesse morrido naquele dia? E se você tivesse tido a chance de confrontá-la? O que você teria dito?

Minha resposta foi imediata.

— Eu teria perguntado o porquê, antes de pedir o divórcio.

— E se ela dissesse que precisava de uma distração porque achava que seu casamento havia ficado um pouco obsoleto. Mas que ela ainda amava você e queria que funcionasse? O que você teria feito então?

Mais uma vez, não houve hesitação na minha resposta.

— Aqui está a coisa, Mike. Susannah e eu conversamos muito. Havia sempre duas coisas que eu nunca iria perdoar, e isso era mentir e trair. Eu sempre fui claro sobre isso. Ela sabia meus sentimentos sobre o assunto. E eles não mudaram. Se ela estivesse viva, estaríamos divorciados.

— E você é positivo sobre isso? Há crianças a considerar.

— Tenho tanta certeza quanto a respiração no meu corpo. Ela continuou um caso que durou mais de dois anos. Como eu poderia ter

confiado nela de novo? Isso não foi uma aventura aleatória de uma ou duas noites. Era um relacionamento intencional. Não, esse casamento não existiria hoje e posso dizer honestamente que meus sentimentos por ela morreram junto com ela.

— Você acha que já passou tempo desde sua morte para permitir que você siga em frente?

— O que você quer dizer?

— Grey, você ainda é um homem jovem. Você precisa olhar para frente. Há uma possibilidade de relacionamentos futuros em sua vida.

Sua declaração me parou nas minhas faixas.

— Você só pode estar brincando.

— De modo nenhum.

— A última coisa que quero ou preciso é outra mulher na minha vida. — A ideia deixou um gosto ruim na minha boca.

— Você deveria pensar em seus filhos.

— Estou pensando nos meus filhos. Susannah me fodeu, Mike. Por que diabos eu iria querer arriscar isso de novo?

— Nem todas as mulheres são como ela.

— Vamos ser claros. Uma vez foi o suficiente para destruir qualquer esperança de encontrar outra que não seja como ela.

Ele balançou sua cabeça.

— Você está tirando conclusões precipitadas. Você não pode colocar todas as mulheres nessa categoria. Ao fazer isso, você estaria perdendo e seus filhos também.

— Primeiro, não há nenhuma possibilidade de eu colocar minha confiança em outra mulher novamente. Em segundo lugar, posso criar meus filhos muito bem. Eu gostaria de mudar de assunto. O que devo fazer com Aaron?

— Só você pode decidir isso. Mas nem todas as mulheres são como Susannah.

— Ok, nós estamos tendo duas conversas dissecantes. Um, acredito que todas as mulheres são como Susannah - mentirosas e traidoras. E dois, descobrir a verdade sobre Aaron me assusta muito.

Mike riu.

— Eu admito, essa corrente de conversa é estranha. Uma coisa de cada vez. Mulheres primeiro. Eu discordo. Você acredita que sua mãe é como Susannah?

Isso foi um insulto.

— Absolutamente não.

— Esse é meu argumento. Você tem que encontrar o caminho certo, Grey.

— Minha mãe é de uma época diferente. As coisas mudaram desde então.

— Você tem uma resposta para tudo. Se você procurar, encontrará e não estará disposto a fazer isso.

— Exatamente. Eu não tenho desejo de procurar. A confiança não vem fácil e, da última vez que tentei, acabei sendo apenas uma pilha de cinzas. Isso não vai acontecer novamente. Eu não vou permitir isso.

— OK. Nós vamos largar isso por enquanto. Para o DNA. Eu entendo seus medos. Você não precisa fazer nada, sabe?

— Por que diabos ele tem que se parecer tanto com sua mãe?

Mike riu.

— Talvez seja a maneira de Deus de lhe dar uma resposta.

— Uma resposta para o quê?

— Para dizer a você o que fazer, — disse ele.

— Isso não é uma resposta.

— Pense nisso.

— É tudo que tenho feito. E você sabe de uma coisa? Você não está ajudando muito.

Ele riu.

from
ASHES
to
FLAMES

— Eu sou seu psiquiatra. Eu não deveria te dar todas as respostas. Eu deveria ajudá-lo a encontrar uma maneira de voltar aos trilhos para que você possa descobrir essas coisas por si mesmo. Minha maior preocupação é que você não sofra de depressão e seja capaz de ser pai dos seus filhos.

— Eu seria um mentiroso se dissesse que sou um homem feliz. Mas também não estou nas profundezas da depressão.

— Eu não quero que você se esconda em uma caverna escura em algum lugar, deixando a vida passar por você. Compreende?

— Sim. Eu entendo.

No caminho de casa, minha mente continuava voltando para Susannah e o que ela tinha feito. Todas aquelas malditas fotos que eu tinha visto dela com seu amante. Ainda abalou minha fundação que ela tinha feito isso por tanto tempo e eu nunca tinha suspeitado de nada. Minha raiva por isso diminuiu. Ela tinha ido embora e eu tive que passar pela minha cabeça que não adiantava refazer isso. Se ela ainda estivesse aqui, não estaríamos juntos de qualquer maneira. Meus pais estavam certos. Eu precisava puxar minha cabeça para fora da minha bunda e me concentrar em meus filhos.

Quando cheguei em casa, o portão estava aberto. Eu teria que lembrar Marin para mantê-lo fechado. Mesmo que a comunidade aqui fosse segura, eu não queria arriscar onde as crianças estivessem. Eu dirigi o carro para a garagem e peguei minhas coisas. Entrar na cozinha era como entrar em uma zona de guerra. Aaron estava gritando, Kinsley estava gritando, e Marin estava atrás do balcão segurando um esfregão, seu cabelo saindo de um coque bagunçado em todos os ângulos possíveis, usando a expressão mais exasperada possível.

— O que anda acontecendo no mundo? — Eu perguntei.

— A máquina de lavar louça está vazando em todos os lugares e estou tentando enxugar.

— Aaron não vai parar de gritar, papai.

— E por que você está gritando? — Eu perguntei a ela.

— Porque Marnie disse que a porra da máquina de lavar louça não vai desligar.

A expressão de Marin era tão cômica. Ela parecia querer entrar na lavadora de louça.

— Ok, bolinha. Mas você não precisa gritar.

Eu peguei Aaron e notei que sua fralda estava cheia.

— Ele precisa mudar, — eu disse.

— Ah não. — Marin estava claramente impressionada.

— Eu vou lidar com isso. — Então eu caminhei até onde ela estava e vi a água jorrando. — Você desligou?

— Eu tentei. — O pânico atou sua voz.

— Papai, Marnie disse que a merda está quebrada.

— Kinsley, por que você não vai para o outro cômodo e deixa nós adultos, cuidarmos disso? — Era quase impossível não morrer de rir dessa cena. — E a caixa do disjuntor?

Marin olhou para mim sem expressão.

— Merda.

— Papai disse uma palavra ruim. — Ela me repreende por *merda,* mas claramente não tem ideia sobre *foder*.

— Agora não, Kinsley.

Enfiei o dedo no botão de desligar na lava-louças, mas não adiantou.

— Aqui. — Entreguei Aaron para Marin e disse: — Vou desligar o disjuntor. — Eu corri para a lavanderia, localizei o disjuntor, e quebrei a corrente.

— Desligou, — ela gritou.

Quando voltei para a cozinha, a água ainda escorria, mas a um ritmo muito mais lento.

from
ASHES
to
FLAMES

— Oh meu Deus, eu estava enlouquecendo e não sabia o que fazer. Graças a Deus você chegou em casa. Vou pegar algumas toalhas para absorver isso. Ela entregou um Aaron rindo de volta para mim. Ele deve ter pensado que estávamos jogando. Então ela murmurou: — Desculpe pelo palavrão.

Eu balancei a cabeça. Eu teria chutado a maldita coisa.

— Isso é estranho. Essa coisa não tem nem dois anos de uso. — Eu olhei para a máquina como se estivesse possuída. Então eu peguei meu telefone, procurando por nosso reparador.

— Para quem você está ligando? — Perguntou Marin.

Segurando um dedo, comecei a falar.

— Sim, Ralph? Greydon West aqui. Alguma chance de você fazer um reparo em casa hoje à noite? Ótimo. Nós temos uma máquina de lavar louça possuída. Isso é maravilhoso. Nos vemos em cerca de trinta.

— Uau. Certamente vale a pena ter conexões, suponho. — Ela pegou Aaron dizendo: — Aqui, eu vou mudá-lo agora.

— Tudo bem. Eu vou fazer isso. Parece que você poderia usar um intervalo.

Seus olhos se arregalaram um pouco e ela disse:

— Obrigada. Vou começar o jantar de Kinsley.

— O que você está fazendo com ela?

— Eu ia preparar um pouco de frango.

— Hmm. Isso soa bem. — Eu estava com muita fome, mas não queria que ela pensasse que eu estava perguntando.

— Você quer que eu faça extra?

— Você não se importa?

— Não. Eu ia fazer de qualquer maneira.

— Obrigado. Isso seria bom.

Ela estalou os dedos.

— Oh, mas talvez eu deva esperar desde que o cara do reparo está chegando.

— Dizer o quê? Por que não saímos todos quando ele chega aqui?

Kinsley deu um pulo e bateu palmas.

— Yay. Podemos pegar pizza?

— Eu acho que podemos.

As mãos de Marin voaram para o cabelo dela.

— Uh, por que vocês três não vão e...

— Não. Você também vai Marnie — gritou Kinsley.

— Eu preciso tomar banho.

— Vá. Eu vou olhá-los.

— Você tem certeza? — Ela perguntou.

Aaron começou a chutar as pernas.

— Você parece ter esquecido alguma coisa. Eles são meus filhos. — *Pelo menos um deles é assim mesmo. E é hora de eu começar a educar novamente.*

— Certo. — Ela saiu correndo da sala.

Kinsley puxou minha mão.

— Ela é divertida, papai. Quero que meu cabelo pareça com o dela.

— Ok, bolinha. Nós vamos ter que ver sobre isso.

— E eu posso colocar um monte de flores no meu braço também?

Isso não é ótimo? Arco-íris e flores.

— Talvez um dia quando você for uma adulta.

Capítulo nove

Marin

LUTANDO PARA TOMAR BANHO E ME VESTIR, eu fiz em tempo recorde. Meu cabelo ainda estava molhado, mas enquanto olhava para as minhas madeixas desgrenhadas no espelho, eu sabia que a única esperança para elas era um coque bagunçado. Eu os envolvi em torno do elástico e fiz o melhor que pude. Então eu corri de volta para baixo para a tripulação faminta esperando na cozinha.

— Pronto? — O Dr. West perguntou.

— Sim.

Todos nós entramos em seu carro, não o esportivo, mas o grande SUV chique, e partimos para a pizzaria. Kinsley conversou como uma tempestade e foi super estranho sentar ao lado dele no banco da frente. Eu não pude evitar comparar meu carro com o dele. Não havia uma mancha de sujeira ou uma migalha à vista. O meu parecia ter sido infestado por uma equipe de crianças famintas em sua folga da creche.

— Papai, você deveria ter visto a Marnie hoje. Ela não sabia como me levar para a escola.

— O que você quer dizer com isso bolinha?

Neste momento, queria deslizar por baixo do assento porque sabia o que estava por vir.

Kinsley riu quando ela contou ao pai o que aconteceu.

Parei na entrada principal da escola preparatória de elite.

— O que você está fazendo, Marnie?

— Eu estou largando você.

— Não é como você faz isso.

— Oh? — Eu estava completamente sem noção. Minha mãe sempre parou na frente da escola e me deixou sair do carro.

— Só as crianças grandes conseguem entrar assim.

— Hmm. OK. Me diga o que fazer.

— Você tem que ir até lá. — Ela apontou para o estacionamento onde eu aparentemente tinha que estacionar. Eu puxei o carro e fiz como ela instruiu.

— Agora você tem que me levar para minha sala de aula.

Merda. Eu parecia com a morte em uma vara. *— Okie dokie. — Isso significava que eu tinha que tirar Aaron do seu lugar também. Provavelmente não seria uma boa ideia deixá-lo sozinho no carro. Melhor seguir em frente. Quando saí do carro, percebi que ainda estava usando minhas pantufas de coelho felpudas. Não é ótimo? Isso certamente causará uma ótima impressão nessas pessoas. Recolhendo Aaron em meus braços, Kinsley pegou minha mão livre e nos dirigimos para a porta. Enquanto isso, dei uma olhada ao redor do estacionamento. Não era nada além de um mar de carros caros. Ao lado do meu Toyota Corolla estavam Lexus, Mercedes, BMWs, Range Rovers, Audis e até mesmo um Alfa Romeo. Agora eu sabia que estava em apuros - eu com uma camiseta manchada de aveia com buracos, calças largas e chinelos de coelho.*

— Lidere o caminho, minha querida, — eu disse com muito mais bravata do que eu realmente sentia.

Quando entramos, meus piores medos se tornaram realidade. Todos os olhos no lugar estavam colados a mim. Eu parecia uma mulher sem lar em comparação com todos os outros.

— Você precisa parar ali primeiro, — disse Kinsley. Ela apontou para uma janela de vidro.

Eu me aproximei e uma mulher de meia-idade olhou para mim com seu nariz empinado e perguntou:

— Posso ajudá-la?

— Sim. Eu sou a babá de Kinsley West e estou aqui para deixá-la.

— Hmm. — Seus olhos passaram por cima da minha camisa enquanto eu me encolhi. Eu queria tanto que Aaron fosse tão grande quanto eu para me esconder atrás dele. — Nome?

— Hã?

— Seu nome? — Ela disse cada palavra com grande precisão como se eu fosse um idiota e não entendesse inglês.

— Oh. É Marin.

— Entendo. Marin tem um sobrenome?

Kinsley começou a rir porque achou que tudo aquilo era engraçado e suponho que, pelos olhos de seu filho, era isso. Mas essa mulher não era legal.

— Sim, Marin faz. É McLain.

— Sim, vejo que você está na lista.

Ela estava sendo uma cadela.

— Você pode continuar. — Ela se inclinou para frente e disse: — Kinsley, querida, você pode mostrar a ela o caminho.

Kinsley balançou as mãos juntas para frente e para trás e disse:

— Sim, senhora.

Seguimos em frente. As mulheres pararam e olharam. Quando passamos, ouvi seus sussurros. Eles estavam todos vestidos com esmero e eu quero dizer os nove. Roupas de grife que eu provavelmente nunca possuiria, sapatos finos e bolsas agradáveis. As mulheres cumprimentaram Kinsley e me deram olhares ofegantes. Eu devo certamente cheirar ou ter alguma doença contagiosa temida, pela maneira que eles agiram. Mas, se eu me encolhesse, deixaria que soubessem que me afetavam, por isso continuei de cabeça erguida, sorrindo com a menininha alheia a tudo aquilo. Quando chegamos à sala de aula dela, ela me levou para dentro e foi tão doce. Ela alegremente me apresentou a sua professora.

A Sra. Crawford não sabia bem o que dizer para mim. Ela gaguejou por um longo momento até que Kinsley disse:

— Eu quero cabelo de arco-íris igual a ela e flores no meu braço também. Eu vou perguntar ao meu pai se ele vai me deixar.

— Entendo. Bem, Kinsley, por que você não toma o seu lugar para a sua er, hã...

— Marnie. O nome dela é Marnie.

— Na verdade, é Marin, — eu disse.

— Sim, bem, eu preciso reunir meus alunos.

— Sim. Vejo você depois da escola, coisas curtas.

Kinsley me abraçou e eu saí, dando o passeio da vergonha pela segunda vez. Eu me certificaria de estar vestida de maneira mais apropriada da próxima vez. E com isso parei e voltei para a sala de aula dela. A Sra. Crawford olhou para cima quando abri a porta.

— Eu devo entrar e buscá-la aqui ou ela vai sair para o carro?

— Não, ela vai para o carro.

— Obrigada.

QUANDO KINSLEY TERMINOU SUA HISTÓRIA, O dr. West olhou para mim e disse:

— Eu deveria ter explicado. — E foi isso.

Se eu esperasse o mínimo de simpatia do idiota, eu estava errada. Seu olhar duro se concentrou em mim até que eu praticamente me encolhi no assento.

— Eu sobrevivi. — Eu não mencionei o quão rudes aquelas mulheres eram. Não importava e, além disso, quem queria agir assim? Meus pais estavam bem, mas nunca me criaram assim. Eles não me estragaram com roupas extravagantes ou carros de luxo. Eu tive que trabalhar enquanto estava na escola e ganhar o meu caminho. Eles acreditavam que se você quisesse esse tipo de coisa, você teria que consegui-los.

No restaurante, pedimos pizza e eu dei a Aaron uma garrafa enquanto esperávamos. Dr. West perguntou a Kinsley o que mais aconteceu naquele dia e ela contou tudo desde o momento em que a deixei até que a peguei. Ela era extremamente detalhista para uma criança de sete anos de idade. Talvez ele tivesse ensinado a partir do momento em que ela começou falar.

Então Kinsley me jogou uma bola curva.

— Marnie, conte ao papai sobre as músicas que cantamos.

— Não, eu acho que você deveria cantar.

— Marnie e eu cantamos músicas. Quer nos ouvir?

Um canto da boca do Dr. West puxou para cima. Bom Deus, o homem pode realmente ter um pouco de senso de humor.

— Bolinha, você sabe o quanto eu amo ouvir você cantar.

Kinsley bateu palmas.

— Marnie, vamos fazer a aranha.

Eu estava alimentando Aaron enquanto ele estava sentado em seu assento, apoiado na mesa, então eu disse:

— Eu só tenho uma mão, Kinsley. Por que você não mostra para ele?

— Não, eu quero que você faça isso também. Papai, pegue a mamadeira de Aaron. — Dr. West e eu estávamos sentados em frente um ao outro, então ele pegou a mamadeira da minha mão. Eu estava tão acabada!

— Você está pronta, Marnie?

O Dr. West estava mordendo o lábio? Não parece possível.

— Acho que sim. Você está?

— Sim. Vamos.

Ela colocou as mãos para cima para que o dedo mindinho tocasse o polegar da outra mão enquanto eu a ensinava e ela começou a cantar: — A aranha pequenina... — e eu me juntei, imitando as mãos dela. Aaron parou de chupar a mamadeira, arregalou os olhos e sorriu.

Com cada palavra, o tom de Kinsley ficou mais alto até que fiquei bem certa de que todo o restaurante estava assistindo... e ouvindo. Quando a música terminou, o Dr. West, junto com algumas outras pessoas gentis aplaudiram.

— Isso foi fantástico! — disse ele.

— Você gostou? — Kinsley perguntou.

— Eu gostei. Foi a melhor música que eu já ouvi. E Marin te ensinou isso?

Sua cabeça balançou quando ela disse:

— Sim. Eu gosto de cantar essa música.

Nós comemos nossa pizza então, mas ele continuou me encarando. Foi realmente estranho. E isso me fez sentir estranha.

Mais tarde naquela noite, depois que chegamos em casa, banhei as crianças e as preparei para dormir. Aaron ficou totalmente tranquilo depois de sua mamadeira. Não sabendo muito sobre bebês, tudo o que eu pude dizer foi que esse garoto era fácil de cuidar. Tudo o que ele fez foi fazer xixi, cocô e comer. Ele chorou, mas só quando estava com fome e sua fralda estava suja. É fofo! Oh meu Deus! eu poderia ficar abraçada a ele o dia todo. Mas por algum motivo estranho, o Dr. West não lhe deu muita atenção. Ele era apenas sobre sua bolinha, mas não o Aaron. Talvez ele simplesmente não fosse o tipo que gosta de bebês.

Quando terminei de colocar Aaron no berço, caminhei em direção ao quarto de Kinsley, mas ao me aproximar, ouvi a voz do dr. West. Ele estava lendo uma história para dormir. Então, desci as escadas. O cara que consertava a máquina de lavar louça havia consertado o problema, então eu recarreguei a coisa e a configurei para funcionar. Então eu coloquei para lavar todas as toalhas que usamos para limpar a bagunça da máquina de lavar. Decidi ir um pouco na cozinha e estava sentada no balcão, mastigando um Oreo quando o dr. West entrou.

— Oreos, huh?

— Uh, sim, — eu disse com a boca cheia. Eu não queria acrescentar mais nada, porque nada era pior do que falar com seus dentes cobertos daqueles biscoitos de chocolate, não que eu realmente me importasse com o que eu parecia.

— Sem leite? — Ele perguntou,

— Hã? — Minha boca caiu aberta. Ele não parecia com o tipo de cara de biscoitos e leite. Então ele deu uma gargalhada profunda. Ouvi-lo rir parecia completamente estranho. Seu dedo circulou quando ele disse: — Seus dentes estão um pouco... sujos de chocolate.

Minha mão voou sobre minha boca. Merda. Eu sabia que faria uma bagunça total.

— Você me lembrou de bolinha quando ela come essas coisas.

Ótimo. Apenas o que eu sempre quis... lembrar a alguém de sua filha de sete anos. Então, novamente, ela era adorável, então talvez não fosse tão ruim assim.

Depois de engolir, eu disse:

— Sim, eles criam uma catástrofe dentária, — eu disse.

— Mas vale a pena.

Ele acabou de dizer aquilo? O cara realmente comeu *eles?*

— Sério.

— Kinsley ama você. Ela continuou falando de você quando a coloquei na cama.

Agora minha mão voou para cobrir meu coração que apenas fez um pequeno movimento dentro do meu peito. Eu nunca pensei que me sentiria assim tão rapidamente.

— Mesmo?

— Sim. Ela fez. Nós temos um problema. Ela quer algumas tatuagens de flores e tem a impressão de que, quando completar oito anos, terá mais idade. Eu tive que estourar sua bolha e explicar que não, só

quando ela fizer dezoito anos, e agora ela acha que será uma mulher muito velha. Mas então eu disse a ela que você tinha vinte e cinco anos.

— Eu tenho vinte e seis.

— Desculpa. Vinte e seis. E agora ela acredita que você é tão antiga quanto os dinossauros. — Ele riu.

— Às vezes eu sinto que sou antiga também. — Levantei-me para guardar os Oreos.

— Vamos, — ele bufou. — *Eu* nem me sinto assim.

Eu estava prestes a voltar com - *bem, eu tive um ano muito ruim* - mas então eu pensei sobre o que ele tinha passado e eu me contive. Dei de ombros.

— Você é sortudo. Você tem dois filhos lindos. O que posso dizer?

Ele apertou os olhos.

— Uau. Eu ouço um pouco de auto piedade em seu tom?

Minhas mãos voaram para meus quadris quando assumi a postura.

— Não. — Mas houve.

— Você malha? O exercício estimula a produção de endorfina, o que pode ajudar no seu humor.

Meu humor?

— Não mais.

— E...?

Por que ele estava tão curioso? Eu não estava exatamente confortável em dizer a esse homem por que as coisas deram errado e eu parei de trabalhar. Não é como se fôssemos melhores amigos.

— Algumas coisas aconteceram.

Ele deslizou seu banquinho ao redor para me encarar.

— Honestamente, eu não sei muito sobre você. Minha mãe só me disse que você era filha de sua melhor amiga, que era confiável e faria um ótimo trabalho com as crianças. Eu acho que desde que eu estou

confiando a você cuidar dos meus filhos, seus segredos estão seguros comigo.

Que porra é essa!

— Meus segredos? — Ele queria que eu divulgasse meus assuntos particulares mais íntimos, coisas que eu só contaria ao meu melhor amigo.

— Parece que você experimentou algo que fez com que você parasse de trabalhar.

Meus lábios pressionaram juntos por um segundo. Isso me irritou, ele está presumindo muito.

— Eu acredito que você tem essa impressão de mim que eu não sou muito inteligente e que eu não sei muito sobre os benefícios do exercício. Você tem essa suposição, como aquelas mulheres na escola de Kinsley, que eu sou apenas uma burra sem educação porque eu tenho cabelos brilhantemente coloridos e um pouco de tinta, não é?

— Whoa, espere um minuto. Eu já disse alguma coisa sobre isso?

— Você não precisava e nem aquelas mulheres imbecis na escola.

Ele estendeu a mão, a palma da mão voltada para mim.

— O que aconteceu esta manhã?

Belisquei a ponte do meu nariz para conter a dor de cabeça que brotava.

— Nada.

— Eu pensei que eu pedi que você nunca mentisse para mim.

— Eu não estou mentindo.

— Então você está escondendo a verdade. — Ele estava me encarando de novo e isso era extremamente enervante.

Eu soltei uma baforada de ar.

— Aparentemente, há um requisito de código de vestimentas de designer para entrar no local e, é claro, não atendi aos padrões. — Fiz um gesto com a mão para cima e para baixo do meu corpo, indicando minha falta do traje apropriado.

— O que isso significa?

— Isso significa que todas as mães lá estavam vestidas com suas roupas extravagantes e meu guarda-roupa não estava em conformidade.

— Hmm.

— Sim, hmm. Você provavelmente pode ver isso acontecendo. — Agora que eu peguei vapor, eu estava em um rolo. — O que me irrita é que as pessoas automaticamente desconsideram o fato de que eu sou uma universitária que acabou renunciando um emprego em uma revista altamente credível porque eu tinha opiniões diferentes do meu editor. Ele não gostou do fato de eu ter me recusado a inventar uma história que não existia. E para superar isso, eu limpei minha mesa e fui para casa mais cedo, apenas para encontrar meu namorado transando com minha melhor amiga. Então agora você conhece a minha história de vida. — *Por que diabos eu lhe contei tudo isso?* Eu estufei minhas bochechas e olhei para ele como se ele fosse uma aparição. Então eu saí do banquinho e caminhei para as escadas. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu pudesse olhá-lo nos olhos depois daquela festa de palavras que vomitei.

Capítulo Dez

Greydon

— MARIN, ESPERE.

Ela parou, graças a Deus. Depois daquela história, ela não podia simplesmente me deixar sem repostas.

— O que aconteceu?

Sua cabeça estava curvada em tal ângulo que eu não conseguia ver sua expressão.

— Eu acabei de te dizer.

— Não, eu estou falando sobre o seu trabalho.

Um sopro de ar sibilou para fora dela.

— Meu chefe queria que eu escrevesse uma exposição sobre uma creche, só que ele queria que eu embelezasse a verdade. Não havia história. Recusei-me a mentir e conjurar algo que não existia. Eu não comprometeria minha integridade ou ética, então me demiti.

— Jesus. Para quem você trabalhou?

— *Revista de Newsworthy*.

— Sério?

Seus olhos azuis ficaram tempestuosos.

— Não, eu acabei de inventar tudo isso.

Eu olhei para ela com um olhar exasperado.

— Você não tem nenhum recurso legal?

— Você não escutou? Eu me demiti. — Ela esperou ansiosamente que eu dissesse alguma coisa, mas não havia nada para eu acrescentar. Ela balançou a cabeça por um segundo e continuou. — Sim. Marin McLain. Ex-escritora extraordinária. Você pode me procurar no google se

quiser. Eu tinha sonhos maiores na vida e aqui estou, trabalhando como babá. Não me entenda mal. Seus filhos são incríveis. Mas meus objetivos estavam alinhados de maneira muito diferente disso.

Eu não tinha ideia do que dizer a ela além de:

— Você tentou conseguir outro emprego? — Quando sua expressão caiu, eu rapidamente acrescentei: — Ok, essa foi uma pergunta estúpida. Desculpa!

— Em todos os lugares em que me inscrevi, quiseram saber por que deixei *Newsworthy*. Ninguém sai de uma publicação como essa, a menos que você tenha uma oferta melhor. Eu tinha zero referências e se eu tivesse dito que não estava contente com meu chefe, isso instantaneamente me rotularia. Se eu não dissesse a verdade, eles entrariam em contato com ele para pedir referência. Então, onde isso me colocaria? Foi um cenário de Kobayashi Maru.

Eu levantei uma sobrancelha.

— E ainda assim você não pensou como o Capitão Kirk.

— O que você quer dizer?

Gesticulando em direção aos bancos, eu disse:

— Sente-se.

Depois que nos sentamos, comecei.

— Kirk venceu Kobayashi Maru. Lembrar?

— Bem, sim, reprogramando o computador. Como eu devo fazer isso?

— Pense fora da caixa.

— Eu não estou acompanhando.

Meu laptop estava no balcão, então eu apontei para ele.

— Você pode escrever em qualquer lugar, correto?

— Sim.

— Então faça. Freelance. Envie seus artigos para quaisquer publicações que os aceitem. Prove seu talento para o mundo dessa

maneira. Você tem as habilidades. Tudo o que você precisa fazer é encontrar os tópicos sobre os quais as pessoas estão loucas para ler.

— Mas a maioria das publicações aceitas são apenas artigos de seus funcionários.

— Você não está pensando fora da caixa. — Eu bati na minha têmpora. — Comece sua própria publicação. Blog. Tanto faz. Mais pessoas confiam na mídia eletrônica de qualquer maneira. Apenas faça. Mude as regras. Qual sua paixão? Escreva quando Aaron estiver cochilando ou em seus dias de folga. Quando o dinheiro começar a chegar, a ponto de você não precisar mais ser babá, me avise para que eu possa encontrar a sua substituta. Mas faça o que fizer, não pare de escrever. Eu usei meu dedo e bati no balcão para dar ênfase. Ela era inteiramente jovem demais para desistir de uma carreira que amava.

Seus olhos se moveram entre o computador e eu.

— Você pode ter algo lá.

— Não. Eu definitivamente tenho algo aqui. Você tem apenas vinte e seis anos. Você é nova demais para desistir de algo, porque algum idiota queria que você fizesse algo antiético. Escreva sobre isso. Não use nomes ou lugares. Apenas fale sobre uma situação hipotética que existe. As pessoas amam essa merda.

— Você acha?

— Sim. Eu li algo assim. Tem apelo de massa porque está acontecendo hoje e é sem idade. Encontre tópicos como esse. Ou escreva sobre o que aconteceu com você hoje quando você largou Kinsley. As pessoas assumiam automaticamente que você não tinha educação porque não se vestia como elas.

Um sorriso suave levantou os cantos de sua boca.

— Sim. Sim, isso é algo que eu poderia fazer.

— Marin, mesmo que você não publique em nenhum lugar, apenas escreva. Se você parar de escrever, ficará velha. Se você se tornar obsoleta,

perderá seu talento. É como se eu parar de praticar medicina. Eu perderia minhas habilidades. Você não pode desistir.

Talvez fosse a urgência no meu tom, mas eu tinha ela concordando comigo.

— Você está certo. Eu vou começar a escrever novamente. Mesmo que seja apenas para arranhar essa coceira.

— Exatamente. E agora, preciso coçar a coceira para dormir um pouco.

— Eu também. Eu prometo definir meu alarme hoje à noite. Desculpe ter que me acordar esta manhã.

Eu cliquei nos meus dedos.

— Oh, falando nisso, eu gosto de dizer adeus a Kinsley antes de ela ir embora, então se eu não estiver no meu chuveiro, mande-a para o meu quarto. E você pode se certificar de que o portão na entrada da garagem seja mantido fechado? Apesar de ser um condomínio fechado, gosto dessa medida extra de segurança para as crianças.

Eu me virei para sair quando ouvi:

— Dr. West?

— Sim?

— Obrigada!

Ela ficou lá sorrindo e foi a primeira vez que prestei muita atenção nela. Ela era bonita de uma forma desordenada. Seu cabelo bagunçado e o resto dela era completamente anticonvencional, mas de alguma forma funcionava.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, eu estava no processo de empurrar um pouco de almoço na minha garganta quando Josh entrou na sala de descanso.

— Como está indo? — Ele perguntou.

— Não tão ruim hoje. E você?

— O mesmo. Ei, minha irmã quer saber se você está namorando alguém.

Eu quase engasguei com a minha salada.

— Hum, o quê?

— Sim, desculpe-me. Ela precisa de um encontro para esse casamento para o qual foi convidada. Ela não conhece ninguém para perguntar e pensou em você.

— Oh. — Eu relaxei. — Por um minuto eu achei que ela estava dando em cima de mim.

Uma risada estranha saiu dele.

— Oh não. Isso seria rude.

— Não, eu não estou namorando ninguém. E eu ficaria feliz em ser seu encontro falso, desde que eu não esteja de plantão e minha babá possa ficar nessa noite.

— Eu vou falar para ela ligar para você.

Mais tarde naquele dia, meu celular vibrou enquanto eu estava com um paciente. Quando tive a oportunidade de verificá-lo, vi uma mensagem de voz de um número que não conhecia. A mensagem era de Deanna, a irmã de Josh. Liguei de volta quando terminei o dia.

O casamento será no sábado e eu expliquei que precisava checar primeiro com Marin.

Quando entrei em casa, Marin e Kinsley estavam cantando:

— Suas orelhas estão baixas, elas oscilam de um lado para o outro? — Eu ri. Kinsley estava praticamente gritando as palavras no topo de seus pulmões. Eu espiei na sala de estar e ambas estavam fazendo uma apresentação para Aaron. Ele se sentou em seu balanço com um sorriso bobo espalhado em seu rosto enquanto seus gestos animados o entretinham. A música acabou em um piscar de olhos, e ele chutou as

pernas para fora, onde Kinsley proclamou: — Eu acho que ele quer dançar.

— Ele não pode dançar. Ele nem consegue andar corretamente. Olhe para ele. — Marin havia retirado Aaron de seu balanço e ela corria por ali, balançando de um lado para o outro, como um veleiro com um leme quebrado.

— Como você sabe, Marnie? Você não deixou que ele tentasse dançar.

— Eu sei. Como ele pode dançar quando mal consegue ficar em pé? Como você acha que ele será capaz de tocar uma música?

— Talvez ele tenha pernas mágicas para dança. Veja como elas chutam quando ele corre. Talvez ele seja especial.

— Elas são especiais, tudo bem. Ele vai ser um apostador de um time de futebol.

— O que é um postador?

— Um apostador, não um postador.

— O que é isso?

— É alguém que pode chutar uma bola de futebol muito bem.

— Não. Ele vai ser um dançarino. Veja? Veja como as pernas dele se cruzam. — Logo em seguida, Aaron caiu em sua bunda.

— Uh huh. Eu não acho que isso vai funcionar muito bem em uma dança, — disse Marin.

Eu engoli uma risada para que elas não me ouvissem. Os dois sempre tiveram esses intercâmbios cômicos entre eles.

— Que tipo de dançarino de qualquer maneira? — Perguntou Marin.

— Um dançarino irlandês. Como aqueles que usam esses sapatos com cliques. — Então Kinsley decolou e fez sua melhor imitação de uma dançarina irlandesa. Parecia que ela estava tendo algum tipo de convulsão, o jeito que seus braços estavam tão duros e suas pernas expelidas em

ângulos estranhos até que ela me viu. — Papai! — Ela voou para os meus braços, passos de dança irlandeses esquecidos.

— Como está a minha bolinha hoje? — Eu a beijei enquanto a abraçava antes de soltá-la.

— Boa. Aaron diz que quer ser dançarino.

— Ele quer?

— Sim. Um que usa esses sapatos cliques.

— E ele te disse isso?

Ela assentiu com a cabeça rápido.

— Mas Marnie diz que ele vai ser um postador de futebol.

— Apostador, — Marin corrigiu.

— Bolinha, quando Aaron começou a falar? — Eu perguntei.

— Ele disse no meu ouvido.

— Hmm. Entendo. E tem certeza de que ele pode fazer isso?

— Uh huh. Olhe suas pernas se moverem.

— Oh, eles podem se mover bem. Ei Marin, eu sei que você não deveria trabalhar no sábado à noite, mas posso pedir um favor? Eu preciso de uma babá. Você se importaria?

Kinsley pulou para cima e para baixo e Aaron soltou uma risadinha.

— Uh, não, acho que estaria bem.

— Ótimo. Eu realmente agradeço por isso.

— Sem problemas.

Kinsley rasgou a sala como se seu cabelo estivesse em chamas.

— Yay, Marnie está passando a noite. Marnie está passando a noite.

Marin perseguiu-a e agarrou-a pela cintura.

— Você é um pouco maluca. Eu passo todas as noites aqui. — Então ela fez cócegas enquanto Kinsley riu muito. Ela finalmente se libertou gritando — Papai me salve do sapo das cócegas.

— O sapo das cócegas?

— Sim, é isso que Marnie se transforma quando nos faz cócegas.

from
ASHES
to
FLAMES

— Isso é verdade?

Kinsley agarrou minha perna e perguntou:

— Papai, você vai a uma festa de aniversário?

— Não, bolinha. Eu vou a um casamento.

— Um casamento? — Kinsley perguntou.

— Sim, é uma grande festa depois que alguém se casa. Você já esteve em uma antes, mas era muito mais jovem e não se lembra.

— Oh. Quem vai fazer um casamento?

Eu sorri com o uso de palavras dela.

— Só um amigo.

Isso deve tê-la satisfeito porque ela foi embora e voltou para fazer cócegas em Aaron. Eu me virei para sair, mas peguei Marin me encarando. Eu não tinha certeza do que fazer com isso, então saí. Mas a maneira como seus olhos perfuraram através de mim me deixaram inquieto. Eu tinha trabalho para fazer então eu ignorei. Assim que terminei meu trabalho no computador, fui até a cozinha para encontrar Marin alimentando as crianças. Ela correu dizendo a Kinsley para se apressar e terminar.

— Por que a pressa? — Eu perguntei.

— É o meu programa escolar, papai. Você não vem me ver cantar?

Os lábios de Marin se apertaram e seus olhos me contaram mais do que eu precisava saber.

— Sinto muito, querida, eu não posso.

— Mas papai, eu estou cantando a canção da aranha sozinha. E eu pratiquei muito para ser boa.

Porra. Eu prometi conhecer Deanna para uma bebida rápida hoje à noite. A última coisa que eu queria fazer era levá-la a um casamento sem o benefício de conhecê-la primeiro.

Eu dei um tapinha na cabeça dela.

— Bolinha, você vai ser fantástica. A melhor delas lá. — Eu não arrisquei um olhar para Marin. Ela já me repreendeu com seu brilho escaldante. E a expressão esmagada de Kinsley estava me fazendo sentir um completo idiota.

— Vamos lá, Kinsley, vamos vestir o seu vestido de festa, — disse Marin.

— Vestido de festa? — Eu perguntei.

Ela olhou para Kinsley e disse:

— Hum, sim. Você vai arrasar aquela aranha com algo louco, feminino. — Ela agarrou a mão de Kinsley e disse para mim: — Você não se importaria de olhar Aaron por um minuto, não é? — Seu tom era gelado e trazia mais que uma insinuação de reprovação.

— Não, está bem. — Eu chequei meu relógio. Espero que ela não demore muito.

Por cima do ombro, ela perguntou:

— Ah, e seria muito difícil trocá-lo para mim?

Cristo, ela me fez sentir como uma merda absoluta. Foi merecido por perder o show da minha filha. Eu levei Aaron para cima e o troquei. Quando eu o tinha recém fraldado, ela entrou no quarto e o pegou. Sem sequer uma palavra, ela juntou suas coisas, colocou-as em sua bolsa enquanto o segurava e eu me sentia como um idiota, provavelmente porque eu era. Então ela marchou e chamou Kinsley. Eu não tive coragem de sair com eles. Ou talvez tenha sido a falta de bolas. Isso não era algo? A babá me fez sentir minúsculo.

Meu encontro com Deanna foi um desperdício. Este casamento não passava de uma desculpa. Ela estava me batendo no momento em que eu me sentei e quase disse a ela para esquecer a coisa toda, mas então eu teria que encarar Josh. Ela arranjou um jantar que eu não queria e, quando cheguei em casa, fui espancado - mental e fisicamente.

Entrando na cozinha, quase pulei quando vi Marin sentada à mesa.

— Divertiu-se hoje à noite? — Ela perguntou.

— Jesus. Não faça isso.

— Deixe-me dizer uma coisa que *você* não precisa fazer. Não decepcione seus filhos e deixe-os esperando. Sua filha espera que você volte para casa todos os dias. E então você presta pouca atenção a ela. Este programa escolar foi muito importante para ela. Era pedir demais para você participar? E seu filho? Você age como se não estivesse aqui a maior parte do tempo. Comece a agir como um pai antes que eles esqueçam quem é o pai deles. — Colocando as palmas das mãos na mesa, ela se levantou e depois passou por mim e subiu as escadas.

E isso não me fez sentir pior do que eu já estava?

Capítulo onze

Marin

O SÁBADO CHEGOU e eu decidi levar as crianças para um passeio. Nós íamos comer um almoço mais fast-food do que fast-food e depois ir ao zoológico local. Toda vez que viam animais na TV, seus olhos brilhavam. Eu seria amaldiçoada se eu fosse sentar e esperar que o Dr. Mau humor os levasse. Então, naquela manhã, eles correram e enquanto assistiam seus desenhos favoritos, eu planejei o dia.

Por volta das onze, o próprio homem entrou na sala e anunciou que teríamos que sair à tarde.

— Por quê?

— Vai haver uma casa aberta hoje. O corretor de imóveis solicitou que a casa fosse arrumada e que ninguém estivesse por perto da uma às quatro.

— Uh, tudo bem. — Depois que pensei nisso por um momento, uma pergunta surgiu em minha mente. — Há quanto tempo você sabe disso?

— Desde quarta-feira. Por quê?

— E você decidiu esperar até agora para lançar isso em mim? — Eu estava moendo meus molares ao ponto em que provavelmente precisaria de dentaduras aos trinta anos de idade. Dr. Mau humor receberia a conta se eu fizesse.

— Há um problema com isso? Eu pensei desde que você planejou ter as crianças hoje que estaria tudo bem.

— Claro. Está sempre bem, não é? Mas posso te perguntar uma coisa? Alguma vez lhe ocorreu que seus filhos gostariam de um momento do seu tempo também?

Quem era essa pessoa? Ele olhou para mim como se eu tivesse perdido minha última célula cerebral, mas eu não poderia me importar menos. Eu não perdi tempo esperando por ele para responder, mas comecei a olhar os quartos, me certificando que estava — arrumado, — conforme solicitado. Quando terminei, peguei Aaron e levei-o para cima comigo. O quarto de Kinsley era o próximo, seguido pelo de Aaron, depois o meu. Depois que todos os banheiros estavam arrumados e organizados, corri de volta para a cozinha, onde encontrei o Dr. Mau humor sentado com o seu traseiro no balcão bebendo uma xícara de café. Isso realmente era o fim.

— Você possivelmente acha que você pode encontrar tempo em sua agenda ocupada para me ajudar a arrumar a casa*? — O sarcasmo escorria de mim.*

A caneca de café parou no meio do balcão até a boca. Seus olhos se contorceram por um segundo e ele colocou a xícara no balcão.

— Tenho a sensação de que você está chateada com alguma coisa.

— Uau, você não é perceptivo?

— Não há necessidade de sarcasmo.

— Oh, há uma necessidade muito grande. — Passei por ele, entrei na lavanderia para depositar algumas toalhas sujas que carreguei do banheiro. Então voltei para a cozinha, andei até ele e agarrei-o pela camisa. — Eu só quero dizer uma coisa. Você é um pai terrível. — Ele ficou boquiaberto comigo, mas eu não dei a mínima. Deixe ele me demitir. Entre carregar Aaron e limpar a casa, eu estava exausta. Saí correndo da sala para preparar as crianças para o nosso passeio.

— Kinsley, — eu gritei. — Vamos lá, vamos trocar de roupa.

Ela me seguiu até o seu quarto para se vestir. Ela foi muito obediente em fazer o que lhe foi pedido. Troquei de roupa também porque minha camisa estava molhada de suor. Então vesti Aaron e peguei Kinsley.

Quando todos voltamos para o andar de baixo, o Dr. Imbecil queria saber para onde estávamos indo.

— Em um passeio. Um passeio *divertido*. — Eu olhei severamente para ele. — Estaremos de volta às quatro ou mais tarde.

— Você não vai me dizer onde? — Ele perguntou.

— Nós vamos comer um almoço de junk food[10] e depois eu vou levar as crianças para o zoológico, uma vez que elas adoram animais e nunca estiveram *em um em suas vidas*. — Minha declaração teve o efeito que eu esperava. Sua mandíbula se abriu quando todos nós saímos pela porta. Aquele homem era enfurecedor.

Ambas as crianças estavam felizes como o inferno quando entramos no estacionamento de junk food.

— Nós vamos comer *aqui*? — Kinsley perguntou.

— Você pode apostar que nós vamos.

Aaron roeu os quadrados de frango. Isso meio que me assustou quando pensei sobre o que estava naqueles cubinhos de carne, mas me recusei a me permitir pensar nisso. Kinsley mastigou seu hambúrguer e batatas fritas.

— Esta é a melhor comida que já comi, Marnie. Devemos comer aqui o tempo todo.

— Diga ao seu pai isso.

— Podemos pegar um sorvete para a sobremesa?

— Eu acho que é uma ótima ideia.

Kinsley bateu palmas.

— Yay! — Então nós batemos os punhos.

Quando ela disse isso, Aaron bateu as mãos na mesa e gritou também.

— Marnie, por que papai nunca sai com a gente?

Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é?

[10]Junk food, também coloquialmente, "porcaria" ou "besteira", é uma expressão pejorativa para "alimentos com alto teor calórico, mas com níveis reduzidos de nutrientes".

— Oh, querida, eu acho que é porque ele tem que trabalhar muito.

— Sim, mas ele trabalha a noite toda também?

— Hmm, não a noite toda porque ele tem que dormir.

— Mas depois de comermos o jantar. Ele trabalha então?

— Às vezes sim.

— Eu não quero que ele trabalhe o tempo todo. Isto me deixa triste. — Sua pequena voz ficou triste e puxou meu coração.

— Você deveria dizer isso a ele.

Ela brincou com as batatas fritas e disse:

— Eu faço às vezes, mas não acho que ele me escuta.

— Querida, às vezes, o coração das pessoas para de funcionar como deveriam, e ele precisa consertá-las para não precisarem mais ficar doentes. — Sua expressão era tão sombria que eu precisava mudar o assunto. — Então, quem está pronto para sorvete?

Aaron juntou as mãos. Eu estraguei o cabelo dele já despenteado.

— Você está? — Ele assentiu, disse algumas bobagens e me deu um sorriso cheio de dentes. Eu ri porque seus dentes eram escassos e ele era tão fofo.

— E você, Kinsley?

— Posso tomar um sundae com calda quente?

— Você com certeza pode. Vamos lá.

Todos acabamos pedindo o mesmo de Kinsley. Aaron estava uma bagunça. Eu tirei várias fotos dele com o rosto coberto de calda de chocolate e sorvete. Foi hilário.

Então perguntei a Kinsley:

— Que tipo de bolo de aniversário você acha que Aaron gostaria? É quase o aniversário dele.

— Eu acho que ele gostaria de um bolo de sorvete.

— Boa ideia. Vou passar isso para o seu Gammie.

— Você não consegue fazer?

— Uh, eu não sei. Talvez.

— Marnie, você precisa entender. Não será bom se você não o fizer. Suas coisas são melhores que as de Gammie.

Meu coração bateu um milhão de vezes mais forte dentro da minha caixa torácica.

— Posso ter um abraço seu Kinsley?

Ela se levantou, atravessou para o meu lugar, e envolveu seus braços de meio copo em volta de mim.

— Este é o melhor abraço que já tive.

Aaron bateu na mesa e falou de novo naquela língua de bebê. Eu perguntei a ele:

— Você quer um também? — Mais palavras incompreensíveis vieram como resposta, então eu peguei-o de sua cadeira alta e o abracei. Ele colocou os braços em volta do meu pescoço e fez o seu melhor trabalho em me apertar de volta. Essas crianças estavam se colocando em um canto enorme do meu coração e isso estava começando a me preocupar. Afastar-me deles não seria fácil. Seria uma coisa se o pai idiota desse uma merda, mas pelo que eu vi até agora, ele não estava muito envolvido com eles. Se ele passasse uma hora por semana com eles, ficaria surpresa.

— Você está bem, Marnie? — Kinsley queria saber.

— Eu estou perfeita porque vocês dois são meus amigos e vamos nos divertir hoje. Vocês estão prontos para ir ver as criaturas?

Kinsley riu do meu uso da palavra criaturas.

— Eles não são criaturas, Marnie. Eles são animais.

— Certo então. Vamos seguir em frente.

Depois de me certificar de que o rosto de Aaron estava limpo, fomos para o zoológico. As crianças estavam no paraíso. E então chegamos às lhamas.

Eles nos deram comida para alimentá-los e, infelizmente, eu estava na linha direta do lhama cuspir. Ninguém nos avisou sobre esse pequeno

problema com essas criaturas em particular. Felizmente, ele me pegou na camisa. Se fosse Kinsley, teria chegado na cara dela. Quando isso aconteceu, ela gritou e gritou:

— Eca! — Aaron riu, e eu corri em busca de uma toalha de papel, esquecendo que eu tinha a bolsa de fraldas de Aaron no meu ombro. Depois que recuperei o juízo, tirei um lenço, limpei-me e corri para fora da gaiola da lhama.

— Por que isso, Marnie?

— Eu não tenho ideia, mas não mais lhama fazendo carinho para nós.

— Sim, isso foi nojento.

Não deveria ter sido eu, eu queria dizer.

— Ok, para o próximo grupo de animais. — Nós fomos para as cabras porque Kinsley queria acariciá-las. Elas tentaram comer o saco de fraldas, então não ficamos muito tempo lá também. Então nós visitamos os gansos, mas eles nos perseguiram por todos os lugares. Esses otários eram agressivos.

— Por que eles são tão maldosos, Marnie?

— Eu acho que eles estão com fome dos biscoitos de Aaron. — Eu tinha biscoitos no saco de fraldas. — Talvez eles tenham cheirado eles.

Essa resposta foi suficiente. Então, fomos em frente. Aaron estava feliz andando em seu carrinho e nós caminhávamos olhando os animais. Eu verifiquei o tempo e notei que era quase quatro.

— Vamos visitar os macacos, Marnie?

— Sim, nós vamos.

Depois dos macacos, fomos para casa. As perguntas de Kinsley sobre suas bundas vermelhas eram um pouco mais do que eu queria responder. Quando entramos no carro, eram quatro e quinze. O carro do Dr. West estava lá, junto com outros dois. Aaron estava dormindo, então eu cuidadosamente o peguei e carreguei para dentro.

Quando atravessei a porta, quatro pares de olhos se voltaram para mim. Um casal, o Dr. West e outra mulher estavam sentados à mesa da cozinha.

— Marin, Kinsley, — disse o Dr. West.

Levantei meu dedo aos lábios, para que não acordassem Aaron e o carreguei direto para cima. Depois que o deitei, fui ao meu quarto trocar minha camiseta suja. Parecia que era tudo que fazia hoje em dia. Então eu corri de volta para baixo para ter certeza de que Kinsley não estava no caminho dos adultos. Ela estava na sala de estar com a TV ligada, sentada em silêncio.

— Marnie, quem são aquelas pessoas com quem papai está?

— Não tenho certeza.

— Posso ter uma caixa de suco?

— Uh, vamos esperar um pouco.

Nós assistimos TV juntas até que todas as pessoas saíssem. Então o Dr. West entrou e anunciou:

— Estamos nos mudando. Eu assinei um contrato na casa.

Capítulo Doze

Greydon

MARIN E KINSLEY me encararam como se eu tivesse perdido a cabeça.

— O que há de errado?

— O que é isso, papai? Mudando?

— Não vamos morar aqui por muito mais tempo. Estamos recebendo uma nova casa.

A expressão de Kinsley caiu.

— Mas eu gosto desta casa. Onde será minha cama? Como vou dormir?

— Na nova casa. Você vai adorar ainda mais. Eu prometo.

— Mas eu quero manter o quarto que tenho agora. Tem elefantes e girafas lá dentro.

Sentei-me e puxei-a para o meu colo.

— Bolinha, vamos colocar girafas e elefantes e qualquer coisa que você quiser lá. Eu prometo.

— Anjos? Pode ter anjos lá também? E você acha que talvez um seja a mamãe?

— Talvez sim. — Eu pintaria cada maldita polegada quadrada de suas paredes com anjos, se é isso que ela queria.

— E Aaron? Onde vamos ter o bolo de sorvete que Marnie vai fazer?

— Bolo de sorvete? — O que ela estava falando?

— Você sabe. Seu bolo de aniversário.

Oh inferno. Ele ia ter um ano e eu convenientemente o empurrei para o compartimento *que não perturba* meu cérebro.

— Nós vamos ter na casa nova.

— O quarto de Marnie também estará ao lado do meu?

— Sim vai. — Eu olhei para Marin e ela estava me perfurando com aqueles malditos olhos dela. Ela tinha a capacidade de me emascular em milésimo de segundo com esse olhar. Merda. Eu estava lidando com isso completamente errado. Não importava. Eu nunca esperei que a casa vendesse tão rápido, mas esse casal acabou de se mudar para cá e queria fechar dentro de um mês. Trinta dias. Eles pagariam o preço pedido e este negócio era bom demais para se afastar. Meu corretor já encontrou outro lar para mim. Era uma nova casa de especificações na qual eu havia feito um contrato de contingência e devia expirar em quarenta e cinco dias. Isso foi uma vitória para mim.

Eu mentalmente assinalei uma lista de quem precisava ser contratado na segunda-feira. Pintores e montadores para começar. A casa estava recém pintada, mas eu queria que Kinsley tivesse suas girafas, elefantes e anjos, se quisesse. E eu queria algumas mudanças feitas no interior.

— Papai, podemos?

— O quê?

— Podemos ir ao cinema amanhã?

— Oh. Marin está te levando?

Quando seu rosto feliz caiu, eu sabia que ela estava esperando que eu fosse o único a levá-la.

— Ouça, bolinha, papai estará realmente ocupado nas próximas semanas com a mudança, mas depois disso, podemos ir ao cinema o quanto você quiser. OK?

— Okaaaaay— Ela deslizou do meu colo e com a cabeça mergulhada, ela caminhou lentamente em direção à cozinha. Marin seguiu-a. Não sendo capaz de enfrentá-las por mais tempo, subi para tomar banho. A verdade era que o remorso e a vergonha que me cobriam eram tão densos que não

pensei que algum dia me livraria disso. O casamento que eu prometi a Deanna que eu iria levá-la parecia um laço no meu pescoço. Por que mesmo eu concordei em ir?

Já passava das cinco quando desci, vestido com meu terno azul-marinho. As crianças estavam na sala de estar com Marin, tocando.

— Papai. Você está todo vestido, — disse Kinsley.

— Sim. Eu estou indo para o casamento, lembra?

— Oh. Eu esqueci.

— Vocês se divertem hoje à noite.

A carranca de Marin me fez sentir extremamente culpado por deixar as crianças. Não era algo que eu quisesse fazer e isso azedou meu humor ainda mais.

Quando cheguei a Deanna, ela me ofereceu uma bebida, mas eu recusei. O remorso de passar tanto tempo longe de Kinsley estava me sufocando. Mas eu não queria estragar a noite de Deanna. Um de seus amigos mais íntimos estava se casando, então eu coloquei um sorriso no meu rosto e fingi que estava feliz por estar aqui.

A recepção acabou por ser uma festa completa com uma banda de doze peças e um bar que servia bebidas de alta qualidade. Deanna continuou empurrando bebidas na minha mão e antes que eu percebesse, eu não estava perto de ficar sóbrio. Nós pegamos um Uber de volta à sua casa porque dirigir estava totalmente fora de questão. Quando ela estava dentro, eu pretendia pegar outro uber para casa, só que ela me agarrou e me implorou para não deixá-la sozinha.

— Não vá, Grey. Nós nos divertimos tanto, eu não quero que você vá embora. Por favor fique.

— Mas eu tenho filhos e preciso ir para casa.

Ela se lançou para mim com a intenção de me beijar, mas eu me movi no último minuto, fazendo-a cair no chão. Ela tentou se segurar e acabou torcendo o tornozelo desde que usava saltos pontiagudos.

— Ahh, — ela gritou de dor.

Eu a ajudei no sofá, me desculpando, mesmo que realmente não fosse minha culpa. Foi ela quem tentou me beijar, não o contrário.

— O que eu vou fazer? — Ela choramingou.

— Eu vou pegar um pouco de gelo. Espere.

Quando voltei, tirei seu sapato e pedi que colocasse peso nele. Ela fez. Eu tinha certeza de que não estava quebrado, mas amanhã ela saberia realmente.

Eu coloquei o gelo em seu tornozelo, que eu apoiei no sofá. Depois de alguns minutos, ela perguntou:

— Você vai me ajudar no meu quarto? Eu gostaria de me despir.

Em circunstâncias normais, essa questão não me incomodaria, mas a maneira como a voz dela se tornara sensual, enviava alarmes.

— Hum, Deanna, eu vou te dar uma mão para o seu quarto, mas então eu tenho que sair.

— Sair? Você não pode me deixar assim. — Ela apontou para o pé. — O que eu deveria fazer? Eu mal posso andar.

— Eu acredito que é apenas uma ligeira entorse.

— Mas dói, — ela choramingou novamente. Jesus, isso foi um grande erro, levá-la. E depois bebendo toda aquela vodca. Minha cabeça já latejava e ainda não era de manhã.

— Ok, deixe-me ajudá-la.

Eu a ajudei e, com todos os direitos, ela era uma mulher muito atraente, mas eu não estava interessado.

— Qual caminho?

— Lá. — Ela apontou para o corredor. — Meu quarto está no final.

Sua cama estava coberta com uma colcha de cetim vermelho. Parecia que ela encenou o quarto. Tinha a aparência de um boudoir[11]

[11] **Boudoir** é uma palavra francesa, que ao pé da letra significa o quarto ou uma sala de estar privativa feminina, onde a mulher se arruma após um banho.

sexy. Travesseiros vermelhos profundos foram arremessados ao acaso e um robe de seda preto estava em sua cama.

— Você pode me ajudar?

Ela virou as costas para mim e eu abri o zíper.

— Eu vou te dar um pouco de privacidade.

— Eu prefiro que você não faça.

— Uh, Deanna, acho que temos objetivos diferentes. O meu foi para te ver segura em casa e depois sair. Obviamente, você tinha outra coisa em mente. Desculpe, não estávamos na mesma página.

— Isso sempre pode mudar se você me der uma chance.

— Acho que não. — Eu fui embora, fechando a porta atrás de mim. Isso me deixou em um grande dilema embora. Eu estava mais que ligeiramente embriagado e também preocupado com ela. E se ela não estivesse fingindo e algo realmente estivesse errado com seu tornozelo. Eu decidi dormir em seu sofá e pegar um Uber de volta para o meu carro pela manhã.

Eu deveria ter pego um para casa naquela noite.

Na manhã seguinte, eu estava no sofá quando algo me acordou. Era a mão de Deanna na minha virilha.

— Bom dia, cara grande.

Caralho.

Eu deslizei sua mão de cima de mim.

— Como está o seu tornozelo? — Eu realmente não queria saber, mas era uma distração.

— Melhor. — Então ela abriu seu robe de seda preta para revelar seu corpo nu embaixo. Esta mulher não estava aceitando um não como resposta. Sua mão voltou para minhas calças e tentou abri-las quando eu a parei.

— Eu sinto muito, Deanna. Como eu disse ontem à noite, nossos caminhos não estão se cruzando agora. Eu sinto muito. — Eu gentilmente

empurrei a mão dela e me levantei. Não foi fácil, porque ela estava quase nua e bem na minha cara. Mas eu consegui e procurei meu celular no bolso, onde pedi um Uber.

— Então você está realmente recusando uma rapidinha?

Dando a ela um sorriso arrependido, eu disse:

— Sim, eu estou. Estou feliz que seu tornozelo esteja melhor. Verificando o aplicativo para ver aonde o motorista do Uber estava, ele mostrou que estava a poucos minutos de distância. Eu decidi esperar do lado de fora. Era muito desconfortável aqui. Quais devem ser minhas palavras de despedida? Obrigado por uma noite estranha?

— Eu acho que vou estar vendo você, — eu disse.

— Sim, eu acho que sim.

Eu me deixei sair pela porta e esperei. Não demorou muito para que o motorista aparecesse. Eu senti como se estivesse fazendo a caminhada da vergonha. Foi terrível. Esta era a última vez que eu iria a qualquer encontro.

As crianças estavam correndo por aí gritando e felizes quando entrei na casa. Minha cabeça estremeceu algum tipo de melodia de hard rock que eu nunca tinha ouvido antes. Tudo o que eu queria fazer era ir para a cama.

— Papai! — Kinsley colidiu com minhas pernas. Eu a peguei no ar, depois a abracei.

— Ei, bolinha.

— Papai, você tem coisas cor de rosa em toda a sua camisa. — Eu nunca me preocupei em checar, mas eu acho que foi quando Deanna fez sua grande tentativa de me beijar. — O que é isso?

Marin ficou parada e sorriu. Tenho certeza que ela estava gostando dessa troca.

— Eu acho que pode ser batom.

— Batom? Por que você teria batom na sua camisa?

— Porque algumas mulheres estavam no casamento que eu conhecia e elas me abraçaram. Chegou lá por acidente.

— Oh.

Marin franziu o cenho. Ela viu através da minha mentira. Mas ela não precisava saber a verdade também.

— Papai, você cheira mal.

— Eu cheiro?

— Uh huh— Kinsley beliscou o nariz dela.

— Acho que preciso tomar um banho então. — Coloquei-a no chão e subi as escadas, passando por Aaron sorridente. Aquele garoto nunca teve um dia ruim em sua vida. Quando cheguei ao banheiro, olhei no espelho e fiz uma careta. Havia mais do que apenas um pouco de batom manchado na minha camisa. Essa coisa estava toda no meu colarinho. Deanna fez um ótimo trabalho de arruinar minha camisa. Não é de admirar que Marin tivesse me dado aquele olhar.

Capítulo Treze

Marin

ELE VALSOU na porta sem se importar com o mundo, mas parecia a maior prostituta que eu já vi. O homem não percebeu que ele tinha uma filha? Ela tinha apenas sete anos, mas ainda assim. E o fedor... quanto álcool ele consumiu na noite passada? Então ele desapareceu por horas. Mais uma vez, um pai ausente. Ele não era mais o Dr. Mau humor ou o Dr. Imbecil. Ele era o Dr. Fantasma.

Eu deveria ter ontem *e* hoje de folga, mas acho que ele esqueceu. Ou apenas se embebedou e deitou e não deu a mínima. Eu decidi rolar no plano B.

— Então, pessoal, querem ir ver um filme?

Seus olhos se iluminaram, só que Aaron sempre fazia isso quando você lhe perguntava alguma coisa.

— Podemos comprar pipoca e refrigerante? — Kinsley perguntou.

— Você pode apostar que nós podemos.

— Yay!

Lá fomos nós e acabamos vendo o filme fofo sobre os pequenos personagens minions. Ah, as crianças riram e riram, mesmo que eu duvidasse que Aaron soubesse o que estava acontecendo. Eu ri como eles, embora eu fervesse por dentro. Nas últimas semanas, eu tive algumas conversas com minha mãe e expliquei algumas coisas sobre o Dr. Fantasma. Eu disse a ela como estava indo para todas as conferências de pais e mestres, com as crianças a reboque, como ele praticamente ignorava Aaron e como ele nunca estava por perto. Mamãe ficou genuinamente chocada.

— Bem, droga, Marin, só não sei o que dizer.

— Ele é um idiota, mãe.

— Marin, não diga isso. Ele passou por tanta coisa.

— Sim, bem, não faça seus filhos passarem por isso também. Estou só dizendo. Honestamente, sou a mãe e o pai deles juntos. E não é justo para eles. Eles são as crianças mais adoravelmente perfeitas de todos os tempos.

— Graças a Deus por isso. Pelo menos eles não são terríveis.

— Ele deveria ser grato, mas ele não dá a mínima.

Quando chegamos em casa dos filmes, o Dr. Fantasma estava assistindo TV.

— Eu me perguntei aonde você foi.

Minha boca sarcástica resmungou:

— Estou surpresa que você tenha notado que tínhamos saído.

Kinsley disse:

— Nós fomos ao cinema, papai. Viu essas coisas minions. Eles eram engraçados.

— Coisas Minion?

— Jesus, você realmente está fora de sintonia, — eu disse.

Ele deu de ombros e disse:

— Posso falar com você?

Fomos para a cozinha e ele disse:

— Estou ligando para os montadores amanhã. Nós só temos quatro semanas e eu gostaria de me mudar assim que a casa for pintada. Existem apenas alguns quartos que precisam ser feitos desde que o lugar é novo. Vamos começar a arrumar um quarto de cada vez. Então nós vamos ter o das crianças e seu quarto feito.

— Isso não faz sentido. Isso nos colocará entre as casas e viveremos em dois lugares.

— Não, não vai. Eu tenho tudo planejado com os pintores em uma planilha. Eu falei com eles esta tarde. Está tudo certo.

Ele e suas planilhas estúpidas.

— Bem. Apenas me diga o que e quando preciso fazer.

— Estou contratando um muralista para pintar os quartos das crianças. Eu quero que eles tenham fotos legais do que quiserem. Kinsley mencionou girafas e anjos. Ela pode decidir o que mais quer ser adicionado e, em seguida, o decorador coordenará de acordo. Mas você terá que escolher para Aaron.

— Eu? Por que eu?

— Você está com ele o tempo todo. — Ele disse isso como se eu fosse uma idiota. Ele era de verdade?

— Porque não você? Você é o pai dele. Ou você não notou? — Ele desviou o olhar e não olhou para mim novamente.

— Você vai fazer isso. Eu nunca estou aqui.

— Sério. Eu não sabia. *Dr. Fantasma.*

Sua boca se abriu como se quisesse dizer alguma coisa, mas depois fechou-a. Ele levantou-se e foi embora. Tudo sobre ele era tão estranho. Eu precisava desistir de tentar analisar sua loucura. Isso não era da minha conta. Ou era? A verdade era que aquelas crianças não ocupavam um canto do meu coração. Eles agora possuíam uma grande parte dele e minha preocupação era genuína. Eu queria que as coisas estivessem certas com ele por causa daqueles filhos preciosos.

Na noite em que ele falou sobre a minha escrita, eu comecei um diário. Todo dia eu escrevia alguma coisa, mesmo que fosse apenas uma linha ou duas. Eu olhei para trás agora e percebi que se eu tivesse mapeado seu comportamento, pareceria um ziguezague. Por que ele era tão mercurial? Ele parecia ter tudo na vida, bem na ponta dos dedos. Eu simplesmente não conseguia entender.

AS PRÓXIMAS semanas voaram. Entre o final do ano letivo, o aniversário de Aaron, comigo tentando fazer com que uma família se juntasse a ele - e esse era realmente o meu trabalho? - e, seguindo em frente, eu estava no fim da minha cabeça. Eu tinha ido de uma garçonete à uma mãe / empregada em tempo integral / e agora sendo coordenadora. Eu não fazia ideia do que estava fazendo. O idiota até me queria para dirigir os montadores no dia da mudança.

— Eu posso estar de plantão naquele dia, — ele me informou.

— Oh, não, você não pode. É isso aí. Se você está de plantão, eu desisto.

— O quê! Você não pode desistir.

— Quem disse? Eu posso fazer o que eu quiser. Além disso, você é o chefe mais ridículo com as expectativas mais absurdas que já encontrei, e isso inclui meu ex-empregador antiético. Lá eu disse isso. Ele ficou parado olhando para mim como se eu usasse um chapéu preto de bruxa. Eu gostaria de ter esses tipos de poderes incríveis no momento. Eu golpeava aquela bunda dele, que era tão apertada que provavelmente poderia arrancar um prego do meio de uma moeda de dez centavos. Eu quase ri da minha pequena piada.

— Não, você não pode desistir.

— O inferno que eu não posso. Eu não vou estar no comando da sua mudança. Essa é sua responsabilidade. Esta é a sua casa. Eu faço praticamente tudo mais. Você não vê como tudo isso é errado? — Meu braço varreu na minha frente. Eu fiquei e esperei por uma resposta. Ele só ficou boquiaberto comigo como um peixinho estúpido. — Para alguém que foi para a faculdade de medicina, você com certeza é tão estúpido quanto uma caixa de pedras.

— Eu não sou estúpido.

— Então pare de agir assim e assuma o controle de sua própria casa. Seja um homem pelo amor de Deus. — Eu caminhei para fora do quarto. Meus pés estavam começando a doer de todo esse barulho. Este homem estava irritando meu último nervo. Então a culpa choveu sobre mim quando pensei naqueles anjinhos que precisavam de alguém para amá-los. E eu desabei todas as vezes. Virando-me, disse: — Tudo bem. Eu não vou desistir, mas por doozy, é melhor você assumir a responsabilidade por esta mudança. — Eu apontei meu dedo indicador para ele e acrescentei: — Não, você não estará de plantão amanhã. Eu me fiz entender? Ou eu estou indo embora.

Ele ergueu as mãos no ar e disse:

— Perfeitamente. Não estou de plantão.

O homem manteve sua palavra. Ele estava lá para os carregadores e todas as descompactações das caixas. Foi uma bagunça também com as crianças para acompanhar. Eu nunca poderia ter feito isso sem ele. No final do dia, ele me agradeceu profusamente. De novo, e de novo. Ele nunca tinha feito isso antes.

Eu fiquei boquiaberta com ele.

— O quê? — Ele perguntou.

— Eu estou chocada. — E eu estava... genuinamente.

— Por quê?

— Você *nunca* me agradece.

— Sim eu agradeço.

Então eu ri. Rapidamente se transformou em um uivo total. Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu me dobrava e batia no meu joelho. O homem estava delirando.

— O que há de errado com você?

Eu segurei uma mão no ar, tentando recuperar o fôlego. Quando eu pude respirar novamente, eu respirei ar e disse:

— Não há nada de errado comigo. É você quem tem o problema. — Eu fui embora, esperando que ele refletisse sobre a minha declaração.

Kinsley e Aaron estavam na nova sala de estar onde o guru eletrônico contratado pelo Dr. Delirante estava ligando a TV ao cabo recém-instalado. Felizmente eu estava pensando em fazer isso antes do tempo porque você-sabe-quem com certeza não fez isso. Eu também me certifiquei de que a água, o gás e os aparelhos elétricos estivessem ligados, lembrando-o de que precisava transferir o serviço. O guru também estava equipando a casa inteira com o sistema de câmeras que a outra casa tinha. Este seria sem fio e seguro. Por tudo que o médico gastava com essas coisas, alguém pensaria que ele dava a mínima para sua família.

— Kinsley, Aaron, certifique-se de não ficar no caminho do homem, ok?

— Ok, Marnie. — Aaron murmurou algo ininteligível.

— Hey, garoto, eu tenho uma ideia. Vou subir para arrumar suas camas. Por que vocês não vêm comigo?

— OK. Venha Aaron, — disse Kinsley.

Ele nos deu um sorriso babão. Eu o peguei e subimos a enorme escadaria. Esta casa era ainda maior que a anterior. Talvez o Dr. Delirante quisesse ser o Dr. Desaparecido para que ele pudesse sumir aqui e as crianças não pudessem encontrá-lo.

— Marnie, você gosta daqui?

— Hum, sim, eu faço. É um lugar muito bonito. Você?

— Nuh uh. Mamãe não saberá onde moramos agora.

Nós estávamos navegando pelo longo corredor em direção aos nossos quartos, então parei e caí de joelhos, enquanto ainda segurava Aaron. Ele pensou que eu estava brincando, então ele riu.

— Querida, sua mãe é um anjo agora, lembra? Ela sempre saberá onde você mora. É assim que os anjos funcionam. Eles sabem tudo. Ela está com você agora mesmo.

— Ela está?

— Absolutamente. E ela já sabe como é seu novo quarto e que tem girafas, elefantes e anjos nas paredes. Ela também sabe que tem estrelas no teto.

— Ela sabe?

— Sim. E você quer saber o que mais?

— O quê?

— Aposto que ela os ama e diria se pudesse.

Kinsley se jogou em Aaron e em mim, nos jogando para trás. Nós três acabamos no chão em uma grande pilha, rindo. Foi assim que o Dr. Delirante nos encontrou.

— O que está acontecendo aqui?

Kinsley olhou por cima do ombro para ele.

— Marnie me disse que mamãe gostava do meu novo quarto e sempre seria capaz de me encontrar.

— Bolinha, eu tenho certeza que Marin está certa. — Sem outra palavra, ele se virou e se dirigiu para o seu quarto, que ficava no extremo oposto do corredor. Tanto para o tempo da família.

— Vamos lá, coisas curtas, vamos arrumar as camas. — Demorou o dobro do tempo com Aaron no quarto, porque toda vez que eu colocava o lençol em um canto da cama, ele o tirava. Ele achava que estávamos brincando e, honestamente, era difícil não rir dele. A fofura toda embrulhada em doce era uma combinação difícil de não amar.

Terminamos no quarto de Kinsley e depois fomos para o meu. Foi um desastre. Eu ainda tinha caixas para desfazer e as malas. Kinsley abriu uma que não estava fechada e tirou algumas fotos emolduradas.

— Quem é essa, Marnie?

Eu olhei para cima para ver o que ela segurava, e o que costumava me esmagar em pedacinhos só beliscou um pouco agora. Era uma foto do meu ex e eu.

— Oh, esse é o meu antigo namorado.

— O que aconteceu com ele? Ele é um anjo agora como a mamãe? Eu gostaria de poder dizer a ela que ele era um idiota, mas isso não era apropriado para uma criança de sete anos de idade.

— Não, querida. Nós simplesmente não nos entendemos muito bem e terminamos.

— O que isso significa? Terminamos?

— Bem, isso significa que ele não é mais meu namorado.

— Oh, como Jordan e Brianna na escola?

— Eu suponho que sim, mesmo que eu não saiba quem eles são. — Eu tenho certeza que Brianna não achou o rosto de Jordan enterrado na boceta de outra garota, mas eu não falei isso.

Isso pareceu satisfazê-la, então ela colocou as fotos de volta na caixa. Então ela abriu uma caixa de plástico. Eu estava ocupada arrumando a cama, então não estava prestando muita atenção. A maior parte do meu foco estava na cama e em Aaron. De repente, ouvi um zumbido. Minha cabeça se levantou para encontrá-la segurando meu vibrador. Foda-me.

— Kinsley, solte isso!

— O que é isso, Marnie? É um brinquedo?

— Sim. Eu quero dizer não! Ponha de volta! Agora!

Ela riu e correu para fora do quarto, segurando a maldita coisa no ar. Eu peguei Aaron e a persegui. Eu a ouvi rindo todo o caminho pelo corredor. Droga, é melhor que ela não... e me foda se não o fizesse.

— Papai, olha o que eu encontrei.

O Dr. Delirante saiu do quarto, deu uma olhada em Kinsley e perguntou:

— Onde você conseguiu isso? — Então ele me viu atrás dela. Um sorriso apareceu em seu rosto coberto de rugas, e então ele começou a uivar. E Jesus, me ajude, ele alguma vez pareceu sexy quando riu. Depois

que ele finalmente conseguiu falar, ele disse: — Bolinha, eu acredito que a dona daquilo agradeceria se você devolvesse para ela. E você pode querer desligá-lo primeiro.

— O que é isso, papai?

— Eu acho que você deveria deixar Marnie explicar. — Foi a primeira vez que ele me chamou de Marnie. Ele inclinou seu longo corpo contra a parede enquanto cruzava os braços, esperando pela minha explicação. Kinsley se virou e estendeu a mão para mim, com o dito vibrador.

Eu peguei a maldita coisa dela e desliguei.

— Uh, Kinsley, como eu disse antes, é um tipo de brinquedo, mas é para adultos. — Meu rosto ficou tão quente quanto o Saara.

— Mas como isso funciona?

Dr. Bunda esperta riu, maldito ele.

— É meio difícil de explicar. É um tipo de coisa adulta. Por que não vamos e terminamos no meu quarto e depois eu leio para você e Aaron?

— Você brinca com isso?

— Em uma maneira de falar.

— Mas como?

Jesus, por favor, venha a esta casa e me resgate dessa farsa.

Quando eu estava abrindo a boca para responder, o Dr. West disse:

— Bolinha, você é uma coisinha persistente, não é? Você estava bisbilhotando as coisas de Marin? Foi assim que você achou?

— Sim papai.

— Venha aqui, por favor.

Ela caminhou até onde ele estava.

— Lembra o que eu te ensinei sobre isso?

— Eu não deveria bisbilhotar.

— Está certa. O que você diz para Marin?

Ela se virou para mim e disse:

— Sinto muito.

Então ele me surpreendeu, levantando-a para o alto e dizendo:

— Boa menina. — Então ele plantou um beijo na testa dela.

Corri de volta para o meu quarto, o rabo entre as pernas, o vibrador em uma mão, a outra segurando Aaron enquanto eu praticamente o arrastava atrás de mim. Eu tinha que esconder esse maldito brinquedo em algum lugar. Enfiei-o entre o colchão e as molas antes que Pequena senhorita Snoopy voltasse para o quarto para que isso não acontecesse novamente. Então eu rapidamente terminei de arrumar a cama e fui para o quarto de Aaron. A sua cama era fácil, já que ele ainda estava no berço. Kinsley não reapareceu, então imaginei que ela ainda estava com o pai. Sobre o maldito tempo.

Aaron e eu voltamos para a cozinha. Isto ia ser um urso de uma tarefa. A maior parte da arrumação tinha sido feita, mas eu não tinha ideia de onde havia algo. O Dr. West e Kinsley entraram e ela gritou que estava com fome. Eu não ousei olhá-lo nos olhos. Esse incidente com o vibrador nunca seria esquecido. Correndo até a geladeira, abri para inspecionar o conteúdo, só para descobrir que não havia nada. Bem, merda. Então eu deixei escapar:

— Eu preciso ir às compras.

Ele mordeu os lábios por um segundo e eu só sabia que ele estava morrendo de vontade de dizer alguma coisa. Graças a Deus ele não fez. Em vez disso, ele passou a mão pelos cabelos e disse:

— Eu realmente preciso arrumar meu escritório. — Então sua língua cutucou o interior de sua bochecha. Por que eu estava de repente achando ele tão sexy? Ugh.

Pela primeira vez eu não me importei com essa tarefa. Isso me afastaria dessa situação e, quando voltássemos, talvez ele tivesse esquecido o incidente sórdido.

— Vamos crianças, vamos para o mercado. — Eu os encurralei e fomos embora.

Enquanto estávamos lá, eu tinha Aaron no carrinho de bebê amarrado ao meu peito, e Kinsley geralmente segurava minha mão. Mas eu estava escolhendo carne para nossos jantares, e Kinsley gritou:

— Olha Marnie, é o homem da foto. — No começo, não cliquei, mas quando me virei para ver para quem ela estava apontando, isso me derrotou como um tronco gigante ao lado da minha cabeça. Damien ficou ali, segurando a mão da minha ex-melhor amiga. Eles me encararam por um segundo e depois riram. Eles riram!

Meus pés congelaram no chão. Eu queria correr, me esconder, mas não conseguia. Kinsley agarrou minha mão e os balançou como ela sempre fazia. Eles caminharam em nossa direção, a risada substituída por risos.

— Hmm, cuidando de crianças agora, Marin? Parece que você fez um ótimo trabalho subindo a escada da carreira, — disse Damien.

— Oi! Meu nome é Kinsley. Meu irmão é Aaron. Qual é o seu?

Abençoe seu adorável coração.

— Eu sou Damien. Essa é Dawn.

— Oi, — disse Dawn.

Eles olhavam das crianças para mim. Eu sorri.

— Então, Mare, o que está acontecendo?

— Não muito. E vocês?

Dawn enfiou a mão no meu rosto e anunciou:

— Vamos nos casar.

— Parabéns. Vocês dois merecem um ao outro, — eu disse amargamente.

— Hmm, parece que você também tem o que merece Marin, — disse Dawn.

Ela estava se referindo à minha situação na vida. Idiota.

— Sim, bem, apenas lembre-se. Uma vez traidor sempre traidor. — Então eu peguei a alça do carrinho e empurrei para longe deles.

Kinsley perguntou enquanto caminhávamos:

— Eles trapacearam na escola em seus testes?

— Algo parecido. Ok, então que tipo de fruta você quer, querida? — Terminamos de fazer compras, carregamos o carro e voltamos para casa.

Depois do que acabei de experimentar, não estava com vontade de fazer todo o descarregamento. Na minha primeira viagem, marchei para o consultório do médico e instruí-o a levar sua bunda para fora e me ajudar.

— Desde quando você me dá ordens? Fiquei com a impressão de que você é minha empregada e não o contrário.

— Isso está certo? Vou dizer uma coisa. A partir de agora, não precisaremos nos preocupar com essa relação empregador / empregado.

Eu não lhe dei a oportunidade de objetar ou dizer uma única palavra. Sem pensar, fui até o carro, tirei todas as sacolas de supermercado, coloquei-as na garagem e fui embora. Quando o fiz, eu o vi sair correndo, agitando os braços. Meu telefone tocou alguns minutos depois, mas não respondi. Tinha acabado. Ele fez o seu melhor para abusar do meu papel de babá e eu fiz o meu melhor para cumpri-lo. Eu não poderia trabalhar para a merda ingrata por mais tempo. Trabalhar para ele era como trabalhar para um... bem, não havia palavras para isso.

Quando entrei na entrada da mamãe e do papai, o carro deles sumiu. Isso era provavelmente uma coisa boa. Eles teriam me dito para virar e voltar. Mas ver Damien e Dawn, lidar com isso, e então toda a merda que eu estava lidando nos últimos meses, fizera o melhor para me irritar com algo terrível. Talvez eu precisasse voltar para a escola. Talvez faculdade de direito. Eu não sei, mas eu tinha algumas ideias para tentar.

Capítulo Quatorze

Greydon

EU ESTAVA NA MERDA. Não, eu fui enterrado na merda. E foi minha culpa.

— Grey, o que você fez com aquela garota?

— Mãe, eu não preciso de uma palestra agora. Sua ajuda é o que eu estou pedindo.

Ela apareceu exatamente como eu sabia que ela faria. Papai também. As expressões que ambos usavam não eram nada que eu quisesse lidar no momento. As crianças ficaram felizes em vê-los, mas eu me senti como uma criança de doze anos de novo. Papai cuidava das crianças enquanto mamãe cuidava de me dar essa conversa que eu tinha vindo.

— O que diabos aconteceu, Grey? Você vai explicar, ou seu pai e eu vamos embora.

— Ela desistiu.

Mamãe me encarou como se eu não tivesse uma onça de senso.

— Eu poderia te dar um tapa agora. Eu sei disso. Mas por quê?

— Ela não podia aguentar isso, mãe.

— Grey? — A questão implorou por mais de uma explicação.

Eu esfreguei meu rosto e passei os detalhes esboçados. Ela não comprou. Mamãe era mais perspicaz que isso.

Ela assumiu a *postura* da *mãe*, aquela com a mão no quadril e um pé na frente do outro. Eu conhecia bem essa postura. Eu já havia encarado isso muitas vezes quando era adolescente. Era sua postura combativa e ela estava pronta para brigar comigo.

— Besteira. Você era um idiota para ela, não era? O que você fez com aquela garota? Seus filhos a adoram e ela fez tudo aqui, menos esfregar o chão. Oh espere, ela fez isso também. — Seu dedo indicador surgiu para o último comentário.

— Eu tenho uma empregada para isso. — Meu argumento ficou aquém.

— E você não acha que as crianças derramam coisas todos os dias? Você vê a casa suja? Há roupa empilhada? Seus filhos estão com falta de alguma coisa? Seus filhos dizem que estão com fome, cansados? Você vê uma bagunça completa quando chega em casa à noite ou seus filhos estão banhados e prontos para dormir? - não que você saiba mais sobre isso. Ah, e como foi a mudança, a propósito? Os quartos dos seus filhos foram descompactados? Suas coisas foram postas de lado? Suas camas feitas? Seus brinquedos foram guardados? Seus livros estão nas prateleiras? — O sarcasmo escorria de cada uma de suas palavras.

Quando parei para pensar sobre isso, aquela pobre garota assumiu muito mais do que uma mera babá deveria ter feito.

Ela não me deu a oportunidade de responder antes de continuar, seu dedo cavando no meu peito.

— Ah, e quando foi a última vez que você ajudou Kinsley com o dever de casa? Participou de uma reunião com o professor de Kinsley? O ano letivo está terminando em uma semana. Você estava ciente disso?

— Merda.

— Merda está certo. Isso resume suas habilidades parentais atuais. Você é patético. Achei que te criei melhor que isso. O que aconteceu com você? Você costumava ser o *pai do ano*. Onde está esse homem agora, Grey? — Ela estendeu o telefone.

— Para que isso?

— Chame-a. Agora mesmo. Porque aquela mulher, aquela que você deixou ir embora, é a única esperança que seus filhos têm. Ela está

cuidando deles, Grey, e se por um minuto solitário, você puxasse sua cabeça para fora da sua bunda, você perceberia isso. Seu tom não me dava oportunidade de discutir.

Minhas mãos estavam com raiva, não para minha mãe, mas para mim mesmo.

— Ela não vai responder. Eu já tentei.

— Não seja tão tolo. Ela não vai saber que é você. Você ligaria do meu telefone.

Passei a mão pelo meu cabelo e soltei um sopro de ar.

— Eu não sei, mãe. Eu realmente estraguei tudo.

— Não use essa palavra ao meu redor. Você sabe o quanto eu odeio isso. Ligue para ela neste segundo. Sim, você fez uma bagunça das coisas, mas nunca é tarde demais para fazer as pazes. Grey, você tem um coração enorme dentro desse seu corpo. Comece a usá-lo, caramba. — Seu telefone estava em sua mão, como minha tábua de salvação. Marin era minha única chance.

Agarrando, eu tive que procurar o número dela no meu próprio telefone para fazer a ligação. Eu ainda estava surpreso quando ela respondeu.

— Olá? — Ela claramente não sabia quem era.

— Por favor, não desligue. Eu fui um idiota de primeira classe e me desculpe. Mas as crianças precisam de você. E isso pode ser outra coisa idiota para dizer, mas é verdade. Eu preciso de você também. Esta casa não pode funcionar sem você. Estou implorando, Marin. Qualquer coisa que você quiser.

— Tarde demais, amigo. Eu te dei várias chances e você explodiu cada uma delas. Eu...

Naquele exato momento, a salvação na forma de minha bolinha de cabelos escuros, explodiu no quarto gritando:

— Papai, papai, quando é que Marnie está voltando para casa? — Era impossível para Marin não a ouvir.

— Baby, eu não tenho certeza se ela vem.

— Por que não?

— Aqui, por que você não pergunta a ela? — Eu entreguei a ela o telefone. Pode ter sido completamente cruel da minha parte usar minha filha como arma, mas eu precisava daquela mulher mais do que de qualquer outra coisa no momento.

Kinsley pegou o telefone da minha mão e perguntou:

— Marnie, por que você não vem para casa?

Eu não pude ouvir sua resposta, mas Kinsley disse:

— Mas eu te amo tanto e Aaron, só que ele não pode falar direito. Quem vai me levar para a escola e me ajudar com tudo? Mamãe está com os anjos e agora você está saindo também. E quem vai ajudar Aaron com suas aulas de dança? — Então ela começou a chorar. Eu a peguei em meus braços e entreguei o telefone para mamãe.

— Você pode falar com Marin por um segundo, por favor? Diga a ela que eu ligo de volta.

Eu carreguei Kinsley para a grande poltrona de couro no escritório e sentei com ela no meu colo.

— Bolinha, vai ficar tudo bem. Somos uma grande equipe antiga, lembra?

— Gostava mais quando Marnie estava aqui. Você trabalha o tempo todo.

Meu coração quebradiço explodiu em um milhão de cacos.

— Eu sei que você sabe. Mas vamos ficar bem de novo, você verá. Gammie ajudará e Bebop também. E talvez encontremos uma Marnie diferente.

— Eu não quero outra Marnie. Marnie era minha amiga.

Nós nos sentamos juntos por um longo tempo, tanto tempo que perdi a noção do tempo. Como diabos eu a convenceria a voltar? Eu alisei o cabelo de Kinsley e murmurei palavras suaves para ela enquanto tentava descobrir como lidar com isso. A principal coisa na minha lista era me tornar um pai melhor... como o tipo que costumava ser. Então ouvi uma batida na porta e olhei para cima para ver Marin parada ali. A cabeça de Kinsley estava espremida na curva do meu pescoço, então ela não a viu. Eu a cutuquei de lado e disse:

— Ei, garota, você tem uma surpresa.

— O quê?

— Olhe para lá.

Quando ela fez isso, ela disparou do meu colo e atravessou a sala como um estilingue, direto nos braços de Marin. Os olhos de Marin se estreitaram nos meus. Tive a sensação de que ela estava me avisando e a ouvi alto e claro. Não mais desculpas. Eu abaixei minha cabeça bem antes que ela e Kinsley saíssem do quarto. Eu decidi ser o pai que eu costumava ser, além de ser um empregador melhor. Eu não precisei repetir o desempenho de hoje.

UMA SEMANA DEPOIS, Kinsley teve sua noite de final de ano na escola e eu estava de plantão. Implorei ao meu parceiro que mudasse comigo, mas não havia como ele conseguir. Seu filho também estava em algum programa escolar. Eu fiz a chamada temida.

— Marin, eu...

— Eu sei. Você não pode fazer isso.

— Eu tentei mudar, mas o garoto do Josh também tem o programa dele. Eu juro. — Eu choraminguei como uma criança de cinco anos de idade.

— Escute-me. Eu não me importo se você tem que usar aqueles uniformes verdes e um daqueles chapéus patetas. Sua bunda é melhor estar lá ou então. A ligação terminou.

Porra, ela significava negócios. Chequei a hora e rezei para que às seis e quarenta e cinco não estivesse no laboratório do EP fazendo um procedimento com alguém. Os minutos passavam e, às seis e meia, avisei às enfermeiras que eu estaria saindo, mas teria meu telefone. Se alguma coisa acontecesse, elas deveriam me mandar um texto. Eu responderia imediatamente. Eu implorei a Deus para me dar uma noite tranquila, pelo menos até que Kinsley terminasse com a parte dela da performance.

Às sete horas, corri para o auditório da escola, vestido exatamente como Marin descreveu, e me sentindo um idiota. Mas eu não me importei. Eu a caçava porque se ela não me visse, minha bunda estava acabada. Eu finalmente a localizei, sentada ao lado, sozinha, com Aaron. Havia assentos vazios ao redor dela, felizmente, então meus longos passos engoliram o corredor e me sentei ao lado dela.

Ela me lançou um olhar de soslaio e disse:

— Você pode tirar esse chapéu idiota. Eu não acho que você precise disso aqui.

Eu rapidamente tirei da minha cabeça. Ela tinha um jeito de me fazer sentir tolo. Então ela jogou Aaron no meu colo. Ele me deu um tapa na primeira chance que teve e depois riu.

— Shh, — eu disse. Isso o fez rir mais.

A música começou e a cortina se abriu. A primeira equipe saiu e eles eram as menores coisas, fofas como poderiam ser. Eles correram em um estado de confusão e o auditório explodiu em gargalhadas. Eu relaxei mais e mais enquanto a música continuava. Quando acabou, o próximo grupo saiu.

— Este é o grupo de Kinsley.

Eu me animei. Ela estava vestida com uma roupa de peixe. Bem, mais ou menos. Eu não tinha ideia de que ela possuía isso. Um chapéu de peixe azul sorridente estava em cima de sua cabeça e ela usava uma camisa azul brilhante que imitava escamas de peixe e tinha uma nadadeira saltando nas costas. Sua saia tinha camadas de tule brilhante embaixo e o grupo cantou — Under The Sea. — Eles não eram ruins, e eu poderia escutar a voz dela porque havia apenas dez deles. Meu coração disparou para esta minha preciosa filhinha e depois afundou para todos os programas dela que eu perdi. Quando ela terminou, levantei-me como um tolo e a aplaudi de pé. Marin agarrou meu braço e me puxou de volta para o meu lugar.

— O quê?

— Você está fazendo um espetáculo de si mesmo. Comporte-se. — Desta vez, as palavras dela não estavam com raiva. Elas estavam cheias de diversão e seus olhos dançavam enquanto me observavam.

— Ela estava tão boa.

— Sim, ela sempre é.

Agora eu me sentia ainda pior. Marin deve ter percebido isso, porque ela disse:

— Tenho toneladas de fotos e vídeos salvos para você.

— Você... toneladas de vídeos?

— Sim. Eu estava esperando você expressar interesse em seus filhos.

— Eu acho que eu merecia isso. — O pobre Aaron ficou agitado comigo de pé e batendo palmas, mas ele não se importou nem um pouco. Ele apenas sorriu como costumava fazer.

Eu olhei para ele e pensei em como o aniversário dele tinha ido e vindo. Eu não estava presente para isso - não podia me forçar a estar lá. A marca de um ano de seu nascimento deixou um gosto amargo na minha boca. Só agora, quando olhei para ele, pensei em como tudo isso não era culpa dele. Eu beijei o topo de sua cabeça e amaldiçoei Susannah

novamente. Eu tinha feito alguma coisa para mandá-la para os braços de outro homem? Eu era um marido tão terrível? Nós nunca brigamos ou discutimos. Eu pensei que nós tivemos um bom casamento. Como eu pude estar tão errado?

Meu telefone tocou com um texto. Eu verifiquei para descobrir que precisava ir.

Marin viu e assentiu. Eu entreguei Aaron e disse:

— Diga à minha bolinha que estou muito orgulhoso dela e que a amo mais do que sorvete. Vou ligar assim que puder.

Ela tocou meu braço quando eu estava saindo.

— Ei, estou feliz que você tenha feito isso.

— Não tanto quanto eu estou.

Eu me virei para sair, mas a voz dela me parou.

— Não esqueça seu chapéu bobo. — Ela apontou para a cadeira ao meu lado onde eu deixei a maldita coisa. Meu chapéu pateta. Isso trouxe um sorriso ao meu rosto.

— Certo. Obrigado.

Pensei na performance de Kinsley a noite toda. Mas ela não era a única em quem eu pensava. Por que não abri meus olhos para o que estava bem diante deles?

Capítulo quinze

Marin

O DR. MAU HUMOR NÃO ERA mais rabugento. Uma mudança ocorreu na noite após o programa de Kinsley e ele era... legal comigo. Muito bom. Ele foi realmente atencioso com a minha agenda e perguntou antes de fazer qualquer coisa. Houve várias vezes nas semanas que se seguiram onde ele queria minha opinião sobre as coisas. O homem me chocou. Foi tão diferente que em um ponto eu apenas olhei para ele.

— O quê?

Eu esfreguei meus olhos por um segundo.

— O que aconteceu com você?

— O que você quer dizer?

Estava fora da minha boca antes de pensar nisso.

— Você mudou. O Dr. Mau humor desapareceu.

— Dr. Mau humor. Eu não sou um rabugento.

Eu bati a mão na minha boca e soltei uma gargalhada.

— Você acha que eu sou ranzinza?

Puxando minha mão para longe, anunciei:

— Chamando Dr. Mau humor. Dr. Mau humor para o centro do coração, — em um tom formal. Então me inclinei na cintura e ri ainda mais com a minha pequena piada.

Quando meu riso diminuiu, percebi que ele não estava rindo. Na verdade, ele não achou nada tão engraçado quanto eu. Eu me endireitei para ver que ele estava mais do que um pouco irritado.

— Estou feliz que você encontre o que eu lido diariamente como cômico. E que quando tenho que contar a uma família que seu ente amado

morreu, e estou um pouco rabugento como você diz, é fácil zombar de você. Por que você não tenta se colocar no lugar de outra pessoa para variar, Marin? Talvez você não seja tão rápida em ridicularizar.

— Eu não estava ridicularizando você.

— Mas soou assim para mim.

— E eu não estava falando sobre o que você faz. Eu estava me referindo à maneira como você costuma agir em torno de seus filhos.

— Sim, bem, às vezes é um pouco difícil derramar o que acontece no trabalho no minuto em que passo pela porta. Porra, você é uma imbecil. Alguém já te disse isso?

Eu recuei um passo porque alguém tinha. Meu ex-namorado, Damien. Ele costumava me dizer isso muito, mas eu sempre achei que ele era um imbecil. Ele costumava reclamar o tempo todo. Até quando ele conseguiu algo tão pequeno quanto um corte de papel. Certa vez, ele bateu o dedão do pé na perna da mesa e, por um minuto, pensei que ele fosse chorar. Isso é uma merda, não é? Talvez eu devesse ter sentido mais pena dele, mas eu disse a ele para ser homem e parar de agir como um bebê. Agora eu me sentia meio mal com isso.

— Peço desculpas por desrespeitar sua profissão. Eu não deveria ter dito isso.

Ele cortou a cabeça para cima e para baixo uma vez, depois se virou e saiu do quarto. Eu assisti sua retirada com crescente pesar e culpa sobre o que aconteceu. Se ao menos ele não tivesse feito essa observação sobre seu trabalho. Eu sabia que isso o incomodava às vezes. Mas isso não apaga minha crença de que ele não passou tempo suficiente com seus filhos. Eles observavam a porta, especialmente Kinsley, todos os dias esperando ele entrar. E quando ele fazia isso, em alguns dias ele apenas os reconhecia brevemente e saía para o seu escritório idiota. Eu deveria ter mantido minha boca fechada. As coisas estavam indo tão bem, com ele sendo legal e eu tive que arruinar isso.

Como estava ficando tarde, decidi ir para a cama. Eu poderia assistir TV no meu iPad se eu quisesse ou talvez eu tivesse lido em seu lugar. Ou eu poderia trabalhar no artigo que comecei sobre o que aconteceu comigo no meu emprego dos sonhos, mas as palavras que costumavam fluir parecem ter secado neste tópico. Talvez o momento não estivesse certo. Havia alguns livros que eu tinha, que eu estava esperando para cavar de modo que deveria me manter muito ocupada. E eu também poderia escrever no meu diário. Quando cheguei no andar de cima, verifiquei Kinsley, e ela estava dormindo, então fui para o quarto de Aaron. Mas parei quando vi o médico em pé sobre o berço. Eu estava me preparando para seguir em frente, mas o ouvi murmurar alguma coisa. Ele estava muito longe para eu entender o que ele estava falando, então eu fui para o meu quarto. Ele sempre agia tão estranho ao redor daquele menino. Eu não consegui descobrir. Não adianta perguntar por que. Como se ele me dissesse de qualquer maneira. Na maioria dos casos, ele não era muito informado sobre as coisas.

De manhã, as crianças estavam irritadas. Todo mundo estava de mau humor. Eu estava com dor de cabeça, Aaron estava nervoso e Kinsley não estava tomando o café da manhã. Ela sempre gostou da maioria das coisas e era incomum que ela não comesse.

— Eu não quero isso, — ela choramingou quando eu coloquei a fruta na frente dela. Quando eu coloquei o ovo mexido e a torrada, que ela sempre engoliu, ela disse a mesma coisa.

Eu senti a testa dela e estava quente.

— Hmm, você se sente bem?

Ela encolheu os ombros. Ela não era uma menina doentia, e nos meses que eu estive aqui, ela não estava doente por um dia.

— Vamos perguntar ao seu pai. — Eu imaginei que seria a melhor coisa.

Eu desci as escadas para onde ele estava trabalhando, algo que nunca fiz e *santo Jesus*. o homem estava correndo na esteira sem camisa, suor escorrendo por ele, e ele estava rasgado e... quente. Como eu não sabia disso? Eu estava morando sob o mesmo teto com ele há quanto tempo agora? Quatro meses? E eu não tinha ideia de que esse corpo existisse sob aquelas roupas que ele às vezes usava, ou aquela camisa e gravata que ele usava para trabalhar. Cristo todo-poderoso, por que eu desci aqui? Agora eu teria essa imagem queimada no meu cérebro para sempre.

Ele tirou os fones de ouvido e bufou:

— Sim?

— Eu, uh, erm, — e eu lambi meus lábios secos.

— O que é isso, Marin? — Impaciência tingiu sua voz.

Ele esperou que eu dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

— Sim. Kinsley. Sim, Kinsley está... agindo com calor... quero dizer estranho.

— Qual e? Quente ou estranho? — Ele estava obviamente irritado comigo.

— Ambos. Eu queria saber se você poderia dar uma olhada no quente. Eu quero dizer nela. — *Se componha, sua idiota.* Meus olhos famintos percorriam seu delicioso torso. Espera! Ele era um homem velho. Como ele poderia estar tão bem? Homens da minha idade raramente pareciam assim. Eu estava tão consumida com pensamentos luxuriosos dele que não percebi que ele tinha saído da esteira e passou por mim.

— Você vai ficar aí parada ou vai vir?

Nossa, tire sua cabeça da sua bunda, Marin.

— Certo, sim, indo. — Ele estava na metade da escada, então eu corri atrás dele, olhando sua bunda, e estava bufando quando cheguei à cozinha.

Ele me deu um daqueles olhares e disse: — Você deveria estar em melhor forma do que isso, tão jovem quanto você é. Não é bom para o seu coração, você sabe.

— Eu sei. Eu não sou exatamente uma idiota. O tempo é um fator, ou você provavelmente não percebeu isso.

— Você pode usar a esteira. Leve as crianças lá embaixo.

— Sim, e isso é tão fácil. — Irritação governou meu comentário.

— Você não quer acordar um dia com artérias obstruídas. Ah, espere, você não acordaria se elas estivessem obstruídas.

— Puxa, que lindo pensamento.

— Só te dizendo o que acontece quando você não se cuida.

— Vamos nos concentrar em Kinsley?

Ele se virou para verificar sua filha.

— O que há bolinha? Não está se sentindo bem?

Ela franziu o cenho para ele e eu queria rir. Ele olhou para mim e disse:

— As crianças podem ser difíceis.

— Você não é um médico?

— Sou cardiologista, não pediatra.

O que diabos isso significa? Ele não foi para a escola de medicina? Eles não ensinaram sobre o corpo humano? Kinsley não era humana? Para mim ela agia igual um ser humano.

— Isso faz sentido zero. Ela é humana.

Ele riu. Ele fodidamente riu de mim.

— Porque é que isso é engraçado?

— Ela é uma criança. Eu fui treinado em corações, não em crianças.

— Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi. Você foi para a faculdade de medicina e não aprendeu nada sobre o corpo humano, apenas sobre um coração.

— Não, não foi isso que eu disse.

— Foi sim.

— Não foi.

Ele era tão frustrante.

— Pare com isso. O que você aprendeu?

— Corações.

— Então você se ferrou.

Ele recuou como eu bati nele.

— Fui para a escola de medicina de Harvard. Eu não acho que me ferrei.

— Se você não pode dizer se Kinsley está doente, eu acredito que você fez.

Ele apertou os dentes com tanta força que os ouvi clicar.

— Marin, tudo o que estou dizendo é que eu não estudei doenças da infância.

— Você pode pelo menos dizer se ela está com dor de garganta? Como o check-in ou algo assim? Você não tem uma pequena bolsa preta com uma daquelas luzes como médicos de verdade? Ou uma daquelas luzes de ouvido?

Ele olhou para mim antes de sair do quarto. Eu sabia que ele foi ao seu escritório e eu vi aquele pequena bolsa preta dele lá dentro. Não tenho certeza do que estava nele ou se ele realmente usou. Mas tudo parecia estranho para mim. Eu sempre imaginei que você fosse para a faculdade de medicina e depois fizesse algum tipo de treinamento médico e depois fosse para uma escola especializada. Acho que eu estava errada. Ele era especialista e foi para a escola do coração.

Ele veio carregando aquela pequena bolsa preta. Ele colocou na mesa da cozinha e tirou uma daquelas coisas com uma luz no final.

— Bolinha, abra para que papai possa ver sua garganta.

Ela fez. Tudo o que ele disse foi:

— Hmm. Sua garganta está bem vermelha. Dói, bolinha?

Ela deu-lhe o habitual encolher de ombros.

— Você mediu a temperatura dela? — Ele me perguntou.

— Não, mas eu vou. — Eu corri para cima e peguei o termômetro. Então eu corri de volta para baixo e coloquei no ouvido dela. Segundos depois, apitou. — 37,8. Não muito alto, mas não é de admirar que ela esteja irritada.

— Ela provavelmente está pegando um resfriado, — disse ele.

— Ela não tossiu nem ficou congestionada.

— Poderia ser os estágios iniciais. Acho que devemos manter um olho nela. Verifique a temperatura dela de vez em quando. Se ficar acima de 38,4, ligue para o médico.

— OK. — Pelo menos ele foi para uma escola que o treinou em mais do que apenas corações.

Tanto pelos meus planos para o dia. A biblioteca local estava tendo um dia de crianças e eu ia levar eles lá. Mas agora isso estava fora. Nós ficaríamos por aqui até ela ficar melhor.

O Dr. West estava certo. Kinsley acabou com um leve resfriado. No dia seguinte, ela desenvolveu uma leve tosse e coriza. Nada realmente ruim, mas o suficiente para fazê-la se sentir insignificante. Depois daquele dia inicial, ela realmente se animou. Aaron nunca ficou doente, graças a Deus. E o Dr. West ligou durante o dia e no dia seguinte para checar as crianças.

Capítulo dezesseis

Greydon

EU ESTAVA SENTADO na minha mesa, olhando meus e-mails quando Josh enfiou a cabeça no meu escritório.

— Ei, não esqueça o piquenique da família no escritório neste fim de semana.

Merda.

— Porra, obrigado pela lembrança.

— Você não coloca essas coisas no seu calendário?

— Sim, eu faço, de fato.

Ele soltou uma risada profunda. — Acho que você estava tentando fugir disso, então, hein?

— Não, simplesmente não estava na minha cabeça.

— Então, o que foi?

Marin cheia de ansiedade por um mero fio. Ontem à noite, quando cheguei em casa, ela quase me agrediu com perguntas. Eu assegurei a ela que não era nada e que as crianças ficavam doentes o tempo todo.

— Não essas crianças. Eles não ficaram doentes um dia desde que eu estive aqui.

— Você só está aqui há quatro meses. Apenas dê um tempo.

Eu disse a Josh sobre isso.

— Ei, considere-se com sorte. Você realmente encontrou uma babá que se importa. Tivemos uma sorte terrível em encontrar uma boa.

— Isso é verdade?

— Sim, e a que eu tenho agora é obcecada por germes. Ela está constantemente limpando tudo. Isso me deixa louco. Eu quero dizer a ela para deixar as crianças construírem algumas imunidades.

— Pelo menos você não é repreendido por não conhecer doenças pediátricas.

— Verdade. Cara, aposto que você queria dar a ela uma verdadeira bronca na língua.

— Mais como um... não importa. — Por alguma razão, a mandona tinha sido um pouco quente, para não mencionar a nossa disputa verbal. E isso me sacudiu até o núcleo. Ela era a babá e fora dos limites. Eu ficava me lembrando disso.

Ele se virou para sair e disse:

— Sábado. Meio dia. Não esqueça idiota.

Eu dei-lhe o polegar para cima. Honestamente, eu não estava ansioso para um piquenique na tarde de sábado com o pessoal do escritório. Eu me perguntei se Marin seria capaz de ir. Ela poderia ajudar a assistir as crianças, o que seria ótimo.

Naquela tarde, depois de um dia relativamente tranquilo, coloquei minha bunda em uma cadeira no consultório de Mike, meu psiquiatra.

— Então? O que há de novo?

— As coisas estão melhores em casa, — eu disse.

— Oh?

Sempre me deixou louco quando ele fez essa merda. Jogar a bola de volta para mim sem absolutamente nenhum conselho.

— Porque você faz isso?

— Fazer o quê?

— Nunca me dá conselhos.

— Grey, se você quiser um conselho, escreva para Dear Abby. Ok? Explique como as coisas estão melhores. Conte-me sobre o seu envolvimento com seus filhos.

Ele sempre encontrou o problema, não foi? Eu mudei no meu lugar.

— Kinsley está apaixonada pela babá. Ela realmente a adora.

— Por que o olhar?

— O olhar?

Ele riu.

— Sua expressão. Se sua testa estivesse mais enrugada, você não seria capaz de enxergar.

Levantei a mão na testa para aliviar a tensão porque, de fato, ele estava certo.

— Ela tem um jeito com as crianças que é... genuíno. Ela... os ama eu acho.

Ele se inclinou para mais perto.

— Isso é maravilhoso. Você deve estar feliz com isso, sabendo que seus filhos estão com alguém que realmente se preocupa com eles. E quanto ao seu envolvimento com eles? Está melhor?

Eu me contorci.

— Eu estou trabalhando nisso.

— Pode me explicar?

— Minha babá está na minha bunda constantemente. Ela diz que sou egoísta.

— E o que você diz?

— É difícil argumentar com ela, mas ela também não conhece a história toda.

Mike se recosta na cadeira. Eu posso dizer pela expressão dele que ele não está comprando minha explicação.

— Grey, por sua própria admissão, você nunca foi assim com seus filhos antes. Como podemos voltar para o verdadeiro Grey? Você não é um homem egoísta.

— Eu gostaria de saber. Estou tentando. É mais fácil com Kinsley, mas Aaron, não consigo decidir o que fazer. Ela vê minha reticência com ele e entende como egoísmo.

— Entendo. Vamos voltar para a babá. Você está feliz que as crianças se dão bem com ela.

— Uh huh. — Eu balancei a cabeça.

— Mas eu sinto que há mais.

Ele estava certo, só que eu não estava disposto a admitir isso.

— Mais?

— Mais do que apenas a relação entre as crianças e a babá.

— O que isso deveria significar?

Ele me ofereceu um de seus sorrisos calmos.

— Você quer que eu soletre para você, Grey?

— Você acha que eu tenho uma coisa por ela?

— Você tem?

Engoli. Por que era tão difícil admitir?

— Vamos tentar outro assunto, já que você é tão... taciturno sobre isso. E a sua decisão sobre o DNA?

A questão pairou entre nós, como um laço esperando para ser apertado em volta do meu pescoço.

— Grey? — Ele perguntou.

Eu cerrei os dentes e admiti:

— Eu não sei.

— Você não pode continuar se torturando. Você eventualmente vai ter que se resolver? Já faz quase um ano, não é? Até eu tenho que dizer que é um pouco ridículo.

— Você está me chamando de idiota?

— Droga, certamente eu estou.

Esta era a primeira vez que ele foi ríspido comigo. Eu não respondi, apenas fiquei boquiaberto para ele porque isso realmente me chocou.

— Escute-me. Se você sabe, você sabe. Aaron é seu para o longo prazo, quer você goste ou não. Se você obtiver os resultados do teste e eles lhe disserem que ele não carrega seu DNA, você terá a resposta. Se eles dizem que ele é seu, então você sabe. Mas essa falta de conhecimento está incomodando você. Você está agindo como se ele não fosse seu, então, o que importa?

Quando eu não respondi, ele continuou:

— A quem você daria ele se o teste mostrasse que você não é seu pai?

— Ninguém. — Eu estava indignado que ele mesmo me perguntou isso.

Ele se inclinou para trás, cruzou as pernas e disse:

— Exatamente.

Então outro pensamento surgiu na minha cabeça.

— Puta merda. Aaron pode ter meios-irmãos.

— Outra coisa que você pode querer explorar quando ele ficar mais velho, mas isso é com você.

Eu sabia que Allie Gordon tinha dois filhos, mas eu não sabia a idade deles. Isso lhe dava o direito de conhecê-los?

— Sim, eu preciso fazer isso. Se ele não é meu, eu teria a responsabilidade de contar a Allie Gordon?

Ele encolheu os ombros.

— Você pode querer conversar sobre isso com seus pais ou irmão, que é um advogado. Eles poderiam te dar uma melhor orientação sobre esse assunto. Meu papel é ter a cabeça reta. A linha de fundo aqui... ou pergunta... é o que você vai fazer quando encontrar a resposta? Como isso vai mudar a maneira como você trata Aaron?

Eu sabia que me afastei dele e que isso precisava mudar. Eu tinha que ir direto na minha cabeça. Talvez este seja o primeiro passo.

— Você me deu muito para pensar.

— Eu estava esperando que tivesse lhe dado muito para agir. O pensamento é o que está matando você. É hora de você tomar uma decisão.

— Você está certo.

Ele descruzou as pernas e disse:

— Ótimo. Eu quero ver você de volta em duas semanas. E Grey? Eu quero que você tenha tomado uma decisão ou já tenha feito o teste? Você está bem com isso?

— Sim. Eu estou.

Depois que entrei no meu carro, pesquisei kits de teste de DNA no meu celular e pedi um. Eu ainda não tinha certeza se eu realmente iria passar por isso, mas se eu tivesse, talvez fosse a melhor decisão.

NO SÁBADO, fomos até o parque para o piquenique da família no escritório. Marin não estava muito animada em ir. Ela tentou se livrar disso, dizendo que não era apropriado para ela participar de um evento familiar como este, já que tecnicamente ela não era da família.

— É muito apropriado. Você está lá para as crianças. E haverá outros além da família. — A verdade é que eu não poderia imaginar ir sem ela.

Mas eu estava errado. No passado, nunca prestei atenção a quem ia. Ninguém havia trazido suas babás ou alguém fora de suas famílias imediatas. Marin estava certa e era óbvio que a situação era extremamente embaraçosa para ela. No entanto, mesmo que soubesse, eu ainda a teria desejado aqui.

— Você tem certeza que eu não deveria ir embora? — Ela perguntou.

— Claro que não. Você não estaria aqui se eu não a quisesse aqui.

— Todo mundo está olhando.

Dando uma rápida olhada ao redor, ela estava certa. Eles estavam e era rude.

— Nem todos.

— A maioria das mulheres está.

— Ignore-as. — Mas era mais fácil falar do que fazer. Eu não era quem eles estavam olhando. Eu fiz o meu melhor para fazê-la sentir que ela pertencia, mas era um pouco estranho. As pessoas perguntavam sobre ela, mas eu na verdade sabia muito pouco para contar. Eu nunca tinha tido tempo para aprender alguma coisa sobre ela, o que era uma falta de consideração e pura preguiça da minha parte. Se eu não tivesse investigado aonde ela foi para a escola - que era o Emerson College, consistentemente classificada como a escola número um do país em jornalismo - eu não saberia desde que não perguntei diretamente a ela. Ironicamente, Emerson estava em Boston e eu tive que rir desde que ela me deu essa merda sobre a minha educação em Harvard.

A coisa que me impressionou, porém, foi o quão bem ela lidou com ela mesma. Eu pensei que nós tínhamos uma equipe amigável até hoje. As enfermeiras e os funcionários do escritório a tratavam como uma pária. Talvez fosse porque ela parecia diferente do resto deles. Ou talvez eles fossem protetores de seu pequeno grupo. Mas eu não gostei e não me senti orgulhoso deles. Mordi de volta várias respostas às vezes porque as crianças estavam presentes, mas na reunião da nossa equipe de almoço de segunda-feira, eu certamente abordaria essa questão.

Todos os homens tentaram me encurralar para onde as disputas do buraco de milho estavam acontecendo, mas eu recusei porque não queria deixar Marin sozinha com as crianças. Não era que ela não pudesse lidar com eles. Foi por causa das observações que eu ouvi e estava me irritando.

A esposa de Josh, que tinha sido muito gentil comigo no ano passado, veio falar conosco.

— Grey, já faz algum tempo. Espero que você esteja bem.

— Ashley, é bom ver você. Esta é Marin. Ela cuida das crianças e é uma salva-vidas.

Elas se cumprimentaram e Ashley estava extremamente calorosa com ela.

Ela gesticulou para um grupo de pessoas e disse para mim:

— Eu queria saber se você gostaria de se juntar a nós lá. Achei que talvez as crianças gostassem de brincar junto com as outras.

Marin olhou para mim com olhos implorando para dizer não. Mas Ashley não era como as mulheres que fizeram comentários maliciosos e eu queria que Marin soubesse disso.

— Está tudo bem comigo desde que Marin esteja bem com isso.

Suas sobrancelhas se ergueram. Ela não esperava isso, nem Ashley do jeito que ela olhava para nós dois. Eu estava tentando fazer um ponto, que Marin não era apenas uma idiota para ser tratada mal como o resto do pessoal do escritório estava fazendo.

— Er, sim. Eu acho que seria ótimo para as crianças.

— Então vamos fazer isso.

Enquanto caminhávamos, Ashley disse:

— Josh me mataria por mencionar isso, mas ouvi que seu encontro com Deanna foi um desastre.

Eu quase engasguei com a minha língua. Meus olhos foram direto para Marin. Não era como se eu precisasse de sua aprovação para namorar ou algo assim.

— Uh, bem, eu não sabia que ela pensava nisso como um encontro.

Ashley rachou.

— Você está brincando certo?

— Não! Josh fez soar como se ela precisasse de um substituto para um casamento. Quando a conheci, era apenas uma amiga.

— Vamos, Grey. Dê uma olhada em si mesmo. Você é o novo Dr. Bonitão. Todo mundo está falando sobre colocar suas patinhas em você.

Ou melhor, colocar as patas na sua... — Ela riu de sua pequena piada, o que eu não achei muito divertido.

Eu olhei para Marin novamente.

— Comece a espalhar a notícia, Ashley. Isso nunca vai acontecer.

Ela agarrou meu braço.

— Você não pode estar falando sério. Você poderia ter sua escolha da colheita. Poxa, você poderia ter toda a colheita se quisesse.

— Eu não quero nenhuma parte da colheita. Eu só quero criar meus filhos.

Dei uma olhada em Marin e ela ficou sem jeito com as crianças enquanto discutíamos a possibilidade de eu sair com alguém.

— Olhe, não leve isso do jeito errado. Mas eu fiz isso uma vez e acabou muito mal. Eu nunca mais vou ter essa chance novamente.

— Nem todas as mulheres são como Susannah.

A cabeça de Kinsley se virou para nós com a menção de sua mãe, e ela disse:

— Senhorita Ashley, você sabe que minha mãe vive com os anjos agora e eu tenho anjos no meu quarto.

— Escute, não vamos discutir isso na frente das crianças. Não é a coisa mais apropriada, você não concorda? — Eu murmurei para Ashley,

— Sim, e peço desculpas, — ela sussurrou. E então ela e Kinsley discutiram sobre os anjos enquanto continuávamos andando. Marin ficou olhando meu caminho de vez em quando enquanto segurava a mão de Aaron. Não sei o que diabos estava ocorrendo em sua cabeça agora.

Capítulo Dezessete

Marin

A CONVERSA entre o Dr. West e Ashley foi muito esclarecedora. Um, ele não gostou de seu casamento e de seu - encontro - não encontro. E dois, ele não tinha intenções de namorar, mesmo que ele fosse a mercadoria quente no hospital. Eu acho que as mulheres procuravam médicos mais velhos hoje em dia, ou talvez fosse o dinheiro. Mas eu tive que admitir que o homem estava muito quente.

As crianças divertiram-se muito, mas a maior parte do foco estava em Aaron. Ele era claramente o centro das atenções com todos oooh e aaaah sobre a pequena gracinha. Ele correu a todo vapor, e depois caiu direto no meu colo, rindo como um louco. Então ele decolaria novamente.

O Dr. West andou um pouco para onde Kinsley estava jogando.

— Você é natural com ele, — disse Ashley quando ela se sentou no chão ao meu lado.

— Ele é tão fácil, qualquer um poderia ser.

— Ele te ama. Olhe para ele.

— Esse garoto ama todo mundo. Ele é a coisa mais feliz do mundo. Quase nunca chora. Eu estou dizendo a você, ele é o bebê perfeito. Bem, criança agora.

— Sim, parece que sim. — Ela bufou uma risada curta. — Eu queria que o meu tivesse sido tão fácil. Josh quer outro, mas acabamos de superar essa fase difícil e ainda não estou pronta para o número quatro.

— Quatro?

Seu braço disparou na direção dos homens e ela riu dizendo:

— Certo? Diga àquele idiota lá.

— Uau, ele realmente quer um quarto, hein?

— Hum, faça isso seis. Eu teria que me apaixonar por um católico irlandês. Ele tem seis irmãos, então ele acha que é normal. Vou parecer aquela vaca nos anúncios de leite.

Era impossível não rir.

— Eu não achei que as pessoas tivessem tantos filhos hoje em dia.

— Eles não fazem. Joshua McBride não é normal de maneira alguma.

Aaron voltou para a rodada duzentos e cinquenta e nove nos interrompendo, e Ashley bagunçou seus cabelos ondulados.

— Garoto, ele nunca fica atrás de sua mãe?

— Sim? Eu nunca a conheci, — eu disse.

— Tal tragédia.

— Eu sei. Eu me sinto muito mal pelas crianças, especialmente Kinsley. E o Dr. West também. Eu não pensei muito sobre isso, mas deve ter sido difícil continuar depois que ela morreu.

— Susannah era... diferente.

Isso me pegou de surpresa.

— Diferente? Como assim?

— Ela era corporativa todo o caminho, se você sabe o que quero dizer. Entre você e eu, acho que ela usou as calças naquela casa.

— Mesmo? — Essa revelação me chocou. O Dr. West parecia tão controlador. Ele não agia como o tipo de homem que deixaria uma mulher comandá-lo.

— Eu não quero dizer isso em um mau sentido, necessariamente. Eu acho que ele apenas passou muito tempo com ela. Ele lidava mais com as coisas de casa, se você me entende. Suponho que o que estou dizendo seja o que Susannah queria, e ela conseguiu.

— Entendo. — Eu realmente não sabia, mas eu não falava muito sobre fofocar assim, então eu não queria empurrá-la para mais. Eu tinha

que admitir que estava um pouco curiosa sobre ela. Mamãe nunca disse muito e eu nunca perguntei. Era uma espécie de tópico que ninguém nunca falou.

— Você não está nem um pouco intrigada, não é? — Seus olhos miraram nos meus e foi então que eu sabia que ela tinha um motivo para essa conversa *amigável*. Ashley estava descascando as camadas da minha cebola ou tentando de qualquer maneira.

— Só no sentido em que as crianças estão preocupadas. Eu realmente amo essas crianças. Eles carecem de atenção porque ele trabalha muito. Eu me preocupo com Kinsley sentindo falta da mãe dela. Aaron não vai se lembrar de nada sobre ela, infelizmente.

— Não, ele não vai. Susannah era do tipo que, se estivesse aqui, estaria ao telefone, ao lado, vestida com jeans muito caros ou algo ainda melhor do que isso. Ela não se sentaria no chão como você e eu estamos, nem deixaria Aaron intimidá-la repetidamente. E Grey... ele era realmente a mãe e o pai da casa. Ele fez tudo para aquelas crianças quando ela estava viva. Susannah estava meio que ausente.

Essa informação me chocou, mas novamente não aconteceu. Eu estava com a impressão de que nenhum deles tinha prestado muita atenção aos seus filhos e ambos foram apanhados nessa coisa de casamento e perderam o controle. Talvez eu estivesse fora da base aqui. Eu fiz a única coisa que pude. Dei de ombros.

— Diga-me, Marin. Grey é sexy como o inferno. É difícil até para mim e estou louca por Josh. Quero dizer, mal podemos manter nossas mãos longe um do outro se você quiser saber a verdade. — Ela suspirou. Eu realmente não queria saber esse pequeno detalhe, ou o que seja. — Você não está nem um pouco interessada nele?

Agora era a minha vez de rir. E eu fiz. Tanto que bati a mão na minha boca.

— De modo nenhum. Ele é tão velho! — E eu ri novamente. O pensamento de estar com ele era ridículo. Então acrescentei: — Você já olhou para nós? Eu nem sou de Vênus em seu mundo.

Ela olhou para mim.

— Ele olha para você de forma diferente do que os outros.

— O que isso deveria significar? — Essa conversa ficou super esquisita.

Aaron estava me carregando mais e mais e eu levei um minuto para acalmá-lo. Ele estava completamente ligado e quando ele ficava assim, ele tinha uma tendência a cair como uma mosca morta. Nós ainda nem tínhamos comido e não seria bom se isso acontecesse antes do tempo do cochilo.

— A irmã de Josh levou-o para o casamento. Tenho certeza que você já está ciente disso. Ela é maravilhosa. E não estou dizendo isso apenas porque ela é minha cunhada. Ela também é sexy e gostosa. Estamos muito perto. Ela queria sair com ele, então eu disse a ela para ir em frente. Foi um mau conselho. Deanna é ótima - uma pessoa doce e eu a adoro. Ela bebeu demais e foi um pouco ao mar. Eu provavelmente não deveria estar lhe dizendo isso, mas tenho a sensação de que você não é o tipo de pessoa que anda por aí fofocando. Eu também não, embora pareça que eu faço. Grey virou Deanna para baixo. Ele teve uma grande oportunidade e foi embora. Fiquei muito chocada quando ela me contou. E ela não se conteve. Ela estava envergonhada com a maneira como as coisas aconteceram. Josh diz que as enfermeiras do hospital flertam abertamente com ele o tempo todo e ele as ignora completamente. Atua como se elas não existissem. Mas hoje... — Ela apontou o dedo para mim. — Ele está em você, Marin. Ele presta muita atenção em você.

Eu queria empurrar seu ombro como se fosse uma boa amiga, só que eu não a conhecia bem o suficiente para isso.

— Claro que ele faz. Estou praticamente criando seus filhos. Ele está confortável comigo porque eu não sou uma ameaça. Ele pode agir normalmente ao meu redor, mas tenho que dizer que ele não é minha xícara de chá.

— Você está falando sério?

— Totalmente. Ele é um idiota.

Ela gargalhou.

— Então, o que você está dizendo é que ele é um médico.

Eu empurrei meu olhar para o dela e vi alegria em seus olhos. Eu não pude deixar de me juntar à diversão.

— Do que você duas estão rindo tanto por aqui? — Era o Dr. West.

Ashley disse suavemente:

— Marin é uma grande alegria. Ela estava me contando histórias sobre as crianças e como elas são divertidas.

— Sim, eles a amam também.

— Grey, este é um guardião. Se você quiser se livrar dela, mande-a para o meu lugar. Eu poderia usá-la com o time que Josh está tentando construir.

— Eu posso ver isso, — disse ele. — Eu vim para dizer as duas que o almoço está pronto.

— Ótimo. Estou morrendo de fome, — eu disse.

Nós caminhávamos para onde a comida estava sendo servida. Eles contrataram um bufê para fazer isso. Grey foi útil com as crianças. Ele cuidou de Kinsley enquanto eu lidava com Aaron. Aaron adorava o macarrão com queijo e os pedaços de frango que eu lhe dava. Eu era uma aberração sobre ele engasgar, então eu só dei a ele o menor dos pedaços. Grey cutucou um pouco de diversão para mim, enquanto Ashley e Josh nos observavam com interesse.

— Ele tem dentes. Ele pode roer um pouquinho mais do que uma pequena migalha, eu prometo.

— Não. Não me arriscarei.

— Marin, ele vai levar toda a tarde para comer.

— Isso é bom. Não quero que fique preso na traqueia dele. Você sabe o quão difícil é fazer o Heimlich[12] em um menino de treze meses? Não, obrigada.

— Eu acho que você está indo ao mar com isso. Ele não vai sufocar.

Eu joguei minhas mãos no ar.

— Então você o alimenta e você o observa.

— Marin, isso é...

— Não. Honestamente, se você não gosta do jeito que eu faço isso, então você pode lidar com isso.

A essa altura, eu havia me levantado e ele também. Ele agarrou meu braço, o que não era algo que ele normalmente fazia.

— Por favor sente-se. Você está certa. Eu não deveria ter me intrometido. Você é maravilhosa com Aaron. Muito melhor que... — E nada. Melhor que o quê? Eu olhei para ele esperando e esperando. Mas ele apenas limpou a garganta e disse: — Por favor, coma. Sua comida está esfriando.

Eu desci até o cobertor e notei que Josh e Ashley estavam tentando esconder suas risadas.

— O quê? — Eu perguntei.

— Você, — disse Ashley. — Você afunda seus dentes em algo e é isso.

— Eu não posso evitar. Bebês sufocando me assustam.

Josh apontou o polegar para Ashley.

— Ela é exatamente da mesma maneira. Com o número um, achei que estaríamos fazendo comida de bebê para a vida toda. A propósito, você lida bem com Grey. — E ele riu. Eu não tinha ideia do que ele queria dizer.

[12] A Manobra de Heimlich é o melhor método pré-hospitalar de desobstrução das vias aéreas superiores por corpo estranho. Essa manobra foi descrita pela primeira vez pelo médico estadunidense Henry Heimlich em 1974 e induz uma tosse artificial, que deve expelir o objeto da traqueia da vítima.

Eu terminei de comer e alimentar Aaron. O Dr. West saiu para brincar com Kinsley, mas pouco depois ele voltou anunciando que era hora de ir embora. Kinsley choramingou, dizendo que queria ficar. Eu não a culpei. Foi um passeio divertido para ela. Eles nunca fizeram eventos familiares e isso foi ótimo. Por que fugir assim?

— Está acabando em breve?

— Não. Estou apenas pronto para sair. Ele parecia um pouco mal-humorado.

— Mas ela está se divertindo muito. O tempo da soneca de Aaron não é por mais uma hora. Por que não ficar até então?

Ele grunhiu sua resposta.

— OK. Partimos em trinta minutos. Kinsley, vá brincar, mas quando eu chamar, você vem. OK?

— Sim Papa. — Ela correu para as outras crianças.

— Aquilo era mesmo necessário?

— O quê?

— Dizer a ela para vir assim? Ela é muito obediente. Você nunca precisa chamá-la duas vezes.

— Você está me dizendo como criar meus filhos?

Uau, de onde veio isso?

— Eu não faço praticamente isso de qualquer maneira? Criar seus filhos quero dizer?

Sua boca abriu e fechou, e ele apontou um dedo para mim por um segundo, mas depois deixou a mão cair. Depois de um momento, ele saiu. Que bom que ele fez. Se ele pensasse que poderia ir apontando aquele dedo médico para mim, ele tinha outra coisa vindo. Eu pegaria aquele dedo e enfiaria na bunda dele. Inferno, sua bunda estava tão apertada, que o dedo não teve uma chance no inferno de ficar preso lá, mesmo se eu tentasse martelar a maldita coisa dentro.

— Eu preciso ter medo de você agora? — Ashley se aproximou e eu não percebi.

— Por quê?

— Você se parece com Daenerys Targaryen de *Game of Thrones* quando ela está se preparando para soltar um de seus dragões.

Eu belisquei a ponte do meu nariz.

— Não, eu estou bem. É só... oh, nada.

— Sim, eles são frustrantes, não são?

— Quero dizer, ela está se divertindo muito e nunca consegue fazer coisas assim e ele quer sair sem um bom motivo.

— E você disse isso a ele?

— Bem, sim. Por quê?

Ela apenas riu. Eu não achei engraçado, mas aparentemente ela sim.

— Isso é inestimável. Eu amo que você não pule em todos os seus caprichos. — Isso foi uma coisa tão estranha de se dizer. Ela me deixou ali, tentando decifrar isso. Tudo que eu sabia era que esse grupo tinha minha cabeça girando e eu não tinha certeza se eu gostava disso.

Capítulo Dezoito

Greydon

NÃO TENHO certeza se Marin trabalhava para mim ou o contrário. Ela estava chamando os tiros nos dias de hoje e era difícil argumentar com sua lógica. Minha razão para querer sair tinha tudo a ver com a maneira como as mulheres do escritório a tratavam - esnobando-a, sussurrando atrás das costas e dando-lhe aquela aparência, - mas não queria dizer isso a ela. Isso seria abordado na segunda-feira. Eu não tenho certeza porque eles sentiram a necessidade de fazer isso, mas eu não iria admitir.

Quando chegamos em casa, Aaron estava dormindo, então o levei para o quarto dele. Kinsley estava precisando de um cochilo também, então ela seguiu atrás de mim. Eu a estabeleci e então decidi fazer um treino rápido. Peguei um pouco de água da cozinha e desci. Por que Marin havia invadido tanto espaço em minha cabeça? Ela assumiu, como um maldito vírus. Eu não podia dizer não a qualquer coisa que ela exigisse. Por que isso? Porque ela fazia todo o sentido a cada maldito tempo e isso me irritava. Eles eram meus filhos, então eu deveria ter a palavra final, certo? Mas não. Era ela quem conseguia o que queria. E isso é o que irritava. Ela estava me fazendo perder minha merda. Eu tive que deixá-la durante aquele maldito piquenique porque era isso ou entrar em uma sessão de cadelas. E isso não teria corrido bem? Eu podia ouvir Josh na segunda-feira me dando merda sobre isso.

Eu estava ajustando os pesos no leg press[13] quando ouvi passos. Virando-me, vi Marin pisando na esteira. Ela ainda não tinha me visto

[13] Leg press é um equipamento para a prática de exercícios de treinamento de peso individuais, na qual a pessoa empurra um peso para longe dela, usando as suas pernas.

porque eu estava inclinado para baixo, pegando outro peso. Tive o prazer de observá-la por um minuto. Ela parecia bem... muito boa.

— Você finalmente decidiu começar a se exercitar, eu vejo.

— Eek! — Seu telefone voou de sua mão quando ela pulou de susto. — Você me assustou. Não faça isso.

— Eu não sabia que você reagiria assim.

— Eu sempre reajo assim quando alguém me assusta. — Ela pegou o telefone e voltou para a esteira. — E só para você saber, eu tenho me exercitado por algumas semanas agora. Só quando Aaron está dormindo. Kinsley vem aqui comigo, então não pense que sou uma babá negligente. — Seu tom atrevido me deixou saber que ela não estava feliz com o meu comentário.

— Eu não pretendia inferir isso.

Ela enfiou os fones de ouvido e me ignorou. Eu acho que a conversa acabou. Depois que eu trabalhei minhas pernas muito mais do que eu pretendia, mudei para a máquina de supino. Ela continuou na esteira, então eu a observei correr enquanto eu levantava. Ela tinha boa forma, mas era um pouco lenta. Talvez eu pudesse colocá-la em um programa ou, pelo menos, oferecer-lhe algumas dicas. Eu terminei meu punitivo conjunto de prensas no peito, fiz alguns puxadores para as costas e caminhei até a esteira.

— Ei.

Ela puxou seus fones de ouvido e levantou as sobrancelhas.

— Você deveria aumentar seu ritmo um pouco. Eu posso te colocar em um programa.

— Oh?

— Sim. Intervalos. Corra rápido por quinze a vinte segundos, e então desacelere por um minuto ou dois. Então pegue de novo. Faça isso por vinte a trinta minutos, três dias por semana. Depois, nos outros três, tente

acelerar o ritmo em que você não consegue manter uma conversa confortável. Talvez você possa executar 5 quilômetros então.

Sua cabeça inclinada e ela parou a esteira.

— Já lhe ocorreu que há uma possibilidade remota de ter uma célula cerebral funcionando neste meu crânio? E que talvez eu tenha alguma experiência nisso?

— Er...

— Sim, não penso assim. Eu vou deixar você entrar em algo. Eu costumava correr maratonas. Já fiz dez e deixe-me contar. — Ela fez uma pausa e olhou para o teto. — Dezessete meias maratonas. Eu corri cross country no ensino médio. Eu sei tudo sobre os treinamentos intervalados. Nos velhos tempos, chamamos de trabalho de velocidade. Agora, os não corredores gostavam do termo com *treinamento intervalado*. — Ela citou o novo termo. — Dê-me outro mês, Dr. Conhecimento, e eu vou espanar sua bunda em um 5k. — Então ela me mostrou um arrogante - sim, - um sorriso arrogante. — Quer aceitar este desafio?

Bem, foda-se. Eu não poderia sair dessa. Eu devolvi seu sorriso insolente.

— Eu adoraria aceitar o seu desafio. — Mas então pensei em como eu precisava colocar minha bunda em forma. Se ela era uma maratonista, ela sabia o que diabos ela estava fazendo. *Merda.*

Seu sorriso arrogante permaneceu no lugar e eu tive uma vontade de beijá-lo.

— Desde que você é tão inteligente, eu vou deixar você escolher qual deles nós fazemos.

— É um acordo. — Eu estendi minha mão e ela balançou.

— Agora me deixe em paz para que eu possa voltar a correr. Eu não tenho o luxo de muito tempo como você faz. Eu realmente trabalho para viver.

— O quê?

— Você me ouviu. — Ela acenou com a mão.

Eu me virei e poderia jurar que ela me dispensou. A merda. Eu ia ter que mostrar a ela sobre este 5k ou mais. Eu terminei o meu treino e literalmente corri para o meu computador para procurar no Google os 5ks próximos na área. Havia alguns em ou seis ou sete semanas a partir de agora. Eu teria que ver se meus pais poderiam ficar com as crianças. Então me recostei na cadeira e ri. Ela totalmente contou isso para mim. Lá eu pensei que eu era o Sr. Conhecimento e ela me mostrou. Ela até me desafiou. Um sorriso se esticou no meu rosto, que logo se transformou em uma risada.

Durou até que eu abri a gaveta da minha escrivaninha para pegar algo e lá estava o kit de DNA que eu pedi. Quando chegou, eu enchi tudo, ainda sem saber o que fazer. Talvez tenha chegado a hora. Talvez hoje fosse o dia. Talvez o conhecimento ponha fim a tudo isso.

Enquanto eu olhava, o tempo desapareceu. Meus pensamentos voltaram para Susannah e no dia em que ela me disse que estava grávida de Aaron. Eu estava muito feliz. Depois de Kinsley, eu tinha certeza que ela não queria outro. Com sua agenda de viagens e como ela estava investindo em sua carreira, ela sempre dizia apenas uma. Ela amava sua filha. Eu nunca duvidei disso. Mas quando a segunda gravidez aconteceu, ela não estava feliz com isso.

— ISSO É ÓTIMO. Você sabe que eu sempre quis mais do que um.

— Você. Eu não. Eu sou a única que tem que carregá-lo. Isso não foi planejado, Grey.

— Sim, mas você sabe o quanto vou ajudar a alimentá-lo. Eu não sou um pai ausente.

— Grey, eu não quis dizer isso. É apenas …

— O quê?

— Eu, uh, nada.

PENSANDO NAQUELA CONVERSA, ela estava tentando me dizer alguma coisa então? Ou eu estava lendo demais? Eu sentei e olhei para aquele kit idiota até que Marin entrou e perguntou:

— Você já resolveu isso?

Ela suspeitou de algo?

— O quê? — Eu praticamente gritei.

Seus olhos dispararam para mim e depois o kit. Estava claramente escrito na caixa. *Kit de teste de paternidade de DNA.*

— Hum, a corrida. Você está bem? — Seu tom era suave.

Quando não respondi, ela perguntou:

— O que está acontecendo? Eu sei que não é da minha conta e você pode me dizer para sair, mas você tem um olhar muito louco em seu rosto.

— Sim, bem, não é da sua conta.

Ambas as mãos subiram, palmas voltadas para mim.

— Entendi. — Ela começou a recuar.

— Espera. — Ela amava Aaron e talvez ela pudesse me ajudar a pensar sobre as coisas. — Você... quero dizer, as crianças ainda estão acordadas?

— Não. Eles ainda estão dormindo. Aaron provavelmente dormirá por mais trinta minutos e se Kinsley acordar, ela vai descer querendo um lanche.

Eu balancei a cabeça.

— Então, você se importa se eu te perguntar uma coisa?

Ela descansou a mão no quadril.

— Só se você quiser uma resposta honesta, porque eu não quero soprar fumaça na bunda de alguém só porque acho que é o que eles querem ouvir.

— Eu já percebi isso sobre você.

— Está bem? E eu entendo que isso tem algo a ver com o que está em suas mãos.

Eu estava segurando a caixa e girando ao redor e ao redor.

— Sim. Sente-se.

Ela passou o antebraço pela testa úmida depois de se sentar. Eu respirei fundo e lancei para o conto sórdido.

— No dia em que minha esposa morreu naquele acidente de avião, descobri que ela estava tendo um caso que já durava dois anos.

Capítulo Dezenove

Marin

SE UMA BOMBA EXPLODISSE no quarto, eu não teria ouvido. Meu queixo caiu.

— O quê?

— Você me ouviu corretamente. Veja, aqui está a coisa. — Um olhar de dor atravessou suas feições como uma facada fria em meu coração. — Eu não sei se Aaron é meu filho.

— Espere. Quer dizer que ela não teve cuidado?

— Eu não sei. Ela morreu, lembra? Eu não podia perguntar a ela.

— Mas ele tem seus olhos.

— Sim, sobre isso. O homem que ela estava vendo tinha olhos da mesma cor.

A frieza pressionou até que eu não sabia se devia chorar ou vomitar. Eu estava tão doente. Quem faria isso? Que tipo de mulher ela era? Eu odiava falar mal dos mortos, mas... então, novamente, ela não sabia exatamente que ela ia morrer também.

— Certamente ela teria sido mais inteligente do que isso?

Ele encolheu os ombros.

— Eu nunca pensei que nosso casamento fosse terrível. Isso mostrar o quão pouco eu sabia. — Ele sempre pareceu tão forte, tão poderoso, mas neste momento ele era exatamente o oposto. Sentado à minha frente estava um homem quebrado e vulnerável.

Sentei-me em linha reta na cadeira e murmurei:

— Agora tudo faz sentido. Por isso você está tão distante dele?

Ele abaixou a cabeça... era vergonha? Eu não sabia, nem me importava.

— Eu juro que não quero ser assim. Ele é uma criança tão linda.

Inclinando-me sobre a mesa, eu disse:

— Então, o que você fará se descobrir que ele não é seu? Deixar o pai do bebê tê-lo?

Ele levantou a cabeça.

— Não é possível. Ele também morreu.

— Então, por que se incomodar? Por que se torturar?

Seus dedos cavaram profundos sulcos em seu cabelo e isso trouxe arrepios ao meu corpo. Eu não entendi. Aaron era inocente. Ele não via isso? Raiva cravou em mim.

— Você tem o filho mais adorável lá em cima. DNA seja amaldiçoado. Ele é seu filho, quer você aceite ou não. Ele é doce e precioso além das palavras. Deus te abençoou com dois filhos saudáveis. Deixe isso ir e permita que ele entre no seu coração. Eu posso te prometer uma coisa. Se você não o fizer, ele eventualmente irá reconhecê-lo e crescerá para se ressentir de você. Então, um dia, quando você tiver a coragem de realmente tratá-lo como se fosse seu, será tarde demais. Ele ficará perdido para você. E a outra coisa - isso realmente importa de qualquer maneira? Responda a essa pergunta. Se você pode honestamente dizer sim, que você não o amaria da mesma forma, então entregue-o para adoção. Há casais em todo o lugar que dariam os braços certos para ter um filho como ele. Inferno, dê ele para mim. Eu ficarei feliz em tirá-lo de suas mãos.

A miséria me encarando não fez nada para me suavizar em direção a ele. Ele estava apenas se afogando em autopiedade. Sim, era uma droga que sua mulher tenha traído ele. Sim, foi terrível que ela possa ou não ter considerado as consequências. Mas controle o que você pode. Aquele navio tinha navegado. Era hora de seguir em frente. Meu coração doeu

ferozmente por aquela criança doce e adorável que estava perdendo o carinho e amor de seu pai e eu não ia desistir disso.

— Você não entende.

— Oh, eu faço. Eu sei o que é ser traído, mas você tem filhos para pensar. Você precisa enterrar essas emoções e se concentrar neles. Eles precisam mais de você do que de sua autopiedade.

— Eu não estou com pena de mim mesmo.

— Não?

Ele podia mentir para si mesmo, mas eu não estava acreditando. Eu peguei esse kit de suas mãos.

— O que você está fazendo?

— Estou levando isso.

— O que você vai fazer com isso?

— Eu não vou contar a você. Dessa forma você não precisa se preocupar mais com isso. Trate Aaron como seu filho, Grey. Eu não estou brincando. Você vai perdê-lo antes mesmo de tê-lo.

Saí com pressa antes que ele tivesse a chance de dizer qualquer coisa. E havia outra coisa. Eu o chamara pelo primeiro nome. Era algo que eu nunca fiz antes.

Sem olhar para trás, subi apressadamente os degraus e pulei no chuveiro. Não tive muito tempo antes que Aaron acordasse. E na hora que eu estava me vestindo, eu o ouvi chorar. Quando me dirigi para o quarto dele, fiquei surpresa ao ouvir a voz do médico lá dentro. Ele estava lá conversando com seu filho. Bem, eu vou ser amaldiçoada. Eu não tenho certeza de quanto tempo isso duraria, ou se seria duraria, mas eu levaria do mesmo jeito. Eles precisavam se unir novamente, porque com certeza não tinham passado tempo juntos desde que comecei a trabalhar aqui.

Eu estava no processo de fugir quando Kinsley saiu de seu quarto, gritando no alto de seus pulmões.

— Marnie, estou com fome. — Ela passou por mim no quarto de Aaron e, no processo, me fez tropeçar em seu quarto também.

Dr. West olhou para a voz de Kinsley, mas seus olhos pousaram em mim. O fogo brotou sob sua superfície e minha mão voou para o meu pulso quando senti as asas de um beija-flor tremulando no meu pescoço.

— Papai, você está mudando o fedor de Aaron. Você nunca faz isso.

Seu olhar nunca me deixou quando ele respondeu:

— Sim, eu faço, bolinha.

— Não. Marnie faz. — Então ela pulou pela sala anunciando que precisava de um lanche. — Vamos, Marnie, vamos encontrar alguma coisa. — Ela pegou minha mão e me puxou atrás dela. Eu podia sentir o olhar do Dr. West queimar minha pele enquanto ele nos observava sair. Eu dei uma rápida olhada por cima do meu ombro e suas mãos pararam em sua tarefa enquanto ele olhava. Por que ele estava fazendo isso? Eu estremeci em resposta quando Kinsley me arrastou junto. Eu não consegui ter aquele olhar intenso ou a sensação disso fora da minha mente.

Estávamos em frente à geladeira e Kinsley perguntou:

— Bem, posso?

— Você pode o quê?

— Ter um picolé? Um vermelho?

— Isso seria um não. Você pode comer frutas, cenouras e aipo, ou metade de um sanduíche. — Eu estava tendo dificuldade em me concentrar por causa da minha curiosidade pela maneira como ele olhava para mim. Kinsley amuou um pouco, mas depois decidiu comer uma maçã com manteiga de amendoim. Ela era uma grande fã disso. Dei-lhe um copo de leite para acompanhar e tive o mesmo para mim. Foi assim que o médico nos encontrou quando desceu com Aaron.

— Eu acho que o menino está com fome. — Com essas palavras, Aaron começou a chutar. Mas Kinsley disse: — Não. Ele quer dançar. Carro. — Eu apenas ri dela.

O resto do dia foi meio estranho até o Dr. West dizer:

— Que tal irmos jantar hoje à noite? — Espere, o quê?

— Sim! — Kinsley gritou. Aaron chutou as pernas e falou em sua própria língua.

— Eu acho que é um sim para ele também, — eu disse.

— Eu preciso colocá-lo para baixo para que ele possa descarregar a energia, — disse West.

— Talvez precisemos iniciá-lo em alguns treinos e aposta. Eu nunca vi nada assim. Mas, novamente, eu não tenho muitos comparadores, — eu disse.

— Ele parece gostar muito de movê-los.

— Movimento constante, — eu disse.

— Ele quer alguns sapatos cliques, — disse Kinsley.

— Eu acho que *você* quer alguns sapatos cliques. E eles são chamados de sapatos de sapateado. — Eu não tenho certeza de como os dançarinos irlandeses os chamam. Eu rapidamente pesquisei eles. — Isto é interessante. Eu achei que eles são chamados de sapatos duros ou sapatos de gabarito. As peças e os saltos são feitos de fibra de vidro, produzindo melhor qualidade de som. Isso veio da Wiki. — Eles me deram olhares vazios. — Eu pensei que você poderia querer saber.

— Posso pegar algum? — Kinsley perguntou.

O Dr. West respondeu: — Só se você quiser ter aulas de dança irlandesa. E você tem que praticar.

— Eu posso?

— Pergunte a Marin se ela se importaria de levar você. E nós precisaríamos ver onde fica localizada também, porque se for longe demais, então não.

— Marnie, você faria isso?

— Só se não for longe demais. — Eu encontrei-me no google olhando aulas de dança irlandesa e encontrei um estúdio de dança que era apenas cerca de quinze minutos de distância.

O Dr. West perguntou:

— Você tem certeza disso?

— Sim, mas Kinsley, você tem que passar por uma sessão completa. Não desista. OK? — Eu disse.

Sua cabeça chicoteava para cima e para baixo tão rápido que eu não conseguia acompanhar.

— Na segunda-feira, ligarei para ver quando posso inscrevê-la. Como isso soa?

— Oh, Marnie. Obrigada. — Ela colocou os braços em volta dos meus quadris e me abraçou. — Agora podemos praticar?

— Praticar?

— Você sabe? Nossos passos dançando.

Nós? Não há qualquer possiblidade nesta equação.

— Não tenho certeza sobre isso. Você não sabe nada sobre dança irlandesa.

— Nós podemos tentar. Vamos.

Naquele momento, eu tinha uma boa ideia de como era estar no exército. Kinsley me ordenou como um sargento de treinamento.

— Marnie, mova a mesa. Não esqueça a lâmpada. Essa cadeira está no caminho. Agora o tapete.

— Eu não posso mover o tapete. É muito grande.

— Como vamos fazer esses sons clicados?

— Não temos nenhum sapato clicado para começar, então não importa.

— Oh sim. Você tem que tirar essa coisa do caminho também.

— Que coisa?

Ela apontou para a grande caixa de brinquedos.

— Essa coisa com todos os brinquedos.

— Isso está do outro lado da sala.

— Mas e se nós batermos nisto?

— Espere um minuto. Eu não estou dançando, você quem está, — eu a lembrei.

— Sim, você também está. Você vai ajudar. Agora vamos. — Ela puxou minha mão. — Apenas mova-o.

Ela ganhou. Não havia discussão com aquela garota.

— Agora, pegue algumas músicas dançantes para nós.

Geesh. O que mais ela vai querer? Uma banda de cinco membros?

Eu coloquei o pequeno dispositivo na sala para tocar alguma música de dança irlandesa. Graças a Deus por isso. Logo estava tocando e Kinsley estava dançando.

— Vamos, Marnie, você tem que chutar seus pés. Como isso.

Juro por Deus, pensei que ia morrer. Eu não sabia o que diabos eu estava fazendo. Eu nunca fiz balé, sapateado ou qualquer tipo de dança, e aqui ela esperava que eu tirasse uma rotina de dança irlandesa da minha bunda.

Então, meus pés e pernas fizeram sua melhor imitação do que eu *achava que* uma dança irlandesa faria, apenas eu imediatamente fui repreendida.

— Não, Marnie, você não move seus braços. Como isso. Veja!

Eu a observei e apertei meus lábios juntos. Seus braços pareciam ter sido grampeados em suas pernas e pés, bem, eu não tinha certeza do que dizer sobre eles. Parecia que um ia para o norte e o outro ia para o sul. E não de maneira rítmica.

— Agora você faz isso.

— Oh, eu não tenho certeza se posso conseguir isso.

— Põe seu dedo do pé no chão e depois o seu calcanhar e chutar as pernas para fora. Como isso?

Bom Deus, se eu fizesse isso, eu estaria em uma cadeira de rodas por toda vida.

— Okei dokie. — Eu fiz isso de novo e se alguém gravasse isso, poderia se tornar viral no YouTube sobre como se tornar um idiota.

Quando terminei, Kinsley disse:

— Você não aprende rápido, Marnie. Talvez você deva esperar até que tenhamos aulas.

Eu não tinha certeza de como ia dizer isso para ela, mas não haveria *nós* nas lições. Com sorte, ela descobriria isso quando eu fosse comprar seus sapatos cliques.

O sofá foi um alívio acolhedor, mas quando fui me sentar, notei que tínhamos uma audiência. O Dr. West ficou lá com um sorriso no rosto. Quanto tempo ele estava assistindo e por que ele estava sorrindo assim? Ele parecia que carregava algum segredo importante. E eu queria saber o que era.

Sem pensar, eu disse:

— Por que você não dá uma chance? Eu acho que você poderia ser o próximo superstar.

— Oh, eu vou passar. Ver esse pequeno espetáculo de dança foi muito para mim. — Então ele balançou as sobrancelhas. O que diabos isso significa? O médico indigesto estava tirando sarro de mim? Minhas bochechas arderam quando me virei para ir e ver para onde Aaron tinha ido.

— Aaron está bem. Ele está bem atrás de mim se você não percebeu.

Eu não tinha. Eu estava muito ocupada tentando descobrir o que meu empregador estava pensando. Então ele teve a coragem de me chocar novamente.

— Eu queria saber se você estaria interessada em levar as crianças para aquele parque de diversões amanhã. Você sabe aquele com todos aqueles brinquedos infantis?

Quem era esse homem? Uma boa fada invadiu seu corpo e assumiu, porque ele estava agindo de forma estranha?

— Uh, claro.

— Estou ouvindo o seu conselho, se você está se perguntando.

— Oh. — Minha língua deve ter desaparecido porque eu era incapaz de formar uma única sílaba.

— Ótimo. Eu estava pensando que sairíamos depois que chegássemos da igreja. Talvez por volta do meio-dia, tudo bem?

Ele estava me perguntando? E desde quando ele ia à igreja?

— Isso vai ser perfeito. Isso me dará a chance de fazer minha corrida pelo dia. — Eu pisquei para ele e saí, deixando-o refletir sobre isso.

Capítulo Vinte

Greydon

MARIN NÃO TINHA A MENOR IDEIA. Ela tinha chegado a mim - por trás das paredes, as mesmas que eu jurei nunca derrubar. Não só isso, ela me fez duro, tão duro, mais duro do que eu já tinha sido por qualquer mulher. Meus banhos estavam ficando cada vez mais longos a cada dia. E meu cérebro analítico não fazia nenhum sentido. Como eu poderia estar interessado em alguém que fosse dezesseis anos mais novo que eu? Sem mencionar que ela era o completo oposto de Susannah, da cor cabelo de arco-íris até a roupa, que não era nada perto de grifes. Mas havia algo sobre ela. Talvez fosse sua aura porque caramba se ela não tinha muito disso. Ou talvez fosse o fato de que ela amava meus filhos. Ou teve a coragem de enfrentar a mim e não se importou com o que eu pensava - ou qualquer outra pessoa para esse assunto. Isso me fez pensar como ela agiu quando levou Kinsley para a escola. É claro que era feriado de verão agora, mas quando pensei nisso, quando fui a esse programa, ela estava sozinha, ninguém se aproximou dela. Não parecia incomodá-la, mas quem sabe? Se isso tivesse sido Susannah, ela teria estado em tribunal.

A viagem para o parque de diversões foi uma ótima ideia. Ela lidou com as crianças como uma especialista. Quando chegou a hora de Kinsley montar certos passeios, ela foi inflexível sobre ela não ir em um.

— Absolutamente não.

— Mas por que, Marnie?

— Você vai ficar doente depois. E não estou confortável com você saindo e vomitando.

Eu ri de suas brincadeiras constantemente. Kinsley era persistente como o inferno e fez o melhor que pôde para trabalhar com Marin, mas Marin era durona. Quando chegou às coisas importantes, ela ficou forte.

— Marin está certa, bolinha. Esse passeio é muito mais do que você pode suportar. Vamos lá.

Marin acrescentou:

— Não há mais argumentos sobre isso ou podemos encerrar por um dia.

— O que significa um dia? — Kinsley perguntou.

— Isso significa que nós vamos apenas voltar casa.

— Mas eu não quero encerrar o dia e ir para casa, — disse Kinsley.

— Nós não vamos se você não discutir comigo, — disse Marin.

— Okayyy

Nós andamos ao redor e levamos Aaron para os pequenos helicópteros. Eles o amarraram enquanto Marin interrogava o homem sobre segurança. Era claramente uma carona para crianças da idade dele, como dizia no quadro da frente, mas ela não ficou satisfeita até ver o quão lento foi.

— Essa coisa nem sai do chão, — ela comentou.

— Você esperava que fosse?

— Bem, sim. É um helicóptero.

— Apenas no nome. É a impressão que eles dão.

Aaron estava chutando as pernas, como de costume, e Marin tirou fotos dele toda vez que ele passava por nós. Ela estaria usando toda a memória daquele maldito telefone se não fosse cuidadosa. O que me lembrou.

— Ei, você realmente tem vídeos dos programas de Kinsley que eu perdi?

— Claro que sim. Eu estava esperando por você para pedir por eles. — Ela vasculhou um zilhão de fotos e me entregou seu telefone. Enquanto

eu observava, lágrimas rolaram nos meus olhos e uma imensa pontada de remorso invadiu minha mente e senti falta da minha filha fazer essas coisas incríveis. Eu estava hipnotizado.

— Lembre-me quando chegarmos em casa, e eu vou fazer o download para o seu laptop.

Depois de limpar as emoções da minha garganta algumas vezes, eu assenti.

— Obrigado. Isso significa muito.

Nós estávamos indo para o carro quando ouvi alguém chamar meu nome. Virei-me para ver Allie Gordon parada ali com duas crianças perto da idade de Kinsley ou talvez um pouco mais velhas.

— Sra. Gordon.

Suas sobrancelhas se uniram enquanto ela observava a cena - Kinsley, Aaron, Marin e eu. Uma onda de dor me pregou o que essa mulher experimentou. Seus filhos - as duas garotas - seguravam cada uma de suas mãos.

— Sim, vejo que você é...

— Eu deveria te apresentar. Esta é Marin, minha babá, e esses são meus filhos. Eu hesitei em dizer seus nomes. Foi estranho como uma merda. Tudo o que eu queria era chegar ao carro e ir para casa.

— Sim. Espero que as coisas estejam melhores... — Ela ficou olhando fixamente para Aaron. Também olhei para as filhas dela, embora não conseguisse ver nenhuma semelhança entre elas e Aaron.

— Nós deveríamos ir, — eu disse.

— Tenha um bom dia.

Nós nos viramos e fomos para o nosso veículo. Marin olhou para mim de maneira estranha enquanto Kinsley perguntava:

— Quem era aquela moça, papai?

— Apenas alguém que eu conheço, bolinha.

Ver Allie tinha colocado uma mancha no nosso dia. Muitas memórias antigas foram invocadas. Mas fiquei contente que as crianças se divertiram mesmo quando me encolhi com o que comeram. Como Marin me lembrava, de vez em quando não ia matá-los.

Quando chegamos em casa e as crianças estavam fora do alcance da voz, ela perguntou:

— Quem era aquela mulher?

— Essa era a esposa do homem com quem Susannah teve um caso.

— Oh Deus. Não admira que fosse tão estranho. Ela ficou olhando para Aaron.

— Você notou isso também?

— Foi tão estranho.

— Honestamente, eu sinto muito por ela, mas eu gostaria que ela não tivesse se aproximado de nós. Não há realmente nada a dizer.

— Concordo. Isso fez uma troca desconfortável.

Kinsley correu até nós, interrompendo o resto da conversa.

— Marin, eu vou dar banho nas crianças esta noite. — Quando eu disse a ela, nunca tinha visto tal expressão de mortificação. Até Kinsley pareceu surpresa.

— Papai, você não sabe como fazer isso.

— Sim, eu faço, bolinha. Eu costumava dar banho em vocês todas as noites.

— Você dava?

— Vamos, deixe-me lhe mostrar.

O tempo todo, Kinsley dizia:

— Marnie faz assim e Marnie faz melhor assim. — Quando terminei, tinha certeza que Marnie era a especialista em tudo. Aaron foi muito exigente durante o banho, mas atribui a ele estar cansado. Foi um longo dia no sol e ele parecia um pouco corado. Talvez ele tenha ficado um pouco queimado.

Todos nós voltamos para o andar de baixo, mas Aaron permaneceu irritado. Marin sentiu a cabeça e afirmou que estava quente.

— Talvez ele esteja com febre. Deixe-me pegar o termômetro.

Com certeza, ele estava correndo uma temperatura de 37,5. Eu não estava preocupada porque era tão baixa. Mas não Marin. O pânico era seu nome do meio novamente.

— A coisa sobre as crianças, Marin, é que elas pegam coisas. Eles têm pequenas doenças. Ele vai ficar bem. — Ela me ignorou. No momento em que o colocamos no chão, ela estava convencida de que ele estava morrendo.

Eu agarrei seus ombros e disse:

— Você tem que parar com isso. Você está assustando Kinsley e, honestamente, é muito exagero. Crianças pegam vírus o tempo todo. Kinsley fez quando ela tinha a idade dele. Isso é neuroses limítrofes. Eu amo o fato de você estar tão preocupada, mas, por favor, acalme-se.

— Certo. Você está certo. Não sei porque me preocupo tanto.

— Nós demos a ele paracetamol e ele vai ficar bem de manhã. Ele provavelmente pegou um pequeno vírus. A propósito, eu vou sair mais cedo. Temos uma reunião de equipe e preciso fazer algumas coisas no escritório de antemão.

Ela assentiu com a cabeça, dizendo:

— Ok.

— Você sabe como chegar até mim se precisar.

Eu a deixei de pé ali. Eu verificaria Aaron novamente antes de dormir, mas tinha certeza de que ele estava bem. Estar naquele piquenique ontem o expôs a muitas pessoas e ele provavelmente só pegou algo lá em cima.

Na manhã seguinte, saí cedo porque meus planos eram abordar a maneira como a equipe tratara Marin. Ao sair, verifiquei a câmera no quarto de Aaron, mas ele estava dormindo profundamente, então decidi

não perturbá-lo. Isso me confortou porque os bebês doentes geralmente não dormiam assim.

Meu escritório estava mais quieto do que de costume desde que fui o primeiro a chegar. E-mails se acumularam durante o fim de semana que eu cuidei. Então eu comecei a trabalhar em decidir o que dizer para o pessoal. Os médicos e enfermeiros não sabiam que eu tinha planejado isso, o que foi feito de propósito.

Todos ficaram surpresos ao me ver no meu escritório quando eles chegaram. Quando estávamos todos na cozinha, onde tínhamos nosso encontro porque era a única sala no prédio grande o suficiente para acomodar todos nós, John começou com os itens habituais de limpeza. Depois disso, algumas outras coisas foram abordadas. Quando ele terminou, e todos estavam se preparando para sair da sala, eu parei e pedi a atenção deles.

— Eu gostaria de abordar algumas coisas. No sábado, testemunhei alguns de vocês exibindo um comportamento rude com a mulher que cuida dos meus filhos. Eu não vou nomear ninguém, mas você sabe quem é. Primeiro, mais do que tudo me desapontou. Você foi contratado como funcionário nesse escritório porque achamos que você era profissional. O que eu vi não era nada profissional. Foi mesquinho. Em segundo lugar, não sei por que você pensou que era necessário tratá-la dessa maneira, mas eu apreciaria que se tivermos quaisquer outras funções de escritório em que ela estiver presente, você a tratasse com a cortesia e o respeito que ela merece. Se você achar que não pode, venha me ver depois e nós podemos providenciar um pacote de separação para você. Obrigado pelo seu tempo. Quando passei por todos, você poderia ter ouvido um alfinete cair no quarto. Eu acredito que eu tenho o meu ponto de vista, alto e fodidamente claro.

Dez minutos depois, Nicole enfiou a cabeça no meu escritório e disse que meu primeiro paciente havia chegado.

— Obrigado, Nicole. — O calor que usamos para compartilhar desapareceu. A mulher que achei gentil e carinhosa não era. O que ela fizera a Marin era inaceitável. Nicole agira como se fosse melhor que Marin e isso realmente me incomodava.

Meu primeiro paciente estava de camisola, esperando por mim. Ele deveria ter tido um ECG, mas não teve. No passado, eu teria deixado escapar. Hoje não.

— Com licença, Sr. Jeffries, vou chamar a enfermeira aqui imediatamente.

Saindo pela porta, eu chamei:

— Nicole! — Ela estava sentada no posto de enfermagem, que ficava na zona central do escritório.

— Sim?

— Onde está o ECG do Sr. Jeffries?

— Eu não cheguei a isso ainda.

— Por quê?

Ela olhou para a enfermeira sentada ao lado dela.

— Não olhe para Sharon. Estou falando com você.

— Eu... eu não sei.

— Vá e faça. Não há nenhum ponto em examiná-lo sem um. Você deveria saber disso. Deixe-me saber quando terminar.

— OK.

— E Nicole? Isso é inaceitável. Você sabe que todo paciente deveria ter um *antes de* entrar na sala de exames.

— Sim, doutor West.

Eu fiquei no pé dela durante todo o dia e no meio da tarde, Josh me bateu.

— Ei cara, o que há com você hoje?

— Eu? O que você quer dizer?

— Sua atitude para com Nicole.

— Muito atrasado. Ela é muito frouxa e eu tive até aqui. Eu cortei minha mão no meu pescoço.

— Hmm. Eu não sabia que era tão ruim assim.

— Josh, quantas vezes você vai ver um paciente e um eletrocardiograma não foi feito?

— Nunca.

— Meu ponto, exatamente.

— Livre-se dela.

— Eu vou se ela não endireitar. Apenas fazendo seu dia miserável primeiro.

Todas as coisas que deixei escapar ao longo dos anos chegaram ao fim hoje. Ela teria que trabalhar a partir de agora se quisesse manter seu emprego. O Dr. Cara legal foi embora.

No final do dia, ela bateu na porta e entrou no meu escritório.

— Fiz algo errado?

— Apenas as coisas que eu te chamei hoje. Faça o seu trabalho, Nicole. Você sabe quais são os requisitos.

— Mas eu venho fazendo isso o tempo todo e você nunca disse nada.

— Sim, e esse foi meu erro. Eu tenho feito o seu trabalho e o meu, então pelo que estou pagando?

— Tenho a sensação de que você está com raiva.

— Eu estou. Pelas razões acima. — Meus olhos perfuraram os dela até que ela desviou o olhar.

Ela finalmente disse:

— Sinto muito. Eu sei que eu fui uma das garotas que foi grosseira com sua babá.

— Foi pior do que rude. Você sussurrou para os outros sobre ela pelas costas. Você fez comentários ofensivos sobre o cabelo dela e o jeito que ela estava vestida. Você agiu como se ela estivesse abaixo de você de alguma forma. Eu esperava melhor de você.

from
ASHES
to
FLAMES

— Mas somos protetoras de você.

— Sou um homem adulto que não precisa de proteção, mas você não protege alguém machucando outro. Especialmente se é alguém com quem eles se importam. Você parou para pensar sobre isso?

— Você se importa com ela? — A maneira como ela disse isso indicava seu choque e descrença de que era remotamente possível.

Recostando-me na cadeira, cruzei os braços.

— Isso não é da sua conta. No entanto, você é mais santa do que a sua atitude quanto a preocupação de Marin é um pouco perturbadora.

Sua mão voou para cima.

— Não é isso não.

— Não importa. Você é minha empregada e não está fazendo o seu trabalho. Mais alguma coisa?

— Não, acho que não.

Sua pergunta tocou na minha cabeça. *Você se importa com ela?* Eu me *importo*? Eu a *desejava,* sim. Uma coisa era verdade - eu não estava feliz em ouvir aquelas mulheres falando mal dela. Eu queria ver Marin feliz. Ver ela feliz me fez feliz. *Merda.* Isso me deu mais discernimento. E depois houve outra coisa. Ultimamente, toda vez que eu olhava para ela, via algo diferente da babá. Meu cérebro disse... *oh cara, não pense isso.* Mas seus olhos chamavam meu nome, mesmo que ela não achasse que eles chamavam. Eu a desejei a ponto de ser doloroso. E maldição, ela era bonita. Não, era mais que isso. Ela era linda de dentro para fora.

Josh enfiou a cabeça e perguntou:

— Ei, você está pronto para a noite de pôquer esta noite?

— Não, eu...

Ele se sentou na cadeira que Nicole desocupou.

— Vamos. Você não esteve em meses e os caras estão prestes a te dispensar. Você sabe que não nos atrasamos. Começamos às seis e meia e você estará em casa lá pelas dez, no máximo. Além disso, vai te fazer bem.

E Ashley adorou sua babá. Agora ela quer o clone de Marin. Então, seus filhos estão em boas mãos. E você não está de plantão hoje à noite. Eu acabei de verificar.

Merda. Ele cobriu todas as bases.

— Eu tenho que correr para o hospital para verificar algumas coisas.

— Então, faça e venha. Não seja um perdedor, cara. Você precisa da noite de um cara e sabe disso. Quando foi a última vez que você teve uma?

— Não me lembro. — Era a verdade. Foi antes de Susannah morrer. — Ok, eu estou dentro. Vejo você às seis e meia. Seu lugar?

— Sim.

Já passava das cinco e meia, então eu precisava seguir em frente. Liguei para a casa do telefone do escritório e ninguém atendeu, então deixei uma mensagem de voz, deixando Marin saber dos meus planos. Tinha sido um dia tão agitado e eu pretendia checar Aaron durante o dia, mas com tudo acontecendo aqui, não tive chance. Quando não havia textos no meu celular ao meio-dia, percebi que ele estava bem. Então eu peguei minhas coisas da mesa e fui para o hospital. Eu precisava assinar algumas coisas de alguns pacientes, o que sempre levava mais tempo do que o esperado, e então eu estava de volta no carro, indo para a casa de Josh.

A noite de pôquer sempre era ótima. Havia oito de nós e os caras puxaram minha corrente por não estar por aí por tanto tempo. Eu mantive minha bebida a um mínimo - apenas duas cervejas para a noite - e às dez e meia eu estava abrindo a porta do meu carro. Foi então que notei meu celular no banco. Deve ter caído do meu bolso quando saí do carro. Pegando, vi que a bateria estava completamente descarregada. Coloquei-o na base de carregamento do console e fui para casa.

Quando cheguei lá, o telefone tinha carga suficiente para ligar. Quando despertou, cerca de vinte textos de Marin e alguns da minha mãe

iluminaram a tela. Eles enviaram meu batimento cardíaco para cerca de duzentos batimentos por minuto e todo o ar saiu de meus pulmões.

Capítulo Vinte e Um

Marin

AARON ACORDOU e sua febre piorou. Ele era muito exigente, mas nem todo chorando. Dei-lhe mais remédio e rezei para que ele melhorasse. Mas ao meio-dia, rapidamente se transformou em tosse. Mais uma vez, pensei que talvez ele tivesse um resfriado, por isso não era uma preocupação muito grande. Só que ele progressivamente piorou ao longo do dia. Depois de enviar vários textos para o Dr. West no início da tarde, que ficou sem resposta, eu estava no fim da minha cabeça.

No final da tarde, eu desabei e liguei para minha mãe, chorando.

— Querida? O que há de errado? — Ela sabia que era ruim, já que eu não era do tipo de chorar com muita frequência.

— É Aaron. Ele está doente e eu não sei o que fazer. Eu chamei o Dr. West. Ele não está respondendo e nem a mãe dele.

— Você não lembra? Estamos todos em Vegas pelos próximos quatro dias.

— O que devo fazer? — Eu perguntei em pânico.

— Diga-me tudo o que está acontecendo.

Eu expliquei tudo e entre mamãe e Paige, elas decidiram que eu precisava ligar para o médico de Aaron. Quando fiz isso, ele sugeriu que eu o levasse para o hospital de atendimento de urgência.

Eu mandei uma mensagem para o Dr. West novamente, deixando-o saber o que estava acontecendo e ainda sem resposta.

Empacotar uma criança doente, junto com Kinsley, não era um piquenique. Eu não sabia quanto tempo levaria, então eu sabiamente trouxe alguns lanches para Kinsley porque meu apetite era inexistente.

Chegamos ao atendimento urgente e estava lotado. Eles devem ter sentido pena de mim desde que eu estava em lágrimas, porque eu não tive que esperar muito tempo.

Eles nos levaram de volta e uma enfermeira entrou para medir a pressão arterial e a temperatura de Aaron. Então alguém veio buscar algumas amostras de sangue. Assustou Kinsley e ela começou a chorar junto com Aaron. Eu não estava muito melhor, mas tentando o meu melhor para permanecer calma. Por que diabos o Dr. West não me ligou de volta? Alguma coisa aconteceu com ele?

A enfermeira foi muito rápida e ela deu adesivos aos dois, o que apaziguou Kinsley mais do que Aaron. Ele estava cuspindo uma tempestade agora e respirando estranho. Como ele poderia ir de se sentir bem ontem para estar doente tão rapidamente? Isso estava me assustando ferozmente.

Outra enfermeira veio em seguida e nos levou para a radiologia. Eles queriam um raio-X de seu peito, o que fazia sentido desde que sua tosse soou tão horrível. Nós esperamos e esperamos e esperamos. Eu estava super ansiosa porque a coloração de Aaron tinha ido de rosa e corado para pálido. Ele era chorão e sua respiração parecia ainda pior do que antes. Eu me perguntei se ele tinha asma ou algo assim.

Depois de uma hora inteira, eles nos levaram de volta. Kinsley e eu tivemos que esperar em uma área enquanto eles levavam Aaron para a sala de raios-X. Kinsley chorou quando eles o levaram embora.

— Onde ele está indo, Marnie? O que eles estão fazendo com ele?

— Eles estão tirando uma foto de seus pulmões.

— Mas por que você não pode fazer isso com o seu telefone?

— Porque com essa máquina especial eles podem ver dentro de seu corpo. Como aqui. — Eu apontei para o peito dela.

— Você quer dizer como o papai vê dentro de um coração?

— Mais ou menos assim, sim.

— Eu não quero que Aaron fique doente. Como ele vai dançar comigo se estiver doente?

— Ele vai melhorar. É por isso que estamos aqui.

— Estou com medo, Marnie. Cadê o papai?

Boa pergunta. Eu gostaria de saber essa resposta também.

— Ele deve estar trabalhando.

— Você não pode ligar para ele no telefone do hospital? — Por que diabos eu não pensei nisso?

— Talvez. Vamos tentar quando terminarmos com o raio X de Aaron.

Muito em breve, eles trouxeram o menino para fora, e ele estava tão apático, eu quase desejei que ele estivesse gritando e chorando novamente. Eu o abracei apertado ao meu corpo e senti o quanto ele estava queimando.

— Onde eu vou agora?

— Alguém virá para acompanhá-lo de volta ao atendimento urgente.

— Apenas me diga como chegar lá e eu mesmo vou. — Eu estava cansada desse jogo de espera.

— Você tem que ter uma escolta, minha senhora.

Minha paciência se esgotou.

— Olha, ele está muito doente e esperar aqui não está fazendo nenhum favor a ele. Tenho certeza absoluta de que posso seguir instruções sobre como voltar lá. Apenas me diga para onde ir ou eu vou descobrir sozinha.

Ela me deu as instruções e lá fomos nós.

— Você foi meio má, Marnie.

— Sim, eu fui, não é? Eu só quero que o Aaron melhore.

— Eu também.

Nós voltamos para onde nós começamos e eu fui para a estação da enfermeira. Eu imediatamente chamei a atenção de alguém.

— Ele está muito doente. Ele ficou ainda pior desde que estamos aqui. Você pode apenas ter um médico para atendê-lo? E enquanto isso, um de vocês pode visitar o Dr. Greydon West. Não tenho certeza se ele está no hospital, mas se ele estiver, diga que seu filho está no atendimento de emergência.

Droga. Se eu soubesse que isso teria causado o efeito, teria feito isso antes. Essas pessoas chamaram a atenção como se eu fosse um general de cinco estrelas.

— Este é o filho do Dr. West?

— Sim. Eu coloquei na informação que eu tinha que preencher se você tivesse se incomodado em ler.

— Nós vamos ter um médico aqui imediatamente.

Eu mal tive tempo para minha bunda bater na cadeira antes de um médico entrar correndo. Ele se apresentou e foi trabalhar em Aaron imediatamente. Os laboratórios tinham voltado mostrando uma contagem branca elevada, o que significa que ele tinha uma infecção.

— Minha suspeita é pneumonia. Eu quero ver sua radiografia de tórax primeiro. Mas eu vou ser honesto. Eu gostaria de internar ele. É um carinha muito doente que você tem aqui. Vamos começar a tomar líquidos imediatamente e a tomar antibióticos, pois ele tem algum tipo de infecção. Vamos colocar as coisas em movimento para que possamos levá-lo até a UTIP.

— UTIP?

— UTI pediátrica

— UTI! Oh Deus! É ele...? — Eu não ousava pronunciar as palavras, mas imediatamente pensei que ele estivesse morrendo.

— Precisamos ficar de olho nos níveis de oxigênio e nos certificar de que, pelo menos pelas próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas, as coisas não vão para o sul. Eu quero um especialista em pediatria pulmonar para lidar com isso.

— As coisas vão para o sul? — Eu gritei. Kinsley começou a chorar.

— Marnie, estou com medo.

— Eu sei. — Eu dei um tapinha no ombro dela e a abracei ao meu lado.

O médico rapidamente interveio:

— Tudo vai ficar bem. Não se preocupe. A boa notícia é que ele está doente há menos de um dia.

— Como isso pôde acontecer?

— Pneumonia em crianças menores de dois anos pode fazer isso.

Eu estava perto de quebrar, mas sabia que não podia. Kinsley estava aqui e ela estava abraçando minha perna, chorando. O médico se agachou e tirou um pirulito do bolso, entregando-o a ela. Ela balançou a cabeça, nem mesmo querendo.

— Não se preocupe, seu irmão vai ficar bem.

Cerca de uma hora depois, nos sentamos na unidade da UTIP. Eu estava em um dilema. As enfermeiras continuaram vindo até mim, dizendo que crianças pequenas não eram permitidas na unidade.

Eu torci minhas mãos.

— Eu não sei o que fazer. O Dr. West não está retornando nenhuma das minhas ligações ou textos. Seus pais estão fora da cidade. Eu não tenho ninguém para ligar para ficar com ela. O que eu deveria fazer? Ela não pode ficar em casa sozinha. Tentei mandar uma mensagem para minha mãe novamente e Paige, mas agora eles não estavam respondendo. Eles tinham ingressos para um show, então eles provavelmente tinham seus telefones desligados. Se eu pudesse entrar em contato com um dos irmãos de Grey, talvez eles pudessem ajudar. Só que eu não tinha nenhum dos números deles.

Foi quando eu desmoronei. Lágrimas não rolaram. Eles praticamente saíram dos meus olhos como uma mangueira estourada. Kinsley também chorou, perguntando se Aaron estava com os anjos agora.

— Não, baby, ele não está. Ele está bem aqui. Levantei-a no meu colo e segurei-a. Nós dois choramos como um casal de bebês.

As enfermeiras nos deixaram sozinhas por um tempo. Eu verifiquei a hora e era nove horas e não há chamadas ou textos. Eu atirei no Dr. West, embora não saiba por quê. Eu disse a ele que Aaron estava na UTIP com pneumonia e se ele se importava com o filho, por favor, respondesse. Eles não permitiram crianças aqui e eu estava com Kinsley.

Dez minutos depois, outro médico entrou e se apresentou. Ela era a especialista pulmonar que cuidaria de Aaron. Suas radiografias mostraram pneumonia em ambos os pulmões.

— Ele é um cara de sorte que você trouxe quando você fez.

— Como no mundo isso aconteceu tão rápido?

— Foi fermentado por um dia ou dois, mas é assim que pode ser com crianças menores de dois anos e pessoas com mais de sessenta e cinco anos. Mas quando isso acontece, pode se espalhar como fogo. Tenho certeza que ele ficará bem. No entanto, quero-o aqui por pelo menos vinte e quatro horas, só para ter certeza. Devemos ver uma boa resposta aos antibióticos que temos em funcionamento até então.

— Isso soa bem.

— Eu diria para você dormir um pouco, mas duvido que você siga essas instruções.

— Não, você está certa. Obrigada, doutora.

Ela o examinou e saiu. Havia uma poltrona reclinável e uma cadeira dura no pequeno cubículo de vidro, então deixei Kinsley sentar na poltrona reclinável, onde ela adormeceu, segurando sua girafa de pelúcia que eu trouxera para ela. Cobri-a com um cobertor que encontrei no minúsculo armário.

Tudo o que fiz foi olhar para as máquinas, olhando para os números, não tinha ideia do que elas significavam. De repente, a porta se abriu e ele estava lá. Dois longos passos engoliram o chão quando ele foi até o

computador perto da cama de Aaron, digitando furiosamente. O monitor deu vida a seus comandos, preenchendo instantaneamente a informação. Eu observei enquanto ele examinava antes de ir até o filho e colocar a mão na cabeça por um segundo. Então ele se virou para mim.

Foi quando cheguei à vida. Eu me levantei e andei até ele. Então eu fechei minha mão e dei um soco nele. Meus punhos fracos bateram em seu peito, ombros, qualquer coisa que pudessem tocar até que eu desmoronei contra ele em uma parede de lágrimas. Ele me segurou enquanto eu chorava, esfregando minhas costas e cabelos, mas não pronunciou uma palavra. Então ele me puxou para longe dele e apenas olhou para mim... até que sua boca bateu na minha em um beijo contundente.

Toda palavra de reprovação, todo pensamento indignado desapareceu. Até mesmo a doença de Aaron evaporou por um momento. Tudo o que eu sabia naquele momento era o que seus lábios e língua estavam fazendo comigo... e como eles queimavam os meus, como minha pele estava queimada, minha barriga apertada, e que eu queria apertar minhas coxas, cair de joelhos e fazer coisas sujas para ele. Meus dedos cavaram em seus braços, esperando por sua vida, sabendo que se eu o soltasse, o mundo terrível como eu sabia que era, iria me esmagar de novo, e eu não podia suportar que isso acontecesse. Eu queria isso... essa luxúria. Esse *desejo*. Eu queria explorá-lo, queria que ele me devorasse. Mas também queria a segurança, o calor, o conforto, a força que seu corpo proporcionava. As últimas seis horas tinham sido um inferno e eu queria que isso desaparecesse e que Aaron fosse saudável, e que todas as minhas preocupações sobre ele desaparecessem. Este beijo, essa paixão que estava escalando entre nós era apenas uma fantasia, um sonho para me levar por um pequeno momento.

Mas acabou, e quando ele olhou para mim, eu só vi maravilha em seus lindos olhos cinzentos. Não tinha sido uma fantasia e eu não imaginei isso.

Sua mão deslizou para minha bochecha quando ele disse: — Jesus, Marin, meu telefone caiu do meu bolso e eu não sabia de nada até alguns minutos atrás. Eu sinto muito mesmo. Então seus braços quentes e protetores me envolveram e me seguraram com força novamente antes de se afastarem para verificar Aaron. — De acordo com seu prontuário, ele tem pneumonia e eles o estão tratando com antibióticos.

Depois que eu o preenchi, ele disse:

— Eu te devo tudo. — Ele pegou minha mão. Mas isso foi tão confuso para mim que me afastei de seu alcance.

Minha mão tocou meus lábios - que ainda queimavam de seu beijo - por um segundo, e então eu disse:

— Kinsley não deveria estar aqui. Eles estão me dando um inferno sobre isso. Eu não sabia o que fazer... não havia lugar para ela ir.

Sua mão rasgou seu cabelo.

— Merda. Eu sinto muito. Você deve ter tido o pior dia.

Eu estremeci.

— Não o melhor.

— Por que você não vai para casa e eu fico aqui com o Aaron? Descanse um pouco. Se alguma coisa acontecer, eu ligarei.

Eu balancei em meus pés.

— Essa provavelmente é uma boa ideia. Ainda temos um problema. Teremos que encontrar outra babá para Kinsley.

— Não se preocupe com isso. Eu tenho backup. Pessoas que usei antes de você.

— Bom. — Comecei a juntar minhas coisas e acordei Kinsley. Quando ela viu o pai, ela pulou da cadeira.

Ele agarrou-a e eles se agarraram um ao outro.

— Ei, bolinha. Você vai para casa agora com Marin, para que vocês possam ir para a cama.

— Você vai dormir com Aaron?

— Eu tenho certeza que vou.

— Você trouxe seus pijamas?

— Não, eu vou dormir com minha roupa.

— Oh. Então boa noite. — Ela deu-lhe um beijo alto na boca. Hmm. Ele tinha uma boca sexy, com certeza.

Saímos com ele prometendo ligar se houvesse alguma coisa para me atualizar.

Quando me arrastei para a cama, a exaustão me reivindicou, mas ainda podia sentir a queimação dos lábios de Grey nos meus. Algo primitivo tinha sido acendido dentro de mim. Por que ele teve que ir e fazer isso?

Capítulo Vinte e Dois

Greydon

QUANDO ENTREI no quarto de Aaron e a vi sentada lá, a dor no meu peito cresceu exponencialmente até que meu coração quase saltou através das minhas costelas. Entre Aaron e Marin, eu tinha certeza de que precisaria dos serviços de um dos meus parceiros. Você nunca quer ver um dos seus filhos tão doentes que eles tenham sido internados na UTIP. Eu não conseguia respirar fundo até conseguir ler seu prontuário. Ainda não era fácil e não seria até que ele estivesse fora da zona de perigo... até que eu me sentisse confortável sabendo que ele estava tendo uma resposta positiva aos antibióticos.

Então havia Marin. Lidar com ela era como lidar com uma tigresa ferida. Ela veio até mim, garras expostas, mas era inofensiva porque estava tão exausta. E isso me fez sentir ainda mais como merda. Tudo tinha sido uma série terrível de erros, mas ainda assim, eu deveria ter sido mais cuidadoso com o meu telefone... devia prestar mais atenção nas minhas merdas. Então sim, aceitei total responsabilidade por isso.

Então algo me atingiu quando a vi. A paixão nunca me varreu. Eu não era esse cara. Mas quando eu passei por aquela porta, o calor derretido correu pelas minhas veias, me desequilibrando, e eu não poderia ter me parado, não importava o que acontecesse. Isso já estava fermentando há algum tempo. Se eu fosse honesto, era por isso que estava tão na defensiva sobre como a equipe do escritório a havia tratado. Ela não merecia isso, é verdade, mas me atingiu mais forte porque eu tinha *sentimentos*, sentimentos intensos por ela. Mas isso não poderia acontecer.

Eu nunca permitiria que meu coração se envolvesse com uma mulher novamente. A dor era grande demais e não valia o risco.

Mas vendo Marin sentada ali, parecendo que ela tinha passado pelo inferno, tinha aberto algo dentro de mim... algo que eu achava que tinha morrido. Quando ela começou a me socar com seus golpes fracos, eu estava acabado. Eu tive que descobrir, saboreá-la, e assim fiz. Eu a beijei. Foi, sem dúvida, a hora e o lugar mais inapropriados, mas não consegui parar. E não faria se eu pudesse. Esse beijo só me fez querer mais... me fez querer tudo. E se ela estivesse disposta, eu pretendia ir atrás disso, Deus me ajude.

Depois de vigiar Aaron por algumas horas, me acomodei na poltrona para uma noite sem descanso. O apito das máquinas dificultava muito dormir. Na primeira luz, eu mandei uma mensagem para o grupo da equipe que havíamos preparado para emergências como essa, avisando que eu precisava cancelar meu dia e o porquê.

Josh foi o primeiro a me bater de volta.

Josh: Você está bem? E Aaron?

Em vez de passar por todas as mensagens de texto, decidi ligar para ele.

— Ei cara, o que diabos aconteceu? — Ele perguntou.

Eu expliquei tudo, até a situação do meu telefone.

— Merda, aposto que você enlouqueceu.

— Sim, quando cheguei em casa e vi que Aaron estava na UTIP, eu enlouqueci.

— Ei, estou feliz que ele esteja bem. Existe alguma coisa que eu possa fazer por você? Além de material de prática?

— Agora que você mencionou, vocês têm uma boa babá que pode assistir Kinsley. Eu sei que Marin vai querer vir e ver Aaron e eu não posso ficar aqui o dia todo amanhã.

— Espere.

Eu o ouvi checar com Ashley no fundo.

— Ash diz para Marin deixá-la aqui e ela vai lidar com isso.

— Não, eu não posso fazer isso. Ela tem as mãos cheias.

— Ela insiste. Além disso, a babá vem durante o dia e Kinsley vai se divertir. Ela pode até passar a noite se quiser.

— Você tem certeza?

— Grey, você nos conhece. Não ofereceríamos se não quiséssemos isso.

— Obrigado, vou deixar Marin saber. Nossos pais estão em Vegas juntos, ou eu não estaria perguntando.

— Não é um problema. Dê o número de Marin a Ashley. Você tem, certo?

— Deixe-me ver. — Eu rapidamente procurei em meus contatos e vi que eu tenho. — Sim, já passei. Obrigado cara! Devo-lhe.

— Sim, nossa ninhada é do tamanho de um time de beisebol, vamos bater em você. — Eu ri. Nesse momento, Aaron começou a chorar.

— Ei, Aaron acabou de acordar. Eu tenho que correr.

Eu verifiquei ele e tinha certeza que sua fralda precisava mudar.

— Ei amigo. Como está meu garoto? — Eu esfreguei a barriga dele, mas isso não ajudou. Ele estava seguro em sua cama, então eu procurei no quarto por uma fralda limpa e finalmente encontrei uma. Então eu o troquei. Ele ainda chorou depois, mas uma enfermeira chegou e checou seus IVs.

— Sua sedação obviamente acabou, — eu disse.

Ela olhou para mim por um segundo.

— Eu sou o pai dele.

— Olá, eu sou Cathy, sua enfermeira para hoje.

Levantei-me e fui para o computador e comecei a digitar.

— Senhor, você não pode fazer isso.

Eu a ignorei.

— Senhor! Sr. West.

Irritado, eu disse:

— Ele não teve nenhum sedativo desde que cheguei aqui e a última vez que eles foram administrados foi às nove e meia.

— Senhor, eu estou chamando...

— É o *dr.* West, não o sr. West, e eu tenho acesso a todos os registros médicos dele, já que estou na equipe do hospital. Agora, por que meu filho não foi atendido? Esta é a UTIP e ninguém o checou por pelo menos três horas.

Olhos parecendo bolas de pingue-pongue quase saltaram da sua cabeça.

— Hum, senhor, quero dizer, Dr. West, nós monitoramos os pacientes da estação lá fora. — Ela apontou para onde um grupo estava sentado e olhando para todos os monitores.

De cara feia, perguntei:

— O que UTIP significa? Ele não teve nenhum cuidado prático em um bom tempo. Como você pode fazer isso lá de fora?

— Mas ...

— Quem é o médico assistente de Aaron?

— É a Dra. Sutton.

— Quando ela estará fazendo rondas?

— Ela está aqui agora.

— Bom. Eu gostaria de falar com ela. Ah, e você está ciente, a sedação foi ordenada para Aaron a cada oito horas. São oito horas. Ele passou da última dose.

Ela foi embora, mas eu a parei.

— Você não vai mesmo verificar o seu paciente?

Cathy correu de volta para Aaron para verificar sua fralda.

— Muito tarde. Eu já o mudei porque você não se incomodou em fazer isso.

Ela estava claramente nervosa agora, mas fez o que deveria e partiu.

A Dra. Sutton - Jane - chegou cerca de dez minutos depois.

— Grey, você está mexendo as coisas aqui.

— Espero mais que um pouco. Eles precisavam de um pouco de agitação. Francamente, estou desapontado com os cuidados que Aaron recebeu.

— Eu compreendo totalmente. Isso não vai acontecer novamente. Eu tenho ciência sobre os remédios de Aaron. Seus IVs são bons. Nós vamos fazer outro CBC e uma contagem de glóbulos brancos com um diferencial para verificar se há ou não uma melhoria em relação a ontem.

— Sim, eu vi aquele turno esquerdo com a neutrofilia. — Essa era uma indicação clara de infecção.

— Acho que vamos ver melhorias. Eu quero outra radiografia de tórax mais tarde também. Se esta noite, ele apresentar alguma melhora, podemos tirá-lo daqui e entrar em um quarto normal. E se essa melhora continua em ritmo acelerado, o que não tenho motivos para pensar que não, então ele pode ir para casa no dia seguinte. Vamos desligá-lo dos antibióticos intravenosos para oral. Soa como um bom plano para você?

Assentindo, eu disse:

— Estou impressionado com a rapidez com que isso se desenvolveu.

— Como eu disse a sua babá, ele tem menos de dois anos e as crianças podem ser muito vulneráveis a pneumonia. Você tem sorte de ela ter tido a visão de trazê-lo. Eu não preciso explicar o resultado para você se ela não tivesse.

— Você não precisa. Eu sei.

Jane saiu e Cathy praticamente correu até aqui e pairou sobre Aaron. Ela lhe dava mais sedação para que ele dormisse, e entrava e saía como uma mãe superprotetora. Jane deve ter realmente dado a eles um corretivo.

Eu liguei para Marin e a acordei, mas também assustei o inferno fora dela.

— Dr. West! Está tudo bem? Como está Aaron? — Ela gritou ao telefone.

Rindo, eu respondi:

— Ele está bem. Já passaram das oito, então presumi que você estaria acordada ou eu teria esperado para ligar.

— É depois das oito? — Ela gritou.

— Sim, cabeça sonolenta.

— Ugh. — Eu tive uma visão dela caindo de volta em seu travesseiro por algum motivo. — Me desculpe, eu dormi demais.

— Não se desculpe. Você merece dormir. E você não acha que precisa parar de me chamar de Dr. West?

— Hum, está bem.

— Eu acho que você deveria começar a me chamar de Grey.

— Grey?

— É o meu nome, você sabe.

— S-seu nome, — ela gaguejou.

Rindo, eu disse:

— Sim, Grey, abreviação de Greydon.

— Eu sabia. — Ela fez uma breve pausa e disse: — Quero dizer, ok.

— A razão pela qual estou ligando é que preciso de um favor. Você pode me trazer algumas roupas limpas? Eu estive nestas por um tempo e estão terríveis. Eu quero correr para o quarto dos médicos e tomar banho. Ah, e Ashley disse para você deixar Kinsley na casa deles. Eles querem que ela passe a noite para libertá-la para vir aqui.

— Eles têm certeza?

— Absolutamente. Eu perguntei e Josh disse que poderíamos retribuir o favor quando sua ninhada fosse do tamanho de um time de beisebol.

Ela riu. Eu realmente amei o som disso.

— Eu adoro quando você ri.

— Er, obrigado. Então, o que devo levar para você usar?

— Jeans e uma camisa decente vão ficar bem.

— Hum, você precisa, erm, ah, cueca ou algo assim? — Ela gritou.

Mordi o lábio para não rir. Era interessante que essa conversa estivesse fazendo com que ela soasse tão desajeitada. Eu me perguntei se ela estava corando.

— Não. A menos que você queira que eu use uma e, nesse caso, elas estão em uma das gavetas do armário.

— E as meias? Ou sapatos?

— Sim, eu vou precisar deles também. Meias estão nas gavetas. Sapatos, use seu próprio julgamento. — Eu queria ver o que ela traria. — Uma mochila também. Ah, e você pode trazer uma escova de dentes e creme dental? Você encontrará no meu banheiro. Uma das gavetas. Basta procurar lá. — Cara, eu imaginei ela se contorcendo.

— Certo. Eu tenho que tomar banho e dar banho na Kinsley. Nós estávamos tão cansadas na noite passada que caímos direto na cama. E então café da manhã. Tudo bem?

— Está perfeitamente bem. Eu te vejo quando você chegar aqui.

— O-okay.

— E Marin?

— Uh huh?

— Eu gostei de beijar você ontem à noite. Mais do que muito.

Eu desliguei antes que ela tivesse a chance de responder. Deixe-a pensar sobre isso quando ela estava cavando em volta do meu armário, olhando na minha gaveta de roupas íntimas.

Capítulo Vinte e Três

Marin

ELE PRECISAVA DE ROUPAS ÍNTIMAS?

A menos que você queira que eu use uma.

O que diabos eu deveria fazer com isso? Levar cueca ou não? O pensamento dele *não* usar qualquer uma era mais quente que chamas chamuscando minha pele. Mas eu queria que ele soubesse disso? O suor escorria dos meus poros enquanto eu pensava sobre isso, e quanto mais eu fazia, meu coração batia um ritmo que me fazia pensar se eu deveria ligar de volta. Só porque eu estava preocupada com a minha maldita saúde.

Kinsley abriu minha porta e correu para o meu quarto.

— Marnie, eu tive um sonho ruim.

— Você teve?

— Foi sobre Aaron e que ele foi morar com a mamãe.

— Oh, querida, venha aqui.

Ela subiu na minha cama e eu a abracei.

— Aaron já está melhorando. Acabei de falar com o seu pai e ele me disse isso.

— Ele está?

— Sim. E eu aposto que suas pernas estarão chutando novamente em algum momento. E adivinha o que mais.

— O quê?

— Você pode ir na Ashley e no Dr. Josh hoje e brincar. Você até consegue uma festa do pijama.

— Eu posso?

— Sim. Isso não parece divertido?

— Sim! Eles comem coisas boas por lá? Como lanches e biscoitos?

Eu escondi uma risada.

— Eu aposto que eles fazem.

— Posso ligar para o papai?

— Eu não vejo porque você não pode. Aqui. — Eu bati o número dele e entreguei o telefone para ela.

— Papai!

Eu o ouvi chamá-la de bolinha e depois contar a ela que Aaron estava melhorando.

— Eu posso ter uma festa do pijama hoje à noite.

Eles conversaram um pouco mais e terminaram a ligação.

Eu escovei seu cabelo grosso de sua testa e perguntei:

— Sente-se melhor agora?

Ela assentiu.

— Bom. E agora nós duas precisamos tomar banho desde que não tomamos na noite passada. Então, por que eu não preparo o banho ou você quer tomar um banho para lavar o cabelo também?

— Chuveiro, por favor. Eu posso fazer isso sozinha porque eu sou uma garota grande. — Ela abriu os braços para dar ênfase.

— OK. Certifique-se de enxaguar bem o cabelo e colocar o condicionador, porque, se você não o fizer, vai doer quando o penteamos.

— Eu sei. Ouchy. — Ela fez uma careta.

— Certo.

Nós duas fomos ao banheiro dela, onde eu peguei a água e deixei tudo para ela. Ela era muito boa sobre isso.

— Você quer que eu fique aqui enquanto você toma banho?

— Você não precisa.

— Tudo certo. Eu vou entrar e sair se você precisar de mim. — Eu não tomaria o meu até que ela terminasse, apenas por garantia. Enquanto ela tomava banho, decidi embalar as coisas de Grey. Parecia

completamente estranho pensar nele daquele jeito. Mas, novamente, sempre me sentia tão rígida e formal chamando-o de dr. West. Mas ele *era* rígido e formal na maioria das vezes. E ranzinza. Com sorte, ele estava mudando.

Eu lentamente abri a porta do seu quarto e entrei. Eu só tinha estado aqui uma vez, e isso foi antes de todos os seus móveis e pertences serem transferidos. O quarto era enorme. Na verdade, eram dois quartos - um quarto com uma pequena área de estar fora dele. Tinha uma lareira, que achei tão romântica a primeira vez que a vi. O banheiro era palaciano - como algo saído de uma revista, mas o resto da casa também. Quando entrei no armário, não sabia por onde começar. Foi meio triste aqui desde que foi construído como dele e dela. O lado dela estava completamente vazio, obviamente. Ele segurava enormes armários embutidos, prateleiras de sapato e prateleiras de qualquer coisa que seu coração pudesse imaginar. Uma risadinha me explodiu porque todas as minhas coisas caberiam em menos de um quarto desse espaço. Movendo-me para o lado dele, encontrei uma mochila adequada para guardar tudo. Então localizei o jeans dele. Foi fácil porque tudo era muito organizado. Em seguida, peguei uma camisa cinza escura e depois procurei um par de meias. Eu abri a primeira gaveta depois a gaveta de gravatas. Bom senhor, quantas o homem possuía? E camisas dobradas. Ele tinha um suprimento infinito. Antes de chegar à gaveta de meias, encontrei a estúpida gaveta de roupas íntimas e muito para a minha vergonha, meus dedos se enterraram em pares depois de dois deles. Havia cuecas boxer de algodão, pugilistas regulares, pugilistas de seda, cuecas padrão. O homem deve ter um fetiche por roupas íntimas porque havia todo tipo de roupa íntima masculina imaginável. E eu tirei todos os tipos e os inspecionei. Antes que eu percebesse, eu tinha feito uma bagunça da maldita gaveta e percebi que quando ele for pegar uma, ele certamente saberia que uma espiã de cuecas estava aqui espreitando.

— Marnie! Marnie, onde você está?

Porra! A gaveta não passava de uma pilha de coisas desdobradas. O que diabos eu deveria fazer?

— Eu estarei aí em um minuto.

Eu comecei a desistir de alguns, mas sabia que era impossível, então eu apenas joguei um par na bolsa, não prestando muita atenção. Eu imaginei que enquanto Kinsley estivesse assistindo algo na TV, eu voltaria aqui e reorganizaria. Na saída, peguei um par de sapatos e os joguei na sacola também.

— Estou aqui.

— O que você tem aí, Marnie?

— Vou levar isso para o seu pai quando for ao hospital mais tarde.

— Eu estou com fome.

— Deixe-me pegar um café da manhã e depois eu tenho que tomar banho. Mas primeiro, você penteia o cabelo e tira todos os emaranhados?

— Sim.

— OK. Que tal waffles hoje?

— Mesmo?

— Mesmo. Vamos lá.

Depois que ela estava arrumada, eu disse a ela para assistir a um vídeo quando ela terminasse. Tomei banho e depois rapidamente vesti jeans, uma camiseta branca e sandálias. Então me lembrei da escova de dentes de Grey. Parei em seu armário para arrumar rapidamente sua gaveta de roupas íntimas e fiz o melhor que pude, mas não estava nem perto do que parecia quando a abri. O negócio era que eu não conseguia lembrar exatamente como estava organizada e tinha certeza de que ele nunca encontraria nada quando ele procurasse na próxima vez. Eu estava tão ferrada.

O banheiro era outra história. Eu finalmente encontrei uma escova de dentes, mas foi depois de abrir gaveta após gaveta. Permanente aqui fez

meu coração doer de repente. Ali estava esse homem que morava neste belo lugar, mas ele não tinha ninguém com quem compartilhar. Se eu fosse ele, eu iria querer um lugar pequeno para viver, assim eu não teria que encarar tanto espaço vazio. Isso só me lembraria de tudo que eu tive e perdi.

Kinsley estava ansiosa para chegar na casa dos McBride. Uma vez lá, Ashley me assegurou que tudo estava bem e ela poderia ficar o tempo que fosse necessário. Quando a deixei, ela já estava brincando.

Grey ficou feliz em me ver quando entrei no quarto de Aaron. Eu tinha me preocupado com a reação dele em relação a mim e, para ser sincera, eu não tinha certeza de como as coisas deveriam estar entre nós. Minha preocupação era desnecessária. Ele imediatamente veio para o meu lado, me puxando em seus braços. Seu abraço me pegou de surpresa. Mas o beijo dele realmente me tirou do sério.

Eu deixei cair a mochila estúpida e agarrei sua camisa na cintura. Jesus, o que estava acontecendo com esse homem? Teria o antigo médico indigesto desaparecido? Eu estava me apaixonando por esse cara mais velho? Quero dizer, o cara tinha quarenta e poucos anos, muito mais velho do que qualquer pessoa que eu já tinha namorado. Mas ele também era mais gostoso do que qualquer um que eu já tinha namorado.

— Você está bem?

Minha cabeça balançou.

— Sim, e você? — Eu mal reconheci minha voz sem fôlego.

— Bem. Eu tive que chutar uma bunda ou duas, mas as coisas estão melhores.

— O que aconteceu?

— O cuidado aqui não foi bom. Isso é tudo. É ótimo agora.

Eu olhei para ele. Realmente olhei e notei os círculos escuros sob seus olhos e as linhas de estresse que ele estava tentando fingir que não estavam lá. O desejo de pressionar meus dedos nelas era esmagador.

— Você precisa ir para casa e dormir.

— Não, eu não vou embora. Deixe-me tomar banho e vou me sentir melhor.

Eu cedi e gentilmente alisei meus dedos sobre o espaço abaixo de seus olhos. — Você está cansado. Você não pode esconder isso.

Ele pegou as pontas dos meus dedos e pressionou beijos nelas.

— Eu fique muito mais do que isso sem dormir. Obrigado por trazer minhas coisas. Eu voltarei.

Ele saiu e eu verifiquei Aaron. Ele ainda estava dormindo, o que eu supunha ter a ver com as drogas. Eu corri meus dedos por seus cachos macios e segurei sua mão gordinha. Ele era tão precioso. Eu amava esse garoto e comecei a refletir sobre o que eu faria quando não tivesse esse emprego. A coisa assustadora era como eu me tornei ligada. E então... e quanto a Grey? O que *nós* éramos? Isso era estranho de se pensar. Como passamos de quase completamente incomunicativos para isso? E eu mal lhe dei um olhar antes. Oh, eu notei ele bem, mas muito mais velho que eu. Isso foi antes. Agora, tudo o que eu pensava era aquela mandíbula forte, o começo da barba, bochechas esculpidas, aqueles olhos grandes que estavam densamente franjados em cílios escuros e sua boca sexy. Eu pressionei meus dedos nos meus lábios pensando em como ele havia esmagado os meus na noite passada e que isso desencadeou um desejo por mais. Lembrei-me de como minhas mãos agarravam seus braços, sentindo a força de seus rígidos bíceps e reconheciam a segurança que traziam. Como eu tinha perdido tantas coisas sobre ele?

Grey era um homem que comandava o quarto. Quando ele estava lá, as pessoas notavam. Eu vi isso no piquenique. E ele não se esforçava para isso. Apenas acontecia.

Aaron chutou uma de suas pernas e eu sorri, pensando em Kinsley. Eu ainda segurei sua mão e ele tentou afastá-la, então deixei. Ele rolou para o lado e choramingou. O IV deve ter puxado um pouco, então eu

rearranjei para dar mais linha. Ugh, eu odiava vê-lo assim. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu as esfreguei.

Duas mãos apertaram meus ombros e eu pulei.

— Desculpe, eu não queria assustar você. — Então ele perguntou: — Por que você está chorando?

— Vê-lo com esse IV está me matando. Eu sei que ele está desconfortável.

As almofadas de seus polegares acariciaram minha bochecha para limpar as lágrimas.

— Por favor, não faça. Estou sem forças para ver você chorando. — Então ele me segurou em seu peito. — IVs não são tão ruins e a sedação vai ajudar com isso. Mas eu não quero que ele continue com isso. Como ele teve um bom sono, quero conversar com Jane sobre reduzir isso.

— Jane?

— A médica dele. Jane Sutton.

— Entendo. — Eu deveria saber que eles se conheceriam.

— Eu tenho uma pergunta. Você se divertiu bisbilhotando minha gaveta de roupas íntimas?

Puta merda. Eu pisei para fora do seu abraço.

— Uh, por quê? — Eu perguntei, me encolhendo.

Ele sorriu.

— Porque você colocou a cueca de Natal como uma piada na mochila. Ela tem um nariz de rena com sinos sobre eles. Você realmente queria que eu as usasse?

Minhas mãos voaram para o meu rosto em horror.

Oh. Jesus!

— Eu peguei a primeira coisa que minhas mãos pousaram, — murmurei.

— Foi assim mesmo? Tenho certeza de que essas coisas foram enterradas no fundo da gaveta.

from
ASHES
to
FLAMES

Eu abro meus dedos para ver que ele estava sorrindo para mim.

— Pare com isso.

— Você inspecionou toda as minhas cuecas?

— Não, — eu menti.

— Sim, você fez. Admita. — Ele puxou minhas mãos para baixo e segurou-as. Eu tentei puxá-las para longe, mas ele não me deixou. — E então?

— Eu ia pegar um par, mas a sua gaveta estava tão organizada que comecei a admirar todos os estilos diferentes e então Kinsley me chamou e eu fiquei meio presa.

Ele riu.

— Se você quiser, eu posso modelá-los para você.

— Oh meu Deus. — Eu nunca viveria com isso.

Meu rosto queimava de vergonha. Sua mão roçou uma bochecha e ele disse:

— Eu não tomei você pelo tipo tímida.

— Eu não sou tímida. Isso passa de tímida. Isto é como uma invasão de privacidade.

Ele se abaixou e puxou aquelas malditas roupas íntimas para eu ver.

— Eu não posso acreditar que você trouxe isso para mim. — Ele riu enquanto os segurava contra os quadris. Não só eles tinham um nariz de rena, era exatamente onde o pênis dele estaria com sininhos pendurados por suas bolas. Eu realmente fiz isso desta vez.

— Eu juro que nem sequer olhei para eles.

— Uh huh. Então, o jeito que estou pensando é o que é justo para o ganso e tudo mais.

— O que você quer dizer?

— Eu acho que preciso dar uma boa olhada na sua gaveta de roupas íntimas.

— Você ficará muito desapontado, eu posso garantir a você.

Ele balançou as sobrancelhas.

— Você não tem ideia. Eu posso gostar do tipo de calcinha da vovó.

Uma gargalhada enorme saiu de mim. Foi tão alto que Aaron gritou.

— Se você gosta de calcinha de vovó, você está morto para mim.

Agora era sua vez de rir.

— Sim, isso foi meio ruim, certo?

— Isso só confirma que você é definitivamente um velho.

Ele me agarrou pela cintura e me puxou contra ele.

— Eu posso te mostrar coisas que vão provar para você que *não* estou *nem perto de* ser um velhote. O que me leva ao meu próximo ponto. Eu gostaria muito de continuar com essa coisa entre nós, Marin. Isso é, se você estiver disposta.

— E se não dermos certo? Então o que acontece comigo como *a babá*? Eu amo seus filhos e me assusta nunca mais vê-los.

— Eu também pensei nisso, mas se não tentarmos, não saberemos, não é?

— Não, mas não tenho certeza se poderia morar em sua casa se as coisas entre nós não funcionassem.

Ele escovou meu cabelo para trás.

— Eu tenho uma sensação muito boa sobre nós. Você é a única pessoa em quem tenho interesse desde Susannah. Eu nunca pensei que fosse namorar novamente. Aqui está a coisa. Você não é alguém que eu já teria dado uma chance também. Somos tão diferentes, mas não consigo parar de pensar em você. Por favor diga sim.

— Estaremos praticamente morando juntos.

— Nós estaremos coabitando. Não há praticamente nada a fazer sobre isso. Mas você vai manter o seu quarto e eu vou ter o meu. Não vamos comprometer isso pelo bem das crianças.

— OK. Nós podemos tentar, mas eu tenho que te dizer, isso me assusta. Muito.

— Não tenha medo, Marin.

— Eu não quero me machucar.

— Eu sei. E eu não vou ser o único a fazer isso.

Não eram essas as promessas que sempre fizeram? Damien disse isso para mim e olha o que aconteceu. Mas eu sabia uma coisa sobre Grey. Sua esposa o traiu e ele não ficou muito feliz com isso. Ele não era o tipo de traidor, então se meu coração fosse quebrar, provavelmente não seria por causa disso.

Capítulo Vinte e Quatro

Greydon

MARIN ME SURPREENDEU, ela realmente fez. Eu suspeitava o tempo todo que ela me afastaria. Mas ela não fez. Agora tudo o que eu queria fazer era aprender tudo o que fosse possível sobre ela. Ficamos presos no cubículo de vidro de Aaron o dia todo, então é melhor começar agora.

Comecei com perguntas sobre seus dias de faculdade e por que ela escolheu o jornalismo.

— Meu pai teve visões de eu praticar direito com ele, mas tenho medo de ser uma grande decepção. Eu tive esse desejo de escrever. No ensino médio, eu ficava sentada por horas, criando essas histórias e entregando-as aos meus professores. Eles me incentivaram a estudar literatura criativa e literatura, mas não era para mim. Meus interesses estavam mais nos eventos atuais, então me voltei para o jornalismo. Quando eu era júnior, eu tinha um professor incrível que me ajudava depois da escola todos os dias. Ele me ensinou como elaborar artigos jornalísticos. Minha escola não tinha uma aula de jornalismo até você ser um veterano. Foi ele quem me incentivou a ir a Emerson. Então, é isso.

— E você se formou com honras?

Ela aperta os olhos para mim.

— Como você sabia disso? Eu nunca te disse.

— Minha mãe fez. Eu fiz algumas perguntas sobre você depois que você veio trabalhar para mim. Eu não sabia em que grau você estava até que você me contou. E depois que descobri que você foi a Emerson,

imagine a boa risada que eu tive sobre a merda que você me deu sobre Harvard.

Dois pontos brilhantes de rosa pontilhavam suas bochechas. Eu estendi a mão para escovar as costas da minha mão sobre eles e senti o calor irradiando dela.

— Não fique envergonhada. Eu tenho uma tendência a agir como um idiota. É um mecanismo de defesa quando sou desafiado. Ou quando estou chateado.

Suas mãos cobriram minhas bochechas depois que eu tirei as minhas.

— Eu odeio que eu fique tão vermelha assim.

— Eu acho que é sexy.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro. — Eu queria que ela sentisse que ela era capaz de me questionar sobre qualquer coisa.

Ela inclinou a cabeça e pareceu hesitante por um segundo antes de desabafar:

— Por que você está tão distante com as crianças?

Nenhum dedo mergulhando com este aqui. Ela tomou o mergulho de cabeça primeiro.

— Eu não fui sempre assim. Eu não estive no melhor lugar e eu... tem sido difícil. Não está certo, eu sei. Eu tento. Você não vê, tenho certeza. Isso soa como se eu estivesse dando desculpas. Antes de Susannah morrer, eu estava no meio das coisas com eles. Quando foi apenas Kinsley, eu fiz tudo. Você provavelmente não pode imaginar isso, mas é verdade. Eu era o senhor mamãe. O que ela realmente me destruiu e não foi apenas pela traição. Foi o efeito na família. Foi a destruição da confiança. E a mentira. Aqueles eram sempre meus dois negócios e ela sabia disso. Nós conversávamos frequentemente sobre isso. Ela viajava muito por conta do seu trabalho e eu coloquei minha confiança e fé nela e

lá estava ela, traindo por mais de dois anos. Isso abalou a base de tudo para mim.

Marin ficou em silêncio por um momento.

— Eles precisam de você, Grey. Volte para eles.

Essas palavras eram uma flecha no meu coração. Eu prometi fazer uma mudança a partir de hoje.

— Pode parecer uma montanha, mas não é. Leve um dia de cada vez, — disse ela.

— Você está certa e eu sou um merda.

Ela descansou a mão no meu braço.

— Você não é uma merda, apenas um pai ausente. E é uma coisa fácil de mudar. Então, por que cardiologia?

Minha mente girou com a forma como eu tinha que mudar as coisas em casa, mas eu respondi de qualquer maneira.

— Bom desvio. Quando eu estava na faculdade de medicina, fiz minha rotação na cardiologia e foi isso. Eu sabia que, se não pudesse fazer cardiologia, isso me esmagaria. Isso é o quão importante foi para mim.

— Por quê?

Estamos sentados, ela na poltrona e eu na cadeira dura. Eu me aproximei dela e peguei sua mão.

— Algumas pessoas acham que é a síndrome de Deus - você sabe onde as pessoas sentem que estão salvando a vida de outras pessoas. Mas não é isso para mim. Descobri que salvar alguém, impedi-lo de morrer e mantê-lo com seus entes queridos por mais tempo, fazia com que estar na escola e todos os anos de residência e companheirismo valessem tudo. Há muitos empregos por aí que as pessoas adoram. Mas sou louco pelo que faço. Sei sem dúvida que fiz a escolha certa.

— O que você teria feito se não tivesse entrado na bolsa de cardiologia? Não é assim que funciona?

— Corrigindo. Você faz uma residência de medicina, geralmente, e depois se candidata a uma bolsa de cardiologia. Quanto a uma resposta, não sei. Eu não tinha um plano B.

Ela bate no meu braço.

— Nenhum plano B?

— Nenhum. Além do que imaginei, continuaria tentando até ser aceito.

— Mas você fez.

— Eu fiz.

Ela aperta minha mão quando ela diz:

— E você veio para sua cidade natal. Por quê?

— Eu terminei com Boston. Eu fiquei lá para a minha residência e acabei me tornando chefe.

— Chefe? É como uma sociedade especial de pow wow? Ela sorriu.

Ela estava falando sério? Foi difícil não rir.

— Você realmente não sabe?

— Eu suponho que é algum tipo de título de fantasia.

— É o chefe dos residentes do Departamento de Medicina. É uma posição que você se esforça para atingir como residente de medicina.

— Entendo. Você já se preocupou em ser aceito?

— Não muito, mas queria sair de Boston e ir para Manhattan. Minha primeira escolha foi Weill Cornell em Nova York. Fiz minha residência de cardiologia de três anos e uma de eletrofisiologia de dois anos lá. Depois de cinco anos no New York-Presbyterian, eu estava pronto para uma mudança. Foi quando nos mudamos para cá e o resto você provavelmente pode deduzir por conta própria.

— Espera um segundo. Você foi para a escola médica por quatro anos. Então você fez uma residência de o quê? Três anos?

— Sim.

— Então você fez mais cinco anos em bolsas de estudo?

— Está certo.

— Isso é um total de... — Ela olha para o teto enquanto faz as contas em sua cabeça. — São doze anos. Isso é muito tempo!

— Fiquei feliz quando acabou. Mas a verdade é que, durante minha residência, o aprendizado prático foi inestimável. Os dois últimos anos foram incríveis.

— Mesmo? Eu acho que foi uma tortura.

— De modo nenhum. Foi onde eu aprendi a induzir arritmias nas pessoas e trazer seus corações de volta ao ritmo normal.

Ela fez uma careta como se tivesse acabado de engolir leite azedo.

— Ugh. Não tenho certeza se isso é bom ou ruim.

— Deixe-me explicar. Às vezes o coração sai de suas vias rítmicas normais. O circuito elétrico fica estragado. Muitas vezes, é benigno e a pessoa pode simplesmente viver uma vida normal sem nenhum dano. Outras vezes, a arritmia é mortal e não permite que o coração bombeie o sangue adequadamente, por isso, sem o choque para voltar ao ritmo normal, a pessoa morrerá. Drogas podem controlar isso, mas às vezes não. Meu trabalho é descobrir por que isso está acontecendo ou de onde vem a arritmia. Então, eu vou para o coração e localizo. Às vezes, eu tenho que induzir o coração a ter um quando estou dentro para que eu possa ver o que está acontecendo para fazer o diagnóstico correto. Se eu acho que é tratável com drogas, então seguimos esse caminho. Caso contrário, implantamos um CDI ou um desfibrilador cardioversor implantável. Vai jogar o coração de volta ao ritmo normal se tiver uma arritmia. Às vezes uma pessoa nem vai saber o que está acontecendo.

— Isso parece horrível.

— Não é tão ruim assim. O paciente está sedado e nós falamos com eles.

— Você não tem que cortá-las, abri-las?

— Não, nós passamos pelo pulso ou pela virilha, como quando você tem um cateterismo cardíaco.

— Oh. Isso soa muito melhor. Eles não ficam com medo?

— Sim, mas eu faço o meu melhor para acalmá-los. E as drogas ajudam a relaxar também.

De repente, Aaron soltou um grito. Ela pulou e correu para o berço.

— Ele está acordando, — ela disse para mim. Então para Aaron, ela disse: — Ei amigo. Como está meu cara? — Ele soltou um grito tempestuoso. Ela o pegou para consolá-lo, balançando para frente e para trás com ele em seus braços. — Está tudo bem, amigo, você vai ficar bem agora. — Seus gritos mudaram para gemidos e ele se acalmou quando suas pequenas mãos se agarraram aos braços dela.

— Você acha que ele está com fome? Ele não comeu desde ontem.

— Provavelmente. Devíamos pegar um pouco de comida para ele. Deixe-me perguntar à enfermeira. Mas eu não precisei porque ela entrou na sala.

— Como ele está?

— Talvez ele devesse comer? — Perguntou Marin.

— Deixe-me ver. — Ela foi até o computador e disse que ele poderia ter sucos e comidas leves.

Quando eles trouxeram, ele chupou como se não houvesse amanhã. O garoto provavelmente estava morrendo de fome. Eu conversaria com Jane quando ela chegasse mais tarde.

Marin e eu seguramos muito Aaron naquele dia, só porque não queríamos continuar a sedá-lo e ele estava tão rabugento. Provavelmente era o IV junto com a febre que ele ainda estava tendo. Não era tão alta e Marin concordou que parecia muito melhor do que quando ela o trouxe.

Era hora do almoço e corri até a lanchonete para nos trazer alguma comida. A enfermeira sugeriu que nós dois saíssemos, mas Marin se recusou a deixar Aaron sozinho, então nós comemos no quarto de Aaron.

— Isso não é ruim, — disse Marin. — Eu estava esperando algo terrível.

— Não, é muito bom, na verdade. A alimentação hospitalar melhorou muito ao longo dos anos.

Uma jovem entrou e disse que levaria Aaron à radiologia para fazer outra radiografia de tórax. Marin pulou para ir junto e ela parou.

— Ele estará em boas mãos, prometo. Nós não iremos demorar muito tempo. — Ela empurrou sua cama, junto com seus IVs para fora do quarto.

— Ele vai ficar bem, — eu a consolei. — Eles fazem isso o tempo todo.

— Não para Aaron.

Eu olhei para ela.

— Você é muito protetora com ele.

— Isso é ruim?

— Não. Isso só me surpreende.

— Por quê?

— Você só tem estado perto dele desde o começo de março e é julho. O vínculo que você desenvolveu com ele é forte.

— Eu não posso evitar. No começo, foi porque você não prestou atenção nele, então eu senti muito por ele. E então foi porque ele é tão precioso.

Meu silêncio a fez pegar minha mão.

— O que foi? — Ela perguntou.

— O teste de DNA. Você ainda o tem?

— Sim.

— Eu acho que quero saber.

— Grey, o que você vai fazer? Porque se Aaron não é seu, eu posso te dizer isso. Não fará diferença para mim.

A verdade era que eu não tinha resposta.

— Eu não sei. Meu intestino dói com o pensamento disso. Tem me matado não ter essa certeza e meu psiquiatra continua me incomodando sobre isso.

— Seu psiquiatra?

Eu mexo minhas mãos.

— Culpado! Eu tenho visto um desde que Susannah morreu. Eu tinha muita raiva, não havia como eu lidar com isso. Por isso, meu psiquiatra.

— Graças a Deus. Mas você não parece o tipo de psiquiatra.

— Por que não?

— Oh Deus. — Ela baixou a cabeça no colo. — Não fique com raiva de mim quando eu te contar isso.

Suas palavras foram abafadas, então eu perguntei:

— O quê?

Sentando-se em linha reta como uma tábua, ela disse:

— Prometa que você não vai ficar bravo quando eu lhe disser isso.

— OK.

— Quando te conheci, você parecia ser tão engomado. Não consigo imaginar você sentado no consultório de um psiquiatra, despejando seu coração para ela.

— Hmm. Com amido, hein?

— Sim, com todos os seus laços e camisas brancas.

— Eu tenho que me vestir adequadamente para o trabalho, você sabe.

— Os médicos em que eu fui não se vestem assim.

— E meu psiquiatra é um homem.

Ela acenou com a mão.

— Tanto faz. Por que vocês todos se vestem assim? Isso me deixaria desconfortável.

— Sério?

— Sim.

— Eu nunca pensei nisso dessa maneira.

Ela circulou com o dedo indicador na minha frente.

— Agora isso, eu gosto. Mas essa coisa de gravata. É ótimo se você está indo para algum lugar e todo mundo está vestido. Mas isso me deixa doente.

— Eu não posso usar jeans no escritório.

— Por que não? Meu médico faz.

— Devidamente anotado. Posso fazer uma pergunta agora?

Ela baixou a cabeça.

— Certo.

— O que fez você pintar seu cabelo com essas cores.

Suas mãos instantaneamente voaram para o cabelo dela, alisando-o.

— Foi um momento de rebeldia. Eu não estava em um bom lugar e pensei que isso me daria uma sensação de... liberdade.

— E fez isso?

— Sim, aconteceu. Era tão diferente da minha cor real que me diferenciava da velha Marin. E meu pai enlouqueceu.

Eu tive que rir porque tenho certeza que ele fez. O pai dela era muito parecido com o meu pai - bastante conservador. A mudança provavelmente o jogou por um loop.

A porta da sala se abriu e Aaron foi entregue de volta para nós, choramingando. Marin pegou-o e ele se acalmou um pouco. Talvez tivéssemos os resultados do seu raio-X em breve.

Eu verifiquei o computador, mas nada foi inserido ainda. Seus resultados de contagem de sangue estavam dentro e eles eram definitivamente melhores que os anteriores.

— Há uma grande melhora em suas contagens de sangue, — disse a Marin.

— Graças a Deus.

— Eu aposto que o raio-X dele estará melhor também.

Cerca de uma hora depois, Jane entrou para nos dar a notícia de que ele estava melhorando.

— Acho que podemos levá-lo para um quarto normal. Como isso soa?

— Ótimo. Ele pode comer? — Perguntou Marin.

— Acho que sim. Ele não teve nenhum vômito ou diarreia, então devemos estar seguros a esse respeito. Vou pedir uma dieta normal para ele.

— Obrigado, Jane. Qual é o próximo passo?

— Vamos dar mais um dia. Eu gostaria de tentar trocar por antibióticos orais amanhã de manhã. Dessa forma, se virmos um pico em sua temperatura, isso acontecerá antes de nós o liberarmos.

— Bom plano.

— Ugh, ele tem que manter o IV mais uma noite? — Perguntou Marin.

— Temo que sim, mas vou pedir uma dose leve de um sedativo para que ele durma.

O fato de eles continuarem a sedá-lo não era algo que me entusiasmasse.

— A sedação é necessária?

— Grey, eu sei que você não gosta, mas Aaron precisa descansar. As crianças não gostam de IV e com a idade dele, e o fato de que ele não está confortável com a febre, eu acho que é melhor. Eu prefiro fazer isso do que acertá-lo com uma dose pesada de remédio para tosse com narcóticos.

— Ok, — eu disse.

— Eu prometo, só será suficiente para relaxar e ele conseguir dormi. E eu não quero que eles o administrem até que ele coma seu jantar. Vamos ver como conseguir um quarto então.

Marin bateu no meu braço.

— Vou ligar para Ashley para que ela saiba o que está acontecendo.

— Boa ideia.

Quando Marin saiu da sala para fazer isso, peguei Aaron. Ele era adorável, como Marin havia dito. Por que eu não poderia simplesmente largar as coisas da paternidade? Por que eu não podia deixar ir? Eu guardava rancor contra Susannah por me trair? Ou era mais que isso? Aaron não merecia isso em tudo. Nem Kinsley. Mas eu precisava saber por algum motivo torturante.

Quando Marin voltou, eu disse:

— Eu gostaria que você fosse para casa e pegasse o kit. Eu quero saber.

— Grey. — Sua voz continha um aviso. — Isso não é uma boa ideia.

— Não vai mudar nada. Aaron é meu de qualquer maneira. Quem eu estava tentando convencer mais, Marin ou eu?

Ela soltou um longo suspiro.

— Você deveria deixar passar.

— Você provavelmente está certa. Mas, novamente, você não esteve no meu lugar nesses últimos meses. Você não experimentou traição assim. E eu não estou falando sobre Susannah e nosso relacionamento. Estou falando das crianças e do que ela fez com a nossa família.

Suas mãos assumiram a pose de oração.

— Mas Grey, esse é o seu relacionamento, não é? Sua família? E não vai colocar uma grande diferença entre você e Aaron?

— Como pode? Eu já disse que o aceitaria como meu, não importa o que. Não foi culpa dele o que ela fez.

— Não, então por que seguir com isso?

Aaron ainda estava em meus braços e senti seus cachos suaves sob o meu queixo. Ele se mexeu em meus braços e seus olhos encontraram os meus. Cílios úmidos com lágrimas de choro, ele agarrou minha camisa com seus pequenos punhos e uma sugestão de um sorriso torto apareceu.

A dor no meu peito se aprofundou, tornando difícil respirar porque ele era quem havia sofrido. Esta criança linda e inocente. Eu beijei sua bochecha e o abracei mais perto.

— Bem grande cara, parece que você está se sentindo melhor, não é?

Uma de suas pernas se moveu um pouco. Não foi bem um chute, mas foi melhor que nada. Eu olhei por cima de sua cabeça para ver Marin nos observando.

— Pegue o kit. Eu prometo enquanto houver vida em mim, não vou machucar essa criança. — Eu não deixaria o fantasma desse pecado - se fosse um pecado descobrir a verdade - assombrar esse meu filho.

Capítulo Vinte e Cinco

Marin

O KIT QUEIMOU um buraco na minha bolsa enquanto eu voltava para o quarto de Aaron. Grey estava sentado na poltrona reclinável, mas imediatamente se levantou quando entrei. Minha expressão deve ter contado tudo a ele, mas ele não recuou. Eu puxei o kit para fora, mas a enfermeira entrou, então eu o coloquei de volta na minha bolsa.

— Temos um quarto pronto para o pequeno Aaron no andar de pediatria. Eles estão a caminho para movê-lo agora. — Ela sorriu. — Tenho certeza que você está feliz em vê-lo sair daqui.

Grey foi quem falou enquanto eu ouvia. Minha mente estava enrolada em torno daquele kit de DNA estúpido na minha bolsa. Eu ainda ia fazer o meu melhor para convencê-lo disso, mesmo que sua mente estivesse decidida.

Ele e a enfermeira conversavam quando outra pessoa apareceu e se apresentou como Tracy, da unidade de pediatria.

— Vou levar Aaron para o seu novo quarto agora. — Ela preparou todo o equipamento dele e então o levamos direto para o outro lado com o berço portátil, nos dois andares.

Ela conversou todo o caminho e exclamou o quão fofo ele era.

— Tenho certeza de que você está pronto para sair dessa unidade. Todos os pais ficam tão felizes em se mudar para o quarto.

— Sim, — concordou Grey. Eu acho que ele estava pronto para ela parar de falar. Ela conversou sobre como o hospital cuidava das coisas, sem saber que ele era médico. Ela só estava tentando ajudar e não sabia

de nada. Eu teria me envolvido com ela, mas meu cérebro ainda estava enrolado em torno daquela caixa estúpida na minha bolsa.

Depois de acomodar Aaron, ela escreveu os nomes de seus enfermeiros no quadro branco de seu quarto e, enquanto fazia isso, Grey entrou no computador na sala. Ela deve tê-lo ouvido e ela começou a dizer alguma coisa, mas ele estendeu a mão. Nele estava seu crachá hospitalar.

— Oh, doutor West. Eu não sabia.

— Está bem. Eu nunca chequei seu último relatório de raios X e queria dar uma olhada nele.

— Oh. — Ela soltou uma risada nervosa. — Eu acho que está tudo bem.

Ele puxou os dois raios X e suspirou.

— Que melhoria!

— Essa é uma boa notícia. Eu acho que ele tem uma refeição no caminho também. Se você quiser pegar algo para comer, fique à vontade. Eu posso alimentá-lo — disse Tracey.

— Não, tudo bem, — eu disse. — Eu farei isso. — Tracy assentiu e saiu do quarto.

Grey perguntou:

— Você está com fome?

— Um pouco.

— Já é hora do jantar. Eu vou correr e nos pegar alguma coisa. O que você gostaria?

— Uma sandes. Eu não sou exigente.

Ele saiu e eu peguei Aaron para se aconchegar. Eu não podia esperar para levá-lo para casa.

— Mais um dia aqui, garotinho. Então, estamos em casa, onde você pode dormir em sua própria cama e ver sua irmã mais velha. Como isso soa?

Ele agarrou meu ombro e deu um tapinha. Eu queria beijá-lo inteiro e nunca soltá-lo.

— E há mais uma coisa e escute bem. Você nunca faça isso comigo de novo? Você me assustou até a morte. Eu não sabia... — Eu fiquei com os olhos marejados para continuar, então eu apenas o abracei.

Grey voltou com o nosso jantar e ficamos sozinhos novamente. Depois que comemos, ele trouxe aquele maldito kit. Eu tirei da minha bolsa e entreguei a ele.

— Deixe-me dizer que eu não sou a favor disso.

— Eu estou ciente. E para você, eu prometo que isso não vai mudar nada entre Aaron e eu. Eu sou o pai dele. Voce entende?

— Sim.

Ele abriu o pacote e tirou os cotonetes. Ele usou um em sua boca, então usou o outro no interior da boca de Aaron enquanto seu filho o observava com curiosidade. Quando ele terminou, colocou-os nos recipientes apropriados e os embalou conforme as instruções indicadas. Então ele entregou para mim. — Você vai enviar isso para mim?

Eu não me incomodei com uma resposta, mas peguei o pacote e enfiei de volta na minha bolsa.

— Obrigado.

Naquela noite, sentei na cadeira reclinável, depois de pensar em tudo, e ainda tinha dificuldade em entender a necessidade de Grey saber. Sua voz me tirou dos meus pensamentos.

— Por que você não vai para casa, Marin? Durma um pouco.

— Eu ia sugerir que você fosse para casa e que eu ficasse aqui hoje à noite.

Ele envolveu sua mão quente ao redor da minha.

— Aaron é meu filho, minha responsabilidade. Eu quero ficar com ele. Você fez muito, muito mais do que eu poderia ter pedido. Descanse um pouco. Kinsley estará em casa amanhã e Aaron ainda não está bem. Tenho

que voltar ao trabalho e conversar com os pacientes que perdi. Eles tiveram que me registrar duas vezes, infelizmente.

— Você tem certeza?

— Sim. Eu posso dormir aqui. Estas cadeiras dobram-se em camas e eles têm roupa de cama. Eu ficarei bem. Ah, e me faça um favor.

— O quê?

Um brilho perverso acendeu em seus olhos.

— Eu quero que você durma no meu quarto hoje à noite.

Este pedido veio do nada e eu estava totalmente despreparada para isso.

— Seu quarto? Por quê?

Sua boca sexy se curvou em um sorriso, que seria estampado em minha memória por horas, se não dias.

— Eu quero pensar em você dormindo lá, nua, então da próxima vez que eu estiver na cama, eu posso sonhar em fazer coisas sujas com você.

Eu engoli a massa de luxúria que tinha se encaixado na minha garganta. Era como desalojar uma pedra gigante, teimosa como o inferno, que se recusava a ceder.

— Grey, — eu sussurrei.

— Hmm? — Ele tinha o olhar de inocência em seu rosto.

— Eu, uh... — minha voz sumiu.

— Vá. Me ligue quando você chegar em casa. Quando você estiver nua.

Eu balancei a cabeça porque não era possível formar palavras. Quem era esse homem? Como eu o achava chato? Ele era sexy como o inferno e isso me fez pensar o que ele ia dizer quando eu ligasse. Também me fez pensar em como seria nossa primeira vez.

— Oh, mais uma coisa, Marin. — Ele envolveu a mão em volta do meu pescoço e me deu um beijo ardente.

No começo, eu olhei para o homem e engoli em seco. Quando saí correndo do quarto, notei como eu estava molhada entre as minhas coxas. Eu esperava que a viagem para casa fosse rápida porque eu não queria sair do caminho. Isso não seria legal. E se eu me envolvesse em um acidente? Isso seria horrível. Eu poderia imaginar as manchetes. *Mulher Encontrada Com Calças abertas E pedaços – Privados - expostos após acidente de carro.* Não é legal em tudo.

Fiz a viagem em tempo recorde, observando a porta da garagem abrir e desejando que ela acelerasse. Fazia tanto tempo desde que eu senti qualquer desejo sexual que o meu estava no hiperativo agora.

Desligando o alarme, subi correndo os degraus, fiz uma rápida parada no meu quarto e pulei sob o colchão para o meu vibrador. Então eu olhei para ele como um tolo bêbado. Oh meu Deus, eu esqueci de chamar Grey. Eu peguei meu telefone e bati seu nome.

— Isso foi rápido. Você deve ter empurrado o pé no acelerador — disse ele rindo.

Eu fingi bocejar e disse:

— Sim, estou tão cansada.

— Uh huh. Antes de você levar aquele seu eu cansado para a minha cama, eu quero que você faça uma coisa. Você está nua?

— Oh não.

— Tire suas roupas e deite na cama.

— Uh, eu estou na cama.

— Doces sonhos, Marin. Pense em mim. — E ele desligou.

Eu desliguei e minhas mãos tremiam. Eu liguei meu vibrador e pensamentos de um Grey sexy apareceram na minha cabeça. Não foi difícil chegar perto do orgasmo. Eu estava perto quando saí do hospital. Eu deslizei meu coelho dentro e fora de mim, bombeando devagar no começo, mas depois aumentando o ritmo. Cada vez que eu empurrava fundo, aquele nariz de coelho alegre fazia cócegas no meu clitóris e, em algum

momento, eu gozei, chamando o nome de Grey. Então me perguntei se ele tinha uma câmera lá. Oh Deus! Que embaraçoso. Eu pulei, quase para fora da cama, enquanto meu telefone tocava. *Porra. Quem era?*

Verificando o identificador de chamadas, vi o nome de Grey.

— Olá. — Minha voz tremeu.

— Eu sinto sua falta. O que você está fazendo?

— Hum, lendo.

— Lendo? Isso é tudo?

— Sim. Não. — Eu ri, o que soou estúpido.

— Marin, o que exatamente você está fazendo na minha cama? Descreva-me em detalhes.

Oh Deus. O que diabos eu ia dizer?

— Hum, nada. Eu estou deitada aqui.

— Marin. — Ele disse meu nome como um aviso.

Merda, merda, merda.

— Eu tive um orgasmo com meu vibrador, — eu soltei.

— Você está pingando?

— Uh huh

— Me mande uma foto sua.

— Não! Eu não posso fazer isso.

— Certamente você pode. Apenas mantenha sua cabeça fora disso, então ninguém saberá que é você, exceto nós dois.

Eu pensei sobre isso por um segundo e decidi que nunca poderia fazer isso, mas em vez disso, enviei-lhe uma foto minha, coberta até o pescoço. Ele riu quando conseguiu.

— Você é uma galinha.

— Sim eu sou. E você terá que esperar para ver o verdadeiro eu nu em pessoa, Dr. West.

Uma risada profunda voltou para mim.

— Eu não posso esperar para estar dentro de você. Vou me divertir ensinando algumas coisas para você.

— Eles te ensinam essas *coisas* na escola do coração?

Eu tinha uma imagem dele balançando a cabeça.

— Dificilmente. — Então ouvi uma risada profunda.

— Bom. Eu estava um pouco preocupada.

— Não fique, Marin. Mas eu quero você pronta amanhã à noite.

Eu puxei o lençol perto do meu queixo.

— Não podemos fazer isso com as crianças em casa.

— Eles dormem, lembra?

— Mas é inapropriado.

— Deixe-me avaliar isso. Vá dormir. Você vai precisar disso para o que eu tenho em mente. A linha foi desconectada. Oh meu. E eu que pensei que o Dr. West era um cara de rabo apertado. Quem teria pensado que ele era tão sujo?

Capítulo Vinte e Seis

Greydon

NA MANHÃ SEGUINTE, Marin foi na ponta dos pés no quarto do hospital de Aaron. Mas depois que ela o ouviu tagarelar, toda a quietude sobre ela desapareceu.

— Ele soa muito melhor. — Um suspiro gigantesco saiu dela.

— Ele está. Acordou como de costume, exigindo que sua fralda fosse trocada. — Eu a observei quando ela o tirou do berço. Ele deu uma palmada no rosto dela e ela beijou a mão dele.

— Ei amigo. Você está feliz hoje?

Ele deu um tapa no rosto dela.

— Ow. É melhor você assistir. — Seus dedos cavaram em suas costelas até que ele riu, mas se transformou em um ataque de tosse.

— Oh, não, me desculpe, menino. Isso parece tão desagradável.

— Sim, é isso que pneumonia faz. Eles o colocaram em um nebulizador para ajudar a quebrar tudo isso.

Ela apontou para uma bolsa e disse:

— Eu trouxe uma muda de roupa para você tomar banho.

— Ah. Você ficou presa na minha gaveta de roupas íntimas de novo?

Suas bochechas ardiam escarlate e suas tentativas de escondê-las falharam.

— Não vai funcionar. Mas não se preocupe. Você vai se acostumar com isso.

— Acostumar com o quê?

— Minhas insinuações sexuais.

Observar as respostas dela me fez pensar em uma inocente mulher ingênua, mas eu sabia que ela não era nada disso.

— Eu vou comprar protetores auriculares para o seu filho.

— Por quê?

— Então, ele não fica maculado por sua mente suja.

Eu envolvi minhas mãos em volta de sua cintura por trás e a puxei contra mim. Sendo muito mais baixa que eu, pude descansar meu queixo no topo de sua cabeça.

— Você é a única que eu estou interessado em contaminar, não ele. — Então eu beijei seu pescoço, logo atrás de seu lóbulo macio e aveludado. — Eu não posso esperar para rastejar na cama com você hoje à noite.

— Grey, alguém pode entrar aqui.

— E se eles fizerem? Existe uma lei contra estar abraçando você?

— Eu sou sua babá!

Eu ri tanto e me senti melhor do que nunca. Eu ri mais com ela do que qualquer um na minha vida, incluindo Susannah. Agora que pensei nisso, Susannah e eu quase nunca rimos juntos.

— Marin, eu acredito que você é babá dos meus filhos, não minha. Mas, se você quiser brincar de babá para mim, eu sou todo seu.

Ela olhou por cima do ombro para mim e novamente, corada de vergonha. Aaron chutou suas pernas, então eu o tirei dela.

— Ele quer descer e correr, — eu disse. Com a porta fechada, não havia nenhum mal nisso, então eu o coloquei no chão e o observei gingar. Ele bateu nas pernas de Marin e balbuciou alguma coisa. Era bom ver as coisas voltando ao normal.

— Por que você não toma banho? Eu serei seu cão de guarda.

— Obrigado. Eu não vou demorar muito, — eu disse.

AARON FOI LIBERADO MAIS TARDE naquela manhã e voltei a trabalhar. A pilha de pacientes dos últimos dias foi um inferno. Eu trabalhei como um maníaco para ver todo mundo. Por sorte, um eletrofisiologista do outro hospital havia me substituído em alguns casos. Às seis horas, terminei, mas ainda tinha alguns gráficos para completar. Quando me sentei na minha mesa, meu telefone tocou com um texto.

Que horas estará em casa?

Era Marin. Essas palavras trouxeram um sorriso ao meu rosto.

Sete - eu espero.

Ela me bateu de volta com: **Dia difícil?**

Eu tive muito pior. Mas está prestes a melhorar.

Sua resposta me fez rir. **Oh. Importa-se de explicar?**

Eu prefiro te mostrar. Mas eu faria papel de bobo quando eu gemesse.

Ela me enviou um emoji com um rosto chocado.

Te vejo em breve.

Eu empurrei minha bunda para terminar e saí pela porta uma hora depois. Quando entrei em casa, Kinsley praticamente me atacou.

— Papai!

Eu a peguei e a levantei no ar.

— Oi bolinha! Sinto que não te vejo há muito tempo.

— Porque você não tem. — Ela jogou os braços em volta do meu pescoço e me beijou no nariz. — Você está com saudades de mim?

— Mais do que chocolate.

— Eu senti sua falta mais do que sorvete.

— Eu senti sua falta mais do que sorvete com chocolate por cima.

— Eu senti sua falta mais do que sorvete com chocolate e chantilly por cima.

Nós poderíamos continuar assim, mas eu precisava checar Aaron.

— Como está seu irmão?

— Bom. Mas suas pernas não estão chutando tão bem. Não sei se ele será mais um dançarino.

— Hmm. Vamos ver. Onde ele está?

— No balanço.

Entramos na sala de estar e Marin estava sentada com ele.

— Ei, — eu disse.

— Ei para você. Como você está?

— Com fome e cansado.

— Bom porque eu tenho lasanha no forno, — disse ela.

O rapazinho estava com as pálpebras pesadas e com sono.

— Parece que alguém está pronto para dormir.

— Sim. Eu estava dando a você mais alguns minutos antes de colocá-lo no chão.

— Eu vou fazer isso. Enquanto estiver lá, vou trocar de roupa e voltar para o jantar.

— Obrigada.

— Marin, não me agradeça por colocar meu próprio filho na cama. — Eu peguei Aaron no balanço.

— Papai, eu quero ir com você.

Eu estendi a mão e disse:

— Vamos.

Chegamos ao quarto de Aaron, onde troquei a fralda e coloquei-o no berço. Seus olhos estavam meio fechados já. Curvando-me, pressionei meus lábios em sua testa e cobri-o com seu cobertor favorito.

— Posso dar um beijo de boa noite também, papai?

— Claro, bolinha. — Eu ergui Kinsley para que ela pudesse beijá-lo. Então nós saímos do quarto depois que eu desliguei a luz.

— Por que você não lê para Aaron uma história para dormir como você faz comigo?

— Ele não é velho o suficiente ainda, mas quando ele chegar a dois, eu vou começar a fazê-lo, como fizemos para você.

— Você costumava ler para mim quando eu tinha dois anos?

— Eu tenho certeza que sim. Foi assim que comecei a te chamar de minha bolinha. Você tinha esse livrinho onde a garota usava um vestido de bolinha que você sempre me pedia para ler.

— Oh. Talvez você possa ler isso para Aaron também.

— Talvez eu possa.

Ela me seguiu até o meu armário, onde tirei minha camisa e gravata e mudei para algo mais confortável. Então descemos à cozinha onde Marin servia a lasanha.

— Bolinha, você quer um pouco? — Eu perguntei.

— Não. Eu já comi com o Aaron.

— Quando alguém lhe oferece algo, você deve dizer: 'Não, obrigada'.

— Mesmo se eu quiser um pouco?

Os ombros de Marin tremeram quando ela se virou para esconder sua risada.

— Nesse caso, você diria: 'Sim, por favor'.

Ela franziu a boca minúscula e disse: — Não, obrigada, papai.

— Boa menina.

Nós três nos sentamos à mesa e comemos enquanto Kinsley falava sobre como Aaron precisava trabalhar em seus chutes.

— Talvez eu possa ajudá-lo e mostrá-lo quando eu começar minha dança irlandesa.

— Oh, bem lembrado, — gritou Marin.

— O que foi? — Eu perguntei.

— Eu esqueci de ligar para o estúdio de dança para verificar.

— Não se preocupe. Ligue de manhã.

— Sim, Marnie. Você estava com medo por causa de Aaron. Ei papai, como ele conseguiu pegar amônia?

Marin me chutou debaixo da mesa e eu mordi meu lábio.

— Ninguém sabe realmente. Acontece apenas às vezes.

— Vou pegar amônia?

— Eu não penso assim, querida. Você não precisa se preocupar com isso.

— Oops, eu esqueci. — Ela pulou da cadeira e saiu do quarto.

— Onde ela foi? — Eu perguntei.

— Eu não sei, mas essa coisa de amônia era muito fofa.

Kinsley voltou para a cozinha carregando uma grande folha de papel. Ela bateu na mesa dizendo:

— Eu fiz isso para o Aaron hoje.

Era uma foto de Aaron, Kinsley, Marin e eu de mãos dadas. Aaron estava nu, exceto por uma fralda e ele tinha uma chupeta gigante na boca. Não sei por que ela desenhou isso porque ele desistiu da chupeta meses atrás. A imagem era adorável e divertida ao mesmo tempo. Eu estendi meus braços para abraçá-la.

— Kinsley, isso é fantástico, — eu disse. — Você está se tornando uma artista.

— Eu sei.

— Querida, quando alguém te elogiar, você deveria agradecê-los.

Ela arqueou uma sobrancelha, exatamente como sua mãe costumava fazer.

— Mesmo quando é você?

— Sim. Não importa de quem vem, e isso inclui Marin.

— Obrigada, papai.

Marin pegou e disse:

— Eu disse a ela que como está de férias escolar, ela poderia ter entrado no curso de arte.

— Ela com certeza poderia.

Limpamos os pratos do jantar e eu coloquei Kinsley na cama. Ela queria que eu encontrasse a história das bolinha para ler para ela.

— Querida, tenho certeza que está no sótão com o resto das coisas de quando você era um bebê. Você vai ter que escolher outra coisa. Ela escolheu um livro diferente e depois de alguns capítulos, ela estava cochilando. Eu a beijei, a cobri e apaguei a luz.

Eram apenas oito horas, mas eu estava exausto. Marin estava no escritório quando voltei para o andar de baixo.

— Eu não tenho certeza de quanto tempo eu posso ficar acordado.

— Você parece super cansado.

— Eu estou. Por que não vamos para a cama?

— Boa ideia.

Depois de desligar tudo, subimos as escadas e, quando ela começou a ir em direção ao seu quarto, perguntei:

— Marin, aonde você pensa que está indo?

— Para a cama?

— Exatamente. Mas por que você está indo para lá?

— Porque é onde o meu quarto está.

Segurando seu pescoço, eu a trouxe perto do meu corpo.

— Mas você não está dormindo no seu quarto. — Então corri minha língua pelo lado do pescoço dela, parando em seu ponto de pulsação. Senti a batida do coração dela embaixo da minha boca enquanto eu gentilmente beliscava e chupava. Meus polegares circularam os picos de seus mamilos, que estavam duros sob o sutiã. Ela cantarolou seu prazer. — Podemos continuar isto no meu quarto, ou posso despir você aqui no corredor.

— As crianças? — Ela sussurrou, sua voz rouca de desejo.

— Estão dormindo e não há necessidade de sussurrar.

— Mas…

— Deste jeito. — Eu a levei para o meu quarto.

— Eu preciso lavar meu rosto e escovar meus dentes.

— Você pode fazer isso aqui, — eu disse.

— Não é o meu regime de rosto.

— Oh, você tem um regime? — Eu sorri.

— Por acaso, sim.

— Então vá, mas sua bunda sexy está dormindo comigo.

— Sim senhor. Eu te disse que você é um chefe mandão?

Eu bati na sua bunda e disse:

— Você está perdendo tempo.

Quando ela voltou, eu estava na cama com meus dentes escovados e o rosto lavado. Levantei as cobertas e disse:

— Entre aqui. — E então me atingiu... o cheiro dela. Imagens do que imaginei que ela fez na noite passada aumentaram meu desejo, alimentando minha paixão. Inalando, eu disse: — Eu gostaria de ter estado aqui ontem à noite com você.

Um rubor subiu de seu pescoço até as cristas de suas bochechas.

— Eu também. Você poderia ter me mostrado aquelas *coisas que* você mencionou. — Ela sorriu. Antes que ela pudesse oferecer qualquer outro comentário atrevido, eu peguei seu queixo entre meu polegar e meu dedo e gentilmente acariciei sua boca com a minha. Eu comecei em um canto e preguiçosamente trabalhei meu caminho para o outro. Meus dentes roçaram seus lábios, superior e inferior, e sugaram o inferior antes de eu empurrar minha língua em sua boca. Nossas línguas se encontraram, hesitantes no início, mas o beijo rapidamente se tornou mais exigente e frenético. Minha mente ficou agitada com a atmosfera que brilhou entre nós. O calor entre nós aumentou e eu não conseguia o suficiente dela, dos lábios dela, ou da boca dela. Eu nunca quis que um beijo continuasse assim. Era inebriante e eu estava bêbado de luxúria.

— Eu queria tanto você... Jesus, Marin. O número de banhos que eu tomei e me masturbei com os pensamentos de você nua, suas pernas abertas, com aquele fodido vibrador em sua mão, e eu vendo você usar

isso em si mesma. Tem sido tão difícil por semanas agora com esses pensamentos sujos de você.

Minha mão deslizou sob sua camisola e puxou seu mamilo, que era tão duro quanto meu pau. Essas malditas roupas eram inúteis e no caminho, então me sentei e puxei-a junto comigo.

— Eu não posso esperar para ver você… tocar isto, seu corpo. Para provar cada centímetro da sua pele. Você virou minha cabeça com luxúria.

— Temos que nos livrar disso. — Eu esperei por sua permissão antes de puxar sua camisola sobre sua cabeça, — E estes. — Meus dedos engancharam em torno do elástico de sua calcinha e com um movimento rápido, eu a tirei.

Ela estendeu a mão para a minha camiseta.

— E você?

Levantei-me e tirei a camiseta e a cueca que estava usando, meus movimentos frenéticos.

— Para sua informação, isso foi para o seu benefício. Eu costumo dormir nu.

— E as crianças?

— O que tem eles?

— E se você estiver nu e eles entrarem aqui?

— Aaron ainda não consegue sair do berço e Kinsley nunca se levanta. Se ela fosse entrar, eu diria a ela para voltar para o quarto dela e eu a encontraria lá.

— E se ela estivesse doente ou tivesse um pesadelo?

— Eu a ouvia e checava a câmera. E ela só teve um pesadelo que me lembro.

— Você tem uma resposta para tudo, não é? — Ela perguntou.

Eu subi na cama e me coloquei ao lado dela. Eu tirei o cabelo de seu rosto.

— Eu não tive nada perto de uma resposta para você quando você entrou na minha vida. — Meus dedos entrelaçaram seus grossos cachos multicoloridos. — Você, com seus cabelos coloridos, piercings e tatuagens. Eu não sabia bem o que fazer com você.

— E o que você acha de mim agora?

— Não tenho certeza. Eu rio muito mais. Eu não vou dizer que você não me irritou, mas eu amo sua paixão. Isso me inspira.

— Posso te contar uma coisa? E prometa que não vai ficar bravo?

Eu escovei o cabelo dela para trás.

— Este parece ser um tema recorrente com você.

Ela riu.

— Eu pensei que você fosse o idiota mais sujo que eu já conheci.

Por alguma razão, eu não conseguia parar de beijar o canto da boca dela.

— Idiota, huh. Eu pensei que você disse que eu era rico mimado.

— Sim. Eu tinha todo tipo de apelidos para você.

— Como o quê?

Ela passou o dedo pelos meus lábios.

— Dr. Mau humor, Dr. Fantasma, Dr. Delirante.

— Por que o Dr. Fantasma?

— Você nunca estava em casa e desapareceria por horas em seu escritório.

— E Dr. Delirante?

— Porque quando você pensou que estava sendo legal comigo na verdade, você não era.

— Entendo. Que tal eu mostrar a você como eu posso ser legal?

— Oh? E como você vai fazer isso?

— Como isso. — Seus seios eram perfeitos e eu não podia esperar para chupar seus mamilos. Eu beijei meu caminho até seus seios, lentamente contornando cada um de seus mamilos na minha boca até que

eles estavam pequenos picos duros. Ela murmurou seu prazer, mas isso foi apenas o começo. Trabalhando meu caminho pelo corpo dela, cheguei à junção de suas coxas macias e cremosas e as abri largamente, o suficiente para que minha cabeça e meus ombros se encaixassem.

— Dobre seus joelhos. — Ela concordou e eu empurrei suas pernas um pouco. Minha língua passou a costura de sua boceta repetidamente até que ela bufou. Quando ela ficou escorregadia, eu espalhei seus lábios usando meus polegares e enterrei minha língua dentro dela.

Ela levantou-se até os cotovelos e observou.

— Ahh, — ela gemeu.

Minha língua arrastou para seu clitóris, circulando-o, e usando um dedo, eu deslizei dentro dela. Ela estava encharcada e eu espalhei sua umidade ao redor, adicionando outro dedo dentro. Localizando seu ponto G, eu massageei, enquanto minha língua trabalhava um ritmo em seu cerne.

— Não pare. Sim, bem aí. — Suas unhas marcaram meus ombros, depois minha cabeça, enquanto eu mantinha meus cuidados. Ela provou ser divina, e eu não queria que isso acabasse. Quando eu já pensei isso antes?

— Oh, Grey, isso é perfeito. Sim, isso. — Eu sacudi minha língua com mais força e mais rápido. — Sim, eu estou quase gozando. — Seus músculos apertaram meus dedos quando as contrações de seu orgasmo se firmaram. Eu não parei meus movimentos até que seus espasmos cessassem. Ela estava sem fôlego e coberta de um brilho fino de transpiração.

— Você tem um gosto ainda melhor do que o cheiro que você deixou para trás. — Perguntar-me como ela provou me enlouqueceu. — Para não mencionar, você tem a boceta rosa mais bonita.

Um rubor varreu do pescoço até o topo da testa.

from
ASHES
to
FLAMES

— Isso te envergonhou? — Surpreendeu-me que meu papo sujo a chocou tanto.

— Um pouco.

— Só estou sendo honesto. Então, para a outra parte. Eu não estive com ninguém além da minha ex-esposa nos últimos doze anos. Depois que ela morreu e eu descobri o caso, fiz o teste, então estou limpo.

— Estou segura também. Depois que eu peguei meu namorado transando com a minha melhor amiga, eu também fui testada. Eu não estive com ninguém desde então.

— Você está em algum tipo de contracepção? Sinto muito, este é um tópico tão estéril, mas achei melhor que tenhamos essa discussão antes de prosseguirmos.

— Estou feliz que você trouxe isso porque se você não tivesse, eu teria. Eu estou tomando pílula e tenho tomado por anos, então estamos bem.

— Graças a Deus porque não me lembro da última vez que usei camisinha.

Ela riu.

— Oooh, coitadinho. Isso teria sido terrível, hein?

— De modo nenhum. Eu faria qualquer coisa para ter você.

Eu me arrastei até o corpo dela para beijar sua boca sorridente. Em seguida, levantei sua perna perto da dobra de seu joelho e meu pau duro encontrou sua entrada. Eu trabalhei meu caminho devagar, para ter certeza que ela estava confortável. Mas também para que eu não gozasse por todo o lado. Fazia tanto tempo que receava não durar.

— Está tudo bem?

— Está perfeito.

Meus quadris se balançaram contra ela enquanto eu observava seu rosto. As expressões que atravessaram me disseram que eu estava fazendo

isso direito. Sua respiração ofegante aumentou e seus dedos cavaram os músculos da minha bunda.

— Eu tenho que fazer você gozar rápido porque eu não vou durar. Tem sido muito tempo para mim. Sente-se no meu pau, de costas para mim.

Ela montou meus quadris. Sua bunda era linda. Minha cabeça girou com tantos pensamentos do que eu poderia fazer com isso, mas em vez disso, eu me sentei, puxando-a contra o meu peito enquanto me inclinava na cabeceira da cama. Massageando seu clitóris, eu balancei minha pélvis para dentro dela. Ela tentou abrir mais as pernas, mas eu disse:

— Não. Mantenha-as como elas estão. Isso causa mais atrito.

Entre o meu dedo e a pressão adicional, em poucos minutos, ela disse:

— Vou gozar.

Meu ritmo aumentou, e momentos depois, eu me juntei a ela, gemendo meu próprio clímax. Quando meu pau finalmente parou de pulsar, eu ofeguei.

— Você valeu a pena esperar.

Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para mim e disse:

— Foi mais do que valeu a pena. — Quando ela tentou se mover, eu apertei meus braços ao redor dela.

— Onde você pensa que está indo?

— Ao banheiro. Limpar.

— Ainda não.

— O que você quer dizer?

— Eu não terminei com você. Só porque eu sou um homem velho não me faz um caloteiro entre os lençóis.

Capitulo Vinte e Sete

Marin

GREY NÃO ESTAVA BRINCANDO. Nem um pouco. Como eu já pensei nele como um velhote engomado? Ele fez Damien parecer um adolescente desajeitado quando se tratava de sexo. Eu provavelmente gozei mais vezes em uma noite com Grey do que nos dois anos que eu estive com aquele perdedor.

— Diga-me se eu estou machucando você.

— Eu vou, — eu ofeguei as palavras. Isso foi o quê? Rodada três Ou foram quatro? Como ele se recuperou tão rapidamente? Eu estava de pé, debruçada sobre a cama e ele estava me batendo. Eu não estava brincando. Cada vez que ele mergulhava em mim, o contato emitia um som de bam-bam-bam. Talvez eu devesse chamá-lo de Dr. Tiro a partir de agora.

— Você pode se esfregar? — Sua voz rouca veio por cima do meu ombro e isso enviou o meu sangue correndo pelas minhas veias. Jesus, como isso poderia ser? Eu queria que ele me devorasse para me inspirar. Sua mão agarrou meu quadril, seus dedos quase machucando, mas eu queria mais.

Minhas unhas arranharam os lençóis.

— Eu não posso. Eu... eu sou...

Eu deveria saber que ele lidaria com isso. Seu dedo acabou entre as minhas pernas, onde ele pressionou e esfregou em um movimento suave. Não batendo como o idiota do Damien costumava fazer. Merda. Eu precisava parar de comparar os dois porque, francamente, simplesmente não havia comparação. Meus quadris foram repetidamente empurrados

para o colchão quando ele grunhiu e normalmente isso não teria sido minha coisa. Mas os sons sensuais deste homem estavam além da descrição. Eles me faziam moer minha bunda de volta para ele.

— Merda, Marin. Continue assim e vai acabar antes de começar.

Ele subiu uma das minhas pernas para cima e oh, meu Deus, seu pênis bateu em profundidade e eu engasguei quando quase me desmoronou.

— Como é isso? — Ele perguntou.

— B-bom.

— Apenas bom?

— P-perfeito. Não pare.

Ele girou os quadris e depois empurrou, girou, depois empurrou. Impulso giratório, impulso giratório. Eu estava feita.

— Ahhhh, — eu chorei quando gozei. Esta noite seria a ruína para mim. Se nós não déssemos certo como casal, eu teria que me juntar a um convento.

De repente, ele gemeu e eu o senti pulsando dentro de mim.

— Deus, eu amo isso, — eu disse.

Seu pau pulsou e eu apertei meus músculos internos contra ele.

— Foda-se, Marin. Você vai me pegar de novo. E o que você ama?

— A sensação de você gozando dentro de mim.

— Isso é bom porque podemos fazer isso acontecer muito. — Ele puxou e eu choraminguei.

— Não, — eu lamentei. — Eu gosto de você lá.

— Você não parece exatamente confortável. — Eu não estava, mas era um pequeno preço a pagar pelo que ele acabara de me dar. — Vamos. Vamos nos limpar, — ele disse.

— Agora você está pronto? — Eu brinquei.

— Já passa da meia-noite, você sabe.

Porcaria. Isso significava apenas seis horas de sono, a menos que Aaron dormisse até mais tarde do que o habitual.

— Talvez Aaron vá dormir, — disse ele, lendo minha mente.

— Eu estava pensando justamente isso. Mas você tem que ir trabalhar.

— Eu vou pular meu treino. Acho que esta noite foi suficiente.

Entramos no chuveiro e nos lavamos.

— Este é um banheiro magnífico. — Ele é enorme com duchas duplas e sprays subindo e descendo dos lados.

— Sinta-se à vontade para usá-lo quando quiser. Também converte em vapor.

— Isso pode parecer um pouco estranho para Kinsley.

Ele deu de ombros e disse:

— Em breve, passaremos muito mais tempo aqui, nos sujando, em vez de limpos. — Sua boca encontrou a minha e nós acabamos nos beijando.

— Nós poderíamos ficar realmente sujos aqui, — eu disse.

Tive o cuidado de não molhar o cabelo e acabamos rapidamente e voltamos para a cama. Meu corpo doía deliciosamente em todos os pontos certos.

— Você está dolorida?

— Um pouco, mas como não posso estar? — Eu ri.

— Me desculpe, eu me empolguei. Eu usei você demais.

— Acho que não. Eu gosto muito disso. Caminhar pode ser um pouco difícil amanhã, mas valeu a pena.

Ele me puxou contra a extensão de seu peito e disse:

— Eu não posso esperar para ver você mancar pela manhã. — Então ele deu um beijo na minha testa. — Boa noite doce Marin.

— Boa noite. — Eu já estava à deriva.

Não foi Aaron que nos acordou de manhã, foi Kinsley. Nós dois estávamos em um sono profundo quando ouvi: — Papai, Marnie tive um pesadelo?

Ah Merda. Oh foda-se. Oh, nãooooooo

— Uh, o que você disse, bolinha? — A voz de Grey estava cheia de sono e oh, Deus, estava quente como pecado.

Eu estava alerta e bem acordada, apenas fingi não estar. A mente normalmente clara de Grey estava embaçada, ou pelo menos era assim que ele soava. Talvez até um pouco desorientado, como se estivesse lutando para juntar as coisas onde estava.

— Marnie teve um sonho ruim?

— Hum, eu não sei. Por que você pergunta?

— Porque ela está dormindo com você como eu costumava fazer quando eu tinha um sonho ruim.

Então ele se sentou abruptamente como se alguém o tivesse espetado com um bastão de gado.

Foda dupla.

Quando ele fez isso, ele levou metade das cobertas com ele, expondo minha nudez.

— Papai, por que a Marnie não está usando pijamas?

Ele bateu de volta na cama.

— Hum, por que você não volta para a cama, bolinha, e eu vou estar no seu quarto em um minuto?

— OK.

Assim que a costa ficou limpa, saí da cama e me vesti, dizendo o tempo todo:

— Puta merda. Puta merda O que nós vamos fazer?

— Nada. Nós não vamos fazer nada.

Eu parei e olhei para ele. Então eu lancei em um fluxo verbal de exasperação.

— Você não tem ideia do que está dizendo. Eu estarei aqui com ela o dia todo e ela vai me fazer um milhão de perguntas. Ela não vai simplesmente largar isso e seguir em frente. Eu sei como esse cérebro esperto dela funciona. Confie em mim, Grey. Temos que inventar algo plausível.

— Você está falando sério?

— Droga, estou falando sério.

Ele enfiou as mãos no cabelo já bagunçado. E isso não me fez querer beijá-lo novamente?

— Não faça isso, — eu disse, afobada.

— Fazer o quê?

— Essa coisa de cabelo.

Sua boca ficou boquiaberta e ele apenas me olhou.

— Você parece muito sexy assim e eu não preciso do sexy Grey agora. Eu preciso de Grey analítico.

O idiota começou a rir.

Eu agarrei minhas mãos juntas.

— O que é tão engraçado?

— Você é, — disse ele, puxando-me em seus braços. — Por que não podemos dizer a ela a verdade?

— Você está falando sério? E dizer o quê? Que eu dormi com você nu e nós estragamos nossos miolos ontem à noite?

Ele segurou meu rosto e disse:

— Não isso, mas uma versão menos pornográfica disso.

— Tal como?

— Chegamos aqui e começamos a conversar. Antes que soubéssemos, adormecemos.

Suas mãos correram pelo meu cabelo e foram muito perturbadoras.

— Como explicamos minha nudez?

— Sua camisa estava suja e você não queria dormir em uma camisa suja.

Eu acariciei sua bochecha.

— Eu vou deixar você dar a ela essa explicação. Vamos para o quarto dela agora. — Eu agarrei sua mão e puxei-o pelo corredor. Ela estava sentada na cama brincando com um bando de bichos de pelúcia quando entramos.

— Bom dia, mocinha, — eu disse.

— Marnie! — Ela pulou e estendeu os braços.

Eu beijei sua bochecha e a abracei.

— Eu vi você dormindo na cama do papai.

— Ele me disse. Eu estava cansada ontem à noite.

— Eu também. — A essa altura, já a deixei cair ao lado de sua pilha de criaturas.

— Bolinha, você perguntou por que Marin dormiu na minha cama.

— Uh huh. Ela não teve um pesadelo sobre um monstro?

— Não, baby, ela não fez. Mas nós estávamos conversando e ambos ficamos muito sonolentos. Ela acabou adormecendo.

— Como ela estava nua? Marnie, você gosta de dormir nua? Talvez eu deva dormir nua também.

Oh irmão.

— Querida, ela derramou algo em sua camisa, então depois que ela adormeceu, eu não queria ir pegar seu pijama, então eu tirei a blusa dela. Você sabe como eu faço isso por você às vezes?

— Uh huh

— Bem, eu não tinha nenhum pijama para colocar em Marin, então deixei ela dormir assim.

— Oh

— Marnie, você gostou da cama do papai? Não é melhor que a sua?

Eu não estava esperando essa pergunta em tudo. Eu gaguejei minha resposta.

— Eu, uh, quer dizer, a cama dele era muito grande.

— Você dormiu muito?

— Umm hmm.

— Bom. Talvez você possa dormir lá mais vezes porque é uma cama grande, não é, papai?

— Com certeza é, bolinha. Agora você está pronta para tomar café da manhã? Eu tenho que tomar banho e Marin tem que verificar Aaron primeiro, no entanto.

— Ok, eu vou ficar aqui por um tempo.

— Boa menina.

Nós a deixamos com seus brinquedos e nos separamos no corredor onde eu olhei para ele, *que estava perto.* Ele apenas sorriu de volta.

Aaron estava acordado em seu berço, sorrindo e fazendo barulhos engraçados. Quando ele me viu, suas pernas chutaram ao redor do jeito que costumavam fazer. Não tão exuberantemente, mas ele estava no caminho de ser ele mesmo novamente.

— Ei, garotinho. Você está se sentindo melhor, não está? — Eu o peguei e dei dezenas de beijos em suas bochechas até que ele riu. Mas suas risadinhas se transformaram em tosse, então esperei até que ele parasse. Então eu acariciei seu pescoço e realmente o fiz tagarelar. — Meu pequeno menino. Senti sua falta. — Ele agarrou meu cabelo e puxou. — Ouch. — Seu punho estava forte novamente. Graças a Deus.

— Vamos, vamos trocar essa fralda. — Coloquei-o em seu trocador e limpei-o. Então eu mudei de roupa e nós pegamos Kinsley do quarto dela para ir tomar café da manhã.

— Aaron! Você está pronto para chutar novamente. — Ela deu um tapinha nas pernas dele quando ele chutou meus braços.

— Marnie, acho que ele quer correr por aí.

— Eu acho que você está certa, mas vamos esperar até descermos. — Uma vez que chegarmos na cozinha, eu colocarei Aaron para baixo e ele pode correr ao redor com Kinsley dando-lhe uma mão. Então eu aprontei nossa refeição. Aaron comeu o que foi um alívio. Quando Grey desceu, nossos pratos estavam todos limpos.

— Posso fazer alguma coisa? — Eu perguntei a ele.

— Obrigado, mas preciso ir. Eu vou pegar uma barra de proteína. — Então ele me chocou quando se inclinou e me beijou.

— Papai beijou Marnie. Papai beijou Marnie.

— É isso mesmo, bolinha, com certeza, — disse Grey, logo antes de beijá-la, então a Aaron, e saiu de casa.

— Papai é seu namorado? — Kinsley perguntou.

Como diabos eu deveria responder isso?

Capítulo Vinte e Oito

Greydon

O QUE DIABOS eu estava pensando em ter beijado ela na bochecha assim? Foi uma decisão impulsiva. Ela estava sentada lá e aconteceu. Eu podia imaginar as perguntas que Kinsley estava lhe fazendo. Agora que eu estava longe dela e não estava pensando em sexo, as ramificações de nossas ações afundaram. Nunca tive a intenção de me envolver com outra mulher, ou pelo menos até as crianças crescerem. Mas Marin quebrou todas as regras do meu livro. Ela era alguém que eu jamais teria dado uma segunda olhada sob qualquer outra circunstância. Como devo lidar com isso?

Eu me perguntava como ela responderia às perguntas de Kinsley porque haveria muitas eu tinha certeza. Meu telefone tocou várias vezes, mas eu ignorei. Eu verificaria quando chegasse ao meu escritório. Eu tinha certeza de que sabia de quem eram. Uma risada saudável arrancou de mim. Quando foi a última vez que ocorreu? Eu não conseguia nem lembrar. E eu devia tudo a Marin.

Eu entrei no escritório e as coisas estavam despertando para a vida. Nicole já estava lá, uma pilha de cartas na minha mesa esperando.

— Dr. West, aqui está sua agenda para hoje. Você tem três procedimentos no hospital a partir das onze horas.

— Obrigado. — Eu revi tudo e comecei a trabalhar.

Minha carga de pacientes era pesada desde que eu ainda estava me recuperando. Meu primeiro paciente já estava na sala de exames e, felizmente, seu eletrocardiograma e todos os outros estudos estavam lá. Nicole começou a fazer seu trabalho como deveria ter sido o tempo todo.

Às dez e meia, eu estava a caminho do hospital. Meus procedimentos foram bem, mas o dia estava passando. À tarde, eu não tive a chance de fazer nenhum gráfico. Parecia que eu teria que esperar até o final do dia. Peguei algo para comer no caminho de volta para o escritório e engoli antes de ver a carga de pacientes da tarde. Às cinco e meia, eu estava preso a mapear o valor de um dia de trabalho.

Mensagem de texto para Marin, eu a deixei saber que eu iria chegar atrasado.

Não segure o jantar para mim. Tem sido um dia difícil.

Ela respondeu de volta.

Está bem. Eu vou deixar algo preparado para você.

Finalmente consegui sair às sete, embora houvesse algumas coisas que eu deixei de fazer. Esfregando meus olhos, eu estava feliz por estar indo para casa.

No caminho de casa, eu mentalmente assinalei os e-mails pelos quais passei antes de sair. Havia um que eu precisava discutir com Marin, eu estava bastante animado com isso desde que ela estava dentro

A cozinha estava brilhante e cheia de sol quando entrei na casa.

— Papai! — Kinsley gritou quando ela voou para os meus braços.

Levantando-a bem alto no ar, eu disse:

— Ei, minha coisa doce. O que você fez hoje? — Eu plantei beijos em suas bochechas enquanto ela ria.

— Ensinando Aaron a chutar e dançar. Veja.

Aaron estava girando em torno da cozinha, segurando seu macaco de pelúcia, e rindo enquanto suas pernas faziam seus engraçados movimentos de chute.

— Eu acho que é a especialidade dele, polca.

— Eu acho que ele vai ser um dançarino irlandês como eu. Ele quer sapatos cliques. Marnie me comprou um hoje.

— Ela fez?

— Sim, mas eles têm que chegar aqui.

Marin esclareceu um pouco as coisas.

— Eu a inscrevi para as aulas. Eles não começam por mais seis semanas e o gentil instrutor me deu o link para o site onde eu poderia encomendar os sapatos.

Kinsley pulou para cima e para baixo.

— Yay. Eu não posso esperar. Eu vou praticar todos os dias. E Aaron também.

— Querida, não acho que Aaron seja capaz de dançar. Lembra o que eu te disse antes? Ele é muito jovem, — disse Marin.

Kinsley correu até Aaron e segurou sua mão.

— Está bem. Eu mesma posso ensinar ele. Ele não precisa vir comigo.

Marin e eu compartilhamos um olhar e dei de ombros.

— O que você disser, Kinsley. Você pode olhar seu irmão um minuto? Eu tenho algo para discutir com Marin.

— Você vai beijá-la novamente? — Kinsley perguntou.

— Talvez. Você quer que eu a beije?

— Sim. Acho que ela gosta. — Então ela franziu os lábios e beijou o ar.

— Eu farei o meu melhor. Estaremos bem na sala ao lado, ok?

— OK.

Peguei a mão de Marin e fomos para o cômodo.

— Ela estava cheia de todos os tipos de perguntas sobre beijar depois que você saiu.

Eu puxei Marin contra o meu peito e pressionei meus lábios nos dela.

— Eu provavelmente não deveria ter feito isso. Eu coloquei você em uma posição ruim. Eu sinto muito.

— Está bem. É isso que você queria discutir comigo?

— Na verdade não. Eu tenho algo para lhe perguntar. Fui convidado para falar em uma conferência em Viena no final do próximo mês. É um grande negócio e eu adoraria que todos nós fossemos. Isso é, se você estiver disposto a ir junto. Eu não seria capaz de levar as crianças, obviamente, se você não vier também.

— Você quer que eu vá a Viena? Como em Viena, na Áustria?

— Sim. Isso é algo que você estaria interessada? Nós poderíamos fazer isso como umas férias. A conferência é apenas um dia e meio. Minha palestra dura apenas uma hora e eu não ficaria amarrado por muito tempo.

— E você poderia fugir? — Ela perguntou.

— Sim. A prática tem coisas para conferências. Eu arranjaria alguém para entrar e receber minhas ligações. Para não mencionar, é mais de um mês de distância, então eu tenho tempo para planejar. Por favor, diga que você vai.

Ela bateu palmas.

— Sim! Eu acho que seria ótimo para as crianças também. Aaron não se lembrará muito, mas Kinsley adoraria.

— Ótimo! — Eu a abracei. — Eu os deixo saber e então faço as nossas reservas. Você tem passaporte porque eu tenho que pegar o das crianças?

Ela tocou meu braço.

— Sim, eu faço e Grey, eu estou honrada que você me perguntou.

— Estou honrado que você aceitou. Eu não teria ido sem você. — Eu a beijei novamente na bochecha e voltamos para a cozinha para encontrar Kinsley tentando ensinar a Aaron pontapés especiais.

— Você acha que ela vai desistir disso? — Perguntou Marin.

— Só quando ele começar a falar e disser a ela para parar.

A batida na porta dos fundos nos surpreendeu, mas eu fui atender. Quando olhei para fora para ver meus pais, fiquei ainda mais surpreso.

— Mãe, papai, o que vocês dois estão fazendo aqui?

— Isso não é muito uma saudação, — disse a mãe amargamente.

— Não, é só que eu não sabia que você estava vindo.

— Nós estivemos fora da cidade e sabíamos que Aaron estava doente. Queríamos dar uma olhada nele desde que acabamos de voltar.

— Oh, certo.

Mamãe correu para pegá-lo e Aaron bateu na bochecha dela.

— Ele deve ter feito uma boa recuperação, — disse ela, sorrindo.

— Sim, mas ele estava muito ruim. Graças a Deus, Marin foi sábia o suficiente para levá-lo ao hospital quando ela o fez.

— Oh, Marin, como podemos agradecer a você?

— Sra. West, não há necessidade de agradecimento. Eu só fiz o que achei melhor.

— Sua mãe disse que nunca ouviu você parecer tão preocupada.

— Eu estava. Foi terrível. Mas tudo está bem agora, como você pode ver por si mesma.

Os olhos de mamãe saltaram entre Marin e eu. Uma coisa que minha mãe não era, era idiota. Ela era muito perspicaz e eu tinha quase certeza de que ela estava pegando certas pistas. A essa altura, eu não dava a mínima, então fui até Marin e coloquei meu braço em volta dela.

— Marin fez um trabalho estelar e se meu celular não tivesse caído do meu bolso, eu estaria lá para ajudá-la. Mas eu não estava, então estava tudo em seus ombros.

Mamãe continuou a observar a cena por um momento. Então ela sorriu.

— Bem, estou feliz em ver vocês dois se dando bem. Por um tempo, tive a certeza de que vocês iam matar um ao outro.

— Sim, acabou, não é, Marin?

— Acredito que sim.

Eu a puxei contra mim.

— Eu também acho.

— Gammie, eu vou fazer aulas de dança irlandesa e usar esses sapatos cliques.

Mamãe se abaixou e disse:

— Você vai? Isso é fabuloso. Talvez você possa me ensinar como fazer isso?

— Não, você é muito velha. Mas eu vou ensinar Aaron.

Mamãe riu.

— Você não pode culpá-la por sua honestidade.

Meus pais ficaram um pouco e depois quiseram saber se poderiam nos trazer algum jantar.

— Já fiz o jantar, sra. West. Você gostaria de ficar?

— Oh, isso é tão gentil de sua parte. Mas eu não gostaria de me intrometer.

— Não é intrusão, — insistiu Marin. — Eu fiz muita caçarola de frango. As crianças já comeram. Por favor fiquem.

— Você tem certeza?

Marin insistiu e eles jantaram conosco. Eu lhes falei sobre a viagem a Viena. Eles estavam empolgados que íamos tirar férias. Papai sugeriu alguns lugares para ficar se não pudéssemos conseguir acomodações no hotel onde estava a conferência. Ele e mamãe haviam viajado para lá algumas vezes ao longo dos anos e sempre diziam que era um dos lugares favoritos deles.

— Marin, você deve visitar as catacumbas sob a Catedral de Santo Estêvão. É muito interessante se você ama um pouco da história sombria.

Os olhos de Marin se iluminaram.

— Oh, isso é definitivamente um sim, — disse ela. — Tudo bem para as crianças?

— Eu não vejo porque não. Você não pode ver muito lá embaixo. A história sobre eles é fascinante. Você também deve ver os Palácios de

Schonbrunn e Hofburg. Há muito para ver lá, Marin. E as compras - ah, você vai adorar, mas as crianças podem ficar entediadas. No entanto, eles vão adorar o Prater, que é um grande parque e o Tiergarten Schonbrunn, que é o zoológico de Viena.

— Oh, eles amam os animais.

Kinsley gritou:

— Eles têm lhamas porque Marnie não gosta de lhamas?

Todos se voltaram para Marin, cujas bochechas já estavam vermelhas.

— As lhamas meio que cuspiram em mim quando levei as crianças ao zoológico. Eu ficarei longe delas na próxima vez.

— Ewwww, foi nojento, — disse Kinsley, sacudindo a cabeça.

— Eu posso imaginar. Garantiremos que não haverá visitas de lhama na próxima viagem ao zoológico — falei. Eu me pergunto por que ela nunca mencionou isso para mim.

Marin estremeceu.

— Ou isso, ou eu vou usar uma capa de chuva de plástico.

Mamãe disse:

— Rick e eu simplesmente amamos Viena. Talvez possamos desenterrar alguns dos lugares que visitamos para que você possa ver.

Papai disse:

— Ótima ideia, Paige. Vou ver se consigo encontrar esses arquivos que guardei.

— Obrigado papai. Isso poderia ser útil.

Depois de banharmos as crianças, Marin se recusou a dormir comigo naquela noite. Eu tentei o meu melhor para persuadi-la, mas ela não iria ceder. Não havia nada que eu pudesse fazer, então fomos para os nossos quartos separados, eu com uma ereção que teria que ser cuidada... sozinho.

Quando eu estava no meu quarto, mandei uma mensagem para ela.

Você é cruel. Não me sinto tão desconfortável desde que era adolescente. Vou mandar uma mensagem para você depois do meu banho quente, ensaboado e muito solitário.

A única coisa que recebi de volta foi um emoji risonho. Acho que ela não sentiu muito por mim.

Não demorou muito para eu esfregar um fora, já que eu estava duro como pedra. Jesus, parecia que desde que Marin se mudou eu estava gastando mais tempo me masturbando do que antes de Susannah. Desde que Susannah morreu, e mesmo antes disso eu não tive muita vontade. Marin estava provocando todos os tipos de desejos em mim que eu pensava que haviam deixado de existir há muito tempo. Esta foi certamente uma surpresa inesperada, mas agradável.

Eu me enxuguei e, antes de subir na cama, peguei meu iPad para poder pegar meus diários médicos. Eu estava um pouco atrasado na minha leitura. No meio do primeiro artigo de jornal, meu telefone tocou com um texto. Quando abri, era uma foto de Marin, oferecendo um sorriso sexy.

Já sinto sua falta.

Ainda bem que ela estava pensando em mim, eu bati de volta com...

Você poderia sempre consertar isso, você sabe.

Quando ela não respondeu, eu assumi que ela adormeceu. Nós tínhamos ficado acordados até tarde ontem à noite depois de tudo. Eu terminei de ler, apaguei a luz, embora ainda fosse cedo. Mas então ouvi minha porta abrir e fechar suavemente. Os lençóis se levantaram e ela deslizou ao meu lado.

— Eu acho que você quebrou suas próprias regras, não é?

— Antes de fazermos qualquer coisa, defina seu alarme para as cinco e meia. Eu não vou ser pega de novo.

— Sim, senhora.

Eu fiz o que ela pediu e antes que eu pudesse terminar, ela estava escancarada nos meus quadris.

— Alguém está muito ansiosa.

— Sim, alguém está. Essa garota não tomou um banho quente e com sabão para se aliviar.

— O que aconteceu com o seu coelho? — Eu estava muito curioso sobre isso.

— Meu coelho não se compara a você, — ela sussurrou. Mesmo que estivesse escuro, a luz da lua revelou seus claros olhos azuis enquanto eles penetravam nos meus e de repente eu estava perdido. Eu queria agarrá-la e fazer todos os tipos de coisas para ela... fodê-la, lamber sua boceta, beijá-la até que ambos estivéssemos sem sentido. Mas então seus dedos passaram sobre a pele do meu abdômen e eu respirei fundo. Piscando, o feitiço foi quebrado.

Eu deslizei as costas da minha mão sobre seu mamilo.

— E eu que pensei que não era nada além de um velhote.

— Você é. Mas isso não significa que você não saiba o que fazer com o seu...

— Meu o quê?

— Você sabe.

Eu a puxei para baixo para pressionar minha boca até a dela.

— Eu quero que você me diga, Marin. Eu quero que você diga coisas imundas para mim, assim como eu quero dizer de volta para você.

— Uh, que tipo de coisas imundas?

— Você primeiro. Com o que o seu coelho não se compara?

— Seu pau.

— O que você gosta sobre o meu pau? — Eu sussurrei contra seus lábios.

— Tudo.

— Seja específica, Marin.

Meu polegar massageou um círculo em seu pescoço e senti o movimento dela engolindo.

— Eu gosto de como isso...

— Não é isso. Refira-se a *ele* como meu pau.

Ela engoliu em seco novamente.

— Eu gosto de como seu pau me faz gozar.

— Isso é tudo?

— Não.

— O que mais?

— Eu gosto de como, hum

— Não feche seus olhos. Olhe para mim quando você me diz o quanto você ama meu pau.

Seus olhos assustados encararam os meus. Ela estava excitada com isso. Suas pupilas dilatadas e a pele úmida me disseram o que suas palavras não faziam. Eu corri minha língua sobre o meu lábio inferior, porque mais do que tudo eu queria saboreá-la. Eu queria a minha língua entre suas coxas.

— Vá em frente, — eu cutuquei.

— Eu gosto quando seu pau está dentro de mim.

— Por quê?

— Isso me deixa ligada. O atrito disso. Ele atinge tantos lugares que... eu não sei. Eu, é só isso, é incrível.

Seus lábios grossos estavam a menos de uma polegada de distância e eu tive que prová-los, senti-los contra os meus. Eu esmaguei a minha boca neles, explorando avidamente o resto de sua boca. Ela encostou sua pélvis contra a minha, balançando em mim, ela estava encharcada. Eu a joguei de costas e não desperdicei nem mais um minuto.

Quando eu estava entre as pernas dela, eu disse:

— Eu pensei nisso o dia todo. Eu amo sua linda boceta, o gosto dela, seu perfume. Eu não consigo tirar isso da minha cabeça. E é uma coisa

muito boa que você gosta do meu pau. — Minha boca se apegou a ela e ela gritou. Apenas uma vez. Quando ela gozou e eu levantei a cabeça, percebi por que ela estava tão quieta. Ela colocou um travesseiro sobre o rosto.

Isso era algo sobre o que conversaríamos mais tarde. Agora, eu queria transar com ela.

— Nos seus joelhos.

Ela se esforçou a obedecer. Ela só gozou e sua boceta inchada implorou por mais. Coloquei as mãos na cabeceira da cama e abri suas pernas. A curva de seu quadril, o arco de suas costas, acenou para mim. Eu lentamente entrei por trás e a ouvi sugar o ar. Mesmo que eu tenha me masturbado antes, eu estava mais do que pronto para ter sua boceta apertada em volta de mim.

— Diga-me se isso é bom.

— Sim, — ela respondeu, sua respiração ofegante.

No começo, eu me movia devagar, depois um pouco mais rápido. Puxando seus quadris para mais perto dos meus, eu peguei o ritmo. Dentro e fora, dentro e fora. Ela estava apertada, tão apertada. Eu deslizei meus dedos em torno dela e apertei seu clitóris, trabalhando entre o meu polegar e o indicador. Seu gemido baixo me disse o quanto ela queria isso. Eu empurrei nela com mais força e me perdi.

— Quão perto você está? — Eu perguntei. Eu precisava do orgasmo tanto. Eu queria senti-la enrijecer no meu pau.

— Agora. Eu vou gozar.

Sua bunda bateu contra mim, e seus músculos se apertaram em mim de uma maneira rítmica. É quando eu gozo. Era irreal bombeando nela, a sentindo agarrar meu pau desse jeito. Quando acabou, nós caímos na cama, ambos cobertos de suor.

Meu braço ainda estava ao redor dela, meus dedos em seu clitóris, apertando-o.

— Você já teve um orgasmo múltiplo? — Eu perguntei.

— Hã. Eu mal tive um antes de você. Se você não contar meus orgasmos com o coelho, é isso.

— O que você quer dizer?

Ela deu de ombros dizendo:

— Minha vida sexual não foi tão épica, para ser honesta.

Eu mudei para o meu cotovelo para que eu pudesse olhar para ela.

— Tudo o que posso dizer é que não foi por sua causa. — Eu beijei sua linda boca, puxando seu lábio inferior com meus dentes.

— Você realmente quer dizer isso, não é?

— Claro que eu faço. Eu não diria se fosse de outra maneira.

Então ela me agraciou com o sorriso mais incrível.

— Obrigada.

— Por nada. Agora acho que é hora de dormirmos um pouco.

— Sim, eu concordo. E não se esqueça do alarme.

— Já está feito, lembra?

Meu telefone tocou então. Eu peguei e vi que era o hospital.

— Eu me pergunto por que eles estão chamando. Eu não estou de plantão hoje à noite.

— Talvez eles tenham se confundido.

— É melhor eu atender. — Eu atendi o telefone. — Dr. West.

— Dr. West, é o centro do coração. Nós pensamos que você poderia querer saber que seu pai acabou de ser trazido.

— Merda. Estou a caminho.

Marin já estava sentada.

— É meu pai. Ele está no hospital.

— Vá. Deixe-me saber o que está acontecendo.

— Eu vou.

Eu me vesti em tempo recorde e rezei para que papai ficasse bem quando eu chegasse lá.

Capítulo Vinte e Nove

Marin

GREY SAIU e eu vesti meu robe e fui para o meu próprio quarto. Antes de me deitar, coloquei meu pijama e disse dezenas de orações para que tudo ficasse bem. Não haveria sono para mim porque eu estava preocupada com Rick. Ele parecia bem quando eles estavam aqui esta noite. Eu queria ligar para Paige, mas não queria perturbá-la. Eu chamei minha mãe em vez disso.

— Marin, o que há de errado? — Não era tão tarde assim, mas eu poderia dizer que a tinha acordado.

— Mãe, eu queria que você soubesse que Grey recebeu uma ligação. Rick foi levado para o hospital. Você pode querer ligar para Paige.

— Ah não. Está tudo bem?

— Eu não sei. Grey ficou de me ligar.

— Ok, eu vou ligar para ela. Ela pode precisar de alguém se Hudson ou Pearson não puderem chegar lá.

— Ótima ideia, porque Grey estará com Rick.

— Obrigada por ligar, querida.

Este jogo de espera era terrível. Se eu não tivesse filhos para cuidar, estaria no hospital também.

Peguei meu iPad e tentei ler, mas acabei lendo o mesmo parágrafo uma dúzia de vezes e não conseguia me lembrar de nada sobre isso. Uma hora depois, eu estava lá embaixo assistindo TV quando um texto de Grey chegou.

Papai tem bloqueio cardíaco, o que significa que ele precisa de um marcapasso. Ele ficará bem. Esperando o EP chegar aqui já que não posso fazer o procedimento.

Por que ele não pode fazer isso? Ele não faz esse tipo de coisa como eletrofisiologista?

Por que você não pode fazer isso? Eu não tinha certeza se conseguiria uma resposta. Então eu adicionei. **Graças a Deus ele vai ficar bem.**

Eu podia ver os pequenos pontos piscando, então esperei a resposta dele chegar.

Eu não posso fazer procedimentos em membros da família.

Dã. Eu estava ciente disso. Eu não queria parecer estúpida, então eu apenas mandei uma mensagem. **Por favor, mantenha-me informada.** Eu adicionei um emoji de coração não pensando sobre a coisa do coração.

Fofo. Foi sua resposta. Então ele mandou outro de volta.

Não muito depois, mamãe ligou.

— Rick vai ficar bem. Ele tem algum tipo de arritmia cardíaca e tem que ter um marcapasso. E estou com raiva de você.

— Comigo? Por quê?

— Paige estava brilhando sobre como você e Grey eram dois apaixonados. Você não mencionou uma palavra sobre isso para mim. E eu sou sua mãe.

— Er, bem, não somos dois apaixonados e é meio que novo.

— Tudo o que posso dizer é que ela está sobre a lua com isso.

— Sobre a Lua? — Eu repeti.

— Olá. Ela nunca pensou que Grey iria se interessar por outra mulher enquanto aquele homem respirasse depois do que ele passou. E agora aqui está você e, de acordo com ela, tudo o que ele fez foi olhar para você.

— Oh, mamãe, acho que ela está exagerando um pouco.

— Eu não sei, Marin. Paige não é uma idiota para fazer isso, especialmente quando Rick está doente assim. Ela foi muito séria sobre isso.

— Interessante.

— Meus pensamentos exatamente. Então, me diga sua versão.

— Nós meio que consertamos nossas cercas após a doença de Aaron e... eu não sei, mãe. Ele tem sido muito legal.

— Legal? É tudo o que você tem a dizer sobre ele? Você costumava pensar que ele era um idiota pomposo.

— Eu nunca disse isso.

— Não, mas você inferiu isso. Você disse que ele era um homem velho ou algo dessa natureza. — Ela tinha que me lembrar disso.

— Ok, mãe, ele não é velho. Ele é... maduro.

— É bom saber que minha filha está voltando a si. De qualquer forma, por favor, me deixe saber essas coisas. Eu sou sua mãe depois de tudo. E honestamente, Marin, Grey é muito melhor que Damien.

— Mãe! Por favor, não compare os dois. Além disso, ele é meu empregador. Eu preciso ter cuidado aqui.

— Querida, você sabe que estou certa sobre ele. — Se ela soubesse o quão certa ela estava. Meu rosto já estava em chamas só de pensar nisso. Eu quase podia sentir seu pênis deslizando em mim. E aqueles olhos dele... o jeito que ele olhou para mim. Eu tive que engolir o emaranhado de emoções... e desejo.

— Marin, você ainda está aí?

— Oh sim, mamãe. Estou aqui.

— Vou ligar para você se mais alguma coisa acontecer.

— Obrigada. Estou acordada, então não se preocupe em me acordar. — Eu não me incomodei em dizer a ela que Grey estava me mandando mensagens também. Agora nós tínhamos as mães fofocando sobre nós. Ótimo, ótimo. Eu já podia vê-las conniventes sobre como nos unir. Então

um pensamento me atingiu. Eu me perguntei se eles tinham planejado isso o tempo todo. De jeito nenhum. Minha mãe nunca iria tão longe. Ou ela iria?

Por volta das cinco da manhã, finalmente desisti de tentar dormir e fui tomar um banho. Enquanto eu lavava entre as minhas pernas, todos os tipos de pensamentos maus passaram pela minha mente. Eu nunca tinha sido tão sexualmente atraída por um homem antes. Grey acendeu todos os meus hormônios para a vida, aparentemente. Minha mão trabalhou sua magia em mim e eu cheguei a visões da cabeça de Grey entre minhas coxas. Ele foi descaradamente para a frente e sabia exatamente o que me excitava. Era o médico nele ou ele era apenas muito mais experiente do que eu? Eu nunca fui uma puritana sobre sexo, mas eu nunca tive um cara para me fazer sentir do jeito que Grey fez. Eu não estava com medo de usar minha própria mão durante o sexo, mas ainda assim nunca foi ótimo como foi com ele. Eu sempre pensei que não era tão sexual assim. Eu, com certeza estava errada. Eu poderia fazer sexo dez vezes por dia com Grey.

Eu tinha acabado de voltar para o andar de baixo e colocar o café quando Grey entrou na casa.

— Ei, — eu disse. — Como ele está?

— Bem. O marcapasso está dentro e ele ficará bem. Ele vai ter um trabalho completo embora. Eu quero saber o que causou o bloqueio cardíaco em primeiro lugar.

Ele veio e me abraçou com força.

— É incomum ter isso?

— Sim, para alguém como o papai, sem nenhuma causa subjacente. É isso que vamos procurar.

— É bom que você esteja verificando então. Como está Paige?

— Ela está bem. Meus irmãos apareceram logo antes de eu sair. Foi bom você ligar para sua mãe. Mamãe tinha alguém para esperar com ela.

— Eu não sabia se algum dos seus irmãos iria conseguir.

— Hudson não podia deixar Wiley e Pearson... acho que ele estava com uma mulher porque não retornou minhas ligações.

— Ainda bem que tudo funcionou. Está com fome? — Eu entreguei a ele uma xícara de café.

A pressão do seu olhar me fez corar.

— Sim, por você. As crianças já estão acordadas?

Eu chequei o relógio para ver que eram quase seis horas.

— Não, mas eles estão em breve.

— Nós temos tempo. — Ele pegou minha mão e me arrastou para a lavanderia.

— Mesmo? A lavanderia?

Sua língua esboçou um padrão no meu pescoço até o meu ombro.

— É melhor que o banheiro.

— Não o seu. Você tem aquele chuveiro incrível.

Ele fechou a porta e empurrou meu peito contra ela. Então ele empurrou minha calça de ioga até meus tornozelos e ouvi suas mãos tateando contra o uniforme que ainda usava no hospital. Então seus dedos peritos roçaram minha boceta.

— Como você pode estar tão molhada assim? — Ele perguntou.

— Eu, uh, penso muito em fazer sexo com você.

Sua respiração se espalhou pelo meu pescoço quando ele perguntou:

— Você pensa?

— Sim, eu penso.

— Estou feliz por não ser o único. — E ele empurrou a cabeça dura de seu pênis dentro de mim.

— Ahh, — eu gemi.

— Você gosta disso?

— Sim.

— E isto? — Ele puxou para fora lentamente e depois empurrou de volta, só que desta vez ele se apoiou contra mim. Ambos os meus braços

foram levantados acima da minha cabeça quando ele empurrou para dentro e para fora, mais e mais.

— Oh, eu também gosto disso.

— Bom, porque você realmente vai gostar disso.

E ele começou a me foder exatamente do jeito que eu precisava, lentamente a princípio, e então freneticamente forte como se tivéssemos dezessete anos e nossos pais pudessem passar pela porta a qualquer segundo.

— Foda-se, Marin. Diga-me que você vai gozar porque não posso me segurar por muito mais tempo.

Uma de suas mãos se moveu para o meu quadril e a outra envolveu minha cintura, me puxando contra ele.

— Sim, estou perto.

— Use sua mão. Como agora.

Eu mergulhei meus dedos onde eu poderia esfregar meu clitóris e eu estava lá em segundos.

— Eu amo sua bunda. É tão fodidamente sexy a maneira como você faz quando eu te fodo por trás.

O quê? Eu subo a minha bunda?

— E sua boceta é tão apertada que quando você goza, aperta demais o meu pau.

— Ahh.

— Você gosta quando eu falo com você assim?

— Sim. — Eu estava ofegante por causa do meu orgasmo, mas nenhum homem havia falado comigo daquele jeito.

Então a mão dele escorregou entre as minhas pernas até onde nós estávamos unidos e ele deslizou um dedo para trás.

— Um dia, eu gostaria de tentar isso.

— Você quer dizer aquilo?

— Sim.

Ele queria minha bunda.

— Oh.

Sua risada profunda nos sacudiu.

— É tudo o que você tem a dizer?

— Uh, ok?

— Você não se opõe a isso?

— Eu não tenho certeza. — Enquanto ele falava, seu dedo estava me tocando lá atrás. Cócegas. Claro que ele não fez nada além de tocar. Tenho certeza que não faria cócegas se ele fizesse *isso*.

— Se você não quiser, você pode dizer. — Ele me puxou então e eu me virei para olhar para ele.

— Você sabe que eu falo o que penso.

— Eu sei. — Um canto de sua boca se levantou. Por que ele tinha que ser tão sexy quando estávamos tentando ter uma conversa importante?

— Na verdade, não estou familiarizada com isso, então não sei bem o que esperar.

— Nós poderíamos explorar.

— É seguro?

Ele ainda usava sua camisa estúpida verde de hospital, então eu levantei e corri minhas mãos por baixo. Sua pele estava quente ao toque e levemente úmida.

— Marin, eu nunca iria trair você. Você deveria saber disso depois do que aconteceu comigo. E eu nunca faria nada para você que não fosse seguro.

Eu levantei meu queixo e me encontrei encarando seus olhos cinzentos e fluidos. As estrias sombrias me fizeram afundar em suas profundezas e eu sabia, sem dúvida, que era uma coisa que eu nunca teria que me preocupar.

Minha palma acariciou sua bochecha.

from
ASHES
to
FLAMES

— Sim, eu sei disso.

— Mas não precisamos pensar sobre isso ainda. Agora vamos comer. Estou tão feliz, hoje é sábado e eu não tenho que trabalhar.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo. — Eu belisquei sua bunda.

— Ah, a propósito, Hudson vai passar a noite aqui para deixar Wiley. Vai ser mais fácil para ele visitar o papai no hospital. E Kinsley vai adorar. Mas não se preocupe. Não tenho planos de abandonar você com as crianças. Estarei aqui.

Nós caminhamos para a cozinha, de mãos dadas, e ele sugeriu que fizéssemos panquecas no café da manhã.

— E como é que se *faz*? — Eu perguntei.

— Eu sei fazer panquecas.

— Você sabe?

Ele me agarrou pela cintura e me levantou no balcão.

— Sente-se e observe. — Ele puxou a chapa gigante, que eu nunca havia usado, uma tigela, batedores, copos de medida e alguns outros itens.

— Estou impressionada, — eu disse.

— Por quê?

— Você realmente conhece o seu caminho por aqui.

Ele cutucou o batedor que estava segurando em mim e disse:

— Apenas espere. Você ainda não provou minhas panquecas. Elas são as melhores.

Enquanto ele estava ocupado fazendo a massa, eu me inclinei para a cafeteira e servi uma xícara para cada um de nós.

— A que horas Hudson está vindo?

— Sim, sobre isso. Ele tem que voltar para a cidade e pegar Wiley, que está com a babá, e depois voltar para cá.

— Oh, que pena que ele não o trouxe quando veio esta manhã. Eu poderia ter olhado ele.

— Foi o que eu disse a ele, mas ele não tinha certeza e eu não estava disponível para conversar. Não é tão ruim assim... menos de uma hora.

— Verdade. Eu sempre poderia ir se ele não quisesse.

— Essa é uma oferta gentil, mas isso seria um grande problema desde que você teria as crianças.

— É uma sugestão se ele mudar de ideia.

Eu observei Grey enquanto ele derramava a massa de panqueca na frigideira quente.

— Obrigado, mas ele provavelmente já voltou para Manhattan. Ele estava lá quando eu saí e disse que só ficaria um pouco. Estou esperando ele mais tarde esta manhã.

— Parece bom. Você parece um profissional com isso, a propósito.

— Eu te disse que eu era um especialista em panquecas, — disse ele, empunhando o flipper.

— Ei, você vai fazer mais para as crianças?

Ele colocou uma pilha pronta em um prato que estava no balcão.

— Certo. Vou mantê-los na gaveta de aquecimento para eles.

Pulando do balcão, fui até a geladeira e retirei a manteiga e a calda. Então eu coloquei a calda em um copo e coloquei no micro-ondas para aquecer. Eu arranquei uma folha para cobrir o prato de panquecas.

Ele acabou de cozinhar, carregou nossos pratos e eu coloquei os extras na gaveta de aquecimento.

Meus dentes afundaram na primeira mordida e elas derretem na minha língua. Eu cantarolei com prazer.

— Estão fantásticos.

Ele sorriu.

— Eu te disse que era o mestre das panquecas.

— Você está se segurando em mim.

— Só nas panquecas. Eu te dei uma salsicha no café da manhã mais cedo.

Depois de quase engasgar com a mordida que eu estava engolindo, me recuperei e disse:

— Eu acredito que era uma grande linguiça de café da manhã. Você nunca deveria se vender como pequeno.

Ele bufou.

— Estou feliz que você apreciou a parte considerável.

— Eu certamente fiz. Não só isso, eu gostei de como a parte parecia ser tão animada.

— Ele tinha uma mente própria, não é? — Ele balançou as sobrancelhas.

— Agora que você mencionou, sim.

— Esse diabo pode ser assim às vezes.

— Bem, não me deixe te parar. Eu meio que gosto do diabinho.

— Eu pensei que você disse que não era pequeno.

— Eu fiz, não fiz?

Ele abaixou o garfo, empurrou nossos pratos vazios para o lado e me puxou para o seu colo.

— Se você não parar com todas essas insinuações sexuais, eu vou acabar te fodendo no balcão e como isso vai parecer se Kinsley entrar?

— Não muito bom, eu imagino.

E falando do diabo, uma pequena voz nos interrompeu dizendo:

— Marnie, papai está te beijando de novo?

Capítulo Trinta

Greydon

MERDA. Talvez eu deva ser um pouco menos óbvio.

— Bom dia, bolinha. Talvez eu estivesse beijando ela de novo. — Mudei Marin e ela saiu do meu colo para sentar em sua cadeira.

— Marnie gosta de sentar no seu colo?

— Bem... — eu gaguejei.

— Eu estava lá porque achava que tinha algo em meus olhos, — disse Marin, vindo em meu socorro.

— *Bom*, — sussurrei, enquanto Kinsley olhava para Marin.

— Papai tirou isso?

— Ele com certeza fez.

Então Kinsley se virou para mim e perguntou:

— Você beijou e fez melhor para Marnie?

— Acredito que sim.

— Bom, porque eu não quero que o olho da Marnie machuque.

Marin bateu no braço de Kinsley e disse:

— Oh, querida, você não precisa se preocupar. Meus olhos estão perfeitamente bem. — Então ela perguntou: — Ei coisa curta, você está com fome?

— Uh huh

— Seu pai fez algumas de suas famosas panquecas no café da manhã. Você quer um pouco?

Os olhos de Kinsley brilharam. Ela amava minhas panquecas caseiras.

— Sim por favor. Com muito xarope.

— Que tal ter um assento ali e eu vou fazer um prato para você? — Marin disse.

Marin começou a se levantar, mas eu disse:

— Eu tenho uma ideia melhor. Você fica parada e eu faço o prato de bolinha. Mas primeiro quero um abraço matinal e um beijo da minha garota favorita. — Kinsley voou para os meus braços e senti os dela circular meu pescoço. Eu amava o jeito que ela sentia e isso me fez pensar o quanto eu sentia falta de segurá-la e dos dias em que ela era da idade de Aaron.

Então ela perguntou:

— Você sabe como papai? Arrumar meu prato?

— Claro que eu faço. Eu costumava arrumar seu prato o tempo todo. Você não lembra?

— Talvez. Posso ter o prato da Dory?

Marin ficou em pé e disse:

— Eu ouço Aaron acordado. Deixe-me ir mudá-lo e descer com ele enquanto você serve as panquecas.

Ela subiu as escadas enquanto eu cuidava de Kinsley.

— Papai, a Marnie vai ser minha nova mamãe?

— Por que você pergunta isso, querida.

— Porque você a beija. Você não costumava beijar mamãe assim. As mamães beijam os papais?

Jesus, essa garota era observadora. E, pensando nisso, Susannah e eu nunca fomos carinhosos um com o outro. Eu não tinha pensado muito nisso, mas nunca tive muita vontade de tocá-la como fiz com Marin. Mesmo quando inicialmente começamos a namorar.

— Às vezes os pais beijam as mamães e às vezes não. Eu acho que depende das mamães e dos papais.

— OK. Se Marnie é minha mãe, você vai beijá-la o tempo todo?

— Você quer que ela seja sua mãe?

— O que aconteceria com a mamãe se Marnie fosse minha mãe?

— O que você quer dizer?

— Mamãe ainda estará com os anjos?

Eu caí ao lado de Kinsley e a olhei diretamente nos olhos enquanto pegava suas pequenas mãos nas minhas.

— Querida, sua mamãe sempre estará com os anjos. Para sempre e sempre. E ela sempre cuidará de você. Para sempre e sempre. Você não precisa se preocupar com isso.

— Então, se Marnie é minha mãe, minha mãe de verdade também estará lá?

— Sempre. Mas bolinha, você está preocupada com isso?

Sua expressão era solene enquanto ela olhava para mim com olhos exatamente como os de Susannah.

— Não, eu só não quero que mamãe não seja mais um anjo.

Abraçando-a ao meu peito, engoli o caroço que havia se alojado ali.

— Oh, minha doce menina. Sua mãe será um anjo pelo resto do tempo, então você não precisa se preocupar com isso. OK?

— OK.

— E você sabe de outra coisa? Sua mamãe só quer que você seja feliz, assim como eu quero que você seja feliz porque nós dois a amamos mais do que a lua e as estrelas, ok?

— OK. Eu também te amo, papai. — Meu coração se encheu de tanta alegria ao ouvir aquelas palavras da minha preciosa menininha.

Eu alisei seus cabelos sedosos.

— Querida, você está feliz com Marin aqui?

— Sim. Eu a amo muito. Ela é divertida e gosta de cantar e coisas assim. Às vezes ela desenha fotos comigo também. E ela me abraça e Aaron o tempo todo.

— Bom. Então é tudo que você precisa se preocupar. Isso e comer essas panquecas que eu estou prestes a arrumar para você. E adivinha?

— O quê?

— Adivinha quem vem brincar com você hoje?

— Quem?

— Wiley.

Ela bateu palmas.

— Yay. Eu gosto da Wiley. Você acha que eu posso ensiná-lo a chutar e dançar irlandês?

Oh garoto.

— Pode tentar. Mas talvez ele preferisse brincar com brinquedos.

— Talvez Marnie possa nos ensinar algumas músicas novas. Ou podemos desenhar fotos de princesas. Eu gosto de princesas.

Talvez isso fosse torturar Wiley no sábado. Entre Kinsley e Aaron, o garoto nunca iria querer voltar. Quando Marin desceu com Aaron, a primeira coisa que saiu da boca de Kinsley foi como ela iria ensinar Wiley a dançar e desenhar princesas.

Marin enterrou o rosto no pescoço de Aaron, rindo, e ele riu porque, muito provavelmente, fez cócegas.

— Veja, Aaron quer fazer isso também, — Kinsley gritou de emoção. As pernas de Aaron chutaram como loucas e Kinsley apontou para ele. — Ele quer dançar comigo.

Esse pobre garoto. Ele não terá chance na vida.

— Bolinha, eu só não quero que você tenha esperanças para o caso de Aaron querer praticar esportes.

— Por que ele iria querer fazer isso? Os esportes são chatos. Ele podia dançar e se divertir muito mais. E usar trajes brilhantes e parecer legal, certo, Marnie?

— Uh huh. — Marin me abandonou e foi para a lavanderia. Eu sabia que ela estava rindo lá, me deixando sozinho para cuidar da minha filha.

— Ei, garota, você vai falar até a morte ou vai comer?

— Eu estou comendo, veja? — Ela deu uma mordida nas panquecas.

Deixei Aaron queimar um pouco de energia enquanto preparava seu café da manhã. Marin ainda não reapareceu. Quando ela fez, ela deu uma desculpa de lavar toalhas. Eu já estava alimentando Aaron.

— Eu pensei que você estava cochilando lá.

— Marnie nunca cochila, papai. Apenas nós, crianças.

— Eu vejo, — eu disse à minha filha onisciente.

Então eu contei a ela como Bebop estava no hospital porque o coração dele ficou doente.

Suas sobrancelhas franzidas.

— Você consertou isso, papai? Devo fazer um desenho para ele ficar feliz?

— Eu fiz, mas ele estará lá por mais um ou dois dias, para que possamos ter certeza de que está tudo bem. Quero que você venha comigo esta manhã para visitá-lo. E tenho certeza que ele adoraria um desenho.

— OK. Eu posso beijar seu coração e torná-lo melhor.

— Eu acho que você pode.

— Aaron também virá?

— Não, querida, ele é muito pequeno. Ele ficará aqui com Marin.

Kinsley olhou para Marin e disse:

— Marnie, enquanto estivermos fora, você pode dar algumas lições de dança para Aaron. Dessa forma, ele estará melhor quando eu chegar em casa. Certifique-se de que ele não mova os braços quando ele chutar.

Marin a saudou e disse:

— Sim, senhora.

Kinsley deu uma risadinha. Entreguei Aaron a Marin para o restante de seu café da manhã e levei minha filha ao andar de cima para trocarmos de roupa. Enquanto eu estava lá em cima, meu irmão ligou.

— Hey, cara, estou voltando para sua casa. Está tudo bem em ficar esta noite, sim?

— Sim, eu já falei com Marin.

— Estou ansioso para conhecê-la. Mamãe é... bem, ela não poderia estar mais feliz por você estar com alguém, Grey. Mas eu tenho que dizer... a babá? — Ele ficou obviamente chocado pelo tom de seu comentário.

— Não estamos *juntos* como mamãe quer pensar. Eu te direi mais quando te ver.

— Então, em outras palavras, você está apenas transando com ela.

— Ouch. Isso soou duro.

— Ei cara, eu sou tudo por isso. Você merece se divertir.

— Sim, mas eu tenho filhos para me preocupar. E a esse ponto, você sempre usa essa linguagem na frente de Wiley?

— Só porque você tem filhos não significa que você não pode se divertir. Tire isso de mim. Quanto a Wiley, ele tem fones de ouvido. Nós vamos falar sobre isso mais tarde. Eu estarei lá em quarenta e cinco a uma hora.

Ele só estava tentando me fazer sentir melhor, mas de repente a culpa afundou suas garras viciosas em mim. Eu estava fazendo isso errado com Marin? Ela esperava algum tipo de compromisso de longo prazo? Eu sei que esperava que ela não transasse com mais ninguém e eu não faria isso com ela, mas eu também não tinha ilusões de qualquer tipo de relacionamento sério. Nós provavelmente deveríamos discutir isso. Em breve.

Quando Kinsley estava vestida, mandei-a para o andar de baixo, tomei um banho rápido e me vesti. Enquanto descia as escadas, ouvi Kinsley e Marin discutindo.

— Ele pode ser um ótimo dançarino, mas também pode querer jogar futebol ou outro esporte. Nós só não saberemos até que ele fique um pouco mais velho, querida.

— Ele vai ser uma estrela de dança e não vai querer fazer mais nada. Assim como eu. Eu vou estar na TV um dia com meus sapatos cliques.

— Isso é ótimo. Kinsley, você deve sempre sonhar alto e nunca desistir de seus sonhos.

— E Aaron estará dançando junto comigo.

— Ele pode fazer isso.

Eu me perguntei se eu precisava estar preocupado com sua convicção. Se Aaron se recusasse a dançar, ela poderia ficar terrivelmente chateada. Eu perguntaria a mamãe sobre isso. Ela pode ter algum sábio conselho.

Hudson chegou e foi fácil perceber pela reação dele a Marin que ele estava mais do que surpreso com a aparência dela. Talvez ele esperasse que ela fosse parecida com Susannah. Ela definitivamente não era. Eu tenho certeza absoluta de que o cabelo de arco-íris o jogou porque sua mandíbula se abriu, mas seu atrevimento o colocou de volta.

Ela estendeu a mão e disse:

— Ei, eu sou Marin, a babá, embora Kinsley me chame de Marnie. Tenho certeza de que sua mãe lhe contou todo tipo de coisa que pode ou não ser verdade. E você pode fechar a boca agora porque tenho quase certeza de que você não esperava ninguém com cabelo ou tatuagens coloridas. Mas não se preocupe, não estou nem um pouco ofendida. E sim, eu sei que Grey tem idade suficiente para ser meu pai.

Hudson soltou uma risada calorosa.

— Agora eu vejo porque você gosta dela. — Ele apertou a mão dela e disse: — É um prazer conhecer a mulher que colocou o meu irmão chato no seu... er, no lugar.

— Obrigada, eu acho.

— Oh, é definitivamente um elogio, — respondeu Hudson.

Marin sorriu e Hudson inclinou a cabeça e olhou.

— Você é muito impressionante.

— Ei, não vá lá. E o que é isso sobre eu ter idade suficiente para ser seu pai? — Meus pelos se levantaram.

— Acalme-se. Eu estava apenas pensando em como ela era refrescante.

Marin acrescentou:

— Você quer dizer que não percebeu nossa diferença de idade?

Hudson estava comparando Marin a Susannah, de quem ele nunca gostou e não fez segredo.

— Eu peguei você, — eu disse.

— Esta conversa está ficando confusa. Estou no escuro e talvez seja melhor que eu continue assim, — disse Marin.

— Eu vou te dizer mais tarde quando não há pequenas orelhas por perto.

Hudson apontou para o filho e disse a Marin:

— Aquele é um problema. Estou apenas te avisando com antecedência. Ele pode parecer um anjo, mas ele não é. Confie em mim. Seu nome é Wiley e é exatamente o que ele é.

Marin riu.

— Eu vou admitir, eu não tenho muita experiência com criança, então eu vou aceitar sua palavra para isso.

— Ei pessoal, eu odeio quebrar isso, mas nós deveríamos ir. Eu quero checar meu pai.

— Vá. Eu vou segurar o forte.

— Não, estamos levando Kinsley e Wiley também.

— Você acabou de fazer o meu dia muito fácil, — disse Marin.

Hudson e eu pegamos as crianças e partimos para o hospital. No caminho, a conversa se voltou para Marin. Eu tive que lembrá-lo sobre as orelhas no banco de trás. Kinsley estava fazendo a Wiley todos os tipos de perguntas sobre quais jogos ele gostava de jogar, então eu estava confiante de que estávamos seguros.

— Eu gosto dela, — disse Hudson.

Eu conduzi o carro para fora do bairro.

— Eu também.

— Ela não é mal-humorada. E ela não é nada como...

— Sim, sim, eu sei. — Eu empurrei minha cabeça em direção ao banco de trás para que ele entendesse o significado.

— Eu não ia dizer o nome. Não se preocupe.

— Eu sou o único que está preocupado. Nós começamos essa coisa e eu nunca a coloquei diretamente onde estou.

— O que você quer dizer? — ele perguntou.

— Você sabe? Sobre a coisa de relacionamento.

— Jesus, Grey. Só porque você é, você sabe, não significa que você tem que ter um relacionamento.

Eu esfreguei a parte de trás do meu pescoço.

— Sim, mas você sabe quem — e eu apontei meu polegar para o banco de trás — nos viu em uma posição comprometedora.

— Você está falando sério?

— Sim. Isso foi um erro. Nós caímos no sono.

Hudson teve uma boa risada com isso.

— Pare com isso. Agora estou muito mais fundo do que pretendia.

— Esse trocadilho foi definitivamente destinado, — disse Hudson, ainda rindo.

— Você é um... er, idiota.

— Verdade. Mas ainda. Como você sabe que ela quer mais?

— Eu tenho esse sentimento. — E eu fiz.

— Vocês dois precisam conversar. Limpe esse ar. E mamãe diz que você está indo para Viena.

— Sim. Fui convidado para dar uma palestra, então vamos tirar férias depois disso.

— Bro, isso é incrível. Eu acho que você precisa disso. Quanto tempo desde que você fez uma viagem como essa?

— Não consigo nem lembrar.

from
ASHES
to
FLAMES

— Veja, eu gosto dela ainda mais. Ela está fazendo meu irmão fazer uma viagem bem merecida. Isso pode até mesmo deixar você saber coisas sobre o seu chamado não-relacionamento.

Ele riu novamente. Ele estava realmente amando isso.

— Você está se divertindo muito porque não gostou da última pessoa com quem eu me envolvi?

— Vamos ser claros. Você sabe que eu nunca escondi isso. No entanto, nunca em um milhão de anos quis que você passasse pelo que passou. Eu teria carregado essa dor por você. Eu espero que você saiba disso. — Seu tom me disse o quão sério ele era.

Eu olhei para ele porque estávamos parados em um semáforo. O amor que brilhou de seus olhos me atingiu profundamente em minha alma.

— Eu te amo, Hudson.

— Eu sei. Agora tire sua cabeça daquele túnel escuro e volte a viver.

Uma buzina tocou atrás de nós e notei que a luz ficou verde. Eu respirei fundo enquanto me dirigia para o hospital. Era hora de começar a viver novamente e a viagem a Viena era uma ótima maneira de fazer isso.

Capítulo Trinta e Um

Marin

QUANDO A TRIPULAÇÃO SAIU, liguei para minha mãe. Meu cabelo parecia que um bando de criaturas havia residido nele e decidi que precisava de ajuda. Eu queria ver se ela podia cuidar de Aaron enquanto eu estou no salão.

— Mãe. Você está ocupada?

— De modo nenhum. Por quê?

— Você pode cuidar de Aaron? Preciso arrumar meu cabelo.

Ela riu de mim. Minha mãe.

— O que é tão engraçado?

— Eu vejo que você finalmente se cansou daquela bagunça que você criou.

— Mãe, isso não é verdade. Eu só preciso de um corte de cabelo. Eu nunca admitiria que ela estava certa.

— Mesmo?

— Sim.

— Esse corte de cabelo não teria nada a ver com o homem que você está vivendo, não é?

— Mãe! — Ela poderia ser tão exasperante.

— Quem está fazendo isso?

Eu disse a ela onde ficava o salão.

— Por que eu não te encontro lá?

— Você não se importa?

— Claro que não. Eu estava morrendo de vontade de ver você se livrar desse desastre que você fez. Nunca vou entender por que você arruinou seu lindo cabelo.

— Quem disse alguma coisa sobre me livrar disso?

— Marin, espero que você esteja brincando.

— Encontre-me em quinze. — Eu terminei a ligação antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa. A verdade é que eu não estava me livrando disso completamente. Mas eu estava mudando um pouco. Eu queria fazer uma balayage roxa com toques de azul claro e rosa nela. Eu estava super animada com isso. Eu tinha certeza que ficaria bem no meu cabelo loiro.

Quando cheguei ao salão, mamãe estava lá esperando. Eu entreguei Aaron para ela com instruções e sua bolsa de fraldas. A menina me acompanhou de volta e eu sabia que estaria lá por um tempo. Quando eu disse a ela o que eu queria, ela ficou muito entusiasmada.

— Isso vai ficar incrível em você.

Todo o processo levou cerca de duas horas. Quando saí, mamãe bateu palmas.

— Eu amei isso!

— Você amou? Eu não tinha certeza se você gostaria com todas essas cores.

— Não, é lindo em você, Marin. Isso realmente combina com você.

— Obrigada.

— E isso faz algo mágico para os seus olhos. Espere até que Grey te veja.

Eu acenei minha mão.

— Mãe, pare.

— Eu não estou brincando. — Ela entregou a bolsa de fraldas de Aaron para mim.

— Muito obrigada por cuidar dele.

— Não foi nada. Essa criança é tão fofa. Mas ele tem uma abundância de energia.

Pegando-o, eu disse:

— Ele com certeza tem. Essas pernas estão em constante movimento.

— Você sabe, você é natural nisso.

— Quem teria pensado que eu gostaria tanto?

Mamãe beijou minha bochecha e disse:

— Eu. Eu sempre pensei isso.

Saímos juntas e nos despedimos.

Quando fui tirar o Aaron do carro, ele estava dormindo no banco. Eu gentilmente o tirei e levei-o para o berço. Depois de colocá-lo dentro, voltei para a cozinha para ver o que eu tinha para o almoço. Foi quando todos os outros vieram para casa.

Kinsley correu e gritou:

— Marnie, onde está seu arco-íris?

— Ainda está aqui. Veja? Só é mais leve. — Peguei um pedaço do meu cabelo para mostrar a ela.

— Oh, eu gosto mais do outro arco-íris. — Então ela fugiu com Wiley no reboque. Eu me endireitei para encontrar Grey olhando para mim. Hudson também estava olhando.

— Vocês dois estão bem?

— Uh, sim. Eu estou bem, — disse Grey, ainda me verificando. Dois passos depois, ele estava na minha frente, segurando um pedaço do meu cabelo entre os dedos e esfregando-os para frente e para trás. — Caralho, — disse ele. Antes que eu soubesse o que ele estava fazendo, ele me agarrou pelo pescoço e me beijou. Não um beijo suave e rápido nos lábios. Isto foi um cheio, empurrando a língua na minha boca, tomando posse dela, devorando-me bem aqui, esse tipo de beijo. Ele pode até ter rosnado. Eu não tenho certeza porque o sangue rugiu em meus ouvidos quando

meu coração deu um pulo que rivalizava com qualquer música que eu já tinha ouvido. Calor enrolou na minha barriga, espiralando para fora em meus membros. Sua outra mão segurou minha bunda e apertou quando ele me puxou em seu peito quando de repente nós dois ouvimos seu irmão limpar a garganta.

— Com licença, mas vocês dois têm companhia, vocês perceberam?

Grey me soltou e eu pressionei meus lábios enquanto o calor do que acontecia entre nós aumentava a mil graus.

— Desculpe, — eu murmurei.

— Não, ela não notou, — disse Grey com um sorriso. — E nem eu. Só lamento não podermos subir e...

— Tudo bem eu já entendi. Me poupe dos detalhes, — disse Hudson.

Grey se inclinou para mim e disse:

— Você está deslumbrante.

— Obrigada.

Hudson disse por cima do ombro de Grey:

— Eu concordo.

Grey se virou e disse:

— Você pode parar de espionar?

— Eu não vou. Além disso, é grosseiro falar por trás das costas da sua companhia.

— Você não é companhia. Você é meu irmão.

Para acabar com isso, perguntei:

— Como está Rick?

— Bem. Muito bem. Ele tem um pouco de placa em uma de suas artérias coronárias, mas além disso, ele está bem.

Hudson foi até a geladeira e pegou uma cerveja gelada. Depois que ele saiu da geladeira, ele disse:

— Estou feliz que os cachorros não consigam essas coisas. Ou melhor, quando o fazem, geralmente é tarde demais para fazer alguma

coisa. Se as pessoas não alimentassem seus animais de estimação com comida de mesa, os animais seriam muito melhores.

Hudson era veterinário.

— Quantos cães você tem? — Eu perguntei.

— Nós temos três. O que me lembra. Quando você vai conseguir um?

Grey olhou para mim perguntando e eu disse:

— Oh, não. Eu tenho as crianças para cuidar.

— Eu quero um cachorro, Marnie. — Kinsley entrou na cozinha naquele momento e ouviu Hudson. — O tio Hudson tem cachorros.

— Sim, eu quero. E eles são divertidos. Pergunte a Wiley.

— Eu tenho cachorrinhos, — gritou Wiley. — Scooter, Roscoe e Flimsy[14].

— Frágil? — Eu perguntei.

Hudson deu de ombros.

— Ela tem uma orelha que não fica de pé, então a chamamos de frágil. Mas as crianças precisam de um cachorro.

— Eu não tenho tempo, — eu protestei.

— Eles são tão fáceis. Criar, treiná-los. Não demora muito para abrigá-los.

— Fácil para você dizer. Você tem muita experiência. Dizer o quê? Que tal termos um cachorro, mas você treina e quando estiver pronto, pode trazer para morar conosco?

— Tudo bem, — Hudson respondeu sem hesitação.

— Você está falando sério? — Eu perguntei.

— Sim. É assim tão fácil.

— Você é delirante.

— Que tipo de cachorro você quer?

Eu disse:

[14] Flimsy: Frágil.

— Eu adoraria um mini Doodle Dourado, — enquanto Grey disse que queria um Wolfhound irlandês.

— O quê? Um Wolfhound irlandês? Essas coisas são gigantescas. Além disso, eles espalham pelo por todo o lugar. Um mini Doodle Dourado não vai espalhar pelo e eles são pequenos.

Grey sacudiu a cabeça.

— Essas coisas são engraçadas.

— Eles são fofos.

Hudson levantou as mãos.

— Vocês dois brigam. Eu vou assistir ao jogo de beisebol.

Kinsley correu e disse:

— Papai, eu quero um macarrão de ouro. Como Marnie quer.

— É um Doodle Dourado, bolinha.

— Podemos nomear de Marshmallow, — disse Kinsley.

— Você está vencido, eu acredito. Nós vamos pegar um mini Doodle Dourado chamado Marshmallow. E ele vai ser doce e carinhoso.

Ele jogou as mãos para o ar e saiu da cozinha.

— Marnie, estamos pegando um marshmallow?

— Eu não sei, querida. Você terá que perguntar ao seu pai.

Isso é o que ele conseguiu por deixar Hudson se safar com a coisa do cachorro. Eu tinha dois filhos aqui e a última coisa que eu precisava era de um filhote para criar. Bom Deus. Eu não sabia nada sobre cachorros.

Eu me juntei aos caras na sala onde eles estavam assistindo TV. Kinsley estava tentando fazer Wiley dançar e depois de um tempo, ela desistiu e dançou sozinha. Os homens decidiram que todos sairíamos para jantar depois que eles voltassem ao hospital para verificar Rick.

— Tem certeza de que não precisa passar mais tempo lá?

— Não, mamãe nos enxotou mais cedo. Eu acho que desgasta o papai com tantas pessoas lá dentro. Mamãe disse que ele não dormiu

muito na noite passada. Os quartos do hospital são barulhentos, — disse Grey.

— Quando ele será liberado?

— Amanhã. Nós vamos de manhã e ficarei até ele sair.

— Isso é ótimo. — Eu vi o quão aliviado Grey estava enquanto falava. A tensão que estava presente mais cedo em nossa conversa sobre o pai dele não estava mais lá.

Acabamos na pizzaria para o jantar naquela noite. Era algo que apaziguava os gostos variados de todos - especialmente as crianças. Kinsley estava animada e ela me fez cantar a canção *A Dona Aranha* com ela enquanto ela tentava ensiná-la para Wiley. Desta vez ela não cantou tão alto quanto a última vez que estivemos aqui. Grey acabou contando essa história.

— Todos olhavam para a nossa mesa e achei que Marin ia morrer. Seu rosto estava vermelho como o molho da pizza.

— Marnie é uma boa cantora, não é papai?

— Ela é com certeza.

— Mas ela não pode dançar tão bem quanto eu. Ela não sabe como chutar direito.

— Kinsley, conte-me sobre sua dança, — disse Hudson.

— Oh Deus. — Eu enterrei meu rosto em minhas mãos.

— Cara, nem mesmo vá lá, — disse Grey.

— Tio Hudson, estou comprando alguns sapatos e você vai ter que vir me ver. Aaron vai aprender também. Talvez Wiley também possa.

— Wiley? Dança? — Hudson perguntou.

— Não diga que não avisamos, — murmurou Grey.

— Estou aprendendo a dança do chute irlandês. Eu estava ensinando Wiley hoje. Você não viu?

— Querida, é um passo de dança, — eu corrigi.

— Sim. — Ela assentiu. — Eu posso te ensinar se você quiser.

As sobrancelhas de Hudson se levantaram.

— Uh, não, obrigado, mas eu vou assistir seus recitais.

— OK.

E foi isso. Grey e eu ficamos chocados por ela não continuar falando sobre isso. Talvez estivesse morrendo lentamente e estávamos chegando ao fim.

Rick foi liberado no dia seguinte e foi para casa com instruções estritas de seu filho. Grey voltou para casa com Hudson e foi engraçado ouvi-lo falar sobre mandar em seu pai.

— Você manda em todo mundo. Eu não sei por que você acha tão engraçado, — eu disse.

Ele me deu um olhar estranho.

— Eu não sou mandão, no mínimo.

— Claro que você não é. — Sorri e caminhei até a lavanderia para jogar algumas coisas na secadora. Quando saí, a cozinha estava vazia. Todos se espalharam por lugares desconhecidos. Procurei Grey e o encontrei em seu escritório.

— Ei, — eu disse. — O que está acontecendo?

— Hudson está fazendo as malas. Ele precisa chegar em casa. Eu queria te perguntar. Você tem alguma ideia de quando esses resultados de DNA sairão?

Meu coração derrapou até parar. Eu nunca disse a ele que tinha esquecido de mandá-los. Eu pretendia dizer, mas depois as coisas entre nós esquentaram e isso deslizou completamente em minha mente.

— Hum, sobre isso. Eu esqueci…

— Você fez o quê? — A raiva pontuou suas palavras.

O cinza em seus olhos ficou escuro e tempestuoso, instantaneamente me esfriando. Eu esfreguei meus braços em resposta, então rapidamente disse:

— Não, espere. Eu planejei, mas então as coisas aconteceram entre nós e eu me desviei e então...

O gelo cobriu suas palavras.

— Marin, como você pôde? O que lhe deu o direito de tomar essa decisão? Você não tinha nenhum direito de fazer isso.

Eu balancei a cabeça dizendo:

— Mas, mas...

Hudson enfiou a cabeça no quarto.

— Estou interrompendo alguma coisa?

Grey respondeu:

— Sim! — Ao mesmo tempo, eu respondi:

— Não.

Hudson foi pego entre duas paredes.

Imediatamente, eu respondi:

— Eu esqueci de fazer alguma coisa e agora Grey está furioso comigo.

Hudson riu.

— Nenhuma surpresa nisso.

— Hudson, isso é um pouco mais sério do que isso.

— Sim, é mais ou menos assim.

Grey atirou de volta.

— Mais ou menos?

— Desculpa. Posso ajudar? — Hudson perguntou.

— Talvez. — Eu olhei para Grey e depois para Hudson. Pode não ser o meu assunto, mas talvez o irmão dele pudesse falar algum sentido nele.

Grey bufou uma respiração.

— Tem a ver com Aaron e o teste de DNA.

— Não estamos de volta a isso, estamos? — Hudson perguntou, balançando a cabeça. Era óbvio que ele não concordava com Grey sobre isso.

Eu abri minha boca para falar, mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, Grey começou.

— Nós nunca deixamos isso. Tudo o que eu quero saber é a maldita verdade. Eu pedi a Marin para enviar o kit, mas sem me consultar, ela decidiu unilateralmente não enviar. E eu estou muito fodidamente chateado com isso.

— Você não entende... — Novamente tentei interpor alguma coisa, só que Hudson entrou primeiro.

— Eu vejo o seu ponto, mas eu vejo o dela também. Ela estava apenas protegendo você. — O olhar de Hudson saltou entre nós dois.

Jesus, não foi o que aconteceu, mas ninguém me deu a chance de proferir uma maldita palavra.

— Oh? Como?

— Porque se você descobrir que Aaron não é seu? Então o que você vai fazer? Mandá-lo embora? Ou colocá-lo para adoção? — Hudson perguntou.

Quando achei que não poderia ficar pior, Kinsley entrou correndo no quarto e perguntou:

— Papai, por que você vai mandar Aaron embora? Você não o ama mais?

Capítulo Trinta e Dois

Greydon

ÓTIMO! Apenas muito bom! Como eu poderia ter sido tão descuidado em me deixar levar pela minha raiva? Eu deveria ter fechado essa conversa ou pelo menos ter tido a premeditação de fechar a porta do escritório. Agora minha pequena bolinha pensava o pior. Isso não era exatamente o que uma criança de sete anos precisava.

— Kinsley, querida, eu nunca em um milhão de anos mandaria Aaron embora. Eu o amo mais de mil sundaes de chocolate com marshmallows no topo e chantilly também.

— Por que o tio Hudson disse isso?

— Ele estava falando bobagem, querida. Você não precisa se preocupar com Aaron indo a lugar algum.

Lágrimas criaram rios em suas bochechas rosadas me fazendo sentir como uma idiota de primeira classe por sequer pensar naquela merda de DNA. Pegando-a, segurei-a perto até que seus soluços diminuíram. Mas a dor profunda no meu peito não iria embora tão cedo. Curiosamente, vê-la assim me fez não me importar mais em saber. Suas palavras angustiadas me fizeram perceber que essa porcaria de DNA não importava. Eu amava Aaron independentemente do que o teste diria, então que diferença isso fez?

— Vamos. Eu acho que isso exige um picolé vermelho. O que você acha?

Ela fungou e depois balançou a cabeça. Eu a levei para a cozinha, onde cada um pegou um picolé. Então me sentei na mesa da cozinha e ela se sentou no meu colo enquanto comíamos nossos picolés congelados juntos.

— Melhor?

Ela assentiu.

— Eu não quero que Aaron vá embora. Ele é meu irmãozinho e eu o amo muito.

— Eu sei que você faz e eu estou feliz. Você é a melhor irmã mais velha do mundo.

— Você ama Aaron, papai?

— Eu o amo mais do que posso dizer. — E isso me pregou no coração e na alma. Essas palavras eram a verdade sincera. Ele era o filho mais adorável e amoroso. Eu não poderia pedir mais nada.

— Você ama Marnie?

— O quê? — Sua pergunta surgiu do nada e realmente me pegou.

— Marnie. Você ama ela? Eu amo. Eu a amo como amo a mamãe.

O que eu respondo? Eu não tinha certeza se a amava. Eu adorava estar perto dela. Ela certamente me fez feliz. Mas *amor*... essa era uma palavra enorme no meu dicionário pessoal.

— Eu sei que você a ama, bolinha. Marin é muito especial.

Seus lindos olhos inocentes cavaram os meus por mais algum tempo. Não tenho certeza de quanto tempo ela trancou seus olhos em mim com aquelas íris dela antes que ela pulasse do meu colo e corresse para longe. Uma sensação desconfortável tomou conta de mim - como se ela não estivesse exatamente satisfeita com o que ela leu nos meus.

Enquanto eu estava lá, Hudson e Marin entraram.

— Sinto muito, cara. Eu não sabia que ela viria, — disse Hudson.

— Não é sua culpa. Todos nós deveríamos ter sido mais cuidadosos. — Eu passei a palma da mão no meu rosto.

— Eu tenho que ir. Eu sei que você está indo de férias em breve, mas se você tiver uma chance, venha e saia na cidade comigo. Marin, foi ótimo conhecê-la. Meu irmão a abraçou e depois saiu.

— Grey, me desculpe. Foi um mal...

Eu levantei minha mão.

— Me ouça. Você estava certa. Eu não percebi isso até que Kinsley me disse o quanto Aaron significava para ela. Ela está certa. Eu adoro aquele garoto... realmente amo ele. Não importa o que o DNA diz. Jogue a maldita coisa longe. Eu não preciso saber. Mas... — eu a peguei com o meu olhar. — Eu queria que você tivesse me dito. Eu me senti traído, e isso não foi bom. Eu confiei em você, Marin e isso realmente doeu.

Eu me levantei e subi as escadas. Foi alucinante o quanto eu estava me recuperando do que ela havia feito. A confiança foi enorme para mim depois do que passei com Susannah. A dor no meu coração era difícil de suportar e a amargura da traição continuava me incomodando. Foi isso que ela fez? Talvez não, mas foi como me senti. Como minhas emoções poderiam ser tão fortes? Eu sabia que era irracional, mas tudo o que eu vi foram aquelas malditas fotos da minha esposa morta e como ela tinha mentido por pelo menos dois anos.

Minha outra preocupação era que Kinsley não sofresse nenhum efeito disso. Ela tinha passado o suficiente com a perda de sua mãe. A última coisa que ela precisava era enfatizar sobre como ela poderia perder seu irmão também.

Uma batida suave veio na minha porta. Quando abri, Marin ficou ali, com as mãos atadas.

— Posso entrar?

Eu acenei para ela.

— Eu sinto muito. Eu deveria ter explicado as coisas para você. Mas as coisas ficaram loucas entre nós depois que Aaron chegou em casa e eu juro que esqueci. Isso escorregou totalmente da minha cabeça naquele dia, mas não foi intencional.

— Coisa errada a dizer. Você fez isso intencionalmente. Se você não tivesse, você teria enviado esse kit imediatamente.

— É verdade, mas eu estava me referindo a contar a você sobre isso. Mas, Grey, eu...

— Marin, você tem que entender uma coisa. Eu tenho um grande problema quando confiança e mentira estão em causa depois do que passei. Você sabia disso. Não me dizer apenas explodiu minha mente.

— Compreendo. Mas eu não sei mais o que fazer ou dizer além de me desculpe. Por favor, me diga o que eu posso fazer?

Sua voz suplicante me avisou que ela era sincera.

— Eu só preciso de um tempo.

Ela inclinou a cabeça e saiu do quarto. Isso era tudo o que eu poderia dar a ela agora.

A semana seguinte passou comigo em estado de dormência. Não foi como quando Susannah morreu. Isso foi diferente. Eu estava tentando descobrir meus sentimentos em relação a Marin. Eu não queria um relacionamento de qualquer tipo, mas minhas emoções estavam emaranhadas nela, gostando ou não. Ela se tornou minha navegadora. Não tanto no sentido de me guiar pela vida, mas foi ela quem me colocou no caminho de ter minha cabeça na direção certa e ver a luz novamente.

Meu telefone tocou, perturbando meus pensamentos confusos.

— West aqui.

— West aqui também.

— Hudson, o que você está fazendo?

— Incomodando você.

— Sim, você está. Está tudo bem?

— Você já descobriu sua merda?

— O que você quer dizer?

— Sobre Marin? — Ele disse.

— Não.

— Tire sua cabeça da sua bunda, cara.

— Eu vou... eu não sei. Ela não foi honesta comigo e eu não tenho certeza se estou pronto para um relacionamento.

— Ouça, ela cometeu um erro. Você não pode projetar o que aconteceu entre você e Susannah nela. Além disso, quem está pronto, seu idiota? Isso só acontece. Se você esperar muito mais tempo, será um vovô.

— Haha, engraçado.

— Sério cara. Deixe toda a bagagem que você está segurando e divirta-se.

— Eu não tenho nenhuma bagagem.

— Mesmo? — Sua risada tocou pelo telefone. — Você está tão sobrecarregado com isso, sua coluna está praticamente dobrada ao meio.

— Hudson, eu já te disse que você é um idiota?

— Você acabou de fazer.

— Eu estou desligando agora.

— Divirta-se com ela em Viena. E ei, se você não fizer isso, eu vou lá e vou roubá-la de você.

— A porra que você vai. — Eu desliguei o telefone. Ele realmente era um idiota. A ideia de ele roubar Marin de mim fez meu medidor de ciúmes balançou para a zona vermelha. O que diabos foi isso? Se eu não me importasse com ela, não ficaria com ciúmes se outro homem estivesse interessado nela.

Então as coisas começaram a acontecer. Todos fomos ao supermercado naquele fim de semana. Eu me ofereci para ir com ela do nada e ela aceitou. Enquanto estávamos lá, prestei atenção a todos os caras olhando para ela. Eles não apenas olharam para ela. Seus olhares lascivos percorriam todo o seu corpo sexy. Ela estava correndo muito. Estávamos nos preparando para o nosso 5k que estávamos fazendo no próximo sábado. Ela estava vestindo short de corrida e uma blusa. Marin foi construída como uma atleta e tinha pernas fortes e braços musculosos. E sua bunda... Eu lambi meus lábios enquanto a observava se inclinar

sobre as frutas para inspecionar os melões. Cristo, por que eu nunca tinha ido à loja com ela antes? Os outros homens também a notaram, mas eu fiz uma careta para eles enquanto eles a observavam. Um deles se aproximou um pouco e eu esbarrei nele.

— O que você está olhando? — Eu perguntei.

— Uh, fruta. — O cara olhou para mim em confusão.

— Certo. Mova-se, cara.

— Grey, você precisa de alguma coisa? — Perguntou Marin.

Eu com certeza preciso, só que se você me desse aqui, eu seria preso.

— Não, eu estou bem, obrigado. — Eu sorri para ela. Porra, ela estava quente.

— Papai, podemos pegar um sorvete?

— Claro, bolinha. — Ela colocou a mão na minha e eu disse: — Vamos escolher alguns sabores. — Mas então eu pensei em Marin e todos aqueles homens na seção de produtos verificando sua bunda deliciosa, e eu hesitei. — Ei, Marin, quanto tempo você vai ficar?

Ela me olhou com curiosidade.

— Não muito. Por quê?

— Nada. Vamos esperar Marin, bolinha.

— Ok, papai.

Aaron estava no carrinho de supermercado conversando alegremente, então eu fui até ele e o peguei.

— Onde é a próxima? — Eu perguntei a Marin.

— Você não compra muito, não é?

— Sim. Não. Você faz isso por mim.

— Vamos, vamos terminar. Nós somos equipe de compradores.

— Yay! Equipe de compradores, papai!

Nós voamos pela loja e eu estava mais interessado nos homens do que no que compramos. Eu me vi concordando com todo tipo de porcaria e quando estávamos descarregando as sacolas, eu continuei comentando.

— Você disse a ela que estava tudo bem. Até te perguntei sobre isso duas vezes — disse Marin.

— Eu não sei onde minha cabeça estava.

— Você ficou olhando para aqueles homens lá dentro como se quisesse socá-los. O que está acontecendo com você?

Ela me viu fazendo isso. Hmm.

— Quem quer ir para a piscina hoje? — Eu perguntei, mudando de assunto.

— Eu faço, eu faço, — Kinsley gritou.

— Vamos almoçar e depois iremos.

Eu preparei as crianças e estava esperando por Marin, mas ela nunca desceu. Eu fui para cima para verificá-la e ela veio para a porta, ainda em suas roupas de corrida.

— Você não vem?

— Eu não achei que você estivesse falando de mim.

Eu estreitei meus olhos.

— O que você quer dizer. Eu sempre incluo você.

— Sim, mas desde então... — ela parou quando seu olhar caiu no chão.

— Isso é para as crianças, Marin.

Ela levantou a cabeça e o brilho que costumava brilhar em seus olhos azuis desapareceu. Os cantos pareciam puxar para baixo e o sombreado violeta abaixo deles me dizia que ela não estava dormindo bem. Quanto tempo isso estava acontecendo e como eu tinha perdido? Eu estava tão egocêntrico que não vi o seu sofrimento?

— Tudo bem, — ela respondeu.

— Prepare-se, as crianças estão inquietas, — eu estalei, chateado comigo mesmo por ser tão imprudente, mas quando eu estava descendo as escadas, percebi como o meu comentário soou e não era eu o maior pau por aí?

Ela desceu em uma roupa a cobrindo e não foi fácil esconder minha ânsia de vê-la em um maiô. As coisas estavam tão agitadas na casa com Kinsley pulando e Aaron animado, eu queria sair de lá o mais rápido que podíamos. Fomos ao clube e quando chegamos, ela ficou instantaneamente nervosa.

— O que há de errado?

— Eu me sinto fora do lugar aqui.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo. — Não era como se ela não tivesse estado aqui antes com seus pais.

Nós caminhamos para a piscina e eu peguei algumas toalhas e selecionei nossas cadeiras na extremidade rasa. Nós colocamos nossas coisas e as crianças estavam ansiosas para entrar na água. Eu estava ajudando Aaron quando levantei a cabeça para ver Marin tirando a roupa. Eu engoli em seco. Eu teria engasgado, mas não tinha saliva. Merda, ela parecia uma deusa em seu biquíni. Seus peitos eram perfeitos e suas pernas eram longas e magras com uma sugestão de músculo mostrando. Ela era extraordinária.

Seu cabelo estava enrolado em um elástico e ela sorriu para mim logo antes de pular na água. Tinha apenas um metro de profundidade, mas sua pele parecia de seda e eu queria passar minha língua por toda parte.

Por acaso, olhei para o outro lado da piscina e vi que não apenas os homens a olhavam, mas também as mulheres. *Coma seus corações, otários. Ela é minha.* Mas ela era? Eu ia ter que trabalhar para que isso acontecesse. E a partir de agora, eu faria o meu melhor.

Enquanto estávamos nadando - eu ensinando Kinsley a chutar e prendendo a respiração debaixo d'água, e Marin segurando Aaron em seus braços - uma das velhas amigas de Susannah veio até nós.

— Olá, Grey. É bom vê-lo fora de casa.

— Oi, Carrie. Sim, é um ótimo dia para a piscina.

— E quem é essa com você?

— Carrie, esta é Marin McLain. Marin, esta é Carrie Lord.

— Marin. Prazer em conhecê-la. — Ela estava agindo como se fosse tudo menos isso. E então ela se iniciou porque ela realmente veio até aqui.

— Grey, eu ouvi que você contratou uma nova babá. Ela é a única? — Ela tirou os óculos escuros e os olhos passaram Marin da cabeça aos pés.

Marin não esperou pela minha resposta. Ela pulou direto para a conversa.

— Na verdade, sim, sou eu.

— Marnie pode cantar. Por que você não canta para ela, Marnie? — Kinsley não estava lhe fazendo nenhum favor agora.

— Bolinha, Marin não precisa cantar agora.

— Oh, mas isso seria maravilhoso, não seria, Kinsley? — Carrie disse.

— Na verdade, minha garganta está um pouco dolorida hoje, — disse Marin. — Nós vamos ter que fazer isso outro dia.

— Oh, me desculpe por ouvir isso. Bem, espero que vocês tenham um dia maravilhoso. — Ela riu.

— Você também. — Ela saiu e eu queria dar um tapa no rosto presunçoso dela. Carrie sempre achava que ela era melhor que todos os outros. Pensando sobre isso, ela era uma das melhores amigas de Susannah. Teria Susannah agido dessa maneira também, e eu estive alheio a esse fato?

O resto do tempo na piscina, Marin foi subjugada. Eu decidi acabar o dia e ir para casa. No caminho, perguntei:

— Que tal todos nós irmos buscar um sorvete?

— Sim, — gritou Kinsley.

Paramos para comprar um e depois fomos para casa. Quando as crianças estavam fora do alcance da voz, eu disse:

— Sinto muito pela maneira como Carrie tratou você. Ela nunca foi muito legal.

Marin encolheu os ombros.

— Não é sua culpa.

Não importa o que eu fiz naquela noite, Marin nunca se iluminou. Quando tive uma chance, entrei no escritório e liguei para meu irmão.

— Grey, o que está acontecendo? — Hudson perguntou.

— Eu preciso te perguntar uma coisa e preciso que você seja honesto comigo. Susannah era uma cadela pomposa?

— Você realmente quer a verdade?

— Sim.

— Bem, sim, ela era.

— Quão ruim ela era?

— Ela não era legal, Grey. Ela achava que era melhor que o resto do mundo. Mesmo quando vocês dois estavam namorando. Mas mamãe e papai me disseram para ficar de fora e que não era o meu assunto. Mamãe disse que eu entenderia um dia quando me apaixonasse. Ela estava certa. Então, eu mantive minha boca fechada. Eu sempre imaginei que vocês dois eram felizes juntos.

— Você sabe, eu também, só que agora não acho que eu era feliz. Acho que éramos duas pessoas completamente diferentes. E como é possível viver com alguém por todos esses anos e não saber disso?

— Casais casados param de se comunicar. Eles tomam as coisas como garantidas. Talvez tenha sido o que aconteceu com vocês dois.

Eu esfrego minha testa dolorida.

— Eu não sei. Só sei que não quero isso uma segunda vez.

— Então não deixe acontecer.

— Obrigado, Hudson.

— Pelo quê?

— Por ser honesto comigo.

from
ASHES
to
FLAMES

Eu acho que era verdade o que as pessoas sempre diziam. Você fecha os olhos para a verdade, porque você realmente não queria enfrentá-la.

Capítulo Trinta e Três

Marin

ENTRADA NO DIÁRIO:

Não sei o que fazer para mudar de ideia sobre mim, mas meu coração não está em um bom lugar. Toda vez que ele olha para mim, eu quero que seja assim. Sua confiança em mim se foi e eu não sei como ganhar de volta. Entendendo como ele se sente, como funciona sua mente, porque ele foi tão completamente destruído pela traição de sua esposa, eu sinceramente não posso culpá-lo. E mesmo que eu não tenha feito isso intencionalmente, eu posso ver porque ele iria se segurar para mim. Quando há tanta coisa em jogo e você perdeu muito no passado, a última coisa que você fará é repetir esses erros. Eu pensei que nunca mais confiaria em outro homem e aqui estou, miserável como o inferno, pelo mesmo motivo.

ESTÁVAMOS NA FILA, esperando que a pistola de partida disparasse. Em vez de me concentrar na minha estratégia de como eu estava indo para vencer Grey neste 5k, minha cabeça estava fora em outro lugar. Ele não tinha sido ele mesmo ultimamente. Ele não estava exatamente me ignorando, mas o calor não estava lá como costumava estar. E agora meu coração doía com o vazio disso. Naquele curto espaço de tempo que tínhamos sido íntimos, eu me acostumei a sentir suas mãos em mim, pressionando minha pele, tocando-me do jeito que nenhum homem jamais tocou antes. Ele deixou meu corpo ansiando por ele até o ponto em que eu estava fisicamente infeliz. Eu nunca imaginei que poderia ser assim... esse desejo carnal desesperado.

Querendo mudar essa desastrosa linha de pensamento, apertei meus braços e corri no lugar alguns segundos quando a explosão da pistola soou. Eu saí e ouvi Grey gritar atrás de mim:

— Lembre-se de andar um pouco.

Okay, certo. Eu tinha mais energia elétrica me irritando agora do que uma linha de alta voltagem. Meus pés tinham asas presas a eles - ou é assim que se sentiam. Talvez a deusa Nike estivesse comigo hoje e a vitória fosse minha. Tudo o que eu pensava era em maratona de sexo com Grey, ele empurrando em mim, e como eu me perdia nas nossas noites juntos. Sua voz, sua respiração, seu perfume, sua boca, sua língua, seu olhar...

Antes que eu percebesse, eu estava cruzando a linha de chegada e estabelecendo um recorde pessoal inacreditável para mim. Meu tempo foi 17:49. E então minhas pernas prontamente se dobraram e eu desmaiei.

Acordei com um grupo de três rostos desconhecidos pairando acima de mim.

— Senhorita, você está bem?

— O que aconteceu? — Eu murmurei.

— Você ganhou! Primeira mulher. E então você desmaiou. Não é tão incomum.

— Ugh. — Eu lutei para me sentar quando vi Grey correndo para mim.

— Alguém tem um estetoscópio? — Ele gritou.

— Eu não acho que seja necessário, — eu disse.

Uma equipe médica apareceu e ele pegou o estetoscópio que alguém estava tirando e gritou:

— Sou cardiologista. — Então ele ouviu meu coração. — Seu coração soa bem, mas eu quero um eletrocardiograma.

— Eu só desmaiei. Eu me forcei muito.

— Ela estabeleceu um recorde para a mulher mais rápida neste curso, — disse alguém.

— Eu estabeleci um novo PR, — eu disse, finalmente me sentando.

— Como você está se sentindo? — Grey perguntou, agarrando meu braço.

— Cansada.

— Nós estamos indo para o consultório. Eu quero verificar você.

Era inútil discutir com ele, então nem ficamos para a cerimônia de premiação. Eu sempre me perguntei onde ele passava seus dias e agora eu ia descobrir. Só que eu nunca imaginei que seria assim. Nós entramos pela porta dos fundos e eu segui atrás dele enquanto ele me levou através de um labirinto de corredores.

— Esta é a ala que eu pratico. — Havia uma enfermaria e várias salas de exames próximas.

— Eu não achei que o seu lugar fosse tão grande.

— Sim, é muito ocupado aqui. — Sua resposta foi curta e sem compromisso.

Entramos em uma sala e ele me ligou a uma máquina de eletrocardiograma. Eu tinha todas essas guias adesivas em mim com fios conectados. Quando ele terminou, ele me mostrou os resultados. Não significava nada para mim, pois não sabia como interpretá-lo.

— Seu eletrocardiograma é lindo. Parece que você é perfeitamente normal.

— Eu te disse que eu apenas me forcei demais. Eu não deixei nada nesse caminho. Eu estava fora para ganhar. — Eu soquei seu ombro quando fiquei de pé. Então minha mão caiu porque nós paramos de ser brincalhões um com a outro e o gesto pareceu estranho. A situação toda parecia estranha.

— Parabéns. Você me bateu justo e quadrado. Seus olhos de aço perfuraram os meus e meus pés congelaram no chão. Estávamos tão perto que, por um breve momento, imaginei que ele fosse me beijar. Apenas

minha decepção disparou quando ele deu um passo para trás e empurrou a máquina contra a parede. — Eu acho que devemos ir para casa.

Eu abaixei minha cabeça para olhar meus sapatos.

— Sim. Eu poderia pegar algo para comer e beber. — Um sorriso triste levantou os cantos da minha boca enquanto minha alma ansiava por algum pequeno gesto de afeto dele. Como eu ansiava pelos dias em que tivemos essa brincadeira fácil. Eu gostaria que pudéssemos recuperar isso de alguma forma.

— Grey…

Ele ofereceu um breve sorriso que combinava com o meu.

— Eu poderia pegar algo para comer também. Vamos, — ele rapidamente disse, me cortando.

Saímos do escritório e fomos para casa, onde as crianças estavam esperando. Kinsley estava animada para ouvir sobre a nossa corrida. Paige e Rick nos observaram e souberam que algo estava acontecendo conosco, mas nenhum deles perguntou.

Kinsley correu até mim e perguntou:

— Você venceu o papai?

— De fato, eu fiz.

Ela bateu palmas e gritou:

— Marnie ganhou. Marnie ganhou.

Peguei a mão de Kinsley e disse:

— Você não deveria se gabar, querida.

— O que é isso?

— Isso significa que você também deve estar feliz por seu pai.

— Papai, você correu rápido?

— Não muito rápido. Marin foi muito mais rápida.

— As garotas são rápidas, não são? — Ela perguntou a Grey.

— Sim, elas são, — ele respondeu.

Paige e Rick saíram logo depois. As coisas estavam um pouco pesadas na casa e eles provavelmente só queriam ficar longe de tudo. Nós agradecemos a eles por ajudar e os lembramos de que estaríamos partindo para Viena em alguns dias.

— Esperamos que vocês tenham umas férias maravilhosas. Descansem e divirtam-se, — disse Rick.

— Papai, se você precisar de alguma coisa, você sabe para quem ligar.

— Filho, eu estou bem e vai ficar tudo bem, mas sim, eu sei.

Eles abraçaram as crianças, Grey, e então Paige me apertou com força quando ela me abraçou.

— Obrigada por amar tanto meus netos. — Eu tive que segurar as lágrimas.

Mais tarde naquela noite, depois que as crianças estavam na cama, eu bati na porta do quarto de Grey.

— Sim?

— Posso falar com você, por favor?

A porta se abriu e ele ficou parado, sem camisa e calça jeans. Por que diabos ele tinha que fazer isso e por que diabos ele parecia tão sexy?

— O que foi?

Eu chupei meus lábios na minha boca por um segundo.

— Eu tenho pensado nesses últimos dias, muito mais do que deveria, e depois que voltarmos de Viena, vou ajudá-lo a encontrar outra babá. É hora de eu seguir em frente.

Ele abriu a boca para falar, mas nada saiu.

Eu queria dizer, *lute por mim, caramba.* Mas eu não fiz. Eu não iria implorar quando ele obviamente já tinha desistido de nós.

— Entendo. Kinsley ficará arrasada.

Eu cerrei minha mão e bati no meu peito.

— Isso não é sobre Kinsley. Eu a amo e a Aaron, mais do que provavelmente deveria, mas em algum momento, tenho que pensar em mim mesma. Agora mesmo... — Eu acenei minha mão enquanto minha voz rachava e eu engoli e mordi as lágrimas. Eu não queria que ele visse o quão destruída eu estava. Porque a verdade era que eu o amava... estava apaixonada por ele. Eu não tenho certeza de como ou por que eu deixei isso acontecer, mas eu fiz, e era tarde demais para fazer qualquer coisa sobre isso. Eu estava em controle de danos neste momento. Eu tive que reconstruir as peças não só do meu coração e alma, mas o resto de mim antes de me destruir. E a pior coisa disso... de alguma forma, isso foi minha culpa. Eu suportaria esse fardo pelo resto da minha vida porque não haveria substituto para Grey.

Eu não tive sucesso em me dispor a não chorar. Mas eu estava determinada que ele não iria testemunhar o dilúvio que eu criei, então eu me virei e fugi para o meu quarto. Ele chamou meu nome, mas eu o ignorei. Eu me joguei na cama e chorei tudo o que eu tinha para chorar. Eram três e quarenta e cinco quando acordei, ainda com minhas roupas da noite anterior. Como diabos eu iria passar as férias fingindo que tudo estava bem?

NO CAMINHO para o aeroporto, continuei a questionar a lógica de por que eu estava indo nessa viagem. A distância de Grey em direção a mim não melhorou. Eu disse a mim mesma que estava indo pelas crianças e foi isso. Era extremamente difícil estar perto dele e ainda assim estar tão longe ao mesmo tempo. Ele agia como um estranho sempre que eu estava por perto. Toda vez que eu o pegava olhando para mim, o que era muito, ele se afastava como se tivesse sido pego fazendo algo errado.

Fingi que tudo estava bem na frente de Kinsley. A última coisa que ela precisava era outra decepção em sua vida. Ela já havia perdido a mãe,

então eu não queria apenas ir embora deixando-a com problemas de abandono. Isso me preocupou ao ponto em que o sono mal era mais possível. Essas eram coisas que deveríamos ter considerado antes de nos envolvermos em primeiro lugar.

O voo foi longo, mas nós verificamos em nossa suíte no hotel e ia ser apertado. Era espaçoso e bonito, mas muito mais adequado para nós quando éramos um casal.

— Marnie, você e papai vão dormir juntos na grande cama?

Minha cabeça virou na direção de Grey. Esta era uma pergunta inesperada. Eu não queria dar a ela a impressão de que tudo estava bem quando não estava, mas eu também não queria que ela pensasse que estávamos tendo problemas. Então ela se preocuparia. O que devo dizer?

Por sorte, Grey veio em socorro.

— Bolinha, achei melhor que Marin dormisse no quarto com você e Aaron.

Suas palavras chicotearam através de mim, me esfolando até os ossos. Cada fragmento de esperança que eu segurava dentro do meu coração estava agora esmagado até que nada permanecesse.

— Vamos, Marnie. Vamos dar uma olhada.

Mas eu estava enraizada no tapete de pelúcia, incapaz de respirar. Se eu me atrevesse, eu levaria meu eu quebrado para longe.

Kinsley correu para o outro quarto enquanto eu estava lá, os braços em volta da minha cintura em uma tentativa pobre de impedir que a dor crescente se espalhasse.

— Você está bem? — Eu o ouvi perguntar.

Foda-se não, eu não estou bem. Eu estou em pedaços espalhados pelo chão. Você não pode ver?

Por que o amor não vem com um manual de instruções e uma etiqueta de aviso? *Manuseie com cuidado,* ou melhor ainda, *Perigo à frente - fique longe.*

— Marin?

— O quê? — Eu agarrei.

— Você está bem?

Eu olhei para ele, tremendo os lábios e tudo, e disse:

— Oh, Grey, você honestamente tem que me perguntar isso? Você não pode, por uma vez, abrir seus malditos olhos e ver? — Então eu empurrei um punho na minha boca para parar o soluço de irromper e fui para o outro quarto para me recompor. Eu tinha filhos para cuidar e eles não tinham que testemunhar a forma horrível em que eu estava.

Capitulo Trinta e Quatro

Greydon

OLHOS AZUIS que costumavam brilhar como o céu em um dia claro de verão eram sem vida e sem alegria. Certamente, eu era a fonte da dor à espreita dentro de suas profundezas. Eu a perdoei pelo kit de DNA. Mas a questão da confiança era algo diferente. Por que eu não podia passar por isso? Minha cabeça estava presa no que Susannah fez. Todos com quem eu discuti disseram que não podia comparar as duas. Mas eu fiz, certo ou errado.

Do jeito que eu percebi, eu superaria isso quando fosse a hora certa. Mas do jeito que ela imaginou, essa decisão não era minha para tomar. Ela já tinha feito isso. Ela estava nos deixando, então eu já estava me separando dela - física e mentalmente.

Kinsley correu até mim e agarrou minha perna.

— Papai, eu acho que a Marnie tem uma dor de barriga.

— Por que você acha isso, querida?

— Porque ela está no banheiro e parece que a barriga dói.

— OK. Por que você não fica aqui enquanto eu vejo ela? Não quero que você vá para fora desta sala. Promete, bolinha?

— Prometo. Posso assistir TV?

— Certo. — Eu liguei e encontrei algo em inglês para ela assistir. Eu não tinha localizado os DVDs que tínhamos trazido ainda, mas eu precisava ver se Marin estava bem primeiro.

Eu parei do lado de fora da porta do banheiro e ouvi barulhos abafados. Eu não achei que ela estivesse doente. Parecia mais que ela

estava chateada e chorando. Esta não era uma situação ideal. Talvez eu devesse dormir aqui com as crianças e deixá-la ter o quarto grande.

Depois de algumas batidas na porta, eu tentei a alça e encontrei-a destrancada.

— Ei, — eu disse. Ela estava sentada ao lado da banheira com a cabeça entre as mãos.

— Eu acho que uma porta fechada não significa privacidade para você, — ela murmurou.

— Kinsley pensou que você estava doente.

Ela não levantou a cabeça.

— Marin, talvez fosse melhor se você ficasse com o quarto maior e eu ficasse com as crianças. Isso lhe daria mais espaço.

Ela se levantou e foi até a pia. Depois que ela assoou o nariz e enxugou os olhos, ela disse:

— Essa viagem foi um erro. Talvez eu deva ir para casa.

Ah, Merda. Eu não poderia ficar aqui sem a ajuda dela.

— Por favor não saia. Preciso da sua ajuda.

— Você realmente não entende, não é?

Seus olhos brilhavam com lágrimas e seus cílios estavam molhados com os restos delas.

— Sim eu entendo. Eu sei que você precisa do seu espaço longe de mim e você está se afastando... de mim... de nós, mas...

Sua sobrancelha franziu e ela disse:

— Não é nada disso. — Ela apertou as mãos. — Eu te amo, Grey. — Joguei para fora, embora eu tenha jurado que não diria isso. — Você sabe o quão difícil é estar perto de você quando você mal consegue ficar perto de mim?

Quando ela disse essas palavras, eu quase tropecei. Foi pura força de vontade que me manteve de pé sobre os meus dois pés.

— Eu... eu não sabia.

— Claro que você não sabe. Você está tão embrulhado em sua própria cabeça sobre o que aconteceu com você e sua esposa morta.

— Isso não é justo.

— Não? O que está acontecendo entre nós também não é justo. Eu não pedi por isso.

— Nem eu, — eu rosnei.

A maçaneta da porta balançou e eu sabia quem era. Aaron estava do outro lado.

— Vamos discutir isso mais tarde, quando tivermos alguma privacidade. — Eu abri a porta para ver o rosto sorridente do meu filho. Eu o peguei no ar, beijando seu pescoço, e ele chutou suas pernas. Então eu o carreguei para o que deveria ter sido meu quarto e arrastei minha enorme mala até o quarto onde as crianças estavam. Kinsley me seguiu.

— O que você está fazendo, papai?

— Eu decidi que vou passar a festa da noite com vocês dois enquanto estamos de férias e vamos deixar Marin ter o quarto grande.

Os olhos castanhos de Kinsley estalaram com faíscas douradas.

— Realmente papai? Você nunca passa a noite comigo ou Aaron.

— É hora de começarmos. Não vai ser divertido?

— Sim. Você pode nos ler histórias a noite toda.

— Não esqueça, você ainda tem que dormir.

— Podemos depois que você nos ler as histórias.

Eu ri da minha filha com todas as respostas. Depois que minha bagagem foi arrumada, pegamos a de Marin e a colocamos no quarto grande. Kinsley parecia triste.

— Qual o problema, querida? — Eu perguntei.

— Marnie não vai ter medo aqui sozinha?

— Ela vai ficar bem.

Marin estava sentada na cama e Kinsley pulou ao lado dela.

— Você não vai se assustar, Marnie?

— Se eu me assustar, vou buscá-la e você pode dormir comigo. Como isso soa?

Kinsley bateu palmas.

— Yay. Eu posso dormir com Marnie na cama grande.

Eu posso ter criado um monstro com esse cenário.

— Bolinha, você só pode dormir com Marin se ela ficar com medo, ok?

— Tudo bem, papai. Mas você pode me ajudar a encontrar os DVDs, porque não há nada para assistir na TV. Eu não entendo o que eles dizem às vezes.

Isso fez Marin rir e ela se ofereceu para ajudar Kinsley a encontrá-los enquanto eu cuidava de Aaron.

Mais tarde aquela noite nós caminhamos do lado de fora e achamos um pequeno restaurante pitoresco para o jantar. Durante o jantar, eu pegava Marin enxugando os olhos. Eu sabia que ela não queria que nenhum de nós visse, mas ela não conseguia esconder todas as lágrimas. Depois chegamos em casa e fomos para a cama.

Minha conferência não foi até o dia seguinte, então pensei em fazer uma viagem ao zoológico. No check-out com o concierge, providenciei transporte para nós mais tarde.

Kinsley ficou louca e Aaron também adorou. O zoológico ofereceu a alimentação de muitos animais, incluindo tigres siberianos árticos e tartarugas gigantes. Até eu fiquei impressionado com isso. Então nós visitamos os coalas onde Kinsley perguntou se nós poderíamos ter um animal de estimação. Ela implorou e implorou, mas eu disse a ela que teria que se contentar com um de pelúcia em vez disso.

Marin ficou quieta enquanto absorvia tudo. Eu sabia que ela gostava dos animais, mas ela não era tão expressiva quanto costumava ser.

— Vamos, Marnie. Vamos ver os pandas, — disse Kinsley. Ela agarrou a mão de Marin e elas caminharam em direção aos pandas. Eu

empurrei Aaron em seu carrinho e ele constantemente procurou por coisas. Mesmo que ele estivesse ficando cansado, ele ainda estava curioso e bem-humorado. Fizemos uma pausa depois que vimos os pandas gigantes brincar e Kinsley decidiu que ela queria um deles também.

— Querida, parece que você quer um de tudo aqui, — eu disse. — Nós teríamos que ter uma casa maior para acomodar todos eles dentro.

— Não. Não tudo. Nenhuma daquelas tartarugas gigantes. Elas não cheiram tão bem.

Marin riu. Foi tão bom ouvir esse som.

— Coisas curtas, eu não cheirei nada.

— Nem eu.

Kinsley beliscou o nariz e disse:

— Eu fiz. Foi nojento.

— Você deve ter ficado perto de seu cocô fedido, — disse Marin.

— As tartarugas fazem cocô fedorento? — Kinsley perguntou.

— Sim. Todos os animais fazem. Assim como as pessoas.

— Por quê?

Oh, Deus, eu senti falta dessas conversas entre as duas.

— Porque eles apenas fazem. — Marin olhou para mim em busca de ajuda, eu apenas sorri e encolhi os ombros. Ela discretamente me virou para que as crianças não pudessem ver. Eu escondi o enorme sorriso que cobria meu rosto.

— Por que eles fazem?

— Bem, se você comer, você faz cocô fedido, — ela respondeu.

Kinsley franziu a sobrancelha com alguma coisa furiosa.

— Nuh huh. Isso não está certo. É papai?

— Temo que sim. Marin está certa.

— Ick. Eu não vou comer mais.

— Você precisa comer — corrigiu Marin.

O rosto de Kinsley parecia que ela acabara de comer um limão. Foi tão engraçado que eu tirei uma foto rápida dela. Então eu disse:

— Falando nisso, estou morrendo de fome.

— Eu também, — disse Marin.

— Vamos encontrar o almoço. — Eu verifiquei a hora e fiquei chocado ao ver que eram quase três. — Nossa, é quase hora do jantar. Que tal um lanche enorme, com um sorvete, e depois de vermos mais alguns animais, voltamos ao hotel para jantar?

— Yay! Sorvete — gritou Kinsley.

— Eu achei que você não fosse mais comer, — disse Marin.

— Mas eu estou com fome, então eu preciso.

Ela fez cócegas em Kinsley nas costelas.

— Isso foi o que eu pensei.

Encontramos uma sorveteria e todos os sundaes feitos com gelato. E eles estavam deliciosos. Então nós fomos ver os pinguins, elefantes e em nossa última parada estava à exibição de quati. Um dos tratadores do zoológico tinha um na coleira e Aaron ficou louco por ele. Não tenho certeza se foi a longa cauda listrada ou o nariz comprido, mas o garoto adorou aquela coisa. Foi gentil o suficiente para acariciar, então Aaron passou a mão gordinha pelas costas e chutou as pernas em excitação. Eu acho que ele teria levado o bichinho em sua bolsa de fraldas se ele fosse capaz disso.

Enquanto nos afastávamos, ele continuou olhando para trás com os braços pequenos esticados para fora. Marin tirou uma tonelada de fotos dele com ele e eu não podia esperar para ver todos elas. Ambas as crianças adormeceram no caminho de volta para o hotel.

— Talvez devêssemos pedir serviço de quarto hoje à noite, — sugeri. — Com os dois dormindo, eu odeio acordá-los.

— Por mim tudo bem. Não importa. Mas acho que os dois se divertiram muito.

— Eu também. Essa foi uma ótima experiência para eles. — E melhor ainda para mim, observando-os.

Quando chegamos à suíte, sugeri colocá-los na cama.

— Se fizermos isso, eles ficarão acordados a noite toda, — Marin disse enquanto se sentava com Aaron no colo. Eu tinha o carrinho em uma mão e Kinsley na outra. Ela olhou para mim e pulou de volta para seus pés.

— Desculpa. Eu não estava pensando. — Ela agarrou o carrinho e eu deitei Kinsley no sofá.

— O que deveríamos fazer? — Eu verifiquei a hora. — Já são quase seis.

— Eu digo que pedimos o jantar e depois os acordamos para comer. Depois, nós os banhamos e os colocamos na cama.

Eu senti seu olhar nas minhas costas. Não foi difícil notá-la olhando para mim e meu pau saltou para a vida. Talvez eu precisasse pular no chuveiro enquanto esperávamos a comida e eu poderia cuidar dos negócios.

— Bem. Eu vou tomar banho. Você vai pedir o jantar? Eu vou comer qualquer coisa.

Eu corri para fora do quarto com ela olhando para as minhas costas. Eu não queria que ela notasse a maldita protuberância nas minhas calças. Isso era algo que eu não queria enfrentar agora. Eu tive o suficiente acontecendo na minha cabeça.

Capitulo trinta e cinco

Marin

GREY saiu da sala como se eu estivesse contaminada. Eu pensei que nós tivemos um ótimo dia também. Vai mostrar o que eu sabia.

Eu fiz o check-out do menu e pedi uma tonelada de coisas. Pizza para as crianças com alguns spaghetti em cima disso. A pizza aqui parecia diferente do que comemos em casa, então eu pedi mais algumas coisas apenas no caso. Eu pedi saladas e um pouco de schnitzel Weiner. Era supostamente a especialidade do hotel, mas, novamente, era a especialidade da Áustria, então como eu poderia errar com isso? Eu adicionei várias sobremesas, e bebidas. Eles disseram que seria pelo menos quarenta minutos. Isso me daria tempo para um banho também, desde que Grey não demorasse muito.

Eu estava rolando pelas fotos que eu tirei hoje quando ele saiu. Seu cabelo estava bagunçado e úmido de seu banho. Eu tinha expandido uma foto que tirei dele assistindo as crianças e estava olhando para ele. Capturou todos os traços perfeitos de seu rosto - dos intensos olhos cinzentos aos lábios sensuais. Minha ponta do dedo estava traçando esses lábios quando ele entrou na sala.

— Eu estou fora se você quiser tomar seu banho.

— Ayy, — eu levantei e empurrei ao mesmo tempo. Meu telefone saiu voando da minha mão e caiu a seus pés. Eu alcancei, mas minha mão colidiu com a dele. Quando olhei para cima, nossas bocas estavam a apenas alguns centímetros de distância. O oxigênio ficou preso nas minhas vias aéreas e tudo em meu corpo ficou tenso. Tudo que eu queria era agir como se ele não me afetasse, mas isso não era possível. Isso era

como comer uma pimenta habanero e fingir que sua boca não estava queimando como o fogo do inferno.

Ele pegou o telefone e foi entregá-lo para mim, só no último minuto, ele olhou para baixo. Então ele viu o que eu estava olhando. *Ele.* Ele rolou para encontrar mais fotos dele. Oh, as crianças estavam nelas, mas elas não eram o ponto focal. Ele era.

— Posso por favor ter meu telefone? — A humilhação estava além de qualquer coisa que eu já tinha experimentado. Foi pior do que sair da *Newsworthy Magazine* com a caixa de banqueiro. Foi pior do que ver Damien e minha ex-melhor amiga na mercearia juntos depois que eles ficaram noivos. Como minha vida ficou tão fora do caminho?

Ele continuou rolando.

— Grey. Por favor.

Talvez ele tenha visto algo em meus olhos, ou talvez tenha sido o jeito que minha voz tremeu quando eu perguntei, mas ele entregou o telefone e eu corri para o meu quarto. Entrei no banheiro, despi-me e tomei um banho para poder lavar a camada de vergonha que se agarrava a mim e aparentemente não queria me soltar.

A conferência de Grey foi no dia seguinte. Talvez eu checasse minha passagem depois disso. Ficar aqui com ele era pior do que eu imaginava. Meu coração já estava precisando de seus serviços médicos. Se eu ficasse o resto da semana, não haveria nada que valesse a pena consertar depois.

Eu não tinha um computador comigo, e olhar as mensagens no meu celular era uma dor. O hotel tinha um centro de negócios para que eu pudesse fazê-lo lá. No dia seguinte, eu tomaria providências depois que Grey partisse para sua conferência. Ele ficaria amarrado por apenas um dia e meio. Eu poderia sair depois disso.

De manhã, levei as crianças para o café da manhã e depois fui ao centro de negócios para verificar os voos. Eu poderia pegar um diferente em dois dias. Eu mudei minha passagem, o que era fácil desde que nós

tivemos assentos de primeira classe e então nós fizemos planos. O parque era nas proximidades, então começamos lá e as crianças adoraram. No momento em que brincamos em todos os balanços e outras diversões oferecidas, já era hora do almoço, então saímos e encontramos um lugar para comer. Então me lembrei de Paige falando sobre as catacumbas debaixo da Catedral de Santo Estêvão, que ficava perto do nosso hotel.

Nós voltamos para o hotel para deixar o carrinho. Optei por usar o porta-mochila, pois, de acordo com a informação, eu teria que andar por escadas. A igreja foi construída em 1500. O trabalho começou no século XII, mas não foi concluído por trezentos anos. Embaixo, estavam as catacumbas e a cripta Ducal que remonta ao arquiduque Rodolfo IV, cujos restos mortais estavam lá desde 1365.

Entramos na catedral gótica e Kinsley perguntou:

— Marnie, eu não trouxe as roupas da minha igreja. Nós estamos indo para a igreja?

Rindo, eu respondi:

— Não exatamente querida. Estamos fazendo um tour pelo que há debaixo da igreja.

— O que há debaixo da igreja?

— Apenas algumas coisas da antiga Viena.

— OK. Mas haverá coisas para mim e Aaron brincar?

— Não realmente, mas isso não vai demorar muito. Eu prometo.

Nós fomos para onde a excursão começou e sorte para nós, não tivemos que esperar muito. O guia abriu o portão e descemos um lance de escadas. Nós entramos em uma cripta diretamente abaixo da igreja onde ele explicou como tinha sido reformada e o local parecia mais novo agora. Era onde os bispos de Viena foram colocados para descansar. Foi uma coisa boa o guia de turismo ter um forte sotaque e Kinsley não conseguir entendê-lo porque eu acho que isso era um pouco mórbido demais para uma criança pequena, apesar de Paige ter dito que estava tudo bem.

Então nos movemos para as profundezas das catacumbas. Eu fiquei na parte de trás do grupo, caso Aaron chorasse. Eu não queria que ele perturbasse a turnê. Mesmo que ele nunca tenha feito, tomei a precaução extra.

À medida que avançávamos cada vez mais na área cavernosa, ela ficava mais fria, e mais escura.

— Marnie, há monstros nela?

— Não, coisa curta. Não há monstros. — Minha voz era firme, embora este lugar me desse arrepios como nada que eu já tivesse visto.

— Estou com frio, — disse Kinsley.

— Isso é porque estamos bem no subsolo. — Eu me preocupei com o fato de Aaron estar com frio, mas esperançosamente, nós sairíamos rapidamente.

O grupo parou e o guia nos orientou a olhar pelas janelas gradeadas à direita. Kinsley era muito baixa, graças a Deus, mas você ainda podia ver os restos esqueléticos dos corpos lá dentro. Era a coisa mais perturbadora de todas. Minha pele se arrepiou tanto que eu esfreguei meus braços.

Nós caminhamos mais adiante. À nossa esquerda havia outro cômodo maior. Um por um, cada pessoa olharia para dentro.

— Marnie, o que eles estão olhando? — Kinsley perguntou.

— É apenas uma sala vazia.

— Eu quero ver.

O resto do grupo seguiu em frente quando ela me pediu para segurá-la para ver dentro da janela gradeada. Eu não queria e estava dizendo isso a ela. De repente, um estrondo trovejante sacudiu as paredes ao nosso redor, e eu cai de joelhos. Que diabos.

— Marnie?

Então houve outro estrondo. Mas desta vez eu bati em algo e acertei o lado da minha cabeça com tanta força que tudo girou. Então pedras e escombros caíram sobre mim. Inicialmente, eu estava confusa e tonta.

Merda. Kinsley, Aaron. Eu rolei de costas e cobri Aaron com as minhas mãos o máximo que pude. Todas as luzes se apagaram, então era preto como carvão dentro. Era impossível até ver minha mão na frente do meu rosto.

— Kinsley? Onde está voce? — Eu chamei.

— Marnie? Eu estou assustada. Eu não posso ver, — ela chorou.

A explosão, ou seja lá o que fosse, deve ter acabado com a eletricidade.

— Espere um segundo. Deve haver iluminação de emergência aqui embaixo. Provavelmente virá a qualquer momento. — Mas isso não aconteceu. Eu me atrapalhei com o lado do canguru de Aaron para encontrar meu telefone. Então eu tive que descobrir onde estava o maldito botão da lanterna. Quando liguei, encontrei Kinsley. Ela estava mais longe de mim.

— Kinsley, estou aqui. Você está machucada?

Então ela começou a chorar. Porra, oh, porra.

— Espere, coisa curta. Estou chegando. — Eu chequei Aaron e ele estava bem. Minhas pernas estavam arranhadas, mas eu estava bem. Minha cabeça latejava muito e meu ombro também, mas por outro lado eu estava bem. Eu me arrastei por toda a rocha e detritos e cheguei aonde Kinsley estava deitada. Sua testa e perna estavam cortadas e sangravam.

— Voce pode se mexer?

Ela estava chorando tanto, não tenho certeza se ela me ouviu. Eu beijei sua bochecha.

— Kinsley? Querida, você pode me ouvir?

— Marnie? Eu estou assustada.

Eu também.

— Está bem. Estamos bem. Eles vão vir e nos pegar. Eles sabem que estamos aqui.

— Quem sabe? Você ligou para o papai?

Caralho. Ele não tinha ideia de onde estávamos.

— Sim. Ele sabe. E o pessoal da turnê também sabe.

Eu apontei minha lanterna em volta para descobrir que as paredes de ambos os lados de nós tinham desmoronado, fechando todas as saídas e nos impedindo de irmos até os outros. Então eu apontei para a minha esquerda e, oh foda-se, foda-se. Nós estávamos cercados por pilhas de ossos. Eles estavam em toda parte. Por que diabos eu escolhi este lugar para fazer uma turnê... e com as crianças? Eu tinha que me certificar de que Kinsley não visse isso. Oh Deus. Por favor, tire-nos daqui.

— Marnie, ligue para o papai.

— Sim. Vou ligar para o papai.

Mas quando tentei, não havia sinal.

— Você tentou?

— Eu não posso, querida. Não há sinal aqui embaixo. Nós vamos apenas esperar.

— Estou com frio. — Ela ainda estava soluçando. Eu estava perto desse ponto, mas me forcei a permanecer calma.

— Venha aqui. — Tirei Aaron do canguru e sentei-o no meu colo e depois puxei Kinsley para perto de mim. Enquanto nos sentamos lá, amontoados, meu cérebro lutou por ideias de como poderia haver algo que eu pudesse fazer.

— Kinsley, eu preciso da sua ajuda. Você tem que ser uma irmã mais velha agora, ok?

— OK.

— Eu quero que você abrace Aaron e cuide dele. Não deixe ele correr. Você pode fazer isso por mim?

— Não me deixe, Marnie.

Eu coloquei minhas mãos em suas bochechas.

— Ouça, minha garota corajosa e doce. Eu não estou saindo. Eu vou apenas até ali — apontei para onde as pedras estavam bloqueando nossa

saída — para tentar abrir caminho para sairmos daqui. Você pode fazer isso, não pode?

Sua cabeça balançou.

Eu usei meu telefone para me guiar para a pilha de escombros que bloqueavam nossa saída.

— Tem alguém aí? — Eu gritei. — Socorro! Alguém pode me ouvir? — Puxei uma das pedras para ver se conseguia movê-la, mas elas estavam tão bem presas que não se mexiam. — Ajude-me! Estamos presos aqui.

Quando isso não funcionou, tentei a outra extremidade que estava bloqueada, fazendo a mesma coisa. Eu não desisti. Horas se passaram e eu periodicamente ia para cada lado e gritava.

— Marnie, estou com sede.

— Aqui. — Eu entreguei a ambos um pouco de água. Eu estava sempre preparada com as crianças. Nós ficamos aqui por quatro horas. Certamente alguém ajudaria. Eles tinham que saber que estávamos presos agora. A cada vinte ou trinta minutos eu continuava gritando só para ter certeza. Entre esses intervalos de tempo, contei histórias às crianças, inventei as coisas, fiz tudo o que sabia. Aaron dormiu parte do tempo. Ele estava alheio à nossa aflição, graças a Deus. E graças a Deus que eu tinha trazido uma bateria de celular comigo porque quando meu telefone começou a morrer, entrei em pânico até que percebi que o enfiei na embalagem. Teria sido torturante estar presa aqui na escuridão absoluta.

Depois de dez... dez horas excruciantes, alguém finalmente respondeu meus gritos.

— Venham. Por favor, seja paciente. Nós sabemos que vocês estão aí. Estamos limpando os escombros.

— Eu tenho duas crianças pequenas comigo. Você pode ligar para o pai delas?

— Sim, acredito que ele já esteja aqui.

— Você ouviu isso, Kinsley? Eles estão nos tirando.

Ela ainda estava choramingando e eu estava tão preocupada com ela. Não era comum dela agir assim. Aaron, por outro lado, só se preocupou quando não o deixei correr. Era muito perigoso aqui para permitir isso. Então, ele sentava no meu colo e chutava suas pernas.

A dor aguda na minha cabeça persistiu de onde eu bati e meu ombro também doía. Mas minha principal prioridade era levar essas crianças para a segurança. Eles não tinham comido nada desde o almoço e só tinham água para beber. Eu estava fora de tudo e se nós não os tirássemos daqui logo, eu temia que eles ficassem desidratados.

Estávamos todos amontoados no ar gelado, tentando ficar aquecidos, quando um raio de luz atravessou. Então cresceu até que finalmente um homem de capacete apareceu.

— Olá, você está bem? — Ele perguntou com um forte sotaque. — Estou aqui para tirar vocês daqui.

— Obrigada. Sim, estamos bem. Aqui, eu entreguei Aaron para ele.

Ele pegou e perguntou:

— Você pode andar?

— Sim. — Kinsley e eu seguimos, navegando pelos escombros. Quando subimos os destroços para o outro lado, uma equipe de trabalhadores de busca e resgate esperava para nos escoltar para o lado de fora. Quando chegamos lá, estava escuro e Grey estava esperando.

— Graças a Deus vocês estão seguros. — E então seus braços estavam ao redor de todos nós, até de mim.

Minha cabeça rodou e a vertigem esmagadora tornava impossível ficar de pé. Eu agarrei seu braço quando comecei a cair.

As pessoas estavam amontoadas ao meu redor quando eu despertei e estava deitada em uma maca. Eles me levaram para uma ambulância e foram para um hospital próximo. Aconteceu tão rápido que não tive tempo de perguntar sobre as crianças. A equipe do hospital foi muito amável, mas eu não falava a língua deles e estava com medo. As crianças estavam

bem? Eu estava mais preocupada com Kinsley do que com Aaron, mas ninguém parecia saber de nada.

Um médico entrou e disse alguma coisa, mas eu não o entendi. Ele apenas sorriu, deu um tapinha na minha mão e saiu. Logo eles me levaram para outra sala para fazer uma varredura na minha cabeça. Quando me deitei naquela superfície dura, solucei. A pessoa que dirigia a máquina saiu e me instruiu a ficar parada. O inglês dela não era ótimo, mas pelo menos eu a entendia. Eu me acalmei e depois da digitalização, fui devolvida ao meu cubículo com cortinas. Estar sozinha era horrível e eu gostaria que houvesse alguém para sentar comigo. Mas eu sabia que Grey tinha as mãos cheias com as crianças.

Um médico diferente veio dessa vez - um de língua inglesa - e disse que eu sofri uma concussão severa, mas ficaria bem. Eles queriam me manter durante a noite. Eu também havia machucado meu ombro, mas ele disse que não era sério e poderia ser cuidado depois que eu chegasse em casa.

— Sabe o que aconteceu? — Eu perguntei.

— Foi uma explosão de gás — disse ele. — Aconteceu perto da igreja, então a seção das catacumbas em que você estava foi afetada porque é onde as linhas de gás corriam. Eles ainda estão investigando.

— As crianças estão bem? — Eu perguntei, agarrando o braço dele enquanto ele tentava se afastar.

Ele ficou intrigado com a minha pergunta.

— As crianças?

— Sim, eu estava com duas crianças.

— Eu sinto muito. Você veio sozinha. Eles podem tê-los levado para outro lugar. Eles estavam feridos?

— Sim. Uma delas teve alguns cortes e contusões e ficou muito abalada. A outra estava bem.

— Talvez eles determinaram que o hospital não era necessário.

— Talvez. — Então eu perguntei: — Quando eu posso voar?

— Amanhã você já está liberada.

Eu não precisaria atrasar meu voo, então isso era bom. Quanto mais cedo eu pudesse sair daqui, melhor. Esta viagem se transformou em uma catástrofe.

Eles me levaram para um quarto e ainda não havia notícias de Grey. Eu não esperava mesmo porque ele tinha o suficiente em suas mãos sem mim.

Toda vez que eu pensava em Kinsley, tive que forçar os soluços. Meu coração doeu por ela. A pobrezinha estava tão assustada.

Eventualmente, eu adormeci, mas a cada poucas horas, eles me acordavam para checar minha pressão arterial. De manhã, o médico veio me visitar e perguntou como eu estava me sentindo.

— Dolorida e minha cabeça ainda está doendo. Isso é normal?

Enquanto ele olhava na minha ficha, ele disse:

— Provavelmente vai doer por mais um dia. Abstenha-se de qualquer atividade em que você corra o risco de cair. Você não quer bater sua cabeça novamente. Fora isso, você está liberado para ir, mas cuide do seu ombro quando voltar para casa. Eu suspeito que esteja apenas machucado, mas é melhor estar segura.

— Obrigada.

O hospital pediu um táxi para me levar de volta ao hotel, só que eu não tinha bolsa nem nada para pagar. Eu fui para o quarto, mas tive que bater desde que eu não tinha uma chave. Grey abriu a porta e parecia horrível.

— Eu preciso da minha bolsa para pagar o táxi que me trouxe para casa.

— Marin, eu... tem sido uma bagunça aqui com Kinsley.

— Está bem. Eu volto já.

Ele enfiou a mão no bolso, tirou a carteira e me entregou um monte de euros.

— Aqui. Isso deve ser o suficiente.

Voltei e dei ao cara uma gorjeta enorme por ter que esperar.

De volta ao andar de cima, Grey explicou que Kinsley teve que ir ao hospital também, mas eles a levaram para um outro diferente.

— E então eu tive Aaron para enfrentar.

— Como ela está?

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Não tenho certeza. Por que você os levou lá? Ela disse que você a deixou. — Seu tom era agudo, penetrante.

Ele me surpreendeu com sua acusação.

— Deixei-a? Eu não a deixei... nunca a deixaria. Eu estava com eles o tempo todo. E eu fui porque não pensei... foi minha culpa, sim, por não investigar o lugar. Mas nunca esperei que algo assim acontecesse. — Lágrimas se formaram em meus olhos e logo se transformaram em gotas escorrendo pelo meu rosto.

Olhos cinza tempestuosos esfaquearam os meus, me gelando até os ossos. Por que ele pensaria que eu faria qualquer coisa para prejudicar as crianças? Esse pensamento doeu mais do que tudo e só solidificou minha decisão de sair.

— Eu, uh, gostaria de verificá-la se pudesse.

Um breve aceno de sua cabeça foi tudo que consegui.

— Grey. Eu nunca deveria ter ido lá em primeiro lugar. Foi horrível. — Eu estremeci e me virei para que ele não pudesse ver a dor nos meus olhos. Então eu fui para Kinsley.

— Coisas curtas, você está acordada? — Eu sussurrei no caso dela estar dormindo.

— Sim.

— O que está acontecendo? Você está machucada?

— Minha perna dói.

Eu me abaixei para verificá-la.

— Posso beijar para melhorar?

— Sim. — Então eu fiz.

— Como está?

— Bem.

— Só está bem?

— Eu não gostei daquele lugar, Marnie.

Eu tirei o cabelo do rosto dela.

— Adivinha? Nem eu. Nunca mais vamos voltar para lá, ok?

Sua cabeça mergulhou para cima e para baixo.

— Quer vir e assistir alguns filmes?

— OK. Marnie? Você disse que nunca iria embora e partiu. — Ela começou a chorar e envolveu seus pequenos braços em volta do meu pescoço. Eu chorei junto com ela.

— Eu não te deixei, querida. Eu tive que ir ao hospital durante a noite.

Através de seus soluços que cortaram meu coração em mais pedaços do que já estavam, ela implorou:

— Prometa que você não vai me deixar mais.

Eu disse a única coisa em que consegui pensar.

— Me dê um abraço, sua grande bobona. — Eu não poderia lhe fazer essa promessa, porque no outro dia eu estaria quebrando seu coração novamente e não suportaria pensar sobre isso.

Capítulo Trinta e Seis

Greydon

MEU COMPROMISSO DE fazer a palestra foi cumprido de manhã, enquanto Marin e as crianças estavam em algum lugar. Depois do almoço, eu estava sentado em uma das outras palestras e todos ouvimos a explosão. Era perto do hotel, então um dos médicos saiu para perguntar o que havia acontecido. Ele voltou sem muita resposta. Liguei para Marin e nunca recebi uma resposta. Ela não estava respondendo a nenhum dos meus textos, então eu imediatamente soube que algo estava errado. Um pouco mais tarde, saí da conferência e verifiquei com o hotel. Eles tinham acabado de receber notícias sobre a explosão de gás. As autoridades estavam desligando todas as linhas de gás até que pudessem determinar de onde ele vinha. Eu liguei para Marin repetidamente sem sorte. Isso estava realmente me preocupando porque não era comum dela não me deixar saber o seu paradeiro. Então começaram a surgir informações sobre a explosão e como isso afetou as catacumbas sob a igreja. As coisas começaram a soar quando me lembrei do que mamãe havia dito a ela sobre aquela excursão pelas catacumbas. Meu peito instantaneamente parecia estar sendo esmagado e eu não conseguia afastar a dor no fundo da minha garganta. Eu corri para lá, mas eles não me deixaram perto no começo... até que eu expliquei como eu achava que meus filhos estavam lá embaixo.

Eles me permitiram passar através da seção isolada, onde as equipes de resgate haviam sido estabelecidas. Havia cerca de trinta pessoas presas. No início, eles não sabiam o quão sério era. Com o passar do tempo, eles finalmente começaram a se sentir confiantes de que poderiam

retirar todo mundo, mas não estavam compartilhando muito comigo. O idioma era uma barreira para alguns dos trabalhadores, embora eles tentassem ao máximo comunicar o que podiam. Um tradutor chegou e nos manteve atualizados, mas o peso no meu peito continuava ficando mais pesado, fazendo a respiração uma luta.

Se alguma coisa acontecesse com eles... o que eu faria? E Marin, o jeito que eu estava tratando-a. Ácido queimou meu intestino com o pensamento disto. Como eu poderia ter feito isso com ela? Como eu poderia tê-la afastado assim? Eu era um idiota tão monumental. Ela não fez nada além de trazer brilho para minha alma. Ela era completamente altruísta, pensando apenas em fazer o que era melhor para as crianças. Eu engoli e a mordida de dor sobre cada coisa idiota que eu tinha feito, enviou facadas direto no meu coração.

Aproximadamente sete horas após a explosão, eles resgataram o primeiro grupo. Havia cerca de quinze pessoas, mas Marin e as crianças não estavam entre elas. Eu tentei perguntar sobre eles, mas não consegui. O líder da equipe de busca e resgate disse que ele descobriria quem era o guia e eles estabeleceriam quando todos saíram.

Um dos meus colegas veio depois e esperou comigo. Eu nem tenho certeza de como ele descobriu que eu estava lá, mas foi um alívio porque ele falava ambos os idiomas e foi uma grande ajuda. Ele descobriu que os túneis haviam sido bloqueados em várias áreas e eles estavam quebrando um por um. Eles estavam confiantes de que todos sairiam em breve.

Quando chegaram à última seção bloqueada, encontraram Marin e as crianças. No meu primeiro vislumbre deles, a faixa ao redor do meu peito aliviou e meus pulmões se expandiram instantaneamente. Eu podia respirar de novo e por um momento eu estava realmente tonto. Lágrimas brotaram nos meus olhos e eu estava tonto. Sim, tonto. Eu tremi e quando eles os conduziram para mais perto, eu os puxei contra mim. O homem de

capacete me entregou Aaron e nós quatro estávamos lá em um abraço. Isso é, até que Marin desmoronou.

— Ei, alguém ajuda, — eu gritei.

— Papai! O que há de errado com a Marnie? — Kinsley estava chorando histericamente e eu mal conseguia entendê-la. Tudo desmoronou de uma só vez. Minha alegria em tê-los todos aqui foi de curta duração.

Um médico correu e logo apareceu uma maca. Marin acordou, mas Kinsley estava inconsolável, gritando sobre os monstros no lugar escuro. Ela ficou totalmente assustada. Eu tinha Aaron para lidar, que também estava chorando. Então eu notei sangue em Kinsley e um médico estava falando comigo, só que eu não pude ouvi-lo porque Kinsley estava chorando tão alto.

Meu colega tocou meu braço e disse:

— Grey, ela deveria ser verificada. — Então ele falou com o médico. Mas Kinsley não me soltou. Então, eu tive que andar na ambulância com ela e Aaron. Foi um show total de merda.

Eu queria checar Marin, mas não havia tempo. Minha filha precisava de mim. Quando chegamos ao hospital, percebi que verificaria Marin, mas eles a levaram para outro hospital.

Como se viu, Kinsley só teve alguns pequenos hematomas e algumas lacerações. Mas eles estavam preocupados com o TEPT, assim como eu. Eles acabaram dando-lhe um leve sedativo porque ela não parava de gritar. Eu nunca a tinha visto assim e era assustador.

Meu colega estava esperando por nós na sala de espera e nos levou de volta para o hotel.

— Eu não sei bem como te agradecer, — eu disse.

— Não, agradecimentos não são necessários. Só lamento que sua viagem à minha casa tenha sido tão problemática. Posso ajudá-lo a ir até seu quarto?

— Não, está bem. Mas você pode descobrir onde eles levaram Marin? — Eu dei a ele seu nome completo.

— Sim, e vou enviar a você as informações.

— Obrigado.

Quando cheguei na suíte, coloquei Aaron na cama. Kinsley não parava de chorar novamente. Seu sedativo tinha passado, então eu tive que dar a ela outro. Ela estava inconsolável e me assustou. Eu estava exausto e no meu juízo final. Ela finalmente se acalmou na hora em que o sol estava nascendo, então eu subi na cama, não pensando que iria dormir. Eu estava errado.

A batida na porta me acordou. Marin estava do outro lado. Ela parecia terrível - como se tivesse passado pela pior experiência de sua vida. E ela tinha. Mas eu nunca a vi parecer mais bonita na minha vida. Eu queria puxá-la em meus braços e segurá-la para sempre. Só ela teve que correr e pagar o taxista.

Quando ela voltou para o quarto, eu ataquei ela. Tudo o que eu conseguia pensar era como Kinsley disse que o lugar a assustava e que Marin a deixou. Sem pensar, eu a acusei, embora essas fossem as palavras de uma criança exagerada e de um pai que teve mais do que ele podia suportar. Não era nem um pouco justo com ela e eu era um idiota total.

Ela tentou explicar, mas não adiantou. Ela foi ver Kinsley e o momento não estava certo para nós. Nós precisávamos conversar. Havia tantas coisas que eu queria contar a ela... coisas que eu tinha fodido que precisavam ser consertadas. Mas Kinsley precisava de nós dois, então imaginei que esperaria até a hora certa.

Mais uma vez, eu estraguei tudo. Esta parecia ser a história da minha vida. Eu precisava de alguém em minha cabeça constantemente dizendo: *não faça isso, cara.*

Na manhã seguinte, saí silenciosamente da cama para não acordar Kinsley e levei Aaron para a outra sala para trocá-lo. Quando cheguei lá, a

porta de Marin estava aberta. Eu entrei apenas para encontrá-lo vazio. Todas as suas coisas foram embora. Na cama havia uma carta.

GREY,

Sob as circunstâncias, achei melhor sair. Simplificando, não é possível compartilhar essa suíte com você. Quando decidimos fazer esta viagem, pensei que poderia lidar com isso. Eu vejo agora que foi um erro eu vir. Eu sinto muito. E sinto muito pelo que aconteceu nas catacumbas. Realmente não era um lugar para crianças. Eu deveria ter investigado mais. Eu oro para que Kinsley esteja bem. Eu amo ela e Aaron muito, muito mesmo. Por favor, diga a ela que eu a verei quando você voltar para casa.

Marin

O QUE DIABOS eu ia dizer a minha bolinha? Ela estava na pior forma de todos os tempos - ainda pior do que depois da morte de Susannah. Era ridículo para nós ficarmos também. Eu liguei rapidamente para as companhias aéreas para ver que horas eram os voos. Era apenas seis e meia. Havia um voo as nove e meia. Nós poderíamos fazer isso.

Eu corri como um maníaco. Tomei um banho com Aaron. Kinsley não precisava de um. Ela poderia ir para casa sem um. Eu a acordei e enfiei todas as nossas coisas nas malas.

— Se vista, querida. Não podemos poupar nem um minuto. Estamos indo embora e um táxi nos leva em vinte minutos. Você precisa escovar os dentes e lavar o rosto. Rápido, rápido.

Ela estava grogue, mas fez o que eu pedi. O mensageiro chegou quando eu fechava a última mala. Nós tínhamos muita bagagem, mas tudo bem. O pensamento de ir para casa me fez sorrir.

— Onde está Marnie?

— Hum... ela pegou o voo mais cedo porque não havia espaço para todos nós. — Eu odiava mentir, mas eu não tinha em mim para dizer a verdade.

Ela não respondeu e a última coisa que eu precisava era que ela soubesse que Marin nos deixou. Eu ia tirar todos os truques da minha bolsa para recuperá-la.

O mensageiro carregou nossa bagagem no táxi a espera enquanto eu fechei nossa conta e lá fomos nós. Nós passamos pelo aeroporto e Aaron estava no canguru no meu peito, Kinsley estava pendurada em uma mão enquanto eu levava uma bagagem de mão com a outra. Não era exatamente um piquenique viajar com duas crianças sozinho.

Eu não consegui um lugar para Aaron desde que ele tinha menos de dois anos. Para a decolagem, ele estava no meu colo e depois durante o voo eu o coloquei no banco com Kinsley. Eles assistiram filmes juntos até que ele ficou muito inquieto, e então eu o peguei. Ele dormiu um pouco e eu coloquei o assento na posição de cama plana. Ele sempre foi tão bom. Graças a Deus ele não era um voador chorão.

Nós pousamos e passamos pela alfândega, com Kinsley fazendo um monte de perguntas.

— O que é essa máquina? Por que eles te perguntam isso? O que eles estão fazendo ali? — Tentar explicar a imigração para uma criança de sete anos era quase impossível.

— Por que todos nós não podemos apenas ter um grande lugar onde todos nós moramos, papai?

— Boa pergunta, bolinha.

O serviço de carro que eu pedi enquanto esperávamos nossa bagagem chegou e nos levou para casa. Eu nunca fui tão feliz em chegar lá na minha vida. Tudo o que eu tinha que fazer agora era reconstruir o caos do coração de Marin. Mas ei, não era esse o meu trabalho? Essa não era

minha área de especialização? Eu esperava que fosse porque eu não queria nada mais do que tê-la de volta aqui.

— Papai, estou com fome.

Kinsley me afastou do meu planejamento.

— Eu também. Que tal pedir pizza?

— Bom.

Liguei para mamãe e papai para avisá-los que estávamos de volta.

— Oi mãe.

— Grey, onde você está?

— Casa.

— Como assim?

— Sim, mãe. Você está ocupada?

— Não. O que você precisa?

— Você pode vir? Nós acabamos de chegar e minhas mãos estão cheias. Não há comida na casa e preciso pegar uma pizza.

— Eu estou a caminho. Onde está Marin?

— Essa é uma longa história e, por favor, não a traga quando você chegar aqui, — eu murmurei para que as pequenas orelhas na sala não ouvissem.

— Bem. Seu pai e eu estaremos aí em breve.

E eles estavam. Eles entraram e Kinsley correu até eles tagarelando sobre o lugar assustador com os monstros.

— Do que você está falando, querida?

— Gammie, Marnie e nós ficamos presos no lugar assustador e frio.

— Grey?

— Houve uma explosão enquanto eles percorriam as catacumbas e ficaram presos lá por mais de dez horas.

Mamãe caiu na cadeira mais próxima. Ela sentou-se à mesa por alguns minutos para se recompor.

— Mãe, você está bem?

— Sim, filho, eu estou. É minha culpa. Eu sou a única que sugeriu que ela fosse lá. Eu não posso imaginar como era para Marin lá embaixo. Ela deve ter ficado aterrorizada. Esse lugar é... — Ela estremeceu.

— Mãe, — eu disse, meu tom carregando um aviso quando eu lancei minha cabeça na direção de Kinsley.

— Gammie, estávamos com frio e com fome e Marnie teve que ir para o hospital.

— Ela está bem?

Eu respondi.

— Ela teve uma concussão. Mas ela está bem.

Mamãe agarrou meu braço.

— Trish não ligou. Quando ela chegou em casa?

— Ela pegou um voo mais cedo hoje. Tenho certeza de que ela não teve chance.

Mamãe não estava acreditando. Seus olhos se fixaram nos meus e ela leu coisas que apenas uma mãe era capaz de fazer.

— Entendo. É melhor você descobrir isso. — Foi tudo o que ela disse sobre isso. — O que você precisa que eu faça?

— Você pode ficar com as crianças enquanto eu faço compras e compro a pizza?

— Claro. Seu pai e eu adoraríamos.

Eu só saí por uma hora e cheguei em casa com pizza suficiente para todos e também comida para Aaron, que mamãe já havia alimentado. Havia comida de bebê no armário, que ele alegremente engoliu.

Enquanto eu estava fora, mamãe ajudou Kinsley a tomar banho enquanto papai dava banho em Aaron. Suas malas foram desembaladas e as roupas foram arrumadas, e algumas colocadas para serem lavadas. Eles realmente trabalharam rápido.

Depois que comemos, mamãe me puxou para o meu escritório enquanto papai ocupava as crianças.

— O que diabos está acontecendo, Grey?

— O que você quer dizer?

— Não se atreva a bancar o idiota comigo. Quando estávamos aqui antes de você partir, as coisas entre você e Marin estavam tensas. O que causou isso?

— Eu, ok? Eu sou o idiota que arruinou tudo. Mas agora vou consertar isso.

— Ela realmente precisava voltar para casa porque não havia espaço no seu voo? Kinsley disse que ela machucou a cabeça na explosão.

A tensão no meu pescoço estava prestes a causar uma enxaqueca. Tomei uma respiração profunda e dolorida. Eu não precisava da mamãe para aumentar a culpa que já estava me pesando.

— Mãe, a situação não era ideal. — Enfiei a mão no bolso de trás e peguei sua carta, entregando-a para minha mãe.

Mamãe pegou, desdobrou e começou a ler. Suas sobrancelhas baixaram e seus lábios franziram enquanto ela continuava a ler.

— Oh, Grey, o que você fez com a pobre garota?

— Eu estraguei tudo, mãe. É minha culpa. Eu sou o único culpado.

— Como assim?

— Tinha a ver com o kit de DNA.

Os olhos de mamãe se estreitaram.

— Você está de volta para isso?

Eu cerrei minhas mãos.

— Não! Eu terminei com isso e eu disse a ela. Aaron é e sempre será meu filho. Mas ela mentiu e eu fiquei magoado e furioso com isso.

— Mentiu?

— Pedi a ela para enviar o kit e ela nunca o fez. Ou ela disse que sim.

— Ela disse que sim, mas não fez. É isso? — Mamãe perguntou.

— Não exatamente, mas é tudo semântica. Eu confiei nela para fazer isso e ela não fez. Ela assumiu a responsabilidade de agir em meu nome sem me consultar e eu estava zangado com sua decisão. Eu superei isso agora, mas durante o tempo que eu estava deliberando, eu a empurrei para longe. Agora eu tenho que preencher a lacuna que criei. Ela está apaixonada por mim. Ou mais, ao ponto, ela estava apaixonada por mim. Depois daquela explosão e quando eu não sabia se ela ou as crianças estavam bem, percebi o quanto ela significava para mim. Eu também a amo. E agora tenho que consertar as coisas.

— Meu Deus, você é demais. Como você passou por Harvard?

Eu soltei um longo suspiro cheio de frustrações.

— Eu não faço ideia.

— Boa sorte em tê-la de volta. É melhor você descobrir uma maneira de dizer a ela que você não cometerá o mesmo erro novamente.

Eu soltei uma risada autodepreciativa.

— Espero que ela acredite em mim.

— Grey, você pode ser muitas coisas, mas você não é um mentiroso.

— É verdade, mas ela não tem base para acreditar que minhas ações terão mérito.

O olhar penetrante da minha mãe me colocou no chão. Então ela perguntou:

— Quanto você quer essa mulher em sua vida?

— Mais do que qualquer coisa.

— Quanto você está disposto a arriscar para recuperá-la?

— Tudo, menos meus filhos.

— Então, encontre uma maneira de provar isso.

— Como?

— Descubra isso, filho.

Mamãe saiu, deixando-me ali de pé. Eu estava desolado e não sabia o que fazer. Mas eu tinha que inventar algo, e seria melhor ser épico

porque eu precisava de Marin na minha vida tanto quanto eu precisava de comida, água e ar. Cada dia sem ela estava me deixando mais fraco e mais fraco. Estava drenando a felicidade da minha alma. Marin tinha recarregado minhas baterias, só que elas nunca tinham sido totalmente carregadas para começar e agora eu estava experimentando a vida do jeito que tinha sido antes dela e isso era uma droga.

Naquela noite, quando eu estava na cama, mandei uma mensagem para ela para ver se ela tinha chegado em casa bem e para deixá-la saber que eu estava pensando nela.

Você não precisa me responder de volta, mas eu queria que você soubesse que está sempre em minha mente.

Eu não ouvi falar dela e não esperava. Eu chequei para ver se ela precisava de mim para levar as coisas dela. Eu não recebi resposta. Eu dei a ela atualizações diárias sobre o progresso de Kinsley porque, por mais que ela me odiasse, eu sabia que ela ainda amava minha filha. Mas também me ocorreu quão pouco eu sabia sobre ela. Isso preparou o terreno para o meu plano de como recuperá-la. Nas semanas seguintes, decidi enviar seus textos diários, perguntando coisas específicas sobre ela.

Qual é a sua cor favorita?

Se você pudesse ir a qualquer lugar do mundo, onde seria?

Qual sua música favorita?

A praia ou as montanhas?

Nascer ou pôr do sol?

Filme favorito?

Personagem favorito da Disney?

Chocolate ou baunilha?

Beijos Hershey ou Copos de Manteiga de Amendoim?

Pizza ou hambúrgueres?

As perguntas continuaram e continuaram. Eu fui implacável.

Depois de uma semana, ela finalmente quebrou e sua primeira resposta foi: **Você vai parar de me mandar mensagens?**

Não há chance. Eu preciso saber essas coisas. Como a música diz, *eu não vou desistir de nós, mesmo que os céus fiquem ásperos, eu estou te dando todo o meu amor, eu ainda estou olhando para cima.*

Eu não ouvi falar dela por outro dia. Então eu recebi: **Você é a pessoa mais chata que eu já conheci. Me deixe em paz.**

Ignorando-a, continuei as perguntas. Então ela voltou com: **Por que você está fazendo isso?**

Porque eu acredito em nós!

Pare!

Eu não fiz. Eu persisti.

Ela me mandou uma mensagem de volta com: **Por que você precisa saber disso?**

Me encontre para jantar e eu te direi.

Mais alguns dias se passaram e nenhuma resposta.

Então ela mandou uma mensagem: **Não. Ver você vai doer muito. Isso me lembraria de como você tirou meu coração do meu peito e o rasgou em pequenos pedaços. Você deveria consertar corações, não destruí-los.**

Ai Jesus. Oh Deus. Se as palavras tivessem o poder de destruir, as dela acabaram de me mutilar, massacrando completamente meu coração e minha alma. E eu merecia cada uma delas:

Juro por tudo que possuo, tudo que está em mim, nunca mais vou te machucar. Como eu disse... *não vou desistir. Eu tive que aprender o que eu tenho, quem eu não sou e quem eu sou.*

Ela não respondeu, então eu enviei: **Por favor.**

Não, me deixe. Sozinha.

Então eu fiz. Por um tempo. Mas isso não resolveu. O pouco que ela disse sobre eu consertar corações era verdade e eu tinha feito o oposto. Eu não desistiria até que ela encontrasse outra pessoa, ou eu estivesse morto.

Pensei que você poderia gostar disso. Foi mal, mas neste momento eu estava desesperado. Enviei uma foto das crianças.

Boa tentativa.

Então, uma noite, sem meu conhecimento, Kinsley pegou meu telefone. Ela mandou uma mensagem para Marin. Na manhã seguinte, eu vi.

Sinto sua falta. Quando você vem?

Marin deve ter percebido que era Kinsley porque ela bateu de volta com: **Sinto sua falta também** e dois emojis de coração.

Foi quando eu fiz o movimento.

Por favor, me encontre para jantar. Apenas uma vez e depois disso, eu nunca mais vou perguntar de novo.

Eu não ouvi nada por horas. Mas então …

Onde?

Eu dei a ela o nome do melhor restaurante da cidade.

Você pode até mesmo dirigir caso queira sair mais cedo.

Bem. Só se isso vai parar esses textos irritantes.

Não é uma chance. *Temos muito a aprender. Deus sabe que valemos a pena. Eu não vou desistir. Estou aqui para ficar e fazer a diferença que posso fazer.* Eu fiquei preso em um emoji de coração.

Ela concordou em me encontrar na noite seguinte. Era isso. Minha única chance e é melhor eu fazer o certo. Eu me assegurei de estar fora do escritório às seis. A reserva era para as sete e quinze. Cheguei às sete, apenas no caso. Eu pedi a mesa mais privada que eles tinham para que pudéssemos conversar. Eu dei o nome e descrição de Marin para a anfitriã para que ela pudesse acompanhá-la de volta. O cenário era perfeito. Eu pedi uma garrafa de vinho e esperei. Sete quinze vieram e foram. Sete e

meia também. A garçonete parou várias vezes. Quando as sete e quarenta e cinco chegaram, eu sabia que ela não ia aparecer. Eu chequei meu telefone e percebi que ela poderia ter pelo menos me mandado uma mensagem. Eu a machuquei, sim, mas achei que pelo menos ela teria a decência de me dizer que ela não viria.

— Senhor, tem certeza de que não quer pedir alguma coisa?

— Você sabe o quê? Eu vou ter a conta, por favor.

— Sim senhor.

Ela voltou e trouxe a conta. Eu dei a ela meu cartão de crédito e percebi que Marin nunca soube que a amava, que ainda a amo. Eu nunca tive a chance de contar a ela e agora estava parecendo que nunca iria. Mesmo que Marin tivesse desistido de nós, eu nunca faria o mesmo. Ela provavelmente havia seguido em frente, mas isso nunca aconteceria comigo. Ela era minha, agora e para sempre, e eu teria que descobrir uma maneira de fazê-la ver isso.

Capítulo Trinta e Sete

Marin

MEU MALDITO CARRO não iria ligar. De todos os tempos para que isso acontecesse. Porque agora? Parecia ser uma bateria descarregada, ou assim pensou papai. Então, quando fui mandar uma mensagem para Grey, meu telefone estúpido também tinha uma bateria descarregada.

— Ugh!

— O que há de errado? — Mamãe perguntou.

— Meu telefone está morto e eu deveria encontrar Grey às sete e quinze. Ele vai pensar que eu o enganei.

— Use o meu.

Agarrei o telefone da minha mãe, mas depois percebi que não sabia o número dele e que a maldita coisa estava guardada no meu telefone.

— Merda, merda. Eu não sei o número dele. Quem conhece os números de alguém hoje em dia.

— Vamos. Entre no carro. Eu vou te levar, — papai disse.

— Eu ainda vou me atrasar.

— Não se preocupe. Ele vai esperar. Se ele não estiver lá, vou levá-la até a casa dele. E você pode explicar.

— Obrigada, papai.

Eu pulei para fora do carro, mas pedi ao meu pai para esperar, apenas no caso de Grey já ter saído. A anfitriã me acompanhou e vi Grey pagando a conta.

— Eu sinto muito. Não saia. Meu carro não ligava e eu não podia ligar porque meu telefone estava morto. Claramente, não é meu dia. Deixe-me correr para fora e dizer ao meu pai que ele pode ir embora. — A

expressão de Grey era inestimável. Sua boca se abriu e eu casualmente disse: — O quê? Você realmente achou que eu iria te enganar? Por favor. — Eu rolei meus olhos, o tempo todo eu ri para mim mesma.

Eu corri para fora para dizer a papai que ele poderia ir embora, então corri de volta para dentro.

— Woo, estou exausta de tudo isso. Posso tomar um pouco desse vinho? — Eu perguntei. — Ou você bebeu tudo porque eu estou tão atrasada?

Ele finalmente quebrou um sorriso.

— Eu realmente achei que você me enganou.

— Eu sinto muito. Papai acha que minha bateria está morta. A maldita coisa nem faria um som. E bem, foi uma bagunça. E esse carro nunca me decepciona. Eu fui ligar para você no telefone da minha mãe, mas... eu não sabia o seu número.

Eu mal peguei essa última palavra antes que ele pegasse minha mão e me puxasse. Seus lábios estavam nos meus e ele estava me beijando com avidez, como se estivesse me devorando. Toda a minha conversa sobre permanecer forte e não sucumbir aos seus avanços sexuais se ele fizesse algum, saiu voando pela janela. Eu fui embora. Morta. Completamente fodida.

Ele me soltou e eu disse:

— Bem, estou feliz por termos resolvido isso. Então, o que você queria discutir?

O homem gargalhou e eu senti falta daquele som.

— Rosa, hein?

— Culpada. Meu quarto em casa ainda é dessa cor. Adoro. Olha esse cabelo. Você não percebeu isso?

— Eu deveria saber. E nascer do sol. Isso me surpreendeu desde que eu tive que te acordar no seu primeiro dia de trabalho.

Eu girei um pedaço do meu cabelo.

from
ASHES
to
FLAMES

— Uh, isso foi quando eu estava saindo do meu antigo estilo de vida. Eu amo as manhãs.

— Orgulho e Preconceito.

— Eu assisti esse filme, talvez cinquenta vezes.

— Por quê? — Ele perguntou.

— Eu adoro o Sr. Darcy. Ele era tão idiota a princípio, mas depois ele era tão delicado. E ele realmente não era um idiota. Ele era apenas... tímido. E Elizabeth estava clara. Mas tão perfeitamente bonita por dentro e por fora.

— Exatamente como você.

— O que você disse?

— Você é linda por dentro e por fora. Você não é chamativa. Você não é muito inventada. Você é absolutamente perfeita. Assim como Elizabeth Bennett.

— Você viu o filme? — Eu perguntei.

— Nunca, mas eu li o livro.

— E?

— É um clássico. Eu não me importava muito com isso na época, mas eu era uma criança ignorante. Reli quando estava na faculdade de medicina e adorei.

Eu me inclinei para trás e apreciei o brilho em seus olhos.

— Por quê?

— Porque era sobre um homem que as pessoas entendiam completamente errado. Isso acontece muito com a maneira como os médicos são considerados.

— Então, em outras palavras, você não é orgulhoso.

Ele se inclinou mais perto e juntou os dedos.

— De modo nenhum. Eu sou humilhado pelos meus pacientes quando eles estão tão agradecidos pelo que eu posso fazer por eles. Não vou fingir que não sou bom no que faço porque sou muito bom. Eu sou

completo e não tomo nada como garantido quando se trata de meus pacientes. Mas não sou orgulhoso. E eu não uso o casaco branco como um distintivo de honra também.

— Por que não? Não é uma honra?

— De certa forma, sim. Mas do jeito que eu vejo, é meu dever. Tomei o juramento de Hipócrates e, enquanto praticar, cumprirei esse juramento com o melhor de minha capacidade.

Eu o via sob uma nova luz, uma luz reveladora, e era assustador.

— Por que estou aqui, Grey? — Eu pensei em tirar isso do caminho.

— Eu pensei que isso era óbvio.

— Eu preciso ouvir sua versão. Antes de me dizer, você tem que saber que não posso passar por nada como fizemos novamente. Foi excruciante. Eu rastejei para casa duas vezes com meu rabo entre as minhas pernas. Uma terceira vez não é uma opção.

— Não haverá uma terceira vez, Marin. — Seus olhos cinza-prateados se fixaram nos meus e ele começou. — Depois de Susannah, jurei que não haveria outras mulheres na minha vida. Meu coração estava tão frágil que não tinha a capacidade de sentir, muito menos de bater. E para ser honesto, não foi porque nós tivemos algum tipo de amor eterno, porque nós não fizemos. Eu apenas me recusei a colocar eu mesmo ou minha família em algo assim novamente. Mas você entrou pela porta com aquele cabelo, aqueles piercings e tatuagens, eu não sabia o que pensar. Eu não consegui superar o jeito que você falou comigo por igual. Você realmente não dava a mínima. E então Kinsley te chamando de Marnie. Eu observava as duas interagindo enquanto eu estava no trabalho. Susannah nunca foi tão prática com as crianças. Vocês duas riram o tempo todo. Você até me fez rir. Quando eu estava em casa, eu ouvia suas conversas e elas eram francamente hilárias. E a maneira como você lidou com Aaron, e com que rapidez você se relacionou com ele, me fez recuar e examinar meus próprios sentimentos em relação a ele. Eu entrava no quarto dele à

noite e perguntava por que eu tinha que saber tanto sobre sua paternidade... porque isso importava. Mas então um dia, eu vi você em uma luz diferente. Foi provavelmente quando eu apareci no programa da escola de Kinsley. Você tirou sarro do meu chapéu bobo. Mas foi mais. Muito mais. Depois do piquenique no escritório, eu sabia disso. Tentei afastar meus sentimentos, tentei resistir, mas na noite em que cheguei ao hospital, era impossível. Eu disse a mim mesmo que era apenas sexo, só que eu sabia que não era verdade. Até Hudson me deu uma merda sobre isso. Mas quando tudo aconteceu com o kit, o mundo pareceu cair ao meu redor e tudo em que me concentrei foi a traição de Susannah. Eu não consegui entender através do meu crânio grosso que você era diferente. Nós éramos diferentes. Culpe a minha teimosia, minha estupidez. Eu aceito total responsabilidade por isso. — Ele corta a mão no ar como se estivesse com raiva. — Quando você saiu daquelas catacumbas, tudo que eu queria fazer era te abraçar para sempre. Mas foi tão caótico com Kinsley gritando e você desmaiando. Então você foi levada às pressas e fomos para um hospital diferente. Eu estava uma bagunça, Marin, louco de preocupação. Kinsley teve que ser sedada para que ela se acalmasse e eu tinha que lidar com Aaron. Mas eu estava tão fora da minha cabeça sobre vocês duas. Merda. Eu não sabia se estava em cima ou embaixo. Eu não poderia nem ligar para verificar você. Mas meu colega fez e descobriu que você estava bem. Me desculpe, eu estou divagando, mas há tanta coisa que eu precisava te contar, porque eu nunca tive essa chance em Viena. Então eu ataquei você e não tenho absolutamente nenhuma desculpa para isso. Eu deveria estar puxando você em meus braços e a beijando em vez disso. Eu estava louco naquele dia. — Ele soltou um longo bufo. — De qualquer forma, o objetivo disso é que eu te amo, amei você, provavelmente, desde o dia em que você bateu na minha porta. Só que esse idiota obtuso não o reconheceu. Quando você saiu de Viena, não adiantou ficar. Eu arrumei as crianças e saí também.

from
ASHES
to
FLAMES

— Eu não sei o que dizer.

— Você não precisa dizer nada. — Ele riu sem jeito, então disse: — Eu apenas vomitei em você.

— Isso foi muito, não vou mentir.

Ele olhou para longe e depois de volta para mim.

— Posso te pedir uma coisa?

— O quê?

— Não desista de nós ainda? Porque se há uma coisa que aprendi na vida, é que quando você vê algo que quer, você nunca deve desistir. Eu nunca vou desistir de nós, Marin.

Capítulo Trinta e Oito

Greydon

MARIN OUVIU, então havia esperança. Eu estava determinado a não desistir, mesmo que ela me dissesse não.

— Eu juro, se você nos der uma chance, eu farei tudo ao meu alcance para te fazer feliz, — eu disse.

— Grey, não funciona assim. Eu não posso simplesmente aparecer e dizer: Ok, está tudo bem agora.

— Compreendo. Você precisa de tempo. E eu pretendo recuperar sua confiança em mim.

— Não é só isso. Você me esmagou, Grey.

— Eu percebo isso. — Eu soltei um suspiro. — É definitivamente não, então.

— Eu não disse isso também.

Eu quase arranquei meu cabelo em frustração. Eu era um homem perdido, um navio sem mastro, desorientado. Para onde eu vou daqui? Como faço para ganhá-la de volta... encontrar um caminho para o coração dela de novo?

— O que eu posso fazer? Tudo o que tenho é seu, exceto as crianças.

— E se eu quiser mais isso?

Um sorriso brincou nos cantos da minha boca. Ela iria atrás deles antes de qualquer outra coisa.

— Achei que você diria isso.

Ela se abraçou.

— Aqui está a coisa. Eu não me importo com coisas materiais. Eu prefiro morar em uma pequena casa de três quartos do que em uma

mansão palaciana. Eu não me importo com roupas extravagantes ou carros. Meus pais não me criaram assim. Você conhece meu pai, certo? Ele é muito bem-sucedido, mas nós sempre vivemos modestamente. Eu não fui criada com todas essas coisas, então as bolsas ou sapatos de grife não significam nada para mim. Tudo que eu quero é felicidade.

— Feito.

— Grey. — Ela disse meu nome em um tom de aviso. — Eu não quero humor mercurial também.

— Eu juro, Marin, vou te fazer feliz. Eu vou. Pense de novo no que era antes. Coloque-se de volta para lá então. Pode ser assim e eu serei o Grey pelo qual você se apaixonou. Vamos contratar uma babá e você pode voltar ao trabalho, se quiser.

— Eu não quero outra pessoa criando nossos filhos.

— *Nossos* filhos? — Eu não pude evitar o sorriso que se formou na minha boca.

Um rubor rosa brilhante se espalhou do pescoço até as bochechas. Eu sempre amei que ela corasse tão facilmente.

— Eu não estou questionando isso. É o contrário. Estou extasiado que você pensa neles dessa maneira. E sei, sem sombra de dúvida, que eles amam você.

Ela ficou em silêncio.

— Você precisa de tempo. Sem mencionar que precisamos jantar. Eu sinalizei a garçonete e pedi para nós dois.

Quando a garçonete se foi, perguntei:

— Está tudo bem?

— Estou apenas pensando. — Ela estava mexendo no guardanapo.

— Sobre?

— Nós.

— Pode me esclarecer? — Eu perguntei.

— Na verdade, não.

Eu estendi a mão e peguei uma das mãos dela na minha.

— Mamãe vai olhar as crianças para mim para que você possa aproveitar todo o tempo que precisar. — Ela olhou para o colo e não respondeu.

— O que há de errado?

— Eu estava pensando em nós.

— Marin, eu quero pedir para você não basear sua decisão nas crianças. Eu sei que você os ama e eu sei o quanto você se preocupa com eles. Se você e eu não dermos certo, Kinsley ficará bem. Ela pergunta sobre você e eu sei que vocês duas estão trocando mensagens de texto. Mamãe me contou.

Seu sorriso aguado me avisou que era o que ela estava pensando. Eu queria que sua decisão fosse baseada no que era certo e não nas crianças.

— Grey, eu amo seus filhos, mas ao contrário do que você está pensando, quando se trata de nosso relacionamento, estou sendo completamente egoísta em tomar essa decisão. Você provavelmente está ciente de que Kinsley e eu estamos nos vendo. Paige tem sido ótima em ajudar com isso. Ela também tem sido fundamental para eu tirar minhas coisas da sua casa. Mas Kinsley continua perguntando quando estou voltando para casa.

— Sim, ela me pergunta isso todos os dias. Eu fui brutalmente honesto com ela, Marin. Eu disse a ela que estamos trabalhando em coisas adultas e que espero que você volte, mas não tenho certeza se você vai.

A tristeza se agarrava às feições de Marin.

— Ela me contou isso. Eu expliquei da mesma maneira. Ela me diz tudo o que você diz. Às vezes sinto que estou fofocando com um amigo.

— Ela tem aquele ar mais velho sobre ela de vez em quando, e outras vezes ela é minha pequena bolinha de novo.

— E esse doce Aaron ainda está chutando essas pernas. Eu acho que ele vai jogar futebol.

from
ASHES
to
FLAMES

— Talvez sim. Pelo menos ele vai colocar os chutes para um bom uso dessa maneira.

Nós comemos nosso jantar, continuando nossa pequena conversa e então eu a levei para casa. Ela teve que me orientar porque eu nunca tinha ido à casa de seus pais antes, mas quando eu estacionei na calçada eu casualmente disse:

— Não há uma chance que eu possa convencer você a vir para casa comigo, não é?

— Hum, não. Mas o jantar foi bom e obrigada por explicar tudo para mim.

— Marin, eu quis dizer cada palavra.

— Eu sei que você fez. Eu não duvido da sua sinceridade. É só isso — ela apertou a mão dela no coração e continuou, — ainda me lembro de como estava completamente arrasada e não me permitirei sequer sentir um pingo de esperança até saber, sem sombra de dúvida, que isso é real.

Eu olhei para o meu colo porque eu nunca senti vergonha como eu fiz agora. Mas eu tive que me levantar. Marin merecia isso no mínimo.

— Eu entendo, mas... — Eu me virei para ela. — Eu nunca mais vou te tratar assim. E... você nunca encontrará alguém que te ame tanto quanto eu. Esse foi o meu segundo maior erro. Não te contando. Não te dizendo como me senti. Mas isso foi porque eu estava cego. Cego aos meus sentimentos. Eu estava preso no passado. Eu não estou mais preso e não sou esse cara também. Eu sei o que quero e ela está sentada ao meu lado. Ela tem o maior coração e a alma mais linda que eu já encontrei na minha vida. Tudo o que ela tem que fazer é dizer a palavra. Mas uma coisa que você deveria saber... nunca vou desistir de nós, Marin. — Eu peguei a mão dela e beijei seus dedos. — Sempre.

— Qual foi o seu primeiro grande erro? — ela perguntou.

— Você não sabe?

— Eu quero ouvir sua resposta.

from
ASHES
to
FLAMES

— Não confiar em você. Não acreditar em você. Eu deveria saber em meu coração que você nunca faria nada que pudesse abalar minha confiança em você. Se eu não tivesse sido tão idiota, não estaríamos nessa situação agora.

Então saí do carro e caminhei para o outro lado e a ajudei a sair.

— Você está realmente falando sério, não é?

— Você nem sequer começou a ver o quão sério eu sou. — Eu a acompanhei até a porta, beijei sua bochecha e disse boa noite.

No dia seguinte, liguei para uma florista e mandei duas dúzias de rosas brancas para serem entregues em sua casa. Anotei o endereço na noite passada quando a deixei. No cartão eu escrevi:

MARIN,

Você é meu único amor verdadeiro, que possui meu coração e estas rosas são um símbolo disso.

Amor, Grey

ISSO ERA APENAS O COMEÇO. Eu ia mimá-la, mesmo que isso matasse nós dois. Ela não gostava de itens materialistas, mas havia outras maneiras. E eu estava começando agora.

ALGUMAS NOITES depois, quando voltei do trabalho, Kinsley estava correndo pela casa com um pequeno livro de couro na mão.

— O que você tem aí, bolinha?

Ela deu de ombros, dizendo:

— Eu não sei. Estava no quarto da Marnie.

— Você sabe o que eu te disse sobre mexer nas coisas de outras pessoas. — Eu estendi minha mão e ela entregou. A curiosidade tirou o melhor de mim e eu me vi abrindo. Era o diário dela. Folheando as

páginas, fiquei chocado ao ver o número de entradas. Elas começaram logo depois que ela começou a trabalhar aqui. A última entrada foi escrita logo antes de partirmos para Viena. Ela deve ter esquecido de levar com ela.

Não tenho certeza de que encontrarei uma maneira de fazer com que Grey me perdoe. Ele não sabe a verdade sobre o que aconteceu, mas isso realmente importa? Ele pensa tão pouco de mim agora, por que ele iria parar para ouvir? Sua confiança em mim foi destruída por um erro estúpido. Por que não contei a ele que enviei, mas enviei mais tarde? Teria mudado as coisas entre nós? Isso importa ainda? Ele acredita no pior de mim mesmo que eu nunca o traísse em um milhão de anos. Eu nunca poderia fazer isso com alguém que amava, mesmo que não concordasse com o que ele queria. Tenho certeza que esta viagem será um desastre, mas uma promessa é uma promessa e eu sou boa em manter a minha palavra.

Merda. Merda. Merda. Marin enviou o kit de DNA, mas não me contou. Ela nunca mentiu. Ela esqueceu, mas mandou mais tarde. Eu sou o maior filho da puta que existe. Por que ela não disse alguma coisa? Minha mente disparou de volta para aquele dia no meu escritório e me lembrei dela tentando dizer alguma coisa, mas Hudson e eu continuamos interrompendo. Ela provavelmente tentou e desistiu. Porra, se isso não me fez sentir ainda pior do que eu já estava? Caralho. Não é de admirar que ela pensasse que eu era o maior idiota que existia. Eu tinha vivido de acordo com essa descrição uma e outra vez.

Agora era hora de realmente trabalhar. Nas duas semanas seguintes, coloquei várias coisas em movimento. Em nossas mensagens, ela mencionou que sempre amou animais, mas nunca teve a oportunidade de ter um. Nós conversamos sobre pegar um cachorro, mas ela não queria por causa de como ela estava ocupada com as crianças. Em uma de nossas conversas, ela disse que desejava que os abrigos de animais tivessem mais recursos. Então, enviei uma enorme doação para o abrigo de animais local em seu nome.

Ela também falou sobre se envolver com crianças doentes no hospital. Eu enviei uma doação lá em seu nome. Então eu contratei alguém com um cão de terapia para passar um tempo na ala pediátrica. Tudo isso foi feito sob a doação de Marin McLain. Meu irmão ajudou a encontrar o cão perfeito para essa terapia.

Quando Marin recebeu as cartas, ela enlouqueceu... de uma maneira positiva.

Meu telefone tocou no trabalho, mas não consegui atender. Quando finalmente voltei para ela, ela estava mais animada do que eu a ouvi em semanas.

— Isso foi tão incrível. Obrigada por fazer isso.

— Já que você não gosta de bolsas de grife, imaginei que gastaria o dinheiro em outro lugar.

— Boa ideia. Eu acho que quero ter um cão de terapia e fazer isso agora.

— Mesmo? — Isso me surpreendeu.

— Sim. Seria uma maneira de retribuir.

— Hudson poderia ajudar.

— Você acha?

— Ele é o único que me fisgou com esse dono, então tenho certeza que ele poderia.

— Obrigada, Grey.

Então eu arrisquei e perguntei:

— Ei, você quer ir jantar?

— Só se as crianças puderem ir.

— Só se pudermos conversar primeiro.

— Sim, isso é provavelmente uma boa ideia, não é?

— Uh huh.

— OK. Quando e onde?

Decidimos por um café perto de casa às seis da noite seguinte. Eu não contei para as crianças porque eu não queria ter esperanças. Bem, era apenas Kinsley, na verdade. Aaron ainda não sabia de nada.

Eu pedi a mamãe e papai para ficar até mais tarde e eu a encontrei depois do trabalho. Ela estava me esperando quando cheguei lá. Foi realmente cômico.

— Você chegou cedo, — eu disse.

— Sim. Mas eu não queria ter uma chance do meu carro quebrar desta vez. Não tenho a melhor sorte. — Eu me inclinei para abraçá-la e maldição, ela cheirava a céu.

— Deus, eu poderia te comer.

— O quê?

— Você cheira muito bem. — Então eu ri. — Essa não foi a coisa mais apropriada para dizer, foi?

— Não. Isso me chocou. Mas sinto falta das nossas brincadeiras sexuais.

— Eu posso corrigir isso. — Eu pisquei para ela.

— Eu estou esperando que você possa.

— Isso significa o que eu acho que significa?

— Você acha que podemos tentar?

Eu peguei a mão dela entre as minhas.

— Marin, eu não quero tentar. Eu quero casar com você.

Seu queixo caiu, seus olhos se arregalaram e ela disse:

— Você o quê?

— Eu quero casar com você. Eu quero passar minha vida com você. Eu quero que você esteja ao meu lado, para caminhar comigo através dos momentos bons e ruins, para me manter aquecido à noite, para compartilhar minha cama, e eu quero que você seja a mãe dos meus filhos.

Capítulo Trinta e Nove

Marin

MINHA MÃO COBRIA MINHA BOCA, principalmente para não chorar e me fazer de boba, mas também porque ele me chocou totalmente. Quando ele disse que me queria, eu assumi que estava de volta em sua vida, mas não como sua esposa.

— Marin, eu nunca quis ninguém do jeito que eu quero você. *Nunca*.

Ele enfatizou o nunca, então eu sabia o que ele estava dizendo. Eu não conseguia respirar.

— Eu te amo. Se você quiser, posso jogar *eu te amo mais do que...* — Era o jogo que ele jogou com Kinsley. Eu queria rir. Eu realmente fiz, mas eu ainda estava tentando respirar.

— Jesus, você está bem? Você está me assustando.

Então ele entrou em ação, levantou-se, aproximou-se e me beijou. Foi quando eu agarrei sua camisa, puxei-o para mais perto e, em seguida, me libertei. Eu respirei e disse:

— Eu também te amo. — Então eu o beijei novamente. — Você realmente quer se casar comigo?

— Claro que eu faço. Isso não é algo que eu já tenha brincado. — Ele me beijou de novo.

— Ok, mas podemos ir devagar. Como talvez conhecer melhor um ao outro?

— Absolutamente não.

Meu queixo caiu.

— O quê?

— Eu não vou arriscar perder você de novo. Estamos fugindo.

— Você está falando sério?

— Esta é a cara de um homem brincando? — Ele perguntou quando se sentou novamente.

Ele não estava brincando.

— Não.

— Marin, estamos apaixonados e, enquanto eu viver, nunca amarei outra mulher do jeito que amo você. Eu também posso prometer que você nunca encontrará alguém que vai te amar mais do que eu. Já nos confundimos com a porcaria, por que precisamos esperar?

— Eu acho que estou preocupada que você decida que não me quer ou algo assim.

Ele se inclinou sobre a pequena mesa e pegou meu queixo entre o polegar e o dedo indicador.

— Isso nunca acontecerá.

— Como você sabe?

— Porque eu senti sua falta nas últimas semanas mais do que eu imaginava ser possível. A vida é completamente e totalmente miserável sem você. E me masturbar no chuveiro é um substituto lamentável para você.

— Grey! — Eu levantei minha cabeça para me certificar de que ninguém o ouviu.

— É verdade. Sexo com você é incrível. Você pode negar isso?

— Eu não posso dizer. Eu nunca fiz sexo comigo antes. — Eu não consegui impedir que um sorriso se formasse.

— Só por isso, eu vou fazer você pagar.

— Como é isso? — Eu perguntei.

— Você verá.

— Oooh. Estou intrigada.

Ele sorriu.

from
ASHES
to
FLAMES

— Apenas espere e verá. Mas espere, você já está falando sobre sexo, portanto, você concorda que é incrível, certo?

— Oh, é incrível. Eu não posso negar isso.

— Então o que mais?

— Se você tiver algum problema de confiança antes de ficar louco, fale comigo.

— Feito.

— E nós somos uma equipe.

— Absolutamente, — ele concordou.

— E quanto a mais crianças? — Eu perguntei.

— Farei o que você quiser. Eu teria uma dúzia se você estivesse de acordo com isso, mas de alguma forma eu não acho que seja algo que você esteja interessada.

— Não, não doze, mas eu gostaria de mais dois. — Depois de estar com Kinsley e Aaron, eu decidi que ter filhos era muito mais divertido do que eu imaginava.

— Feito. Algo mais?

— E eu gostaria de trabalhar.

— Você pode fazer o que quiser. Se você quiser ficar em casa, tudo bem. Se você quer trabalhar, tudo bem. Se você quiser ter um cão de terapia, tudo bem. Tudo que eu quero é a sua felicidade.

Um brilho quente se enraizou na boca do meu estômago e começou a crescer, expandindo para o meu peito. Meus lábios se esticaram em um sorriso enorme.

— Você realmente está falando sério? — Eu tive que perguntar.

— Nunca fui mais sério. Vou te dar o que você quiser, Marin. Você já tem meu coração. A coisa materialista não é nada quando você não tem amor.

Eu pulei da cadeira e quase o derrubei. Ele estava ficando de pé, mas eu não estava facilitando muito para ele. Então meus pés estavam

fora do chão, envolvendo em torno de sua cintura, quando ele me girou em círculos, com as mãos nos meus quadris.

— Sim, eu disse.

— Sim, para o quê?

— Para fugir.

Ele me pôs no chão.

— Quando?

— Quando seus pais podem cuidar das crianças e quando você pode tirar uma folga?

— Boas perguntas. Vamos resolver os problemas e depois planejaremos. Mas há algo que preciso fazer primeiro.

— O que é?

— Você verá. Vamos para casa.

Eu agarrei o braço dele.

— O que vamos dizer a Kinsley?

— Nada ainda. Mas você está voltando para morar lá em casa?

— Sim. Eu ainda tenho algumas coisas lá de qualquer maneira. Eu só preciso embalar o que está em meus pais.

— Vamos resolver isso agora. Não estou com vontade de esperar.

— Você está realmente impaciente, você sabe.

— Fo o que eu disse.

Nós fomos para os meus pais e enquanto estávamos lá, papai e Grey desapareceram enquanto eu fui para o meu quarto fazer as malas de verdade. Mamãe veio ajudar e eu contei o que estava acontecendo.

— Marin, você tem certeza sobre tudo?

— Sim, mãe, eu tenho.

— Eu sabia que vocês dois resolveriam as coisas. Eu estou tão feliz por você.

Eu não contei tudo a ela. Decidi esperar até que as crianças soubessem. Isso era o mais certo.

Grey pegou minha bolsa e saímos. Quando chegamos em sua casa, sua mãe estava com um sorriso gigantesco.

— Trish ligou, então eu já sei. Graças a Deus, vocês dois finalmente vieram a seus sentidos. — Kinsley estava no outro quarto, então ela falou livremente. Eu apenas encolhi os ombros.

Estou feliz por estar de volta. Eu sentia muita falta das crianças. De repente, um turbilhão de movimento bateu em minhas pernas.

— Marnie! Senti sua falta!

— Eu também senti sua falta, coisas curtas.

Nós nos abraçamos por um bom tempo e, em seguida, todos decidiram sair para espaguete e almôndegas.

— Aaron pode pegar lasanha. É mole para ele, — disse Kinsley.

— Sim, é, — eu concordei.

Aaron estava com uma sólida bagunça vermelha antes do jantar acabar, mas ele não se importava. Ele nunca se importou quando ele estava uma bagunça. Fiquei feliz que eles inventaram lenços umedecidos. Eu usei meio recipiente.

— Paige, o que você fazia quando seus filhos eram pequenos?

— Eu não alimentei com lasanha, — ela riu. — Mas eu passei por muitos babadores e toalhas sujas. E fraldas. Nós tínhamos descartáveis, mas eles não eram tão bons quanto os que existem agora. Bem, quando Hudson e Pearson nasceram eles eram, mas não Grey. Usamos roupas de pano para ele.

— Ugh. Como você conseguiu? Deve ter sido muito trabalho.

— Oh, foi. Mas eu não sabia de nada, — ela disse. — Ele costumava usar calças de borracha sobre a fralda.

Kinsley pensou que era tão engraçado que ela não parava de rir. Então todos nós rimos também porque a ideia era tão ridícula.

— Papai usava calça de borracha. — Suas risadas eram contagiosas.

— Aposto que foi uma visão, — disse Grey.

Depois do jantar, Grey sugeriu que todos nós pegássemos sorvete, mas Aaron estava dormindo em seu carrinho, então Paige e Rick foram e pegaram alguns para nós e trouxeram para a casa enquanto eu colocava Aaron na cama. Eu estava acariciando seu pescoço, inalando seu doce perfume quando Grey entrou.

— Você quer dois, hein?

— Sim. Esse garoto é tão precioso. Eu nunca pensei em ter nenhum até ele. Ele derrete meu coração toda vez que olho para ele. E então eu olho para Kinsley e vejo o quanto eles são divertidos nessa idade e eu sei que os quero.

— Eu ficarei feliz em fornecer-lhe os meios.

— Eu ficarei feliz em deixar você me dar isso.

Ele me beijou e o desejo cresceu entre nós.

— Grey, nós não podemos. Kinsley está lá embaixo com seus pais.

— Certo. Vamos lá.

Quando voltamos para baixo, Grey olhou para mim e disse:

— Acho que devemos contar a Kinsley.

— Esta noite?

— Não adianta esperar.

— E nossos pais?

— Kinsley deveria saber primeiro. Ela é a mais importante, além de nós dois.

Por alguma razão, eu estava de repente nervosa. E se ela não me quisesse como sua madrasta. E se ela fizesse uma birra?

— O que foi?

— E se ela se ressentir comigo?

— Você honestamente não pensa isso, não é?

— Eu não sei o que pensar.

Ele pegou minha mão e disse:

— Venha comigo.

Ela estava assistindo TV e Grey disse:

— Ei, bolinha, Marin e eu temos algo que precisamos falar com você. — Ele desligou a TV e ela olhou para nós com expectativa. — Você sabe como eu beijo Marin às vezes?

Kinsley começou a beijar o ar e a rir.

— Assim?

— Sim, assim. Bem, nós nos amamos muito e queremos nos casar.

— O que isso significa?

— Isso significa que Marin será minha esposa e eu serei seu marido.

Ela franziu a boca.

— É como uma mamãe?

— Não exatamente. Sua mãe está com os anjos e sempre estará com os anjos. Mas Marin será minha esposa agora. Ela vai ser o que chamam de madrasta, mas você ainda pode chamá-la de Marnie, se quiser.

— Posso chamá-la de mamãe Marnie?

— Você pode. É assim que você quer chamá-la?

Kinsley olhou para mim e riu.

— Sim. Eu gosto disso. Mamãe Marnie. — Então ela franziu a testa novamente.

— O que foi, querida? — Grey perguntou.

— Mamãe vai ficar com raiva de mim porque eu estou chamando Marnie, de mamãe Marnie?

Grey pegou-a e sentou-se no sofá com ela em seu colo.

— Mamãe nunca ficaria brava com você por isso. Lembre-se, a mamãe é um anjo agora e anjos só querem o que é melhor para você.

— Mesmo? — Ela estava olhando para mim quando perguntou isso.

Eu respondi:

— Seu pai está certo. Anjos cuidam de você e sua mãe nunca ficaria brava com você por isso.

— Então eu vou te chamar de mamãe Marnie por enquanto.

— Isso é um acordo. — E eu falei com ela.

Quando Paige e Rick entraram pela porta dos fundos, Kinsley correu até eles e gritou:

— Eu vou ter uma mamãe Marnie. Eu vou ter uma mamãe Marnie. — Então ela correu em volta em um círculo.

— O que na Terra? — Paige perguntou.

— O que ela está dizendo é que vamos nos casar, — disse Grey.

— Oh meu Deus! — Paige colocou a sacola de sorvete no balcão e correu até mim para me abraçar. — Graças a Deus! Eu orei tanto por isso.

— Você soa como se nunca orasse, mãe.

— Você sabe o que eu quero dizer, filho. Quando é o casamento?

— Ainda não decidimos, mas meus pais ainda não sabem.

— Hum, eu perguntei ao seu pai quando estávamos lá mais cedo hoje à noite.

— Você fez? — Eu disse chocada. Eu não achei que ele faria isso.

— Claro que sim. Eu não queria que nossas mães me perseguissem e me matassem depois.

Isso tirou uma boa risada de Paige.

— O que meu pai disse? — Eu perguntei.

— Eu não vou repetir isso, — disse Grey. — Mas, mãe, estamos fugindo.

— Grey, você não pode fazer isso com Marin. Ela nunca teve um casamento nem sua mãe. Toda garota merece um casamento. Trish ficará arrasada se você fugir.

Eu não tinha pensado nisso. Um olhar para Grey e eu poderia dizer que a decisão era minha.

— Vamos falar sobre isso mais tarde, — eu disse.

E nós fizemos. Depois do sexo mais gostoso que tive em semanas e depois de gozar várias vezes.

— Minha mãe estava certa. Você merece seu dia especial. Eu não vou tirar isso de você. No meu coração, você já é minha, então deixarei isso para você.

— Posso falar com minha mãe? Eu só não quero que haja arrependimentos.

Paige estava certa depois de tudo. Uma fuga mataria a mamãe.

— Oh, querida. Minha única filha fugindo? Pelo menos considere um casamento de destino.

— Ok, mãe. Deixe-me falar com o Grey. Ou melhor ainda, por que vocês não vêm todos e vamos conversar sobre isso? Então eu não sinto que estou indo e voltando.

Então, no fim de semana seguinte, meus pais, os pais dele e nós dois conversamos. Todos concordaram em um pequeno casamento. Mas isso se transformou em uma lista de convidados de mais de quatrocentas pessoas. No final, decidimos por um casamento de destino.

Nosso destino era Paris, a cidade do amor. Nós deveríamos nos casar no hotel Le Bristol com uma recepção a seguir. O hotel fica no coração de Paris, a poucos passos dos Champs-Elysées e do Louvre. Aconteceria no início de outubro, daqui a seis semanas, o que significava que eu estava atrasada para conseguir um vestido. Kinsley era minha única dama de honra, e ela jogaria pétalas de rosas brancas enquanto eu caminhava pelo corredor curto.

As mães estavam planejando tudo para o casamento e a recepção, deixando Grey e eu para cuidar das licenças de casamento. Nós tínhamos nossos passaportes e tudo que era necessário para viajar, desde que tínhamos feito nossa viagem para Viena. Depois do fim de semana do casamento, nossos pais estavam levando as crianças para a Disneyland de Paris e Grey e eu passaríamos a lua de mel por toda a França por duas semanas de luxo.

Mamãe e eu estávamos saindo da loja depois da última prova do meu vestido, o que eu estava feliz em dizer que foi um sucesso estrondoso. Saí pela porta e esbarrei em Damien e Dawn. Desnecessário dizer que todos nós ficamos igualmente atordoados.

— Bem, olá Marin. Você ainda é babá? — Dawn perguntou, maliciosamente.

Mamãe, sem esperar pela minha resposta, pulou para responder.

— Não, ela não é. Ela estava apenas experimentando seu vestido de casamento. Todos nós estamos indo para Paris na próxima semana para o grande evento. Marin não vai mais trabalhar muito, Dawn. E você? Onde você está trabalhando ultimamente? — Mamãe, que não era de jeito nenhum esnobe, olhou de um jeito esnobe para Dawn e eu tive que segurar uma risada.

— Paris? Como na França? — Dawn perguntou.

— Sim, a menos que tenha sido transferida para a Itália, — respondeu mamãe. Eu ri. — Marin está se casando com um cardiologista.

Os globos oculares do Dawn quase saltaram.

— Parabéns. — Ela não quis dizer isso.

— Parabéns. Estou feliz por você, — disse Damien.

— Obrigada. Vamos, mãe. Temos muitas coisas que precisamos fazer antes de sairmos.

— Isso mesmo, querida. Você tem que pegar seu enxoval.

Meu enxoval. Oh meu Deus, ela realmente exagerou com isso.

— É bom ver vocês dois. — Eu mexi meus dedos quando saímos.

Quando nos afastamos, eu disse:

— Mãe. Meu enxoval? Que diabos. Quem ainda diz isso?

— Eu sei. Eu não pude evitar. Aqueles idiotas mereciam isso. Eu tive que esfregar isso. — Eu só consegui balançar a cabeça.

A semana chegou, nossas malas estavam prontas, e todos nós oito embarcamos no voo para a Europa. Desta vez, Grey e eu demos as mãos,

como fazíamos, Aaron nas costas de Grey, Kinsley segurando a mão de Paige. Pegamos um pedaço da cabine da classe executiva e os comissários de bordo ficaram entusiasmados ao saber que estávamos viajando para Paris para nos casarmos.

— Ela vai ser minha mamãe Marnie, — anunciou Kinsley.

— Ela vai? — Um deles perguntou.

Eu tive que explicar a coisa do nome. Eles trouxeram presentes especiais para as crianças - livros de colorir, e desde que Aaron era muito pequeno, eles lhe deram um bicho de pelúcia. Kinsley também queria e eles estavam felizes em entregar um.

— Você percebe que só nos conhecemos há um ano? — Eu perguntei a Grey.

— Eu sei. Mas quando você sabe, você sabe. Eu não tenho dezoito ou vinte. Eu sei o que quero na vida e é você.

— Eu não tenho nem trinta anos. Diga-me que não deveria estar com medo.

Ele segurou meu rosto e me beijou.

— Nunca tenha medo. Eu tenho seu coração em minhas mãos e sou o melhor quando se trata de corações.

— Papai está beijando mamãe Marnie, — anunciou Kinsley.

— Ela está nos espionando, — eu disse.

Grey estava franzindo a testa.

— O que foi? — Eu perguntei.

— Você tem dúvidas sobre nós?

— Eu te amo. Então a resposta é não. Eu só estou insegura sobre a quantidade mínima de tempo que passamos juntos, — eu disse.

— Eu não estou. Em absoluto.

— Eu continuo pensando sobre o meu último relacionamento.

Grey pegou minha mão.

— E você me disse que nunca foi bom como o que temos. Pare de duvidar de si mesma.

— Estou muito insegura, não estou?

— Sim, e não consigo entender. Você tem tudo ao seu alcance. E eu vou te dar o mundo. Só começou, Marin. Apenas me prometa que não precisamos ter essa conversa novamente e que eu vou te ver andando pelo corredor em cinco dias.

— Eu prometo.

E eu mantive essa promessa. Quando o dia do nosso casamento amanheceu, toda a minha hesitação desapareceu, e foi como se eu tivesse respirado ar fresco em meus pulmões. Minha cabeça havia clareado e, estranhamente, senti como se minha vida começasse naquele dia. Marin McLain havia renascido.

from
ASHES
to
FLAMES

Capítulo Quarenta

Greydon

O CASAMENTO ESTAVA acontecendo em um dos salões de festas opulentos cujas janelas DAVAM para a Torre Eiffel. Foi grandioso. O hotel tinha organizado um caramanchão que ficaríamos embaixo e estava adornado com uma infinidade de flores que combinavam com as do buquê de Marin. Nós optamos por não nos ver antes do casamento. Eu queria que meu primeiro olhar fosse quando ela andasse pelo corredor no braço de seu pai.

Quando ela fez, eu tive o fator *wow*. Seu vestido era simples, saindo dos ombros, expondo sua carne cremosa, descendo até um profundo decote em V mostrando boa parte de seu decote sexy. Quando ela chegou perto o suficiente, seus brilhantes olhos azuis iluminaram a sala e meu próprio olhar regado com lágrimas não derramadas. Ela estava radiante e deslumbrante. Em volta do pescoço dela havia um simples colar de pérolas que eu lhe dei no começo da semana, e ela usava brincos de diamantes. Seu anel de noivado brilhava; era a única coisa em que eu insistira. Ela recusou, é claro, mas depois de horas nos joalheiros, finalmente decidimos por um solitário de dois quilates. Hoje ela estaria recebendo duas bandas eternas para usar em ambos os lados. Uma era para o nosso amor eterno e a outra era para o amor eterno de nossos filhos e nossos futuros filhos. Ela não sabia sobre isso e eu daria a ela mais tarde hoje à noite.

Nossos votos eram tradicionais porque decidimos seguir junto com *a sexy versão francesa,* como alegou Marin. Eu ri dela.

— Mas eles estarão em inglês, — eu disse.

— Não importa. O que quer que eles digam é sexy com aquele sotaque francês. Eu prefiro ouvi-los falar do que eu.

Eu daria a ela qualquer coisa que ela quisesse, então eu concordei.

O engraçado era que seus olhos estavam vidrados enquanto ela olhava para mim e eu não tenho certeza se ela ouviu o ministro em seu sexy sotaque francês, afinal.

Quando ele disse que eu poderia beijar a noiva, tive muito prazer nisso. Pessoas limparam suas gargantas, incluindo ele. Então ele disse:

— E eu pensei que nós franceses eram amorosos. — Voltando-se para nossos convidados, ele anunciou: — Eu gostaria de apresentar a vocês o Sr. e a Sra. Greydon West.

A sala explodiu em aplausos. Tendo um casamento de destino, não esperávamos ter muitos convidados. Nós estávamos errados. Mais de setenta e cinco pessoas aceitaram. Ficamos emocionados que eles queriam se juntar a nós em Paris para comemorar.

Josh e Ashley foram alguns dos primeiros a nos parabenizar depois.

— Marin, seu vestido está fora deste mundo, — disse Ashley, abraçando minha esposa.

— Obrigada.

— E que lugar. Esse hotel. — As mulheres conversaram enquanto Josh me parabenizou. Meus irmãos também estavam lá me abraçando.

— Cara, você finalmente fez isso, — disse Pearson.

— Do que você está falando? Você é o solteiro perene, — eu disse. — Quem nunca será casado.

— Há uma razão para isso. Eu sou um advogado. Eu vejo o que acontece no tribunal de divórcio.

— Você só tem que escolher o caminho certo, — eu disse.

— Estou orgulhoso de você, mano, — disse Hudson.

— Hey, há esperança para você. Veja como cheguei aos meus sentidos. — Hudson recuou, com as mãos levantadas. — Eu gosto de ser solteiro, por enquanto.

— Você merece o melhor, cara, depois de tudo que você passou. — Pearson e eu nos abraçamos novamente.

— Obrigado, Pearson. E quando você, pelo menos, vai se contentar em ficar com a mesma garota mais de uma vez?

Pearson usava uma expressão envergonhada.

— Quem sabe? — Ele era o mulherengo da família.

— Ei, eu posso ter encontrado para Marin um filhote de terapia, — disse Hudson.

— Sim? Onde? — Eu respondi.

— Há alguns filhotes no criador local perto do meu escritório, mas há um que mostra muita promessa.

— Obrigado, cara. Mantenha-me atualizado sobre isso.

A banda iniciou a música do casamento e Marin e eu nos juntamos para a nossa dança. Nós escolhemos — I Won't Give Up, — de Jason Mraz. Afinal, eu tinha mandado uma mensagem para ela e a aborreci com isso, mas ela confessou que foi o que a levou para o meu lado depois de tudo. No final, eu beijei seus lábios cheios de mel. Então seu pai tomou sua vez. Eles escolheram — Forever Young, — de Rod Stewart. Enquanto dançavam, meus olhos procuraram Kinsley e eu sabia que não demoraria muito para que eu estivesse fazendo o mesmo com ela. Um sorriso cresceu no meu rosto enquanto meu coração se aquecia com esses pensamentos.

Marin estava de volta ao meu lado e, em seguida, Kinsley correu até nós, porque tínhamos planejado um grupo de dança. Era a música de Justin Timberlake, — Can't Stop the Feeling. — Ela amava o filme *Trolls, de* modo que foi um acéfalo. Quando começou a tocar, tiramos os óculos de sol que eu escondi nos bolsos e começamos a dançar.

— Mamãe Marnie, você tem que manter seus braços duros, assim.

from
ASHES
to
FLAMES

Oh, garoto, o ditador da dança dos passos estava de volta. Marin seguiu em frente, mas depois eu agarrei as mãos de todos para nos salvar, porque de jeito nenhum eu estava indo para a dança irlandesa. Nós circulamos ao redor e fizemos todos os tipos de movimentos loucos. Isso a distraiu o suficiente para que ela não se importasse mais.

O hotel providenciou uma babá. Exigimos um número substancial de referências e fizemos uma verificação completa antes de concordarmos. O hotel garantiu-nos que eles também fizeram controles de segurança sobre os assistentes que contrataram, por isso nos sentimos seguros. Eu comprei uma câmera portátil para deixar no quarto, apenas no caso. De vez em quando eu checava para ver como Aaron estava indo. Ele parecia estar se divertindo com ela, então eu estava bem com isso.

À medida que a noite avançava, levei minha esposa ao bolo, onde fizemos o corte necessário. E então eu sussurrei para ela como eu queria sair da festa.

— Nós podemos? — ela perguntou.

— Sra. West, é o nosso casamento. Nós podemos fazer qualquer coisa.

— Sra. West, huh. Eu gosto do som disso.

— Bom, porque é o seu nome agora. — E eu rapidamente a beijei.

Ela riu, dizendo:

— Temos que fazer um anúncio.

— Então vamos.

Nós puxamos o diretor do casamento de lado. Como não estávamos deixando o hotel, Marin optou por não mudar para outra roupa.

O anúncio sobre estarmos saindo foi feito e todos se reuniram em volta, nos mandando embora. Kinsley queria ir para a cama conosco, o que nos fez rir.

— Mamãe Marnie, eu posso dormir com você e papai hoje à noite.

Marin olhou para mim como resposta.

— Não está noite, bolinha. Você vai ficar com Gammie e Bebop, lembra?

— Oh sim. Boa noite. — Ela nos beijou, depois saiu correndo. Ela ia estar exausta e irritada amanhã desde que ficou acordada até tão tarde hoje à noite.

Quando chegamos ao quarto, mal podia esperar para tirar Marin do vestido. A dúzia de botões nas costas demorou mais do que eu queria e seu corpo tremeu quando tentei desfazê-los.

— Segure firme. Você está tornando isso mais difícil.

— Esse é o meu objetivo.

— Hã?

— Tornar mais difícil.

Eu a girei e a beijei.

— Você quer que eu rasgue este vestido em pedaços?

Ela mordeu os lábios para não rir.

— Não. Mas você é tão engraçado, Grey, quando tenta fazer coisas que acha difíceis.

— Estou tentando te deixar nua.

Sua mão alcançou atrás dela e tentou agarrar minha virilha.

— O que você está fazendo?

— Estou brincando com você, — disse ela.

— Você é incorrigível.

— Eu sei.

Eu finalmente consegui o último botão temido desfeito e deslizei o vestido maldito de seus ombros... e oh meu... me foda. Ela estava vestindo um bustiê cor creme com uma tanga combinando que tinha fitas delicadas no lado.

— Você está tentando me matar, Marin?

— Não, mas me diga. Valeu a pena esperar?

from
ASHES
to
FLAMES

— Cada botão do caralho. — Eu olhei para ela pelo que parecia ser dias. — Você é o sonho de todo homem. — Meu dedo traçou os globos superiores de seus seios cremosos e depois mergulhou no vale entre eles. — Deus, eu acho que nunca vi nada tão bonito. — Eu beijei seu pescoço então, respirando seu perfume. — Eu quero olhar para você a noite toda.

Suas mãos me alcançaram, retirando minha gravata, depois desfazendo os botões da minha camisa, um a um. Mãos suaves deslizaram sob o tecido e seu calor me aqueceu até o osso. Quando a mão dela pousou no meu peito sobre o meu coração, eu tinha certeza que ela o sentiu batendo e o fluxo do meu sangue nas minhas veias. Mesmo que tivéssemos tido sexo muitas vezes antes, senti que era a nossa primeira vez.

Meus braços a rodearam e eu desfiz o bustiê e observei sua lenta queda no chão. Ela ficou de pé na calcinha sexy, que eu pretendia remover com os dentes.

Baixando minha cabeça, eu peguei um mamilo em minha boca e chupei até ouvi-la ofegar de prazer. Eu deslizei minha língua através de seu pico duro como pedra até que seus dedos afundaram em meus braços. Repetindo essa ação no outro mamilo, meus dedos procuraram o lugar entre suas coxas que eu sabia que ela queria que eu tocasse. Deslizando sua calcinha para o lado, mergulhei meus dedos dentro dela, apenas para encontrá-la encharcada. Movendo-me para o clitóris, eu a massageei até que ela arqueou as costas e gemeu. Ela estava tão pronta e eu também.

— Eu quero lamber sua boceta. Eu estive esperando por isso o dia todo.

Pegando-a, levei-a para a cama e coloquei-a na borda. Então terminei de me despir. Ela me olhou com olhos ansiosos quando me ajoelhei diante dela. Pegando uma das fitas de sua calcinha, usei meus dentes para desamarrá-la. Então fiz o mesmo com a outra.

Segurando, eu disse: — Eu quero que você compre uma dúzia delas. Elas foram feitas para você. Então eu joguei de lado.

Eu abri os lábios de sua boceta com meus polegares e lambi-a de sua abertura até seu clitóris. Ela estava sentada, recostando-se nos cotovelos, me observando. Minha boca se moveu para a parte interna de suas coxas, sugando-as e beliscando. Eu trabalhei meu caminho até a parte de trás de seus joelhos e até sua boceta novamente.

— O que você quer que eu faça?

— Exatamente o que você está fazendo, — disse ela.

— Isto? — Eu deslizei um dedo para dentro.

— Sim.

— E isto? — Minha boca pousou em seu monte e eu chupei.

— Oh sim.

— E sobre isso? — Minha língua circulou seu clitóris e o sacudiu.

— Sim.

Então eu pressionei seu ponto G, e usando minha língua, eu massageei seu clitóris.

— Oh sim. — Ela enterrou as mãos no meu cabelo e seus gemidos me levaram. Eu levantei meus olhos e notei que ela jogou a cabeça para trás e não estava mais me observando. Não demoraria muito. E não demorou. Seus músculos internos apertaram meu dedo e uma série de contrações acertou. Eu adorei quando ela chegou ao clímax. Ela arqueou na minha boca e se apoiou contra mim.

Quando seu orgasmo terminou, eu a empurrei de volta na cama, coloquei as pernas sobre meus ombros e encontrei sua entrada com meu pau. Eu lentamente empurrei para dentro, entrando e saindo em um ritmo dolorosamente lento porque eu não queria gozar ainda. Mas chegou ao ponto que eu não conseguia mais segurar.

— Eu vou gozar, — eu sussurrei. — Você está perto?

Ela mal falou, apenas acenou com a cabeça que sim. E então aconteceu, esse clímax maluco. Ela parou de respirar enquanto eu assistia. Sua mão apertou a minha e talvez eu parasse de respirar também. Eu não sei. Não era como qualquer coisa que eu já tinha experimentado. Seu orgasmo durou muito tempo.

— Uau, — ela disse depois.

— Eu acho que você acabou de ter um orgasmo múltiplo.

— Foi muito estranho.

Eu sorri abertamente.

— Estranho bom ou estranho ruim?

— Estranho bom como em mais como fazer amor e não apenas sexo. — Sua palma segurou minha bochecha. Além disso, qualquer coisa sexual com você é boa.

— Acredito que sim.

— Grey. Você deveria saber disso agora.

Eu a beijei.

— Eu te disse o quão bonita você é?

— Sim. Eu te agradeci?

— Eu não sei. Sua sensualidade me deixou atordoado. — E foi realmente o que aconteceu.

Ela me socou de brincadeira.

— Você é louco.

Eu ri junto com ela.

Registrei então que eu fiz amor com minha esposa. *Minha esposa. O amor da minha vida.* Era difícil acreditar, mas era real.

— O que você está pensando? Sua testa está franzida. — Ela pegou um dedo e esfregou minha testa.

— Acabei de fazer amor com *minha esposa*. E eu amo como isso soa.

— Sim, eu também.

— Feche seus olhos. — Quando eles estavam fechados, eu alcancei a mesa de cabeceira e peguei a caixa que coloquei lá mais cedo. Eu escorreguei a outra banda que comprei para ela. — Isto é para o amor eterno das crianças que temos e as que teremos no futuro.

Seus olhos se abriram e ela piscou várias vezes.

— Oh, Grey. É lindo. Obrigada. — O beijo foi ainda mais perfeito que o anel. — Parece lindo com o diamante e a outra banda.

— Eu sabia que seria.

— Eu tenho algo para você também. — Ela se levantou e foi até a cômoda onde pegou um envelope. Então ela me entregou quando voltou para a cama. — Isto é para você.

Eu abri e sorri.

— Os resultados do teste.

— Sim. Mas me deixe explicar.

Foi a minha vez de interrompê-la.

— Antes de dizer qualquer coisa, eu preciso te dar uma coisa. — Eu sai da cama e enfiei a mão no bolso lateral da minha mala de mão, onde eu escondi o diário dela. — Isso pertence a você. Eu não li tudo isso, se você está se perguntando, mas aconteceu de ver sua última entrada.

Sua testa franzida me disse que ela não sabia sobre o que eu estava me referindo. Ela abriu o diário e eu vi quando ficou claro.

— Você sabe?

— Sim, e eu não poderia estar mais triste do que já estou.

— Toda vez que eu tentava te dizer, você não me deixava pronunciar as palavras, ou algo nos interromperia. Acabei de esquecer quando Aaron estava no hospital e enviei-o muito mais tarde do que inicialmente disse que faria. Mas você estava com tanta raiva de mim, eu não conseguia explicar isso para você. Você perdeu sua confiança em mim e não havia sentido em dizer a você então. De qualquer forma, você é o pai biológico de Aaron.

from
ASHES
to
FLAMES

Eu peguei o rosto da minha esposa entre as minhas mãos e a beijei profundamente nos lábios.

— Você provavelmente deveria me matar. Nós passamos por tudo isso para nada.

— Discordo. Isso nos ensinou muito sobre o outro. Você aprendeu a não ser tão egocêntrico e aprendi que minha suposição sobre você ser um idiota era verdade. — Ela riu. — Mas... você veio por aí eventualmente.

Nós rimos por um momento, mas depois fiquei sério. Eu deslizei minhas mãos em seu cabelo.

— Tanta mágoa. Eu estou tremendamente arrependido. Eu nunca te disse, mas Susannah não era uma pessoa calorosa, nada como você é. Todos aqueles anos em que estivemos juntos, achei que estávamos bem. Perguntei a Hudson não muito tempo atrás se ele achava que ela era uma cadela pomposa. Ele confirmou, mas nunca disse uma palavra para mim sobre isso. Eu fui um tolo. Deus sabe o que ela fez comigo nas minhas costas e eu estava determinado a não ser feito de bobo novamente. Então, quando eu pensei que você fez isso, bateu abaixo do cinto. A traição é uma coisa difícil de suportar, sabe? Mas eu estava tão fechado que não te dei uma chance.

— É difícil. Especialmente quando vem das pessoas em quem você deposita a maior confiança. Mas eu prometo a você, Grey, eu nunca vou te trair ou sua confiança em mim.

— Eu sei disso. — Eu agarrei a mão dela e disse: — Você é a única pessoa em quem eu confiaria minha vida, e a vida de meus filhos. Você é o amor da minha vida... aquela que levou minha vida das cinzas para as chamas. Eu não era nada além de uma casca de um homem quando te conheci, mas você acendeu o fogo de volta no meu coração. Você é para sempre minha Marin West.

Fim

from
ASHES
to
FLAMES

Lista de reprodução

Leaving California - Maroon 5

Piece By Piece - Kelly Clarkson

My Heart Is Open - Maroon 5, Gwen Stefani

I Won't Give Up - Jason Mraz

Forever Young - Rod Stewart

Can't Stop The Feeling - Justin Timberlake

September Song - Agnes Obel

Lost Stars - Adam Levine

The Conversation - Mat Kearney, Young Summer

Shasta - Mat Kearney

Summertime Romance - Johnnyswim

Wicked Game - Johnnyswim

Cry of The Celts (with taps) - Ronan Hardiman

CLEAR - NEEDTOBREATHE

Slow It Down - The Goo Goo Dolls

Brand New - Ben Rector

from
ASHES
to
FLAMES